

INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS POLICIAIS E SEGURANÇA INTERNA



Bruno António Galhardo Pires

Aspirante a Oficial de Polícia

Dissertação de Mestrado Integrado em Ciências Policiais

XXIII Curso de Formação de Oficiais de Polícia

O Lugar da Patrulha nas Identidades Profissionais

Estudo da percepção das várias
dimensões do seu trabalho

Orientadora:

Professora Doutora Susana Durão

Lisboa, 27 de Abril de 2011



Estabelecimento de Ensino Instituto Superior de Ciências Policiais e
Segurança Interna

Título da Obra O Lugar da Patrulha nas Identidades Profissionais –
Estudo das várias dimensões do seu trabalho

Autor Bruno António Galhardo Pires

Orientadora Professora Doutora Susana Durão

Curso Curso de Mestrado Integrado em Ciências Policiais

Local de Edição Lisboa

Data de Edição 27 de Abril de 2011



Aos meus pais e irmão
À Mónica e Sandra

AGRADECIMENTOS

Ao Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna (ISCPSI). Agradeço a todos os professores e funcionários que permitiram este aumento de conhecimentos.

À Professora Doutora Susana Durão, Investigadora Auxiliar do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e Professora de Sociologia no ISCPSI, pela orientação e supervisão deste trabalho, assim como pelo apoio e disponibilidade que sempre demonstrou em todas as fases da realização deste trabalho. Gostaria de agradecer a confiança e amizade sempre transmitidas e o tempo dispensado.

À Professora Doutora Ana Afonso, Investigadora no Centro de Malária e Outras Doenças Tropicais do Instituto de Higiene e Medicina Tropical e à Professora Doutora Paula Espírito Santo, Professora no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas e no ISCPSI pela ajuda oferecida na elaboração deste trabalho, em particular ao que respeita à sua forma.

Ao Sr. Superintendente José Ferreira de Oliveira, Director do ISCPSI, por todo o apoio inicial dado a este projecto.

À Direcção do Instituto, Direcção de Ensino e ao Comando Metropolitano de Lisboa (COMETLIS), por permitir e facilitar a realização da pesquisa, oferecendo condições para a reunião de dados essenciais à mesma. Aos Srs. Comandantes das esquadras seleccionadas por agilizarem este complicado processo de recolha de dados.

A todos os entrevistados neste projecto pela disposição demonstrada, em partilhar as suas histórias de vida, as suas percepções e opiniões. Foram as suas experiências pessoais que permitiram a base de conhecimento para a realização deste projecto.

À minha família, incluindo os meus pais, namorada, irmão e cunhada que sempre me apoiaram e me garantiram todas as condições necessárias para a realização deste projecto. A eles, muito obrigado.

RESUMO

O objectivo geral deste estudo centra-se na problemática do relacionamento e afectação das dimensões pessoal, familiar, profissional, institucional/organizacional, sistémica, local e societal da identidade do patrulheiro e almeja precisar e compreender o papel da patrulha no seio desta complexidade.

A investigação decorreu em Esquadras do COMETLIS, Polícia de Segurança Pública (PSP), onde foram seleccionados os sujeitos do estudo, obedecendo a um conjunto de parâmetros previamente definidos. Para a recolha dos dados, utilizámos a técnica da entrevista semi-estruturada, com o método das histórias de vida e os dados recolhidos sujeitos a análise de conteúdo.

As conclusões do estudo demonstraram que os patrulheiros percebem e sentem nas suas vidas o trabalho da patrulha, reconhecendo o fraco apoio da organização, da qual construíram uma imagem negativa. Desejariam ter o apoio e o reconhecimento devidos, visto que a patrulha desempenha um papel essencial no equilíbrio das dimensões da identidade do patrulheiro e para a imagem da instituição.

Em síntese, os entrevistados reconheceram, ainda, a importância de se apoiar e dignificar a patrulha, de modo a repensar as suas necessidades, o tipo de horários e, nomeadamente, as transferências internas, de modo a dignificar o trabalho da patrulha.

PALAVRAS-CHAVE

- Cultura / Subcultura;
- Identidade;
- Dialéctica;
- Instituição / Organização.

ABSTRACT

The main object of this study is focused on the problematic of the relationship and affectation of the dimensions personal, familiar, professional, institucional/organizacional, sistemic, local and societal of identity of the patrolman, and longs for the need and the understanding of the role of the patrol in all this complexity.

The investigation occurred in several police stations of COMETLIS (Metropolitan Command of Lisbon), from PSP (Public Security Police), where the subjects of investigation were selected, obeying to a set of parameters, previously selected. In order to collect data, we used the semi-structured interview technique, with the life stories method and the collected data, being a subject to an analysis of content.

The conclusions of the study demonstrate that the patrolmen perceive and feel, in their professional everyday life, recognized that is important the support of the institution/organization, building, this way, an image of the institution which is negative. They wish to get more supports and consideration, since the patrol plays an essential role in the balance of the dimensions of the identity of the patrol craft and for the image of the institution.

In conclusion, the interviewees still recognized the importance of supporting and dignifying the patrol, in order to rethink their needs, the kind of schedules and, namely, the internal transfers so the work of the patrol is dignified.

KEYWORDS

- Culture / Subculture;
- Identity;
- Dialectic;
- Institution / Organization.

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A	CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS ENTREVISTADOS
ANEXO B	GUIÃO DA ENTREVISTA
ANEXO C	TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1	MUDANÇA DAS SUBJECTIVIDADES
QUADRO A1	CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS ENTREVISTADOS
QUADRO A2	GUIÃO DA ENTREVISTA POR BLOCOS TEMÁTICOS

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CFA	Curso de Formação de Agentes
COMETLIS	Comando Metropolitano de Lisboa
ISCPSI	Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna
PIPP	Programa Integrado de Policiamento de Proximidade
PSP	Polícia de Segurança Pública

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	II
RESUMO	III
PALAVRAS-CHAVE.....	III
ABSTRACT	IV
KEYWORDS	IV
LISTA DE ANEXOS	V
LISTA DE QUADROS	V
LISTA DE ABREVIATURAS.....	VI
INTRODUÇÃO.....	1
a) FUNDAMENTAÇÃO DO ESTUDO	1
b) DEFINIÇÃO DO PROBLEMA E HIPÓTESES.....	2
c) OBJECTIVOS DO ESTUDO	2
d) METODOLOGIA E ESTRUTURA ADOPTADA.....	3
I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO	5
1. CULTURA E CULTURAS/SUBCULTURAS	5
2. CULTURAS POLICIAIS	8
3. O TRABALHO POLICIAL	10
4. ANALOGIA DA IDENTIDADE	12
5. A DIALÉCTICA DA IDENTIDADE	15
5.1. A DIVISÃO DO EU	15
II. METODOLOGIA.....	21
1. NATUREZA DO ESTUDO	21
2. CONTEXTO DO ESTUDO	23
3. SELECÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS	23
4. INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS	25

5.	DESENVOLVIMENTO DOS OBJECTIVOS	27
III.	APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	29
1.	MOTIVAÇÕES PROFISSIONAIS	29
2.	A PERCEPÇÃO DE SI E DO OUTRO	30
3.	A IDENTIDADE PROFISSIONAL.....	32
4.	A QUESTÃO DA SUBJECTIVIDADE PROFISSIONAL	33
4.1.	ENTRADA PARA A POLÍCIA	33
4.2.	PASSADOS ALGUNS ANOS DE SERVIÇO.....	35
4.3.	A MUDANÇA NA SUBJECTIVIDADE.....	36
5.	A TEORIA DO RECONHECIMENTO NA QUESTÃO DA IDENTIDADE	37
5.1.	AFECTAÇÃO DAS DIMENSÕES RELACIONAIS	38
5.2.	A PARTIR DOS DADOS DAS ENTREVISTAS	39
6.	AS DIMENSÕES DA IDENTIDADE E O SEU RELACIONAMENTO	42
6.1.	A DIMENSÃO PESSOAL.....	42
6.2.	A DIMENSÃO FAMILIAR	43
6.3.	A DIMENSÃO INSTITUCIONAL/ORGANIZACIONAL	45
6.4.	A DIMENSÃO SISTÉMICA.....	48
6.5.	A DIMENSÃO LOCAL.....	50
6.6.	A DIMENSÃO SOCIETAL.....	51
7.	OS AGENTES DA PATRULHA E A IDENTIDADE DA PROFISSÃO.....	52
IV.	CONCLUSÃO.....	58
	SUGESTÕES	60
	BIBLIOGRAFIA	61
	ANEXOS	66

INTRODUÇÃO

a) FUNDAMENTAÇÃO DO ESTUDO

A PSP é uma força de segurança, uniformizada e armada que tem por missões essenciais defender a legalidade democrática, garantir a segurança interna e a defesa dos direitos, liberdades e garantias dos cidadãos. Para tal, cumpre os imperativos da lei, nomeadamente o disposto no art.º 272º da Constituição da República Portuguesa (CRP) e são os seus profissionais, dispondo dos meios materiais que têm à sua disposição, que garantem o normal funcionamento das instituições democráticas. Diariamente, os profissionais da PSP cumprem as mais variadas funções, quer contactando com as populações que protegem, quer prevenindo ou reprimindo, zelando pela paz social. Do conjunto dos seus elementos, destacam-se aqueles que na rua executam as tarefas da patrulha: observando, contactando com os cidadãos e resolvendo as ocorrências nos termos da lei. São estes elementos da corporação, denominados por patrulheiros, que constituem o objecto do nosso estudo.

A problemática da identidade profissional, circunscrita às funções de patrulheiro, reveste-se de grande importância, tendo em conta as exigências e as rápidas mudanças ocorridas na sociedade actual, conduzindo os polícias a uma sobrecarga considerável, a uma complexificação de funções.

A identidade, objecto de estudo desta tese, é, fortemente, marcada por uma dualidade. É, simultaneamente, um processo interno ao indivíduo – identidade biográfica – e um processo externo ao indivíduo – identidade relacional – que resulta da interacção com o *outro*. Nesta relação com o *outro* constroem-se as várias dimensões da identidade. A identidade pessoal e profissional estão interligadas, pressupondo a dimensão profissional e elaboração de um código comum a um grupo, definindo-se como «uma rede de elementos particulares das representações profissionais...» (Blin, 1997, p.187).

É impossível separar o *eu* pessoal do *eu* profissional porque estão interligados (Moita, 1995). Com este trabalho tratamos das várias dimensões das identidades dos polícias: dimensão pessoal e organização familiar, dimensão profissional (perspectivas de carreira, serviços desempenhados, o trabalho em si); dimensão institucional e organizacional (como se vêem a si próprios os polícias na Polícia); dimensão sistémica (como se vêem os polícias no seio de um aparelho de justiça e do Estado); dimensão local

(receptividade percebida pelos agentes face aos cidadãos); e dimensão societal (percepções dos agentes face ao lugar da patrulha na sociedade portuguesa).

Pretendemos, assim, investigar como é que os polícias, mais concretamente os agentes patrulheiros, percebem essas várias dimensões do seu trabalho e como é que isso afecta a produção das suas identidades profissionais.

b) DEFINIÇÃO DO PROBLEMA E HIPÓTESES

Ao delimitarmos a investigação ao domínio identitário, temos a intenção que a mesma se constitua como um estudo exploratório relativo a uma realidade ainda pouco tratada, pelo que consideramos necessário conhecer/compreendê-la de modo mais aprofundado.

Ao executarmos este trabalho, queremos dar resposta a algumas interrogações:

- Como é que os polícias percebem a identidade profissional, sendo esta permanentemente cruzada por uma série de dimensões que afectam o trabalho policial, no qual se inscrevem as dimensões pessoal, familiar, institucional, organizacional, *sistémica*, mas também local e societal? Qual a importância da patrulha para a identidade profissional?

Procuramos dar resposta a estas interrogações, com base nas identidades dos elementos em estudo. Face às questões acima enunciadas, levantamos as seguintes hipóteses:

- a) Os patrulheiros percebem as várias dimensões do seu trabalho;
- b) A percepção das diferentes dimensões afecta-os na sua subjectividade;
- c) A percepção provoca a produção das suas identidades profissionais;
- d) A dimensão pessoal e organização familiar influencia a dimensão profissional;
- e) A dimensão institucional e organizacional influencia a dimensão profissional.

c) OBJECTIVOS DO ESTUDO

Pretendemos compreender como um grupo de agentes adstritos à função da patrulha percebe as diferentes dimensões referidas, a fim de estudar as identidades profissionais expressas pelos patrulheiros.

Reunimos um conjunto de ambições às quais pretendemos dar resposta, com o intuito de melhor compreender esta realidade. Foi nosso objectivo averiguar as mudanças sofridas pelas subjectividades dos polícias após alguns anos de carreira comparativamente com as suas percepções em início da mesma. Colocámos questões como: o que é que os polícias

sentiam e pensavam quando entraram na Instituição? E após alguns anos, terão existido alterações nessas subjectividades? Ambicionámos também identificar as diversas dimensões das identidades dos polícias e verificar as dificuldades de compatibilidades entre elas, ou seja, se as mesmas se complementam, se entram em conflito ou se nem sequer se cruzam. Tal levou-nos a questionar: Será que existem dificuldades em conjugar todas as dimensões da identidade? Qual das dimensões se sobrepõe às restantes?

Depois de exploradas estas dimensões, quisemos conhecer o modo como os agentes da patrulha vão produzindo ou não a identidade da profissão, isto é, como é que os polícias assimilam os parâmetros da identidade da profissão; sabendo que seria necessário determinar as representações necessárias e conseguidas para o desempenho do serviço de patrulha: Qual será a ideia que terão dos símbolos e contextos de significação da instituição? Só assim conseguiríamos averiguar a relação dialéctica entre a ideologia vivida na organização policial e a identidade profissional do patrulheiro. Quando todos estes dados fossem reunidos conseguiríamos por fim verificar a integração da patrulha na carreira policial, de forma a perceber as limitações e expectativas da função na carreira.

Com este estudo, queremos explorar uma problemática que nos parece de grande interesse, constituindo-se, a um tempo, como uma oportunidade para reflectir acerca da necessidade de determinar e compreender as identidades profissionais, contextualizando a patrulha no seio do serviço policial.

Como objectivos específicos, pretende-se neste trabalho:

- a) Indagar sobre a identidade profissional dos grupos de polícias, reflectindo sobre os principais factores que estão na base da Identidade profissional;
- b) Verificar a contribuição dada pela Organização policial para a criação e desenvolvimento da identidade profissional do polícia;
- c) Verificar a cultura organizacional no patrulheiro;
- d) Construir a identidade profissional como a *configuração* de um *espaço comum* partilhado por polícias, o seu meio social e profissional e a Instituição policial.
- e) Conhecer os desejos e expectativas pessoais e profissionais dos agentes da PSP no âmbito da patrulha.

d) METODOLOGIA E ESTRUTURA ADOPTADA

A metodologia deste trabalho compõe-se, numa primeira fase, por pesquisa e observação documental, para recolha da bibliografia adequada ao tema a que nos

propomos estudar. Existe, assim, uma revisão de conteúdos em bibliografia referenciada nas áreas de psicologia, sociologia, antropologia, filosofia e estudos policiais, na tentativa de relacionarmos as primeiras três com a última.

Numa segunda fase, procedemos a um estudo prático através de uma abordagem qualitativa pela técnica de entrevistas semi-estruturadas. O estatuto pessoal no momento da carreira é o critério que seguimos, procurando-se um nível elevado de variações de género, idade, etnia, percurso escolar, serviço na patrulha, origem social e região de origem.

O nosso trabalho encontra-se estruturado em quatro partes.

A primeira parte denomina-se: *Enquadramento Teórico*, onde contextualizamos, conceptualmente, a problemática do estudo que efectuámos.

A segunda parte é dedicada à *Metodologia*. Aqui, definimos a natureza e o contexto do estudo, procedemos à caracterização da população, selecção e caracterização dos elementos, explicando o processo de análise do estudo.

Na terceira parte, que apelidamos de *Apresentação de Resultados e Discussão*, passamos à apresentação, análise e discussão dos resultados obtidos, tendo em conta os pressupostos do nosso estudo.

Por fim, a quarta e última parte, intitulado de *Conclusão*, onde apresentamos as principais conclusões a que chegámos, deixando ainda algumas sugestões possíveis de se constituírem como objecto de estudo em futuros trabalhos levados a efeito, nesta área de investigação.

I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. CULTURA E CULTURAS/SUBCULTURAS

As actuais sociedades não se deixam confinar às fronteiras materializadas há uns anos atrás. Hoje, têm uma abrangência global. Devido à circulação rápida das pessoas e das ideias, as sociedades são cada vez mais globalizadas e plurais. A constante diversidade que as caracterizam é de tal modo que as sociedades tradicionais acabaram por perder o seu carácter de homogeneidade cultural para se tornarem sociedades multiculturais.

De acordo com Perotti (1997), a diversidade cultural pode ser uma ameaça para as próprias identidades nacionais. Taboada (1992, citado por Castaño, Moyano, & Castillo, 1997) define a cultura como:

um todo estruturado de maneiras de actuar, pensar e sentir, que proporciona aos grupos respostas aos problemas que se lhes apresentam, e assegura a coesão daqueles... A cultura aparece como uma elaboração colectiva em perpétua transformação.

Prefigura-se neste conceito de cultura a aceitação dos elementos culturais (materiais e espirituais) que proporcionam aos grupos a resposta para os seus problemas.

Dada a actual situação mundial, parece-nos que seria uma postura ingénuo defender uma política cultural que subestime a diversidade cultural, colocando dum lado tudo o que assegura uma determinada identidade local ou nacional e do outro tudo o que dela difere. A complexidade aumenta se pensarmos que as coisas que vemos, pensamos e sentimos poderão não corresponder àquilo que de facto são. Nós, simplesmente as representamos segundo processos sociais complexos de codificação e tradução.

«Uma vez constituída uma representação, os indivíduos poderão criar uma realidade que valide as previsões e explicações decorrentes dessa representação» (Moscovici e Hewstone, 1984, citado por Vala, 2010, p.460). A partir desta asserção, podemos afirmar que os grupos sociais, com as suas necessidades e visões do mundo, criam condições para o emergir das suas próprias representações, de onde resulta uma diferenciação de grupos sociais quanto às suas maneiras de pensar, sentir e agir. Assim, parece adequado sustentar que as representações sociais possam variar, tendo a especificidade de cada grupo profissional. Com efeito, estes grupos com os seus estatutos, maneiras de ver o mundo, situações e contexto de trabalho, desenvolvem ideologias, culturas e concepções da vida e do mundo muito peculiares que fundamentam o seu posicionamento face ao *outro*. A este respeito, afirma Muccielli (1985, citado por Vieira, 1995, p.128), que «no que concerne à vida profissional, sabe-se também que uma longa

prática de uma profissão inculca uma visão do mundo e uma mentalidade». Segundo Vala (2010), a pesquisa mostra que as práticas sociais estão, em regra, de acordo com as representações sociais.

Tendo estes autores por base, quando nos interrogamos acerca de certos fenómenos sociais, como por exemplo a multiculturalidade, a existência de subculturas ou outros, recorreremos às teorias colectivamente construídas sobre os referidos fenómenos e, com base nelas, estruturamos as nossas explicações. A questão que desde já se coloca é: a polícia tem uma cultura específica, que a caracteriza enquanto grupo? Tratar-se-á de uma cultura universal ou de uma subcultura nacional?

Strour (1998, citado por Alves, 2007, p.7) define este conceito como:

A cultura é aprendida, transmitida e partilhada, porém não é decorrente de uma herança biológica, é um saber compartilhado, construído socialmente num grupo social, em que todo o conjunto de normas e de valores é reconhecido como “natural”.

Referindo desde já a Polícia como uma organização, é evidente que tem os seus valores, normas, crenças, símbolos e ritos que dão corpo aos elementos da organização, acabando por representar uma identidade; a sua identidade. Mas, tal como refere Reiner (2004), a cultura da polícia não é monolítica, isto é, há no seu seio culturas específicas que se fundamentam na sua história e biografia. A cultura policial é heterogénea e específica. É uma subcultura.

No exercício da profissão, os polícias constroem uma visão das suas tarefas e das várias dimensões do seu trabalho, incorporando um conjunto de conceitos, atitudes e comportamentos comuns. Alguns estudiosos deste tema como Buckner (1967, citado por Bretas & Poncioni, 1999), afirmam que entre esses conceitos de cariz universal estariam a dissimulação, a solidariedade, a desconfiança, a astúcia e o conservadorismo.

A partir destes atributos e de outros aspectos:

As referências principais da “polícia subcultura” são suficientemente claras: o seu sentido de missão, o desejo de acção e emoção, especialmente a glorificação da violência, um «nós /eles» divisão do mundo social com o seu isolamento em grupo e solidariedade, por um lado, e os componentes racistas, por outro, a sua servantismo com autoritário, e sua desconfiança e cinismo, em especial perante a lei procedimentos legais (Reiner, 2004, p.107-137).

A partir das categorias de Buckner (1967, citado por Bretas & Poncioni, 1999), há autores que buscam, recorrendo à literatura sociológica anglo-saxónica, alguns elementos referenciais da cultura policial e comparam-nos com algumas representações dominantes no universo policial. As representações sociais partilhadas pelos polícias ganham vida nos locais de descanso e de convívio, ultrapassando o enquadramento legal. Tais

representações incluem crenças, preconceitos, estereótipos produzidos na sequência do seu trabalho. Trata-se de um saber colectivo, próprio dos polícias.

Bretas e Poncioni (1999) afirmam que os polícias vivem no seio de uma sociedade que os ignora, podendo reagir de modo diferente em relação ao que pensam. Uns, de modo cínico, aceitam tal facto, mas outros vivem desajustados e ainda outros tentam reagir, manifestando a vontade de alterar a situação, através da acção ou das normas.

Este universo profissional, estas representações sociais, esta visão de ver o mundo policial e social compartilhados pelos polícias, reflectem a subcultura policial produzida na organização, sobre as experiências concretas do seu trabalho.

Na dimensão quotidianas das actividades policiais, a percepção que o polícia tem de si mesmo e do conjunto de situações que vivencia, bem como as suas atitudes e seus sentimentos em relação a essas são codificadas em um acervo de conhecimento, que vai além do pessoal, tornando-se um saber compartilhado, organizacional, próprio dos polícias (Bretas & Poncioni, 1999, p.151).

A leitura deste enunciado sugere que há uma coerência entre o pensado e a acção. Mas, a dissimulação é uma característica da subcultura policial: «Não é fora do comum a polícia dizer uma coisa e fazer outra. É, mesmo, típico. Assim sendo, o diálogo que demonstra muito do que sucede na subcultura da polícia providencia pouca explicação em relação ao comportamento da polícia» (Waddington, 2005, p. 366).

As atitudes são capacidades que as pessoas têm para actuar. Compõem-se da dimensão cognitiva (intelectual), dimensão afectiva (valorativa) e dimensão comportamental. Quando não há coerência nem verdade, os comportamentos e as atitudes expressam-se de modo diferente. Não vemos as atitudes, só observamos os comportamentos. O caso narrado por LaPiere (1934) reflecte bem o que estamos a dizer¹. Os hoteleiros manifestaram uma atitude, mas tiveram um comportamento em sentido contrário.

Até ao presente momento do nosso trabalho, podemos, desde já, extrair uma conclusão: apesar dos diversos policiamentos adoptados no mundo e a existência da diversidade de culturas (subculturas), os autores referidos e que estudaram as subculturas doutros países, concluíram que há características comuns que identificam os polícias nas suas rotinas profissionais.

¹ Em 1934, La Piere, sociólogo, pretendeu fazer uma viagem aos E.U.A., fazendo-se acompanhar de um casal chinês. Estudou o percurso e perguntou os preços a vários hotéis/restaurantes americanos, informando-os que se fazia acompanhar de um casal de raça oriental. Informaram La Piere que não serviam pessoas de raça oriental porque eram indesejadas nos EUA. Face ao exposto, La Piere fez a viagem acompanhado pelo referido casal. Aconteceu que, nos EUA, foram todos bem recebidos, o que quer dizer que a atitude era de rejeição, mas os comportamentos provaram o contrário. A atitude era oposta ao comportamento

A expressão *cultura policial* é devida a Skolnick (Skolnick & Fyfe, 1994). No entanto, Skolnick já anteriormente tinha concebido o conceito referido, mas em termos simplistas, destacando os elementos de perigo, autoridade e eficiência como categorias emblemáticas da cultura policial.

2. CULTURAS POLICIAIS

Para compreendermos as culturas policiais, pressupõe-se uma prévia reflexão acerca da cultura organizacional. Isto porque a cultura é importante para as organizações e reflecte-se na qualidade de vida no local de trabalho, assumindo-se como um sistema de valores que dá sentido às crenças, hábitos, mitos e ritos. Além de conferir uma identidade às organizações, este sistema gera determinado tipo de relações entre os seus membros e grupos que as constituem, sejam de natureza geográfica, linguística, étnica ou outros.

Porém, a cultura não se restringe aos valores e normas dos grupos, mas traduz-se em respostas aos problemas que afectam as pessoas e as organizações. As ideias de bem e de mal, de justiça, de bondade e de liberdade condicionam, efectivamente, a actividade dos membros de uma cultura. «O termo “cultura” não denota uma realidade concreta. É uma abstracção» (Van Maanen, 2001, citado por Durão, 2008, p.71), mas as organizações, enquanto configurações particulares de actores, vão construindo as suas culturas, pois, «não devemos esquecer que as organizações se erguem, nas suas fronteiras institucionais e organizacionais, à medida que vão sendo engendradas lógicas locais e identidades pessoais» (Durão, 2008, p.70). São estas realidades abstractas que dão sentido ao tipo de relações que se estabelecem entre os seus membros. Tendo em vista os fins próprios da organização, as pessoas são encaradas como meios ou como fins? Os seus elementos identificam-se com a organização no seu todo ou antes com uma parte dela, ou com alguma tarefa em particular? O trabalho organiza-se, fundamentalmente, em equipas, departamentos ou impera o individual? Há autonomia ou heteronomia na execução das tarefas? As relações sociais e profissionais são do tipo formal ou informal? A organização está aberta às solicitações externas ou o controlo e a execução das normas internas não toleram tal espírito de abertura? Serão as respostas a estas questões que dão a conhecer as imagens culturais das organizações, pressupondo que «as organizações não são apenas a soma das interacções entre os seus participantes: adquirem vida e uma energia independente das pessoas que as accionam» (Hirsh & Gellner, 2001, citado por Durão 2008, p.72).

Os comportamentos sociais dos elementos das organizações são comportamentos com significados culturais que relevam do contexto cultural em que vivem e trabalham. A actual sociedade encontra-se, assim, controlada por diversas organizações, cada uma com as suas funções específicas e com objectivos definidos. Como é que se atingem tais fins?

Para Max Weber, a administração burocrática era

superior a qualquer outra forma, em precisão, estabilidade, rigor de disciplina e confiança.

Isto torna possível um grau particularmente elevado no cálculo dos resultados (...). Portanto, a administração burocrática era, em princípio, igualmente aplicável às empresas, às organizações de beneficência, hospitais, igrejas e partidos políticos, (...) (Worsley, citado por Oliveira, Pais, & Cabrito, 1985, p.251).

No entanto, a burocracia é apontada como uma forma de organização indesejada e alienante, uma vez que o funcionário ao trabalhar como sendo uma peça de uma engrenagem previamente bem estabelecida, acaba por ser esquecido como ser humano, não se identificando com o produto do seu trabalho e, essencialmente, porque o tipo de organização castra a criatividade do funcionário.

A burocracia é um tipo de administração que se instalou na organização policial. «A burocracia influencia e determina todo o restante trabalho, mesmo o operacional. Tal contrasta com o estilo comunicacional informal cultivado entre agentes» (Durão, 2008, p.184).

Para compreendermos as relações vivenciais entre os aspectos formais e os informais da cultura organizacional policial, nada melhor do que partirmos do trabalho realizado por Reuss-Ianni (1999).

Ao longo dos meses de pesquisa, os polícias entrevistados identificaram e falaram sobre dois tipos de culturas policiais: a cultura de rua, que classificaram como a *cultura dos bons velhos tempos* do policiamento e a *cultura policial de gestão*. A cultura de rua era uma cultura de cariz informal, orientada para a solução dos problemas da rua, no trabalho do dia-a-dia. Nessa altura, a organização policial revia-se nesse tipo de policiamento e encontrava-se coesa e interdependente, verificando-se harmonia e sintonia entre as bases e cúpulas. Isto não quer dizer que o planeamento das operações nas sedes próprias não fosse importante e levado em consideração. Mas, a verdadeira preocupação centrava-se no profissionalismo na rua, onde se treinava e apoiava uma espécie de intuição profissional que perspectivava situações e pessoas e agia ou não consoante fosse ou não objecto de intervenção policial. Neste ambiente cultural, os polícias sentiam-se valorizados,

considerados entre si, estimados pela comunidade e, juntamente com os mais graduados, integravam-se na *família policial*.

Aquando da realização do estudo em 1976, este tipo de cultura ainda não tinha desaparecido totalmente, mas tinha de conviver com outro tipo de cultura que surgiu devido a crenças generalizadas de corrupção e brutalidades praticadas por polícias. Na cultura policial de gestão, de cariz burocrático, as relações entre os polícias de obediência e respeito enfraqueceram e as *suspeitas* e *denúncias* surgiram no espaço policial. Ambas as culturas coexistem em conflito. Na cultura de rua, a tomada de decisão ocorre a um nível pessoal e de forma imediata. As relações informais entre os agentes estruturam-se para formarem redes de apoios mútuos e *os interesses comuns* vincula-os num espírito de interajuda e solidariedade, que *personaliza* o desempenho das tarefas e caracteriza as relações sociais e profissionais.

Por seu lado, a cultura policial de gestão apresenta outras características. As decisões passam a ser tomadas a nível da sede central, desenvolvendo-se organogramas, programas de policiamento com base em estudos racionais e lógicos, realizando conferências a nível interno como forma de comunicação para compreender ou tentar compreender fenómenos actuais que afectem a organização no seu todo. A esquadra é considerada como uma unidade administrativa, como um subconjunto da organização formal, funcionando como resposta às exigências da hierarquia organizacional, a qual está vocacionada para concretizar objectivos específicos definidos pela organização.

Este estudo concluiu que a organização policial de Nova York é caracterizada por duas culturas policiais que estão em conflito devido à incompatibilidade das suas próprias naturezas, o que permite concluir pela dificuldade em conceber uma cultura única e unificadora para a organização policial. Deduz-se ainda que os sistemas de valores de ambas as culturas policiais por serem diferentes, apontam a incongruência das expectativas dos polícias como factores que causam o desinteresse e o afastamento das obrigações do policiamento de rua. A ideologia de cariz impessoal das organizações modernas contribui para a insatisfação do polícia de rua (patrulheiro), causando não só o alheamento, como também o cinismo no desempenho de certas tarefas policiais.

3. O TRABALHO POLICIAL

Há dificuldade em avançar com uma definição exaustiva do trabalho policial: a ordem social, porque é social, é por definição arbitrária, sujeita às avaliações sociais, ora implicando ora excluindo práticas de conservação, de reforço e sanção tão variadas como as que originou os “desarranjos”, as “desordens” (Durão, 2008, p.79).

A Polícia desenvolve uma actividade de prevenção, mas também é repressiva quando descobre infracções, quando pune os infractores da ordem social, quando detém, podendo mesmo fazer uso da força, nos casos em que a lei prevê.

Há tarefas que a Polícia desempenha sem ser necessário fazer uso de poderes discricionários, mas nem sempre é assim. Há casos em que a Polícia tem de discernir por si mesma, procurando as formas mais correctas para solucionar o problema. Abstractamente, a sociedade, por meio da lei, impõe obrigações à Polícia, mas não prescreve a forma de as concretizar, deixando à Polícia essa margem de manobra na acção. Como solucionar uma desordem na via pública ou resolver uma ocorrência que possa causar danos sociais? Que fazer para evitar uma contra-manifestação?

Podemos, então, concluir que sempre que a Polícia aprecia e estuda uma situação anómala, irregular ou ilícita e se decide por uma acção: interditar uma via ao trânsito; desocupar ou interditar um local; alterar percursos; proceder a rusgas a determinados locais; identificar pessoas nos termos legais; interrogar arguidos; ou empregar a força em casos de necessidade, está a usar medidas de polícia. Mas, na resolução de todas estas ocorrências e mesmo quando nada acontece, o perigo e o risco é apanágio da condição de polícia.

Esta condição obriga ao desenvolvimento de condições cognitivas e a predisposições para analisar, perceber e agir de determinada maneira. Alguns autores falam em *personalidade de trabalho* e à existência de traços comuns. Retomando o argumento de Skolnick (Skolnick & Fyfe, 1994), a personalidade de trabalho do polícia resulta da conjugação de três factores: o *perigo enfrentado*, tal como os militares; a *autoridade* junto do público, à imagem dos professores; e a *eficácia da acção*, como qualquer operário. O que caracteriza o polícia em relação aos demais é a combinação das três características numa situação de trabalho, o que origina percepções cognitivas, marcadas por traços comuns a todos os polícias, qualquer que seja a função que exerce: presença de uma *suspeita relacional*, baseada em mal-entendidos entre os polícias e o público; um *isolamento social*, compensado por uma forte *solidariedade interna*; *valorização do pragmatismo* de que decorrem o conservadorismo intelectual, política e social; e também um certo *ethos machista* que alimenta atitudes preconceituosas, relativamente a minorias étnicas e outras fracções da população mais desfavorecidas.

«Há uma condição policial no mesmo sentido em que se falava outrora de uma condição operária, isto é, de um destino social imposto, que seu detentor não escolheu e que a ele se impõe do exterior» (Monjardet, 2003, p.194). A condição policial está para lá

de qualquer situação de trabalho, mas é um elemento da cultura profissional, tal como referiu Skolnick (1994).

Segundo Durão (2008), o monopólio da força coerciva diferencia e condiciona os polícias de duas formas: o risco é uma probabilidade presente diferente daquela que vivem os operários e a segunda resulta do facto de uma vez estar instituída a força, esta deve ser vigiada.

A corporação policial vive numa tensão permanente entre seus interesses – que são diversificados e a dividem, opõem seus diferentes segmentos – e a condição policial, que unifica. Há em todo o policial como que uma dupla filiação conflituoso, de um lado (identidade de guarda da paz, de CRS, de inspector, de especialista dos RG ou da DST, de comissário, etc. e o conjunto policial, de outro (identidade de polícia) (Monjardet, 2003, p. 201).

Monjardet (2003) refere que a própria tensão entre divisão e unidade é assim um elemento de reforço da diferença. Mais do que eminentemente perigoso, «o mundo no qual o polícia actua está cheio de “incivilidade”, desrespeito, hostilidade, insulto, ameaça, opressão» (Manning & Van Maanen, 1978, citado por Durão, 2008, p.85). O conflito permanente do policiamento é uma possibilidade latente que a qualquer momento se pode tornar realidade.

4. ANALOGIA DA IDENTIDADE

Um termo é unívoco quando tem uma significação única. É equívoco quando tem uma pluralidade de sentidos independentes, cuja coincidência apenas está no vocábulo. Assim, o termo *homem* tem uma significação única e o termo *indivíduo*, pode designar um elemento de um conjunto qualquer ou um ser humano.

A palavra *identidade* tem vários significados, consoante as dimensões em que é utilizada.

O conceito de identidade é multifacetado, podendo ser abordado de muitas maneiras. De uma maneira geral, a identidade está relacionada com os entendimentos que as pessoas têm acerca de quem são e do que é importante para elas...Os sociólogos referem-se sobretudo a dois tipos de identidade: a identidade social e a identidade pessoal (Giddens, 2004, p.29).

Ainda segundo o mesmo autor, as identidades sociais estabelecem as formas pelas quais os indivíduos são semelhantes a outros, a identidade pessoal distingue-nos enquanto indivíduos (Giddens, 2004, p.30).

Conhecer a identidade foi sempre uma das aspirações do ser humano. Como é que as pessoas se perspectivam a si próprias? Que ideias possuem daqueles que as rodeiam?

Eu nunca posso ter certeza de que minha identidade para mim mesmo coincide com minha identidade para o Outro. A identidade nunca é dada, ela sempre é construída e deverá ser (re) construída em uma incerteza maior ou menor e mais ou menos duradoura. (Dubar, 2005, p.135)

A identidade constrói-se a partir do processo de interacção entre o *eu* e a sociedade, ou seja, cada indivíduo estabelece comparações, confrontações entre as características que percebe em si e as que vê nos demais sujeitos com quem interage. Estes processos são uma necessidade da própria existência de cada indivíduo no seio dos grupos a que pertence, constituindo para cada sujeito uma posição cognitiva, emocional e comportamental, facilitando-lhe ou não, a cada momento, o relacionamento interpessoal. São estes processos que permitem adquirir e sustentar os papéis sociais.

Uma vez que vivemos no seio de grupos sociais, é natural que a *visão* que cada sujeito tem de si, dos outros e do próprio mundo, seja influenciada pelos relacionamentos que estabelece. Tal como refere Giddens (2004), embora o contexto social e cultural seja um factor que dá forma à identidade pessoal, isso não quer dizer que a iniciativa e a escolha individual não tenha um papel central na identidade pessoal.

A nossa vida decorre sob a égide das obrigações (família, estudos, trabalho...), mas pondo de parte as imposições irrecusáveis e as limitações insuperáveis, temos um vasto campo de possibilidades e de escolhas que são o objecto dos nossos desejos e das nossas preferências cognitivas (livre-arbítrio). Este campo de possibilidades e de escolhas consubstancia-se na interacção com o *outro*, e é neste processo da socialização que vamos firmando a noção da nossa identidade e que desenvolvemos a capacidade para pensar, sentir e agir, de modo independente. «A negociação constante do indivíduo com o mundo que o rodeia ajuda a criar e a moldar a sua noção de identidade» (Giddens, 2004, p.30).

A negociação referida por Giddens (2004) requer o uso da linguagem. É através da linguagem que comunicamos, isto é, que conhecemos e nos damos a conhecer. Segundo Lacan (1949) «o eu é um objecto constituído como uma cebola; poderíamos descascá-lo e encontraríamos as identificações sucessivas que o constituíram» (Lacan, 1949, citado por Dubar 2005, p.24). Essa integração das identificações depende do *sistema relacional do sujeito*, tal como refere Percheron, (1974, citado por Dubar 2005, p.24), mas apenas se manifesta através da coerência de uma linguagem, ou seja, da estruturação dos signos e dos símbolos que constitui, afinal, «a modalidade de existência própria desse conjunto de signos (...) que lhe permite estar em relação com um domínio de objectos» (Foucault, 2008, p. 121).

A linguagem é um traço essencial do ser humano; uma faculdade que lhe permite manifestar-se no seio da comunidade em que se integra, a qual convencionou entre si um determinado número de regras a que se dá o nome de língua. É através da linguagem que simbolizamos, isto é, representamos os signos e compreendemos a sua significação.

Fazendo uso da linguagem, exprimimos os nossos estados mentais, organizando-os numa representação compreensiva em face do mundo exterior (objectivado) e do mundo subjectivo interior.

Concluimos que a linguagem desempenha um papel importante na constituição da identidade, uma vez que é através das representações que ela é construída. As representações (sistemas simbólicos e discursivos) reproduzem significados, demarcam posições e territorializam os sujeitos. Segundo Habermas (1990) «a identidade do eu indica a competência de um sujeito capaz de linguagem e de acção para enfrentar determinadas exigências de consistência» (Habermas, 1990, p.54).

Trata-se de uma identidade que se constrói pela apropriação, negação e superação dos universos simbólicos que se formam na interacção social.

A identidade não mais é que o resultado a um só tempo estável e provisório, individual e colectivo, subjectivo e objectivo, biográfico e estrutural, dos diversos processos de socialização que, conjuntamente, constroem os indivíduos e definem as instituições (Dubar, 2005, p.136).

O sujeito reconhece-se na relação com o outro. O conhecimento entre ambos dá-se na comunicação. Assim, o *eu* informa, isto é, dá-se a conhecer ao outro comunicando-lhe elementos individuais, culturais (colectivos), factos objectivos e impressões subjectivas, histórias biográficas e dados estruturais que denotam os vários processos de socialização (primário, secundário...). Por sua vez, recebe do outro informações sobre a sua identidade. O factor que marca toda e qualquer comunicação é a incerteza. Dada a natureza das próprias identidades que contém elementos tão diversificados, o *eu* nunca pode confirmar, isto é, ter a certeza que a identidade para si coincide com a identidade para o outro. Como tal, discute-se a identidade num contexto que engloba, simultaneamente, *mundos objectivos* e *mundos subjectivos*, isto é, é na interacção social que se *constroem os indivíduos e se definem as instituições*.

Cada indivíduo é confrontado com esta dupla exigência e deve aprender ao mesmo tempo a se fazer reconhecer pelos outros e a obter o melhor desempenho possível. A socialização não pode, pois, se reduzir a uma dimensão única e consiste, neste caso, em administrar essa dualidade irreductível (Dubar, 2005, p.98).

Creemos que a par de outras correntes de análise, a abordagem dialéctica (hegeliana) é a que nos parece mais apropriada para compreendermos estas questões. Com efeito, no dia-a-dia, o sujeito apresenta-se, simultaneamente, como *ser particular* e como *ser genérico*, mas só uma unidade dialéctica entre essas duas dimensões constrói uma identidade que contenha em si o reconhecimento recíproco.

5. A DIALÉCTICA DA IDENTIDADE

Na dialéctica das coisas, tal como Hegel (1992a e 1992b) pensou, o processo mental parte do unido, *a ideia*, geram-se os *separados* e volta-se ao *reunificado*. Por sua vez, os unificados voltam a separar-se, mas, tal como na criança que resultou da relação amorosa, os separados, na própria reunificação tornou-se inseparável.

Não se trata de uma relação entre sujeito e objecto. A relação dialéctica não é uma relação entre termos em presença, mas a verdadeira relação dialéctica é uma relação de relações. É uma relação entre duas relações, pois, tal como na relação amorosa, supõe uma identidade e uma diferença. Supõe uma comunidade e uma separação. A comunidade seria a *fusão*, isto é, a destituição da própria relação pela constituição do termo único, a identidade das identidades. Em termos hegelianos, este terceiro termo é uma relação de relações, isto é, essas relações em presença são uma relação de identidade e uma relação de não identidade. O amor designa essa síntese, ou seja, essa síntese é esse amor tornado ser.

A relação verdadeira e livre acontece segundo uma estrutura de quatro termos e não de três, embora se assemelhe a um esquema triádico, mas, na verdade, tem um esquema de quatro termos se repararmos que a síntese desempenha um duplo papel, isto é, a síntese é a extensão da relação e, simultaneamente, distinto dela, tal como a criança na relação amorosa se torna inseparável, mas, ao mesmo tempo, distinto dela. Tem autonomia, é uma unificação que leva em si uma diferenciação. Digamos que nesta criança que nasce, dá-se, simultaneamente, a entificação da unificação e o seu carácter finito libertado é princípio de uma nova separação. Assim, este terceiro momento é ele mesmo duplo, isto é, a identidade da identidade e da não identidade, sendo na sua complexidade e, simultaneamente, identidade e não identidade.

«A dialéctica da interacção é primeiramente exposta a partir do exemplo da relação amorosa. Na segunda *lição de Iena*, Hegel define o amor como “o conhecer que se conhece no outro” e, por conseguinte, como resultante de um saber de “mão dupla”» (Dubar, 2005, p.99).

Posta esta visão da dialéctica, cremos que estão reunidos os requisitos necessários para a compreensão da construção dos dois processos identitários: biográfico e relacional.

5.1. A DIVISÃO DO EU

Visto que cada indivíduo é confrontado com a exigência de se fazer reconhecer pelos outros e de obter o melhor desempenho possível, então, tal como refere Laing

(1989), devemos ter presente que a *divisão do eu* é a forma primordial de manifestação da identidade.

Daí a necessidade de buscar a contribuição da psicanálise para a compreensão desta problemática. Para Erikson (1972) «a identidade nunca é instalada, nunca é acabada, visto que o entorno do “Ego” é móvel e que os indivíduos passam necessariamente por crises de identidade ligados a “fissuras internas do ego”» (Erikson, 1972 citado por Dubar, 2005, p.135). A teoria freudiana da estrutura e funcionamento da mente humana ajuda-nos a compreender a natureza dual do social. Freud (2001) considera o funcionamento da mente humana a partir da estrutura equilibrada de três dimensões: *Id*, *Ego* e *Super-ego*. O *Id* corresponde às pulsões (impulsos e vontades irracionais). As pulsões são orientadas pelo princípio do prazer que, sem qualquer tipo de barreiras, têm por fim a obtenção do estado de prazer. Por sua vez, o *Ego* corresponde à dimensão da mente que, através do aparelho sensorial, percebe o mundo exterior. O *Ego* abre a mente ao exterior e controla a satisfação das pulsões.² Por sua vez, o *Super-ego* define-se como representante da moralidade e resulta dos processos de socialização que modelam culturalmente cada indivíduo, ao longo da sua existência. A cada momento, e pressupondo um estado de normalidade, a estrutura e funcionamento da mente denota um equilíbrio das três dimensões indicadas. O inconsciente tem necessidades constantes de satisfazer as pulsões obedecendo, unicamente, ao princípio do prazer. Por sua vez, o *Ego* cede ou não a essa satisfação, uma vez que percebe o mundo real e como está controlado pelo *Super-ego*, vai, necessariamente, controlar a forma como as pulsões devem ser satisfeitas.

Perante o exposto, podem acontecer várias situações possíveis. Desde logo, se o *Ego* e o *Super-ego* são fracos, então a satisfação das pulsões far-se-á de modo menos controlado, determinando atitudes e comportamentos irreverentes nos indivíduos que não se conformam com a realidade ou com qualquer forma de controlo, despeitando as leis, a ordem social e valores morais. Por outro lado, se o *Ego* e o *Super-ego* se mostram muito fortes, os indivíduos denotam atitudes e comportamentos muito controlados e conformistas, o que também não será vantajoso para a criatividade e liberdade pessoal. Entre as duas situações limites, assistimos a uma variedade de atitudes e comportamentos por parte dos indivíduos.

Recordemo-nos que, para Freud, o *Ego* é a um só tempo uma instância defensiva contra as agressões do real externo, uma “agência” de coerência das representações e de adaptação à realidade

² Em cada indivíduo há uma organização coerente dos processos mentais; e a isso damos o nome de *Ego*. É a essa instância que a consciência está ligada. O *Ego* controla os acessos à motricidade, isto é, à descarga de excitações para o mundo exterior (Freud, Textos essenciais da Psicanálise, 2001).

e uma organização de investimento libidinal. O Ego é permeado por conflitos permanentes entre o Id portador de todos os desejos recalçados, e o Superego, sede das normas e dos interditos sociais (Dubar 2005, p.134).

O conceito de identidade é abordado por várias teorias. A análise psicanalítica, tal como refere Dubar (2005, p.137), fornece-nos resultados do funcionamento psíquico e de seus recalques inconscientes. Mas, a partir desses resultados e adoptando a tese de que a forma de pensar, sentir e agir para cada indivíduo resulta do posicionamento do seu Ego, então podemos inferir que a identidade dos indivíduos podem ser avaliadas segundo a forma como a sua estrutura mental se encontra equilibrada, em função das atitudes e comportamentos que demonstrarem enquanto elementos dos grupos (primários e secundários) de que fazem parte ao longo da sua existência.

A psicanálise é uma contribuição para a compreensão da divisão do *eu*, como forma primordial de revelação da identidade (Laing, 1989). Seguindo Dubar, no estudo da identidade é a dialéctica que mais se justifica, dada a tentativa de compreender a identidade e suas eventuais cisões como produto de uma tensão ou de uma contradição interna ao próprio mundo social.

Segundo a perspectiva sociológica, da análise do quadro 6 *Categorias de análise da identidade* em Dubar (2005, p.142), apuramos que uma identidade se constrói dialecticamente na interacção social, isto é, percebemos a articulação dos dois processos identitários heterogéneos: o processo biográfico e o processo relacional. Ambos partem do conceito de identificação, desenvolvendo-se a articulação através do emprego das categorias específicas a cada um deles. *Identidade para si e Identidade para o outro* são realidades que se concretizam através de *actos de pertença* e de *actos de atribuição* da identidade. Os primeiros dizem respeito ao processo biográfico e os segundos ao processo relacional. Os actos de pertença são «os que exprimem que tipo de homem (ou de mulher) você que ser. Ou seja, a identidade para si» (Dubar, 2005, p.137), isto é, o sujeito é que diz o que é. Os actos de pertença (processo biográfico) denotam a imagem que o sujeito interiorizou activamente, ao longo das suas trajectórias sociais, isto é, ao longo das suas vidas, os indivíduos constroem as identidades para si e que podemos detectar a partir das histórias que eles contam sobre o que são. Os actos de atribuição (processo relacional) exprimem o que os outros (atribuição da identidade pelas instituições e restantes agentes que interagem com aquele a quem são atribuídos os respectivos actos) acham o que o sujeito é (diz-se que você é...), só sendo possível esta atribuição quando o sujeito possa ser

categorizado, isto é, analisado no interior de universos simbólicos, ou seja, nas relações de forças que se estabelecem num sistema de acção (Dubar, 2005, p.139).

Salienta-se que não há correspondência necessária entre estes dois tipos de identidades. Antes pelo contrário, a *identidade predicativa de si* - que exprime a identidade singular de uma pessoa determinada, com a história de vida individual - convive em constante tensão com a *identidade atribuída pelo outro*.

Quando os seus resultados são diferentes, há desacordo, tensão entre a *identidade social real*, que a própria pessoa se atribui, e a *identidade social virtual*, conferida por outros. Ou seja, as instituições e os sujeitos que interagem com o indivíduo, atribuem-lhe uma determinada identidade, seja um nome, um título, número de código... e que é condição de reconhecimento de um grupo, classe ou categoria, assumindo um sentido objectivo e de justificação. Isto constitui a *identidade social virtual*. Por sua vez, o indivíduo reivindica *actos de pertença*, isto é, uma *identidade social real*. Como ambas as formas identitárias estão constantemente em tensão, disso resultam estratégias identitárias (Dubar, 2005, p.140), com o propósito de reduzirem o espaço que separa as duas formas identitárias, as quais assumem duas formas, isto é, duas estratégias: transacções internas (subjectivas) ao indivíduo que procura salvaguardar parte da identidade herdada e o desejo de construir novas identidades visando assimilar a *identidade para o outro* à *identidade para si*, e transacções externas (objectivas) entre o indivíduo e os outros sujeitos e instituições e visam tentar acomodar a *identidade para si* à *identidade para o outro*.

«A abordagem sociológica desenvolvida aqui faz da articulação entre as duas transacções a chave do processo de construção das identidades sociais» (Dubar, 2005, p.140). Esta transacção é sempre tensa porque o indivíduo pode aceitar ou recusar as identidades herdadas, pode pretender atingir as identidades visadas em continuidade ou rompendo com as identidades herdadas. Assim, a relação que se estabelece entre identidade herdada e identidade visada está dependente do modo de reconhecimento pelas instituições legítimas e pelos seus agentes que estão em relação directa com os sujeitos envolvidos. Essa negociação constitui um processo comunicacional complexo (Dubar, 2005, p.141).

Vejamos o seguinte exemplo: por um lado, representam-se as trajectórias dos polícias com as exigências pessoais de poder, de produtividade, de bom nome e prestígio dimensionadas no seu projecto de vida, nas estratégias para serem reconhecidos no modo como participam e estruturam as relações com o público, pares, restantes profissionais, e que possuem uma identidade social real. Por outro lado, existem os outros indivíduos e as

instituições policial, judicial, que reconhecem e atribuem a identidade social virtual. Além destes, há ainda a considerar os sistemas de acção no espaço profissional pela cultura e poder que orientam os profissionais para a identidade social virtual. Esta articulação das dimensões identitárias no espaço policial do polícia exige e pressupõe outras categorias como a comunicação, cooperação, empatia, conflito, próprias de qualquer local de trabalho.

Para realizar a construção biográfica de uma identidade profissional e portanto social, os indivíduos devem entrar em relações de trabalho, participar de alguma forma das actividades colectivas em organizações, intervir de uma maneira ou de outra em representações (Dubar, 2005, p.151).

Os polícias constroem relações de trabalho, participam em actividades onde, além de desempenharem um papel profissional, investem, também, numa *identidade para si*. Esse processo identitário concretiza-se sob múltiplas dimensões (tipos de saberes, competências nos sistemas de acção...) e com vários profissionais: pares, chefes e outros grupos (Dubar, 2005, p.151).

Sainsaulieu (1985) acerca da perspectiva da realização da construção biográfica de uma identidade profissional e portanto social, refere que «a identidade é menos um processo biográfico de construção de si» (Sainsaulieu, 1985 citado por Dubar, 2005, p.151) porque acha que é mais um processo relacional de investimento de si.

«A noção de “actor de si” remete, não a um simples papel passageiro em um cenário provisório, mas a um investimento essencial em relações duradouras que colocam em questão o reconhecimento recíproco dos parceiros» (Dubar, 2005, p.151).

De acordo com Dubar (2005), Sainsaulieu observou as transacções objectivamente constatáveis nas análises das situações de trabalho e dos sistemas sociais empresariais, constatando que dessas transacções dependem as identidades de quem se acha inserido nelas. Dessas transacções, Sainsaulieu identificou três dimensões identitárias: *campo de investimento*, *as normas de comportamento relacional* e *os valores resultantes do trabalho*. Da análise que efectuou aos vários modelos de relações laborais com grupos de operários, funcionários e técnicos, considerou inicialmente quatro modelos de relações com o trabalho, mas, posteriormente, distinguiu cinco produtos culturais do trabalho organizado, designados por meio de cinco categorias associadas a grupos profissionais: normas do distanciamento; modelo fusional; modelo da negociação; modelo afinitário; e norma *integração/submissão*. Este estudo foi revisto posteriormente por Sainsaulieu, acabando por

situar essas posições identitárias no interior de um espaço ortogonal estruturado pela dupla oposição individual/colectivo e oposição/aliança: - a identidade do “distanciamento” combina a preferência individual com a estratégia de oposição; - a identidade “fusional” combina a preferência colectiva com a estratégia de aliança; - a identidade “negociatória” alia a polarização no grupo com uma estratégia de oposição; - a identidade “afinitária” alia a preferência individual com a estratégia de aliança (Dubar, 2005, p.154).

Trata-se de um novo desenvolvimento teórico que em vez de estabelecer a correspondência entre os modelos identitários e as categorias profissionais correspondente, foca a importância nas transacções objectivas para a construção das identidades virtuais no cerne do processo relacional, privilegiando o espaço das relações de trabalho na empresa. Então, levanta-se a questão: como é que se processa o reconhecimento da identidade pelos e nos investimentos relacionais dos indivíduos? Se não forem tidos em atenção estes investimentos colaterais, poderá trazer «conflitos entre os indivíduos, porque são portadores de desejos e de reconhecimentos, e as instituições que oferecem *status*, categorias e formas diversas de reconhecimento» (Dubar, 2005, p.154).

Assim, deduz-se que as transacções objectivas entre os indivíduos e as instituições organizam-se, essencialmente, à volta do reconhecimento ou não-reconhecimento das competências, saberes e das imagens de si que constituem os núcleos das identidades reivindicadas (Dubar, 2005, p.155).

Tal como refere Dubar (2005), agora compreende-se melhor a necessária articulação dos dois processos identitários. Partindo das dinâmicas transaccionais, de um lado encontram-se os sujeitos e as instituições (processo relacional) e do outro lado estão os sujeitos com as suas trajectórias, marcadas pelas histórias pessoais, crises, mudanças e configurações (processo biográfico). Para chegarmos à compreensão desta realidade, separamos mentalmente, isto é, dividimos *coisas* que só têm sentido na sua interligação íntima. Hegel (1992) torna isto bem claro com a problemática da dialéctica, tal como foi referido.

A identidade profissional como modo particular da identidade social, configura-se como um *espaço comum* compartilhado entre indivíduos, o seu meio profissional e social e a instituição onde trabalham. Assim, a realidade profissional é uma construção que comporta, simultaneamente, a adesão a modelos profissionais, resultando da relação dialéctica do processo biográfico e do processo relacional.

II. METODOLOGIA

1. NATUREZA DO ESTUDO

De acordo com Quivy & Campenhoudt (2008, p. 25) metodologia consiste «em descrever os princípios fundamentais a pôr em prática em qualquer trabalho de investigação». Segundo Santo (2010, p. 11), a noção de metodologia necessita que exista uma «atitude de reconhecimento da necessidade de apropriação dos métodos», uma «distinção de métodos e técnicas» e uma «atitude crítica e permanente de revisão do conhecimento científico». Este capítulo surge com o objectivo de explicitar os procedimentos metodológicos que orientaram a nossa investigação, de forma a dar consistência ao mesmo, tornando-se necessário seguir um conjunto de procedimentos que vai desde a definição da natureza do estudo à selecção dos sujeitos em estudo e sua caracterização.

Ao delimitarmos a nossa investigação ao domínio da identidade do polícia patrulheiro, investigando a problemática da dimensão profissional, circunscrita às funções do patrulheiro, pretendemos que a mesma se constitua como um estudo de investigação relativo a uma realidade ainda pouco tratada e que consideramos necessário compreendê-la de modo mais aprofundado. Com este estudo, tem-se em conta também as exigências, a complexidade e as rápidas mudanças ocorridas na sociedade, o que conduz a uma perda do prestígio da autoridade, ao mesmo tempo que exige dos polícias uma maior preparação para responder às inevitáveis complexidades das funções policiais.

Partimos do princípio de que o estudo do tema da identidade se apresenta como uma estratégia facilitadora da resposta a dar ao modo como os polícias percebem as várias dimensões do seu trabalho e como é que isso afecta a produção das suas dimensões profissionais.

A linha de força do nosso trabalho é o estudo da identidade dos agentes que trabalham a partir da esquadra, relacionando-se com vários públicos, demonstrando atitudes e comportamentos que denotam como é que as suas dimensões profissionais são afectadas. A nossa análise será, sobretudo, determinada pelo apuramento das representações reveladas pelos entrevistados no tocante ao modo de ser (pensar, sentir e agir), respeitantes às vivências e acontecimentos profissionais. Procuramos compreender o significado do conteúdo de um *mundo vivido*; tal como refere Carmo e Ferreira (1998,

p.179), «à compreensão do fenómeno a partir de padrões provenientes da recolha de dados».

Face aos objectivos apresentados para o nosso estudo, orientamo-lo segundo uma abordagem qualitativa, isto é, parece-nos ser a forma de investigação que mais se adequa à natureza do trabalho que nos propomos levar a cabo. Trata-se de um tipo de investigação que obedece a determinadas características: o investigador recolhe os dados necessários à sua investigação, indo ao local de estudo e estabelecendo um contacto directo com os sujeitos que dele fazem parte; a natureza descritiva e os dados recolhidos apresentam-se sob a forma de palavras e, de entre os dados possíveis estão as transcrições das entrevistas e outros documentos ou registos oficiais que tenham interesse para o caso. Neste tipo de investigação, parte-se dos dados recolhidos que serão analisados, a fim de chegar à compreensão do fenómeno a estudar; e, por fim, destaca-se a importância vital do significado. Com efeito, o investigador deve certificar-se de que, relativamente aos dados recolhidos, os apreendeu na perspectiva correcta. A este propósito, isto é, nos casos em que se recorre a entrevistas, os investigadores «podem mostrar... transcrições de entrevistas aos informadores principais» (Grant, 1988, citado por Bogdan & Bilken, 1994). Estes procedimentos reflectem uma «preocupação com o registo tão rigoroso quanto possível do modo como as pessoas interpretam os significados» (Bogdan & Bilken, 1994, p.51). Assim, enquadrado pela abordagem qualitativa, propomo-nos realizar o estudo de um caso que «consiste na observação detalhada de um contexto, ou indivíduo, de uma única fonte de documentos ou de um acontecimento específico» (Merriam, 1988 citado por Bogdan e Bilken, 1994, p.89).

Ao analisarmos um fenómeno específico, mas complexo, no contexto real em que se manifesta, partindo da recolha e análise de dados traduzidos em palavras, embora sem a pretensão de generalizar os resultados obtidos. Temos, portanto, a convicção de que não exploramos o caso que nos propomos estudar em todas as suas implicações, restringindo-nos ao interesse pelas representações que os entrevistados revelam acerca do modo como as várias dimensões do trabalho de patrulha afectam a produção da dimensão profissional dos referidos sujeitos. Move-nos, no entanto, a intenção de obter abundante e profunda informação com o propósito de compreender globalmente uma realidade devidamente identificada.

2. CONTEXTO DO ESTUDO

No início do estudo, «os investigadores procuram locais ou pessoas que possam ser objecto de estudo», onde «escolhem as pessoas que irão entrevistar e quais os aspectos a aprofundar» (Bogdan e Bilken, 1994, p.89). Olhando para a realidade da PSP, a nível nacional, observa-se que é no COMETLIS que existe a maior variedade e a maior dimensão a nível de elementos policiais. É para este Comando que é deslocada uma grande fatia dos elementos que terminam o Curso de Formação de Agentes (CFA), devido às inúmeras vagas ali disponíveis. É também aqui que se concentram elementos de todas as zonas do país, pois, mesmo ao fim de alguns anos, muitos elementos ainda não têm vaga para realizar a transferência para o seu Comando de origem. Assim, no COMETLIS localizam-se elementos de diversas origens, de distintas idades, de diferentes etnias, de género distinto e com visões do mundo e subculturas desiguais.

Decidimos optar por realizar o nosso estudo na área do COMETLIS, pois, achamos que reúne as condições para as nossas pretensões de critérios de selecção de candidatos. É uma área que dispõe de elementos diversos que, na execução das suas funções, contactam com diversos tipos de ocorrências e diferentes pessoas com culturas e maneiras de pensar diferentes. É neste Comando que, devido à sua extensão, se têm observado o maior número de crimes e de ocorrências a nível nacional e, simultaneamente, que se têm notado as maiores evoluções a nível de procedimentos policiais, no sentido da modernização da PSP, com vista a uma Polícia mais civilista e actual.

3. SELECÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

Depois de escolhida a área de intervenção, procedemos às definições dos critérios para a escolha dos elementos do estudo. Uma vez que o tema do nosso trabalho debruça-se sobre a função da patrulha, foi decidido, logo à partida, que apenas iríamos entrevistar Agentes ou Agentes-Principais que desempenhassem esta função, ou seja, elementos ligados à patrulha a pé, patrulhamento auto e programas especiais, pois, todos eles partilham de características semelhantes. E esta é a característica principal por nós seleccionada. Mas, se apenas nos limitássemos a essa característica, continuaríamos a ter uma imensa massa populacional, pelo que é necessário seleccionar outros critérios. Assim, decidimos englobar outros critérios que, do nosso ponto de vista, vão de acordo às características mais globais dos elementos que desempenham a função da patrulha. Assim, definimos mais sete critérios que afectam os elementos que nos propomos estudar:

- a) *Carreira.* Foi nosso interesse escolher pelo menos dois elementos que tivessem no mínimo vinte anos de carreira, pois, para além de deterem já uma outra visão da PSP, assistiram também ao processo de modernização da Instituição, podendo assim relatar episódios dessa extensa experiência.
- b) *Etnia.* Ao vivermos numa sociedade multicultural, também a PSP é constituída por elementos pertencentes a outras etnias, possivelmente formados com diferentes culturas. Qual a visão que esses elementos têm da função que desempenham?
- c) *Licenciatura.* Numa sociedade cada vez com um maior grau de formação, decidimos adoptar, também, como critério a detenção do grau de licenciatura por dois dos elementos entrevistados, pois, cada vez mais se observa elementos da PSP obterem este grau de estudo. Será que a continuação dos estudos provoca diferentes perspectivas no desempenho da função?
- d) *Mulher.* Muitas vezes se associa a função e o perigo da patrulha aos homens. Porém, também existem mulheres a desempenhar esta função. Queremos saber, também, qual a perspectiva delas.
- e) *Proximidade.* No processo de modernização da PSP, o programa de proximidade assume uma elevada importância na aproximação da organização à população. Não poderíamos deixar de fora os elementos que desempenham esta função específica, no contacto com a população. Desempenhando uma tarefa tão específica, como vêm a função da patrulha?
- f) *Rural.* Apesar da zona de Lisboa ser uma grande zona metropolitana, os elementos da PSP que aqui são colocados são, em grande parte, de origem rural. Como se sentem num mundo citadino, diferente daquele em que foram socializados?
- g) *Sindicato.* A PSP é uma força de segurança que tem no seu seio estruturas sindicais. Qual será a opinião dos dirigentes e delegados dos sindicatos que exerçam a função da patrulha?

Definidos os critérios, falta definir o número de entrevistados que pretendemos. Poderíamos escolher um entrevistado por critério, mas correríamos o risco de obter pouca informação. Assim, decidimos que a nossa selecção seria composta por catorze entrevistados, escolhidos dois por cada critério, de diversas esquadras pertencentes ao COMETLIS. Os catorze elementos são de diversas esquadras do Comando, dando primazia a elementos que fossem já nossos conhecidos, a fim de facilitar a relação

entrevistador/entrevistado e assim poderemos obter uma maior quantidade de informação (ver Anexo A).

4. INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS

Depois de concluído o trabalho de caracterização da população, definindo-se a amostra que serviu de base à recolha de dados necessários aos fins do nosso trabalho, passámos à constituição do *corpus* empírico, composto pelos protocolos das entrevistas feitas aos agentes patrulheiros das esquadras por nós escolhidas.

Como instrumento da recolha de dados, realizámos entrevistas orientadas na sua forma semi-directiva. A justificação do recurso a esta técnica e a esta modalidade tem a ver com o facto de pretendermos recolher dados referidos pelo próprio sujeito entrevistado, permitindo-nos perceber como é que representa aspectos do seu mundo, isto é, como é que percebe as várias dimensões do seu trabalho, enquanto patrulheiro, e percebermos como é que isso afecta a sua dimensão profissional, sendo esta cruzada por uma série de outras dimensões que afectam o trabalho policial.

Para a realização de um estudo aos elementos da PSP, foi necessária uma autorização formal por parte do Comandante da área que pretendíamos. Assim, através do Instituto, solicitámos ao Comandante do COMETLIS a respectiva autorização. Depois de aprovada, demos conhecimento da decisão da mesma aos Comandantes de esquadra para que o processo fosse agilizado. Porém, para além da autorização formal, ficámos ainda dependentes da aceitação dos agentes para a realização das entrevistas.

Para a obtenção da informação que desejávamos, decidimos que deveríamos utilizar o método das histórias de vida nas entrevistas semi-directivas. Nas histórias de vida, «o investigador leva a efeito entrevistas exaustivas com uma pessoa, tendo como objectivo coligir uma narrativa na primeira pessoa» (Helling, 1988 citado por Bogdan e Bilken, 1994, p.92).

Acreditamos conseguir um potencial de informação a partir do acesso ao *mundo de representações* do outro, que nos é facultado nas entrevistas e, assim, ser possível analisar o modo como os sujeitos representam situações de participação nos mais diversos contextos da vida quotidiana: pessoal, familiar, profissional, institucional/organizacional, sistémica, local e societal.

Creemos que através do tipo de entrevistas seleccionadas, será possível conhecer esta problemática, uma vez que se constitui como uma forma de diagnosticar e conhecer experiências, desejos, preocupações e expectativas reveladas pelos entrevistados. Com

efeito, trata-se de um instrumento flexível que oferece ao entrevistador e entrevistado uma certa maleabilidade no discurso, quer na forma de colocar as questões, quer na forma de responder. Assim, a atitude não directiva do entrevistador face ao entrevistado permite a este último uma certa margem de liberdade para construir as suas respostas e exprimir livremente o seu pensamento.

Com o objectivo de garantir a validade e a adequação deste instrumento de recolha de dados para o propósito da nossa investigação, elaborámos, previamente, um plano das entrevistas, do qual constavam os objectivos, os temas a abordar e assim como o tipo de questões a colocar, o que nos permitia, se necessário, (re) orientar o entrevistado para as questões com interesse para o nosso trabalho. Este guião foi apresentado e discutido com a orientadora deste nosso trabalho, apresentando algumas sugestões e propostas de alteração, surgindo a versão última que apresentamos em anexo. (ver Anexo B)

De acordo com a problemática em estudo, o guião apresenta os seguintes objectivos gerais:

- Percepcionar o papel da biografia e experiências sociais no desempenho da profissão policial (dimensão pessoal);
- Considerar a necessidade da instituição familiar para o equilíbrio emocional e afectivo no contexto da esquadra de Polícia (dimensão familiar);
- Conhecer as motivações acerca da profissão e averiguar como é que essas questões participam na construção da identidade profissional (dimensão profissional);
- Conhecer o modo como os polícias se vêem a si próprios, enquanto membros da Instituição policial (dimensão institucional/organizacional);
- Procurar as representações sociais que os polícias construíram acerca da Justiça e do Estado (dimensão sistémica);
- Indagar sobre a receptividade que os polícias colhem no seio dos cidadãos (dimensão local);
- Conhecer a *imagem* que os polícias formaram acerca do lugar da patrulha na sociedade portuguesa (dimensão societal);
- Identificar desejos e expectativas dos entrevistados para o desempenho da patrulha, no exercício da sua profissão.

Na busca dos objectivos acima mencionados, o guião foi estruturado em sete blocos temáticos, indo ao encontro das nossas pretensões:

- Bloco A – legitimizar a entrevista, informar os entrevistados sobre os objectivos gerais da nossa investigação e garantir-lhes o anonimato e confidencialidade de todos os dados que viessem a resultar dos seus discursos. Ambicionava-se que os mesmos se sentissem à vontade na elaboração das suas respostas sem qualquer tipo de pressão sobre consequências futuras.
- Bloco B – obter dados que permitissem caracterizar os entrevistados quanto às suas motivações e expectativas profissionais. Pretende-se compreender o que levou o entrevistado a ingressar na profissão e quais as suas expectativas face à sua profissão.
- Bloco C – recolher dados que permitissem compreender os processos que integram o processo de formação da identidade profissional. É aqui que se tenta compreender como as diferentes dimensões da identidade interferem na vida do entrevistado.
- Bloco D – obter informações sobre as actividades desempenhadas pelo entrevistado no contexto da sua função, assim como recolher dados que permitam identificar as concepções do entrevistado acerca das competências do polícia. Pretende-se também obter elementos que possibilitassem identificar as razões para permanência na patrulha e qual o lugar da patrulha na carreira.
- Bloco E – obter elementos que possibilitem identificar dificuldades, problemas e aspectos positivos sentidos pelos entrevistados no decorrer das suas funções. Perceber como o entrevistado caracteriza a sua função e qual a representação que o mesmo têm do trabalho dos seus colegas.
- Bloco F – perceber a noção do entrevistado sobre alguns conceitos e ideias relacionadas com a sua função e profissão.
- Bloco G – obter dados que permitam conhecer os desejos e expectativas profissionais do entrevistado para o futuro.

5. DESENVOLVIMENTO DOS OBJECTIVOS

Depois de terminarmos o trabalho das entrevistas e reunida a informação necessária, ficámos em condições de proceder à análise dos respectivos dados.

«A análise de dados é o processo de busca e de organização sistemático de transição das entrevistas... com o objectivo de aumentar a sua própria compreensão desses mesmos materiais...» (Bogdan e Biklen, 1994, p.205).

Após a fase de leitura do material das entrevistas (ver Anexo C) e como resultado das impressões e conceitos, fomos registrando ao longo do referido processo de leitura as ideias que nos pareceram essenciais para o estudo em causa. A partir daqui, queremos conhecer o modo como os sujeitos entrevistados representam as várias dimensões do seu trabalho e percebermos como é que essas percepções afectam a produção das dimensões profissionais das suas identidades. Procedemos então à interpretação dos dados obtidos através das entrevistas realizadas e socorrer-nos-emos de outros autores para melhor fundamentar o que vamos dizendo, sempre que o entendamos necessário.

III. APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS E DISCUSSÃO

1. MOTIVAÇÕES PROFISSIONAIS

Entendemos por *motivação* toda a força que impulsiona e determina a vontade que leva o indivíduo a agir com vista a atingir um ou vários objectivos e satisfazer uma ou mais necessidades. Por *motivo* entendemos o padrão (conjunto de comportamentos coerentemente orientados) de comportamentos dirigido a um objectivo com uma finalidade de consumação. Assim, a compreensão das motivações profissionais expressas pelos entrevistados permitiu-nos detectar as razões que levaram não só ao ingresso na profissão, mas também aquelas que determinaram a escolha da esquadra e que justificam a permanência na mesma.

Pretendemos apurar o papel desempenhado pelas motivações expressas pelos sujeitos e determinar que tipo de participação assume na construção, por parte dos polícias patrulheiros, da identidade profissional.

Com respeito a este assunto, identificámos algumas ideias essenciais que nos possibilitam uma visão geral dos motivos que levaram estes agentes a ingressar na PSP, assim como conhecer os critérios que determinaram a escolha do local de trabalho e quais as justificações apresentadas para permanecerem na esquadra onde se encontram colocados.

Parece-nos importante começar por este tema porque admitimos que subjacente ao modo como os agentes entrevistados representam o seu trabalho, possam, eventualmente, estar associadas várias motivações, nomeadamente profissionais, pessoais e sociais.

O que leva os jovens a concorrer à Polícia? Para uns foi porque estavam desempregados e procuravam estabilidade e segurança em termos remuneratórios, «por ter uma actividade segura, em termos remuneratórios» (E.1, p.75). Para este entrevistado, a razão pela qual se mantém na esquadra onde foi colocado é um gosto de ajudar os outros, «é o apoio aos mais necessitados» (E.1, p.81). Para outros concorrentes, o motivo prende-se com «prestígio social (...) estabilidade profissional (...) o sonho de ser polícia» (E.5, p.117) e «era uma profissão que eu gostava. Sempre foi o que quis.» (E.4, p.111). No universo dos entrevistados, os motivos quer para concorrer à Polícia quer para a escolha da esquadra, assim como a manutenção nela, são variados, sujeitos a vários critérios. Desde ser uma profissão segura que oferece estabilidade profissional e económica até ao prestígio e gosto de ser polícia, todos são possíveis. Os critérios da escolha da esquadra e a

manutenção nela obedecem a razões de proximidade da residência, ou porque já se conhece a área ou mesmo porque alguém indicou aquele local, ou ainda porque não tiveram possibilidades de escolha quando terminaram a formação.

2. A PERCEPÇÃO DE SI E DO OUTRO

No desempenho das suas tarefas, os polícias percebem, melhor dizendo, interpretam a realidade e atribuem um significado àquilo com que se deparam. Não se limitam a ver, ouvir e sentir. Atribuem sentido às realidades que observam e com as quais contactam, directa ou indirectamente. Porém, a partir de uma observação mais atenta, verificamos que o mesmo estímulo observado por vários polícias é percebido de modo diferente, atribuindo-lhe significado diferente. Cada um dos polícias percebe as outras pessoas, acontecimentos e objectos de um modo muito particular.

Existem factores inerentes a cada polícia que interferem no modo como percebe a realidade. As experiências passadas, as motivações, as condições familiares e as necessidades profissionais, entre outras, são realidades que forjam a diferenciação entre as pessoas. Quando estamos interessados em determinados assuntos ou sensibilizados para aspectos particulares da realidade, somos mais perceptivos aos estímulos que se relacionam com esses aspectos da realidade.

Estarmos conscientes que este fenómeno perceptivo traz vantagens para nos aproximarmos mais da verdade, uma vez que sabemos que temos tendência para percebermos e analisarmos certos temas ou apresentarmos determinadas conversas de acordo com a nossa subjectividade³. Uma infracção às regras do trânsito é percebida e discutida de modo diferente pelo infractor e pelo polícia.

Um candidato que se apresenta a concurso para ingressar na Polícia ainda não percebe realidades que como polícia já não pode ignorar. As críticas feitas aos polícias pela comunicação social ou sociedade em geral, afectam as subjectividades daqueles que já trabalham na Polícia porque já têm uma percepção diferente das coisas. Já estão impregnados de motivações pessoais, profissionais, e convicções específicas, alheias aos concorrentes a polícias.

Em entrevista a um polícia patrulheiro, perguntámos-lhe como é que sentia e pensava a imagem que a sociedade tem da Polícia e obtivemos a seguinte resposta:

³ A disposição e a motivação que sentimos por determinadas realidades determinam, invariavelmente, a maneira de vermos essa realidade. Sentimo-nos mais empolgados numa discussão sobre um tema se formos simpatizantes dessa área.

Em 1991, existia a imagem do polícia barrigudo e quase tratava mal a pessoa que perguntava uma morada, tendo [esta imagem] vindo a evoluir. Agora [o polícia médio] têm mais nível de instrução, as queixas da população em relação à polícia diminuem,. A polícia agora esta muito mais humana, esta muito mais ligada à sociedade... (E.1, p.86).

A percepção referida denota uma estreita vinculação a factores sociais, relacionados com estereótipos e preconceitos que povoaram uma certa época ou meio sócio-cultural. Este modo de perceber a realidade reflecte um evidente condicionalismo perceptivo. Esta realidade atravessa todas as épocas. Nas relações intersubjectivas que estabelecemos, a selectividade perceptiva é sempre uma possibilidade.

A motivação e disposições do elemento entrevistado e solicitado a analisar a relação sociedade – polícia, determinaram, invariavelmente, a sua percepção desta realidade.

«Para mim ser polícia é perceber o que há de errado na sociedade e encaminhar para a resolução.» (E.1, p.89). Há, sem dúvida, um conjunto de elementos que interferem na percepção da realidade. Desde a natureza dos estímulos à própria natureza da educação/formação psico-social, às ambições pessoais e à própria necessidade de identificação e reconhecimento, todas podem concorrer para distorcer a correcta visão dos factos, pelo que é importante tomar consciência da interferência destes factores na percepção da realidade.

A percepção implica uma transfiguração da realidade que observamos. Digamos que arrumamos a realidade em *quadros mentais*, por vezes demasiado rígidos, outras vezes mais flexíveis, fruto de uma percepção, selecção e interpretação das ocorrências com as quais nos deparamos diariamente e nas quais estão, por vezes, envolvidas todas as dimensões humanas.

A percepção dum objecto consiste, praticamente, em dominar esse objecto percebido e, por conseguinte, na inserção do objecto percebido num sistema organizado de representações, num conjunto finito de noções, nos quais se exprime uma visão mais ou menos coerente do mundo, numa experiência mais ou menos rígida. Essas visões do mundo, essa experiência, esses sistemas de representações e de noções não são instaurados e concebidos pelos indivíduos, incapazes, por si sós de semelhante esforço, mas pela colectividade à qual pertence. Por isso, toda a percepção genérica é, simultaneamente, colectiva. (Blondel, citado por Serrão e Macedo, 1972, p.243).

Perante este quadro acerca da percepção, devemos relativizar os nossos pontos de vista, isto é, percebermos a realidade sob várias perspectivas, a fim de melhor ponderarmos as nossas atitudes e controlarmos os nossos comportamentos, principalmente

em momentos de tomada de decisões, nomeadamente, no caso dos polícias que tomam decisões que podem afectar a vida dos cidadãos, alvo da sua percepção.

Nas conversas do dia-a-dia, deparamo-nos com indivíduos que revelam um grande auto-domínio. São pessoas que se conhecem bem a si mesmas, isto é, são capazes de perspectivar os seus sentimentos pessoais e as suas vivências com todo o cuidado. Revelam um bom senso e capacidade de análise, capazes de compreender as influências das emoções, revelando ainda uma menor tendência para se deixarem pressionar ou impressionar por dados imediatistas, com origem no exterior ou mesmo no interior.

O modo como cada um de nós se percebe tem implicações fundamentais, quer ao nível do desempenho profissional, quer ao nível da interacção com as demais pessoas.

Este aspecto é muito importante no caso do polícia, seja ele patrulheiro ou de outro serviço policial. O polícia que percebe como o cidadão o representa, pode constituir uma mais-valia para se relacionar com ele, de modo adequado porque ao entender as apreciações que tecem a seu respeito, saberá adequar o seu modo de actuar, de dar continuidade ou ter a oportunidade de corrigir, junto dele, a imagem errada que formou a seu respeito.

Em qualquer dos casos, a percepção que o outro tem de si mesmo, permite-lhe adequar a sua actuação num ou noutro sentido para melhor enfrentar os desafios da profissão.

3. A IDENTIDADE PROFISSIONAL

O que pensam e sentem os jovens quando ingressam na corporação? E passados alguns anos de trabalho policial, ocorrerão mudanças subjectivas? Esta é uma das questões que nos propomos resolver com este trabalho.

Segundo Giddens (2004), nascemos e vivemos em contextos culturais e por intermédio do processo de socialização aprendemos e transformamo-nos em pessoas. Fazemos parte de diversos grupos sociais e vivemos segundo os valores que os regulam e orientam, o que quer dizer que existimos segundo várias dimensões. Os polícias são o que são segundo a dimensão pessoal, familiar, profissional, institucional/organizacional, sistémica, local e societal. Pretendemos identificar estas dimensões dos polícias e verificar que tipos de relações haverá entre elas, isto é se há compatibilidade ou não.

No exercício da actividade profissional, ou seja, no cumprimento das tarefas policiais, concretamente de patrulha, como é que os elementos vão produzindo a identidade da profissão? Que configurações vão construindo, isto é, que reapresentações (sensações,

percepções, imagens, ideias ou conceitos) tornam presentes ao espírito ou consciência, enquanto profissionais de Polícia? É no dizer (discursos) que expressamos as representações mentais, além de nos posicionarmos em relação aos restantes indivíduos. Nestes dizeres que constituem universos de sentido, surpreendemos momentos de desempenho profissional, mudanças e até transformações. Assim, com este trabalho, e a partir do universo dos entrevistados, também pretendemos determinar as representações necessárias para o exercício da patrulha, pressupondo que a patrulha é configurada por um conjunto de tarefas que consolidam a sua identidade.

Desde logo, a patrulha apeada desenvolve um trabalho de vigilância, observando diversos tipos de instruções de carácter permanente e ocasional; vigia pontos sensíveis (hospitais, fábricas, bancos, casas de espectáculo, farmácias, mercados e outros locais onde se preveja ajuntamentos de pessoas que pela sua perigosidade exijam medidas de segurança); actua de modo a normalizar o trânsito, se for necessário; toma uma atitude proactiva perante acidentes ou outras ocorrências, tomando as medidas julgadas necessárias para o efeito; identifica os suspeitos nos termos legais; dirime conflitos; colhe informações; presta primeiros socorros em caso de emergência e, no cumprimento de todas as suas tarefas, não esquece a prudência enquanto virtude nuclear, sem excluir a responsabilidade que lhe cabe enquanto trabalhador da patrulha.

A patrulha assume duas estratégias: a apeada e a motorizada. Ambas têm a missão de vigilância e de prevenção, embora a motorizada tenha características que a apeada não tem. É mais eficaz em áreas julgadas críticas e responde de forma mais rápida a qualquer solicitação.

4. A QUESTÃO DA SUBJECTIVIDADE PROFISSIONAL

4.1. ENTRADA PARA A POLÍCIA

A fim de conhecermos o estado subjectivo dos sujeitos do nosso estudo aquando ingressaram na PSP, procedemos à análise dos dados obtidos através das entrevistas realizadas.

As representações subjectivas expressas pelos entrevistados revelam uma realidade subjectiva favorável ao exercício da actividade policial. «Caí aqui na polícia quase como de pára-quedas» (E.1, p.75). O sentimento que a Polícia proporcionaria uma actividade segura e remuneratória pairava no imaginário do entrevistado. Além disso, ele sentia que

podia realizar a «busca da verdade (...) defender o outro (,,,) ser útil para a sociedade» (E.1, p.77).

Houve quem referisse que «trabalhava na construção civil e não gostava do que fazia. Então, concorri à polícia e cá estou (...) foi numa de estabilidade» (E.2, p. 91). Denota que a base que o motivou a concorrer era um sentimento egoísta. Ultrapassado o concurso, ao chegar à esquadra, onde fora colocado, manifestou-se «desapontado» (E.2, p.92). No seguimento desta análise, um entrevistado comentou que entrar na Polícia «sempre foi o que quis.» (E.4, p.111). Sentia, também, que a profissão de polícia ajudá-lo ia a desempenhar uma função social, ao serviço do próximo. Movia-o sentimentos altruístas.

«Como não tinha emprego, optei por concorrer à PSP e entrei», sentindo que poderia ter «estabilidade profissional» (E.6, p.130). Trata-se dum motivo de natureza egoísta já referido por entrevistados anteriores e que reflecte bem o estado subjectivo dos concorrentes a agentes policiais.

Um novo entrevistado, quando instado acerca do estado subjectivo vivido no início da profissão disse que concorreu à PSP não por gosto, mas por «melhoria a nível profissional e a nível pessoal» (E.7, p.139). «Pensei que ia fazer algo importante para a sociedade. (...) Quando cheguei à Divisão, fiquei muito desapontada, fiquei triste (...) e nem sabia aonde estava» (E.7, p.140). Desta passagem inferimos qual o estado subjectivo experimentado pelo entrevistado. Trata-se dum estado de desorientação que requer algumas condições físicas e mentais para não desistir da profissão escolhida. Pelo entrevistado, sabemos que esta situação resolveu-se com mudança de esquadra: «posso-me sentir um bocadinho mais em casa» (E.7, p.141).

No seguimento desta análise, uma entrevistada referiu-nos que «vim para a Polícia porque na altura não podia ir para a GNR. Por isso vim para a Polícia» (E.9, p.158). «Quando cheguei a Lisboa senti-me bem. Senti-me bem enquadrada» (E.9, p.159). Já na PSP, ao vestir a farda sentiu-se «muito orgulhosa» (E.9, p.160). Esta atitude favorece o enquadramento nos universos simbólicos da profissão. Já outro entrevistado referiu que, por influências familiares, «optei na altura por concorrer à PSP, também com o objectivo de progredir na carreira, e então, tomei essa opção da Polícia» (E.10, p.178) e acrescentou «eu nesta esquadra posso dizer que me sinto bem... cai aqui de pára-quedas, e o único conforto possível é mesmo esse» (E.10, p.180).

Estamos perante uma atitude que não podemos considerar de atracção imediata nem de recusa afectiva que torna possível ou impossível qualquer conhecimento claro. Trata-se,

a nosso ver, de um estado subjectivo que é compatível com o universo simbólico de polícia.

Já por sua vez, um outro entrevistado declarou que quando veio para Lisboa «pensava que era diferente, (...) desiludido, mas adaptei-me» (E.12, p.213). «Vi que havia vícios. Aprendi as coisas boas e más. Sei distingui-las» (E.12, p.214). Por fim, o último entrevistado, acerca deste assunto, disse que, inicialmente, «pensamos mudar o mundo» (E.13, p.222).

Deparamo-nos, deste modo, com um conjunto de posições assumidas pelos entrevistados acerca de uma realidade bem clara: qual o estado subjectivo acerca da profissão de polícia patrulheiro aquando do concurso e dos primeiros tempos de trabalho. Importa, agora, apurar se passados alguns anos se tal estado se mantém ou se é alterado.

4.2. PASSADOS ALGUNS ANOS DE SERVIÇO

A subjectividade é um fenómeno complexo. Quando a queremos definir, encontramos enormes dificuldades, dada a ausência de dados objectivos para concretizarmos as situações de natureza subjectiva. As posições que tomamos acerca do modo como consideramos as pessoas e como estas nos vêem são difíceis de explicar e nunca temos a certeza que as compreendemos tais como são.

Partindo deste horizonte referencial, tentámos avaliar e compreender os entrevistados do nosso estudo, acerca do sentimento que nutrem em relação ao serviço policial, após alguns anos de profissão

«Passados estes anos todos não saio da Polícia» (E.1, p.88). Este enunciado é revelador do estado afectivo do entrevistado, passados alguns anos de trabalho de patrulha. Entendemos por *afectivo* o estado interior do *eu* (self), isto é, «o afectivo define-se sobretudo pela sua posição ao “representativo” e ao “voluntário”, designa o estado interior do eu com suas tonalidades agradáveis ou desagradáveis. É subjectivo e passivo» (Maisonneuve, 1974, p.13).

Ao logo dos anos que trabalhou como patrulheiro, familiarizou-se com a área onde está colocado: «gosto muito da área onde está localizada... estou numa área que eu gosto» (E.1, p.81). Não só estabeleceu laços afectivos que o ligam ao ambiente físico, como também criou laços de amizade e de comunicação com colegas, superiores e público em geral, que contribuíram para o desenvolvimento de um estado subjectivo favorável: «gosto bastante do contacto com as pessoas, do andar na rua. Não quero perder o contacto com o público» (E.1, p.88).

Acerca do mesmo assunto, outro entrevistado, com vários anos de serviço, referiu: «Agora tenho orgulho em estar na polícia. Comecei a gostar de ser polícia» (E.2, p.93), denotando um estado subjectivo favorável ao desempenho das tarefas profissionais. Agrada-lhe o trabalho de patrulha, embora refira «nunca pensei de estar na patrulha com esta idade» (E.2, p.96). Refere-se a cerca de vinte e seis anos de serviço efectivo. Acrescentou: «Gosto de ser polícia. Se fosse hoje, concorreria na mesma» (E.2, p.94). « Neste momento não saía da patrulha, estou bem» (E.2, p.97).

Também outro entrevistado referiu que «não me vejo a sair da Polícia» (E.3, p.108), deduzindo deste enunciado que o seu autor está enquadrado e familiarizado com o serviço que desempenha. Chegamos ao mesmo resultado ao analisar os enunciados proferidos por outros entrevistados «Se fosse hoje continuava a escolher a PSP» (E.4, p.111); «não saía da Polícia. Para sair tinha que medir bem os prós e contra» (E.7, p.147); «Tinha de pensar mesmo muito, muito. Só se fosse muito bem remunerado, porque acho que somos muito mal pagos, acima de tudo» (E.9, p.171); «se voltasse agora atrás, sinceramente, optava pela mesma coisa porque não me arrependo de nada» (E.10); «tinha que analisar qual era a profissão. Para sair daqui tinha de ir com segurança» (E.12, p.218), e, por último, perguntámos ao entrevistado se tivesse possibilidades de sair da Polícia, respondeu-nos: «não, já faço parte da mobília» (E.13, p.231).

Tendo por base estes enunciados que expressão situações subjectivas de quem os profere, concluímos que, passados alguns anos de serviço de patrulha, as subjectividades dos entrevistados estão harmonizadas ao modelo da patrulha e aos valores institucionais.

4.3. A MUDANÇA NA SUBJECTIVIDADE

A partir da situação que descrevemos aquando do ingresso dos patrulheiros na PSP e tendo como ponto de referência a harmonização das subjectividades dos entrevistados, tal como o descrevemos atrás, podemos deduzir que houve mudanças nas subjectividades dos referidos elementos.

QUADRO 1 – MUDANÇA DAS SUBJECTIVIDADES

INÍCIO	ALGUNS ANOS DEPOIS
- Sentimento de segurança na actividade e remuneração;	- Permanência na profissão;
- Desejo de buscar a verdade e defender as outras – ser útil;	- Gosto de andar na rua / contacto social;
- Sonho	- Orgulho de estar na Polícia;
- Altruísmo (ajudar o próximo);	- Conformidade;
- Estabilidade profissional (sentimento egoísta);	- Segurança;
- Mudar o mundo (fazer algo para a sociedade).	- Sentimento de pertença.

Os estados interiores, próprios de cada um deles, às vezes intensos e de difícil expressão para os entrevistados, manifestaram *visões* da Instituição, dos seus profissionais e de si próprios, que revelaram traços comuns a todos os patrulheiros entrevistados. Colocando-lhes a hipótese de passados os anos que estiveram na patrulha quisessem sair da patrulha, foram unânimes em responder que gostavam de ser polícias, o que nos permite concluir que houve mudanças nas suas subjectividades.

5. A TEORIA DO RECONHECIMENTO NA QUESTÃO DA IDENTIDADE

A identificação e o reconhecimento são os aspectos primários que possibilitam as relações entre as pessoas e são também dimensões fundamentais do conceito de identidade. Partindo de Dubar (2005), chegamos à identidade a partir do reconhecimento recíproco, «conhecimento de que a identidade do eu só é possível graças à identidade do outro que me reconhece, identidade essa que depende do meu próprio conhecimento» (Hegel, citado por Dubar, 2005, p.100).

Reflectindo sobre a dialéctica do reconhecimento recíproco, constatamos que coloca duas questões essenciais: o reconhecimento de si próprio (auto-reconhecimento) e o reconhecimento do outro que reconhece (reconhecimento pelo outro). Ambos os reconhecimentos pressupõem a linguagem: «a linguagem constitui, pois, o primeiro pressuposto de toda a interacção que engaja» (Dubar, 2005, p.101). Assim, aquele que reconhece é capaz de simbolizar, de desenvolver a dialéctica da representação, isto é, de criar e partilhar significados.

Os sujeitos definem-se e identificam-se a partir de como se reconhecem no desempenho dos seus papéis sociais e de como são reconhecidos pelos demais. Através da linguagem, os sujeitos incorporam as representações sobre si próprios e sobre os outros, construindo uma dinâmica de interacções que acabam por definir as próprias identidades. Então, a identificação é um elemento base desta construção. É partindo da identificação com «a comunidade, a equipa, o grupo que dá ao indivíduo a “unidade de si-mesmo”. Mead o denomina “o outro generalizado” e faz a identificação com ele o mecanismo central da socialização definida como construção de “si-mesmo”» (Dubar, 2005, p. 117). Este autor parte, justamente, da noção de identificação para o estudo dos processos biográfico e relacional. Com a identificação surge um vínculo ou atracção por parte do identificado que o liga ou “outro”, isto é, à sociedade. Mas, qual o papel da identificação na questão da identidade?

São possíveis várias abordagens: fenomenológica, psicanalítica e sociológica, entre outras. Segundo a perspectiva psicanalítica (Freud, 2001), a identificação desenrola-se como um processo em que se toma o outro como modelo, implicando, necessariamente, a formação do ideal do Ego e do Superego, enquanto instâncias que engendram universos simbólicos e regulações culturais.

Partindo de Dubar (2005), a perspectiva sociológica aborda os processos biográfico e o relacional da construção das identidades, mas

é pela e na actividade com os outros, o que implica um sentido, um objectivo/ou uma justificação, uma necessidade..., que o indivíduo é identificado e levado a endossar ou a recusar as identificações que recebe dos outros e das instituições (Dubar, 2005, p.138).

5.1. AFECTAÇÃO DAS DIMENSÕES RELACIONAIS

O patrulheiro está constantemente envolvido em interações com os colegas, superiores e cidadãos e isso condiciona, certamente, a sua maneira de ser (pensar, sentir e agir). Ao longo do processo de socialização, tal como vimos em Dubar (2005), cada um de nós desenvolve uma determinada identidade e, necessariamente, a capacidade para pensar, sentir e agir de forma independente. Partindo deste pressuposto, como é que as várias dimensões afectam a maneira de ser profissional do patrulheiro?

Pela análise que fizemos das entrevistas, a dimensão familiar contribui para a estabilização da personalidade, desempenhando um papel de apoio emocional e de assistência pessoal, conforto e companheirismo. Concluiu-se das entrevistas que as famílias dos entrevistados afectam a maneira de ser dos patrulheiros. Nalguns casos, há um esforço para separar o trabalho da família:

tento separar a vida familiar da vida do trabalho. Tento não trazer a família para a profissão e a profissão para a família...quando estou a trabalhar não desligo da família porque eles fazem parte de mim (...) quando estou no descanso não desligo do trabalho porque é a minha profissão” (E.1, p.83).

Este enunciado denota bem a afectação da subjectividade do patrulheiro e a dificuldade que sentimos em separar as dimensões em jogo, sem nunca sabermos onde começa uma e termina a outro e vice-versa.

Tendo presente a abordagem sociológica desenvolvida por Dubar (2005) acerca das transacções subjectiva e objectiva do processo de construção das identidades sociais, propomos partir de duas questões: questão do auto-reconhecimento e questão do reconhecimento pelo outro para a construção da identidade profissional dos polícias/patrulheiros. Assim, a identidade profissional é encarada segundo um processo de

construção que engloba aspectos relacionados com o auto-reconhecimento (identificação, representação, constância, continuidade, semelhanças e diferenças) e reconhecimento pelo outro (aspectos profissionais e aspectos sociais).

Além das considerações apresentadas acerca da identidade e dos dois aspectos relacionados com o reconhecimento, é necessário, agora, circunscrever o campo escolhido para tratarmos deste assunto. Optámos por escolher catorze profissionais da patrulha, com idades várias, quer cronológicas, quer de experiências profissionais, de ambos os géneros, etnias, ideologias, habilitações literárias desde o secundário até à licenciatura e que desenvolvem a sua actividade de patrulheiros em esquadras de Lisboa, onde são incluídos em estratos profissionais, tal como defende Susana Durão:

À chegada, os agentes são considerados *maçaricos* (o que corresponde *grosso modo* ao primeiro ano da actividade profissional). Numa segunda fase passam pela experiência *dos primeiros anos*. Na terceira fase começam a ser considerados *experientes* (o que geralmente tem início no quarto ou quinto ano de actividade). Na última fase, os agentes começam a acusar o *cansaço das ruas*. Nesta fase não há uma identificação temporal precisa, mas tende a englobar os agentes com mais de 15 anos na profissão (Durão, 2008, p. 362-3).

Os entrevistados definiram-se a partir de como se reconhecem no desempenho da patrulha e de outras dimensões (pessoal, familiar, institucional/organizacional, sistémica, local, societal e profissional), e como é que são reconhecidos pelos *outros* sujeitos, no meio social.

A partir das entrevistas realizadas em ambiente de esquadra (gravadas em áudio e depois transcritas, seguindo o guião previamente definido), pretendemos que os entrevistados falassem das representações e concepções sobre as suas *dimensões pessoais e organização familiar; institucional/organizacional* (como se vêem a si próprios os polícias na Polícia); *dimensão sistémica* (como se vêem os polícias no seio de um aparelho de Justiça e do Estado); *dimensão local* (receptividade percebida pelas agentes face aos cidadãos); *dimensão societal* (percepção das agentes face ao lugar da patrulha na sociedade portuguesa); e *dimensão profissional* (perspectivas de carreira, serviços desempenhados e trabalho em si).

5.2. A PARTIR DOS DADOS DAS ENTREVISTAS

Tendo presente o pressuposto que as percepções e representações das várias dimensões indicadas afectam o trabalho da patrulha e estão presentes nos vários contextos das relações sociais que envolvem os entrevistados, então propomo-nos fundamentar as práticas profissionais a partir da análise das entrevistas individuais, com o propósito de

chegarmos à compreensão dessas representações e concepções na construção das identidades profissionais.

Tendo por base a ideia do auto-reconhecimento, colocamos a primeira questão: como é que os entrevistados se reconhecem como polícias e quais os significados que se auto-atribuem no desempenho da sua actividade profissional de patrulheiros?

A partir dos dados das entrevistas destacamos aspectos relacionados com a profissão que consideramos importantes para caracterizarmos a identificação com a profissão. Metade dos entrevistados representaram como motivo para concorrer à PSP a *estabilidade financeira* e, de certo modo, a *segurança no emprego*, onde três disseram que concorreram por *gosto*, um afirmou que era para *ajudar o próximo* e os restantes não apresentaram nenhum motivo de relevo.

Após a chegada à esquadra e iniciaram as funções de patrulheiros, como se sentiram? É importante determiná-lo para percepcionarmos o estado subjectivo do início da profissão. A partir dos dados das entrevistas, constatamos que os patrulheiros que sentiram que «foi complicado» (E.1, p.79), houve quem se sentisse «desapontado» (E.2, p. 92) e até «muito desapontada» (E.7, p.140), sentindo-se «desconfortável» (E.11, p.207) perante aquilo que chamam de «uma desilusão» (E.12, p.214) «que não fazia ideia» (E.14, p.234) representam seis dos catorze entrevistados. Os restantes oito entrevistados representam os que se sentiam bem e até muito bem, incluindo os que disseram que se sentiam como que em casa.

Como é que se definem enquanto patrulheiros? Nas representações que fazem de si mesmos, a identidade profissional é vivida de modo consciente. Há duas formas que levam à leitura deste modo consciente: a psicanalítica (Id., Ego e Superego) (Freud, 2001) e a sociológica (Dubar, 2005), tal como já foi referido neste trabalho. Após o estudo das respostas dos entrevistados, constatamos que se auto-reconhecem como patrulheiros. É aquele «que patrulha as ruas da sua área de serviço, que estabelece contactos com os moradores (...) é a recolha de informação» (E.1, p.88). Esta representação é co-extensiva ao universo dos entrevistados. Identificam-se como patrulheiros, estando de acordo com o estatuto de patrulheiro instituído pela organização, o que nos permite afirmar que representam a identidade profissional.

Outra característica que contribui para a construção da identidade profissional é a continuidade. É preciso que seja auto-reconhecida para a identidade profissional. É através desta característica que compreendemos como se estrutura o passado, se actualiza o presente e se projecta o futuro. Compreender esta trajectória temporal contínua é

fundamental para a identidade profissional. A análise dos dados das entrevistas denotam uma continuidade, isto é, os entrevistados representaram a patrulha no passado, representam-na no presente e têm expectativas acerca da patrulha no futuro. Os dados analisados indicam um auto-reconhecimento. Assim, partindo dos dados que se centram nas vivências dos primeiros dias nas esquadras, verificamos que variam desde a dificuldade «não foi fácil» (E.1, p.80) (E.11, p.207), até ao «nervosismo, medo de não ser capaz de resolver as ocorrências» (E.14, p.235), e «receio, mas vamos ganhando calo» (E.2, p.91). Os dados das entrevistas centrados no presente, denotam um maior entrosamento e uma representação mais consciente das funções da patrulha: «gosto de trabalhar por turnos» (E.2, p.92), «são seis horas a interagir com os cidadãos» (E.6, p.136), em que poderão acontecer «várias coisas. Não há nenhum dia igual» (E.9, p.169). Aos entrevistados foi também solicitado uma perspectiva da patrulha para o futuro: enquanto um afirma «bem melhor» (E.8, p.157), outros declaram que será “negro (...) mal, muito mal” (E.9, p.176), onde “não prevejo grandes mudanças” (E.3, p.109). Ainda que não haja consenso, a maioria dos entrevistados prevêem um bom futuro para a patrulha.

Para terminar a questão do auto-reconhecimento, falta considerarmos as semelhanças e diferenças como essenciais à construção da identidade profissional. São os *pares*, os parceiros e colegas que percebem as semelhanças porque partilham a mesma identidade policial, enquanto as diferenças são direccionadas para aqueles que não partilham a identidade policial. As questões do reconhecimento pelo outro são representadas pelos aspectos sociais e profissionais. O que é ser patrulheiro para o *outro*? A análise do reconhecimento pelo outro sugere concepções acerca do que é ser patrulheiro e escutando algumas delas verificamos que o polícia é visto como ameaça quando reprime ou detém o infractor e é reconhecido como autoridade quando zela pela segurança dos cidadãos e evita a desordem social. O reconhecimento da sociedade varia muito: «varia com a faixa etária e classe social. Os mais jovens vêem a polícia duma forma negativa, a classe mais idosa já tem uma imagem bastante positiva da polícia» (E.5, p.122). Se por um lado no auto-reconhecimento os polícias entrevistados se reconhecem como polícias profissionais e identificam-se com valores que regulam o seu trabalho, zelando pela segurança pública, por outro, ela oprime, identifica, reprime, causando problemas para os infractores e famílias. Então, os polícias vivem um conflito profissional, expresso na contradição entre como se reconhecem e como são reconhecidos por outros.

6. AS DIMENSÕES DA IDENTIDADE E O SEU RELACIONAMENTO

6.1. A DIMENSÃO PESSOAL

O patrulheiro, como qualquer outra pessoa, dá-se a conhecer nas relações intersubjectivas. Trata-se duma relação dialéctica. A realização da dimensão de patrulheiro implica a existência do *outro* com quem interage. O reconhecimento por parte das demais pessoas é essencial para esta relação de realização do patrulheiro, uma vez que, enquanto pessoa, o patrulheiro precisa de ver, ouvir, pensar e falar com o outro.

Só na comunhão humana o homem chega a si mesmo e se realiza pessoalmente a si mesmo...a sua diversidade e autonomia pessoais constituem-se na relação de uma mútua aproximação e afastamento. (...) Ser pessoa significa assim uma tendência essencial para o ser pessoal do outro. Só no cumprimento dessa relação social (...) alcança o homem a sua realização e desenvolvimento plenos» (Coreth, 1988, p.192).

A auto realização do patrulheiro está dependente do seu mundo profissional, onde realiza a sua dimensão pessoal na realização do seu outro, isto é, a execução das suas tarefas profissionais em relação com os demais indivíduos, nomeadamente profissionais. Este seu outro não é só o universo das tarefas profissionais, mas também é o seu semelhante com quem se cruza, que fala, que crê, que tem atitudes, comportamentos, valores, e que causa e apresenta problemas. Só nesta relação pessoal e, essencialmente, profissional, o patrulheiro atinge a sua realização e satisfação. Só na comunidade profissional o patrulheiro se desenvolve tecnicamente, tal como é necessária a contribuição da comunidade humana para se realizar como ser humano, cuja contribuição resulta das relações intersubjectivas.

A fundamentação destas relações encontra-se na linguagem. O pensamento do patrulheiro exige a linguagem, onde se realiza. Só na linguagem se valoriza o patrulheiro. Este, como qualquer pessoa ou profissional, vive estabelecendo dois tipos de relações intersubjectivas: *eu-tu* e *eu-nós*. A primeira é uma relação pessoal e a segunda uma relação social (Worsley, citado por Oliveira, Pais, & Cabrito, 1985).

«A relação nós pressupõe a relação tu; o tu medeia o nós. Por outro lado, de modo inverso, através da comunidade do nós são criadas as relações pessoais eu-tu; nesta medida, o nós medeia o tu. Existe aqui um condicionamento e mediação mútuos» (Coreth, 1988, p.203).

«Ser polícia é perceber o que há de errado na sociedade e encaminhar para a resolução» (E.1, p.89). Tal como este entrevistado, diremos que o patrulheiro percorre o *giro*, percebendo coisas, mas sabe distinguir o imediato do mediato ou pensado. Uma

conduta humana é aquela que é pensada e desejada como tal. O patrulheiro deve realizar o seu ofício e configurar o seu mundo profissional e humano através da linguagem e do pensamento. A dimensão humana consubstancia-se no distanciamento do imediatismo (paixões e perturbações emocionais), isto é, na análise da realidade pelo pensamento orientado pelos valores que dão forma e orientam as relações intersubjectivas. Compreende-se, então, a resposta dada por alguns entrevistados quando foram instados a responder se a relação com os seus colegas e o próprio ambiente de trabalho são mais importantes, por exemplo, que o tipo de trabalho que têm de fazer na esquadra: «Fundamentalmente, sim. Se nós tivermos um bom ambiente o serviço corre bem. Se não tivermos confiança no colega vou abordar o indivíduo de modo diferente» (E.6, p.133).

Uma esquadra não pode subsistir por si mesma, isto é, não pode eliminar o patrulheiro na sua autonomia, mas antes se realiza numa pluralidade de patrulheiros que também são pessoas. Este conjunto pressupõe uma mediação mútua entre o patrulheiro e a esquadra, dito de outro modo, entre o particular e o geral. Um condiciona o outro dando vida ao princípio da solidariedade, através do qual o patrulheiro tem deveres para a esquadra, mas, por outro lado, e segundo o princípio da subsidiariedade, toda a forma de comunidade (esquadra) está ligada ao bem dos indivíduos (patrulheiros). Quando perguntámos aos entrevistados se há solidariedade na esquadra, isto é se as pessoas dentro da esquadra se interligam muito umas com as outras e cortam relações com o exterior, responderam segundo enunciado seguinte: «há um convívio aqui que lá fora deixa de existir...» (E.9, p.170). O patrulheiro é formado para trabalhar para o outro. Só trabalhando e procurando o outro alcança a sua realização como profissional e humano.

6.2. A DIMENSÃO FAMILIAR

Para o propósito que queremos atingir, consideramos a família como uma entidade dinâmica que influência e é afectada pelas relações profissionais dos seus membros. Qualquer alteração das relações profissionais repercute-se na dinâmica familiar, qualquer que seja a estrutura familiar (nucleares ou extensas, unicelulares ou pluricelulares, uniões legais ou uniões livres, famílias baseadas na divisão do trabalho entre sexos, famílias de dupla carreira, biparentais ou monoparentais e casais homossexuais, isto é, homens e mulheres homossexuais que mantêm relacionamentos estáveis como casais).

Sabemos que nas grandes cidades, onde os patrulheiros trabalham, os laços de amizade, solidariedade e compreensão pelo outro apresentam-se cada vez mais difíceis, resultado da dinâmica da sociedade de consumo em que vivemos, altamente competitiva e

que gera práticas individualistas. A família já não é como antigamente uma unidade de produção, mas é mais uma instituição de consumo. Este modo de vida gera o enfraquecimento dos laços de parentesco, acabando por enfraquecer ou extinguir laços de familiaridade e mesmo de solidariedade social. (Morin, 1991)

Os patrulheiros entrevistados residem e/ou trabalham em grandes cidades, logo não estão imunes às contingências da vida das grandes cidades. Em que medida a organização e a vivência interna à família destes patrulheiros afectam ou influenciam o trabalho dos patrulheiros/as?

Segundo um dos entrevistados do sexo masculino, o que é preciso para gerir a família é «muito boa vontade, (...) muita compreensão, muita paciência em termo de horários (...) Se todos os outros casais estão em casa à noite porque nós não estamos? Basicamente é isso, muita compressão» (E.1, p.83). Acerca deste assunto, o mesmo entrevistado acrescentou que

a nossa responsabilidade familiar dá-nos calo para a nossa responsabilidade profissional e a responsabilidade profissional dá-nos calo para a responsabilidade familiar (...) eu não sou daqueles que só pensa no trabalho. Dou importância à família. Quando estou com a família, dou mais importância à minha família. Quando estou a trabalhar não esqueço a família, mas dou mais importância ao trabalho. Estou a trabalhar, não desligo da família porque eles fazem parte de mim, quando estou no descanso não desligo do trabalho porque é a minha profissão (E.1, p.83).

Este entrevistado soube agradecer-nos com o enunciado que exemplifica bem o que é uma relação dialéctica. A relação que se estabelece entre o *eu* (patrulheiro – família) e o *outro* (patrulheiro – profissão) e vice-versa.

Quando perguntámos a uma patrulheira o que era preciso para gerir a vida familiar, sendo polícia, respondeu:

Uma ginástica incrível. Principalmente eu que tenho um marido que também é polícia. Tenho que andar sempre com trocas e baldrocas. Também tenho um filho, alguém tem que o levar à escola e ir buscar. Tem que se gerir muito bem o tempo (E.9, p.163)

À mesma entrevistada questionamos se o sentimento de responsabilidade em relação à família contribui ou obsta a melhor sentido profissional, tendo respondido que «sim, dificulta, já podia ter concorrido a N coisas, mas é impossível... a minha família está acima de tudo. Se não tivesse este trabalho, tinha outro, mas a minha família não. A minha família é a minha família» (E.9, p.164). À mesma questão, um dos entrevistados responde: «acho que é um obstáculo. Primeiro está a família... Dou mais importância à família» (E.2, p.94), mas, acerca da mesma matéria, outro entrevistado referiu que «contribui. Tenho família, gosto de zelar por ela e (...) nós polícias zelamos por muitas pessoas» (E.3, p.104).

Esta resposta também é elucidativa da forma como a subjectividade do patrulheiro é afectada, não se sabendo bem onde acaba a responsabilidade de zelar pela família e de zelar pelos outros, enquanto obrigação decorrente das funções de patrulheiro e de familiar. Os patrulheiros entrevistados são reconhecidos enquanto tais pelos familiares, uma vez que compreendem o facto de serem patrulheiros e estes são afectados nas suas subjectividades porque, tal como já se referiu a respeito dum deles, se está no trabalho pensa na família e se está na família não ignora o trabalho.

Da resposta dos entrevistados, podemos concluir que o modo de vida urbano obriga a uma grande compreensão e a uma boa gerência do tempo, mas não obsta à compreensão familiar e profissional. Há entre estas dimensões existenciais uma relação de complementaridade e compreensão mútua.

Apoiando-nos em Giddens (2004), a identidade é representada segundo as percepções que os indivíduos têm acerca do que são, do que é importante para si, de como se vêem e como são vistas pela sociedade. Daí ganhar luz as questões do auto-reconhecimento e do reconhecimento pelo outro.

A identidade profissional é uma dimensão da identidade social e é representada segundo as características que pensa ter e as que os outros lhe atribuem enquanto profissional. São estas características que configuram a forma segundo a qual o indivíduo é semelhante e diferente ao *outro*. Assim, no nosso trabalho, a identidade pessoal dos patrulheiros diferencia-os enquanto indivíduos, restringindo-se ao sentido de um *eu* único que se forma ao longo do desenvolvimento pessoal e da respectiva interacção constante com o meio ambiente exterior. Ainda segundo Giddens (2004), a identidade pessoal e social estão interligadas e, embora analiticamente distintas, as várias dimensões da identidade estão tão inter-relacionadas que é impossível saber onde começa uma e termina a outra.

6.3. A DIMENSÃO INSTITUCIONAL/ORGANIZACIONAL

A sociedade sempre teve necessidade de resolver os problemas relacionados com a sua sobrevivência. Entre as questões mais prementes encontramos a segurança. Para garantir a segurança a milhões de pessoas é necessário que o trabalho seja realizado em unidades com características específicas que denominamos por organizações. Não sabemos quando surgiu a primeira organização. Sabemos que as necessidades humanas são tão antigas como a humanidade. Após identificadas as necessidades e estabelecidas as metas a

atingir, então, definiram-se as estratégias e dividiram-se as tarefas que levariam à satisfação de tais necessidades.

Nesta perspectiva, organização identifica-se com a acção de intervenção humana para atingir determinados objectivos que no caso da PSP são os que estão definidos na lei. A concretização destes objectivos pressupõe a existência de meios humanos e materiais, a definição de uma estrutura de papéis e estatuto, onde cada elemento conhece o seu lugar e funções, assim como o papel e estatuto dos restantes elementos e, ainda, uma certa ordem prevista e estimada.

Burns e Stalker (1961), no seguimento das ideias de Durkheim, distinguiram dois tipos de organizações: mecânicas e orgânicas. Estas últimas caracterizam-se por possuírem uma estrutura flexível. As comunicações e directivas são difusas, movendo-se em muitas trajetórias. O essencial está no facto de se aproveitarem os conhecimentos dos elementos da organização que possam ser utilizados para a resolução dos problemas. Assim, as decisões não são um domínio exclusivo do *topo* da estrutura.

As organizações mecânicas são sistemas burocráticos, constituídas por uma estrutura hierárquica de comando, donde emanam as ordens transmitidas verticalmente através de canais específicos. Os elementos são responsáveis pela realização de tarefas específicas. O trabalho é realizado de forma anónima, com os funcionários da base e os do topo a comunicarem raramente. As organizações burocratizadas segundo o conceito de burocracia desenvolvido por Weber (ver Oliveira, Pais, & Cabrito, 1985, p. 251), eram as que detinham uma administração burocrática superior a qualquer outra, em precisão, estabilidade, rigor de disciplina e confiança. A organização é ainda entendida segundo uma terceira metáfora. Apoiando-nos em Durão (2008, pág. 63), a cultura é «concebida de modo diferente por vários autores, a cultura nas organizações é usada como terceira metáfora».

Tendo presente o objectivo do nosso trabalho, entendemos a Polícia de Segurança Pública (PSP) como uma instituição pública e como uma organização burocrática. Segundo Mauss, uma instituição é entendida como «um conjunto de maneiras de pensar, sentir e agir que se apresentam aos indivíduos, independentemente da sua vontade» (Oliveira, Pais, & Cabrito, 1985, p.239). A PSP, enquanto universo simbólico de crenças e práticas que os seus elementos adoptam com o objectivo de alcançarem um objectivo socialmente importante – segurança, é uma instituição e é uma organização burocrática no sentido defendido por Weber, tal como já foi referido.

De acordo com Durão (2008), as organizações constroem-se nas suas fronteiras institucionais e organizacionais à medida que vão sendo construídas culturas e identidades. De facto, entendendo por:

A identidade é um fenómeno que emerge da dialéctica entre indivíduo e sociedade. Os tipos de identidade, por outro lado, são produtos sociais *tout court*, elementos de certo modo estáveis da realidade social objectiva (sendo o grau de estabilidade, por sua vez e como é evidente, determinado pela sociedade) (Berger e Luckmann, 2010, p.180).

O patrulheiro sente-se como elemento do seu grupo de trabalho e vive esse espírito de modo imediato. Por outro lado, a organização espera resultados, isto é, que cumpra os seus deveres profissionais. A exigência de resultados gera tensão no patrulheiro. «Acho que podíamos ser muito mais apoiados. Os patrulheiros são quem dá a cara pela Polícia» (E.1, p.85). Este patrulheiro, como outros entrevistados, referem-se à polícia como organização e sentem-se desiludidos. São eles que, em primeira instância, enfrentam os problemas e tentam resolvê-los e sentem que não são apoiados pela organização. Que tipo de apoio estará em causa? Falta de reconhecimento pelo trabalho da patrulha e falta de política interna no sentido de dotar as esquadras de meios materiais adequados à realização da missão e de meios humanos para fazer face às necessidades dos policiamentos.

Estas percepções são o reflexo dos desajustamentos entre as expectativas iniciais e as realidades encontradas pelos patrulheiros quando chegam à esquadra. Os entrevistados confirmam-no à medida que vão construindo uma identificação mais sólida com a profissão, através de processos subjectivos e objectivos complexos nas suas relações. Por imperatividade profissional, os patrulheiros inserem-se numa sociedade diferenciada que têm de policiar, mantendo a ordem social, e têm que se adaptar à mudança, criar e reformular universos simbólicos, adaptando-se às reconfigurações sociais. A própria organização adapta-se e readapta-se às constantes exigências constitucionais e legais, o que obriga a uma constante reorganização das forças policiais e, nomeadamente, dos policiamentos. É evidente que os patrulheiros são afectados por estes mundos e as suas dimensões cruzam-se na procura de um equilíbrio difícil de conseguir. Segundo Durão (2008), a organização vai-se organizando jurídica e socialmente.

Com o estudo institucional/organizacional pretendemos saber se afecta ou não a subjectividade dos patrulheiros e se influencia ou não as suas dimensões profissionais. Acerca da questão se são ou não apoiados pela organização, obtivemos respostas desmotivantes, referindo que sentem pouco apoio por parte da instituição/organização. «Acho que poderíamos ser muito mais apoiados» (E.1, p.85), «não apoia em nada, acho

que só complica» (E.2, p.95). À excepção de dois dos entrevistados que respondem positivamente ao afirmar que «quando estou na rua, estou na patrulha, a organização apoia isso» (E.7, p.145) e «tem que apoiar, a patrulha é a base de tudo» (E.12, p.217), é uma constante por parte dos entrevistados sentirem que poderiam ter mais apoio. Este sentimento afecta, necessariamente, as suas dimensões profissionais.

6.4. A DIMENSÃO SISTÉMICA

Como é que os polícias patrulheiros entrevistados se vêem no aparelho da Justiça e do Estado? Verificamos que existe uma relação formal, de descrença e mesmo de desconfiança.

«A Justiça em Portugal em certas situações é um pouco injusta. Ainda existe algumas injustiças na nossa Justiça. Certas decisões têm de ser apoiadas na lei e não é assim tão linear. Devia de ser mais flexível... Os detidos saem primeiro que nós do Tribunal» (E.1, p.85). Esta apreciação da Justiça conflitua com o facto de o patrulheiro ser um aplicador da própria lei. Ser Polícia é «representar o Estado, da segurança que o Estado dá aos cidadãos» (E.1, p.89), «é um elemento que faz respeitar a lei e inculcar o respeito nos demais» (E.2, p.98). É com o patrulheiro que o Estado aplica o direito e é com o patrulheiro que obtém informações criminais. Tal como já foi dito aquando da referência das medidas de Polícia, o poder policial é enquadrado pela legislação positiva, deixando alguma latitude à Polícia, isto é, algum poder discricionária na aplicação das medidas de Polícia. Isto provoca tensão própria da profissão, mas que afecta as várias dimensões do patrulheiro.

A partir do estudo efectuado, verificámos uma relação de desconfiança entre os Tribunais e a Polícia, em vez de uma justificada relação de proximidade. Não há um verdadeiro conhecimento mútuo nem confiança, mas estão formalmente separados, marcados pelo distanciamento da lei.

Existe uma mistura da mensagem passada pelos órgãos de comunicação social em conjunto com experiências pessoais passadas. Dos entrevistados recebemos diversas reacções, referindo que a Justiça é «lenta, muito lenta!» (E.2, p.96), «é lenta. Devia ser mais rápida e uma mão mais pesada...» (E.4, p.113). A Justiça «falha em muitos aspectos... a nossa Justiça não se aplica aos pobres. Os indivíduos detidos saem primeiro que a gente» (E.6, p.135). «Cada vez estamos pior, infelizmente a Justiça funciona para certos casos mas para outros não funcionam, (...) nós não precisamos de poder mas sim de

mais Justiça» (E.7, p.145). Após muitas experiências com a Justiça, recebemos uma reacção que nos indicava que:

a Justiça está para os ladrões. É ingrato termos de estar um dia inteiro a fazer uma peça de expediente e chegar ao tribunal e ele vem-se embora com, por exemplo, dias de trabalho comunitário... e nós, que passamos o dia inteiro sem comer, a fazer o expediente e levá-lo a Tribunal e, no outro dia, se calhar, temos que lá voltar ...é a Justiça (E.9, p.168).

Os entrevistados neste estudo, manifestaram este sentimento de natureza negativo e formal, característico de organizações burocráticas. «Lenta e por vezes muito burocrática» (E.14, p.238). A burocracia, no sentido weberiano, é apontada como um factor determinante para o sucesso de qualquer organização. Reconhecem-lhe as características de estabilidade, precisão, confiança e rigor de disciplina. No entanto, partindo da análise dos excertos das entrevistas referidos atrás, apontamos outras características à Polícia e tribunais enquanto organizações. Quando os seus elementos funcionam como uma peça de uma gigantesca engrenagem, são esquecidos como seres humanos, por vezes, nem se identificam com o produto do seu trabalho, não podem fazer uso de todas as suas capacidades, dada a natureza dos regulamentos que regem as suas actividades. Embora os referidos elementos estabeleçam entre si contactos informais e laços de solidariedade, as relações que os une às organizações são formais, alienantes e por vezes indesejáveis, repercutindo-se nefastamente nas demais dimensões existenciais.

Se as relações com a Justiça são formais, regulamentares ou positivas, já entre si estabelecem relações sociais de amizade e inter-ajuda: vêem-se «como amigos, muito até quase como irmãos» (E.1, p.85).

Nos termos da legislação, a Polícia tem determinadas funções tipificadas na lei e, por outro lado, os Tribunais, como órgãos de soberania de natureza constitucional tem, também, as suas competências contempladas na lei. São organizações burocráticas marcadas pela aplicação da lei e pela falta de confiança do cidadão.

Recolocando a pergunta, como se vêem os polícias no aparelho da Justiça e do Estado? Nas subjectividades das opiniões proferidas pelos entrevistados há dois casos extremos que merecem o nosso maior cuidado: o das opiniões favoráveis porque poderá haver tendências a ver só as características positivas e o das opiniões desfavoráveis em que se critica as limitações, ignorando-se as qualidades positivas. À excepção de um entrevistado (E.5, p.123) que referiu que «de modo geral é boa...devia ser mais célere», os restantes entrevistados sentem que a Justiça é «cega» (E.1, p.85), que «peca muito» (E.3, p.106), «falha em muitos aspectos, não se aplica aos pobres» (E.6, p.135), que é «má»

(E.8, p.155), onde «a Justiça está para os ladrões» (E.9, p.168) e «Lenta e por vezes muito burocrática » (E.14, p.238). Partindo do conteúdo das entrevistas e, nomeadamente, destes enunciados, concluímos que os polícias/patrolheiros entrevistados vêem-se desapontados em relação ao estado actual da Justiça, assim como em relação ao próprio Estado porque é, em última instância, o detentor do poder legislativo e executivo, pelo que, esta situação afecta, necessariamente, a subjectividade dos patrolheiros.

6.5. A DIMENSÃO LOCAL

Como é que os patrolheiros percebem a receptividade de que são alvo por parte dos cidadãos? Quando o polícia, nas suas funções de patrolheiro, percorre o *giro*, troca algumas palavras com um cidadão, colega ou amigo, parece um facto menor e sem interesse. No entanto, olhando atentamente a questão, constatamos que o estudo destas formas, aparentemente insignificantes, de interacção é muito importante para respondermos ao problema colocado inicialmente.

Partindo de Goffman (Giddens, 1991), socialmente envolvemo-nos em dois tipos de interacções: deslocalizadas e focalizadas. Dizemos que os indivíduos estão em interacção desfocalizada quando na presença uns dos outros, não falam directamente uns com os outros, mas mantêm uma comunicação não verbal através da aparência corporal, movimentos e gestos físicos. Estão em interacção focalizada quando falam uns com os outros. O autor chama *encontro* a uma unidade de interacção focalizada. Grande parte da nossa vida quotidiana consiste em encontros contínuos com familiares, amigos, colegas, superiores, cidadãos vários.

O mesmo acontece com o patrolheiro. Além de profissional de Polícia é um ser humano que interage. Nas rotinas do dia-a-dia, vive situações sociais ou encontros em que, além de procedimentos informais, desempenha papéis formais ou estilizados. Algumas ocorrências resolvem-se sem ajuda exterior. Já outras necessitam da reunião de apoios, dependendo da gravidade da situação. O patrolheiro pode ser a encarnação da cortesia quando dá uma informação solicitada pelo cidadão ou pode tornar-se barulhento, agressivo e violento quando tem de proceder a uma detenção ou defender-se fisicamente no âmbito da legítima defesa.

As respostas obtidas dos entrevistados acerca desta temática, são esclarecedoras da relação entre entrevistado e público, o que deixam antever o modo como os patrolheiros são percebidos pelos cidadãos com quem interagem. Com o público, «dou-me muito bem» (E.1, p.85). «Acho que têm uma boa imagem de mim» (E.2, p.95), «já estou

habitado a lidar com o público» (E.3, p.106). «Muito bem, eu acho que todos me conhecem e gostam de mim» (E.6, p.135). A relação «é boa, acabamos por conhecer as pessoas e é um bom relacionamento, já nos conhecemos» (E.7, p.145). «Eu dou-me bem, dou-me muito bem com o público» (E.9, p.168). «Dou-me bem, tento adaptar-me. Nem todos temos a mesma personalidade. Alguns têm uma imagem má de mim...» (E.14, p.238).

Das respostas obtidas, pressupomos que a imagem que os cidadãos têm dos patrulheiros é boa, o que denota um tipo de relação amistosa e de confiança entre os sujeitos das relações intersubjectivas.

Assim, como averiguar a receptividade percebida pelos patrulheiros entrevistados face aos cidadãos? Qualquer imagem mental que construamos acerca das coisas será sempre relativa. Esta relatividade também está presente na construção da imagem que os cidadãos têm da Polícia. Acontecerá o mesmo acerca dos patrulheiros entrevistados? Segundo alguns deles, a imagem da Polícia «é boa... Já disseram bem e disseram mal...Tem vindo a evoluir...Há conhecimento por parte das instituições do trabalho da Polícia» (E.1, p.86). Porém, outros referem que essa imagem é «má. A maior parte do público tem uma má imagem da Polícia e é devido ao trânsito. Se tem simpatia e se é autuado, perde a simpatia toda» (E.2, p.96). « Há quem goste de ver polícias» (E.4, p.113). «A imagem varia com imagem varia com a faixa etária e classe social. Os mais jovens vêm a Polícia duma forma negativa, a classe mais idosa já tem uma imagem bastante positiva da Polícia» (E.5, p.122). Tal como se deduz dos enunciados das entrevistas, parte da população tem uma má imagem da Polícia, outra parte têm uma imagem negativa e haverá parte da população que não têm imagem. Assim, os patrulheiros são reconhecidos por uns como quem impõe a lei e garante a segurança, por outros é tida como autuante, logo repressiva e ainda há cidadãos que gostam de a ver devido às funções que exerce. Perante este cenário, as subjectividades dos patrulheiros não poderão ficar impunes. Serão afectadas, necessariamente.

6.6. A DIMENSÃO SOCIETAL

Como é que os agentes percebem o lugar da patrulha na sociedade portuguesa? Os processos de globalização, as dinâmicas de desenvolvimento económico, social e de inovação tecnológica e a complexidade da divisão do trabalho nas sociedades actuais, têm contribuído para densificação das áreas urbanas. Estes fenómenos contribuem para destacar as preocupações com a segurança das pessoas e bens. O Estado deve segurar os

seus cidadãos e os seus bens. A Polícia está responsabilizada por manter a segurança das populações.

A patrulha, apeada ou auto, é um dos policiamentos que se pratica para policiar as zonas urbanas, adstritas à Polícia. No âmbito da segurança dos cidadãos os entrevistados percebem a patrulha como uma forma de policiamento indispensável para o policiamento e segurança das pessoas. O verdadeiro trabalho da patrulha é a «dissuasão e a prevenção. O patrulheiro é um elemento dissuasor da criminalidade» (E.1, p.86). «São as ocorrências, serviço de visibilidade» (E.2, p.96). A patrulha também é um método de prevenção, «prevenção criminal. Mostrar ao cidadão que estamos cá para o que for preciso» (E.6, p.135). Para além de prevenção e investigação criminal, a patrulha desenvolve processos de entendimento e comunicação: «é andar na patrulha de um lado para o outro, (...) falar com o cidadão, saber o que se passa, o que está bem e o que está mal» (E.7, p.147). «São os primeiros a chegar. Os que têm o contacto mais directamente com o público» (E.12, p.219). Os entrevistados ao serem interrogados acerca desta questão, representaram a patrulha como um método de segurança imprescindível para a segurança das populações.

Então, como averiguar as interpretações que patrulheiros fazem da patrulha na sociedade portuguesa? Partindo do que foi dito pelos entrevistados, verificamos um consenso muito alargado acerca do papel da patrulha. As representações que manifestaram não contrariam a identidade da patrulha, antes pelo contrário, identificam-se com ela. O papel da patrulha é «a dissuasão e a prevenção...relacionamento com o público...solução de problemas... a recolha de informação... serviço de visibilidade» (E.1, p.86-88). «Gosto de lidar com o público, é o que mais me agrada» (E.2, p.96). «O verdadeiro trabalho da patrulha é prevenção criminal» (E.6, p.135). «Quem anda na patrulha tem sempre alguma autonomia» (E.8, p.157). «São os primeiros a chegar» (E.12, p.219), «é o elemento policial que anda a pé e é visibilidade» (E.14, p.240).

7. OS AGENTES DA PATRULHA E A IDENTIDADE DA PROFISSÃO

Passar por alguém na rua, trocar breves olhares e comunicar, são coisas que fazemos vezes sem conta durante o dia, sem que nos demos conta. No entanto, a atenção destas formas reveste-se de grande importância para o patrulheiro. Há duas razões que tornam tão importante a atenção destas interações sociais para o Polícia que percorre o *giro* durante o turno de serviço, diariamente.

As rotinas da vida quotidiana que envolvem os patrulheiros e os cidadãos mais ou menos de uma forma constante em iterações face a face, constituem, grosso modo, a essência das suas actividades de policiamento. A vida na esquadra e na patrulha, organiza-se de acordo com as repetições de padrões semelhantes de comportamento, turno após turno, semana após semana, mês após mês e ano após ano. Enquanto se mantiver no mesmo turno, apresentou-se na esquadra para entrar de serviço; verificou a escala de serviço, recebeu as instruções dos superiores, trocou breves palavras com os pares e dirigiu-se para o «giro» que terá de percorrer. Na rua, provavelmente, encontra-se com amigos, transgressores e infractores da lei. Terá ocorrências para resolver, cumpre as «pausas» que se tornaram um hábito e, no final do turno, dirige-se a esquadra, elabora o expediente, se for o caso, ou resolve as ocorrências com que se deparou ou que para as quais foi solicitado. Mais tarde, voltará a casa, saindo, possivelmente, com a família ou amigos ou fica em casa com a família a ouvir musica, ver filmes ou, simplesmente, conversando.

As rotinas que seguem no dia-a-dia, não são, por certo, idênticas, e os padrões de actividades dos intervalos, contrastam com as rotinas do trabalho. Se, por acaso, o patrulheiro deixar a Polícia, tem de efectuar grandes alterações nas suas rotinas diárias. Contudo, será estabelecido um novo conjunto de hábitos regulares. As rotinas do dia-a-dia e as interacções em que se envolvem com os «outros», dão estrutura e forma ao trabalho de Polícia.

O tipo de interacções sociais que possibilitam a compreensão dos sistemas e instituições sociais mais amplas é outra das razões. De facto, todos os sistemas intersubjectivos, em grande medida dependem dos padrões de interacção social em que o patrulheiro se envolve no decurso do «giro» de patrulha. Como demonstrar esta asserção? Consideremos que o patrulheiro se cruza nas ruas com um cidadão, neste caso, trata-se do tipo mais transitório de interacção social que se pode considerar. Porém, quando o patrulheiro e o transeunte rapidamente se entreolham, e desviam os olhares ao se aproximarem um do outro, demonstram aquilo a que Goffman (Giddens, 1991) chama de desatenção civil, algo que exigimos uns dos outros em muitas situações. A desatenção civil não é, de modo algum, uma forma de ignorar o outro. Antes pelo contrário, o patrulheiro e o transeunte demonstram o reconhecimento da sua presença e evitam qualquer gesto que possa ser compreendido como intromissão. Ao demonstrar um desinteresse civil, o patrulheiro indica que não tem qualquer motivo para suspeitar das intenções do outro. É um tipo de postura, frequentemente, utilizado pelos agentes policiais. Neste caso, o

patrulheiro não deve ser incisivo no seu olhar sobre quem passa ou permaneça à sua volta. Mas isto não quer dizer que não necessite de manter a sua atenção nos movimentos e gestos das pessoas, a fim de prevenir ou evitar situações problemáticas. No entanto, a discrição com que deve actuar, permite que as pessoas não se sintam perseguidas, olhadas ou hostilizadas.

Hoje, o patrulheiro não precisa de se esconder dos cidadãos como acontecia umas décadas atrás, «hoje (...) há uma ligação entre Polícia e sociedade» (E.1, p.86). Nessa altura, os patrulheiros refugiavam-se em locais pouco frequentados para falarem à vontade. Hoje, ainda se dá primazia às relações formais nas organizações como a PSP. Quanto mais burocratizada é uma organização, seguindo Weber, tanto mais os serviços são fixos e detalhados. Na esquadra impera este tipo de relações, mas também há lugar para as redes informais que aumentam há medida que aumenta a complexidade das tarefas a realizar. As relações informais no interior da esquadra são um meio de alcançar um certo grau de flexibilidade.

Quando um patrulheiro se defronta com uma ocorrência complicada, deve apresentá-la para análise ao superior hierárquico. Assim ditam as regras da burocracia. As normas de procedimento estabeleciam que não podiam consultar colegas do mesmo nível. Este facto, a existir, era entendido como falta de competência, o que poderia prejudicar em momentos de concurso para promoção. Mesmo assim, os funcionários consultavam-se uns aos outros, violando as normas estabelecidas. Este risco compensava. Não só obtinham informações válidas, como diminuía a pressão e a ansiedade causadas pela natureza do trabalho.

Em todas as organizações se desenvolvem redes informais. Todos os níveis da organização cultivam laços de conexões pessoais que podem ser mais importantes para a eficácia do trabalho do que as situações formais nas quais as decisões são tomadas segundo a hierarquia. Saber até que ponto os procedimentos informais ajudam ou constituem obstáculo à eficácia da organização não é questão simples. Uma esquadra está estruturada formalmente, no sentido defendido por Weber. No entanto, quer no seu interior quer no território da patrulha, surge um vasto número de formas que desafiam a maneira oficial de agir. Isso acontece porque falta alguma flexibilidade, o que provoca um ajustamento não oficial das regras formais. Para os patrulheiros que dizem ter tarefas monótonas, têm tendência a desenvolver maneiras informais de actuar porque isso ajuda a criar um ambiente de trabalho mais satisfatório.

Todas as organizações modernas são, de certa forma, burocráticas. No entanto, há uma tendência para o desenvolvimento de redes informais a todos os níveis, tanto dentro das organizações como fora delas. É difícil estabelecer uma fronteira segura entre a formalidade e a informalidade da patrulha. A consideração e estudo destas redes informais são tão importantes como o das características formais anunciadas por Weber. Embora exista uma certa pressão por parte da hierarquia para uniformizar procedimentos, isto é, para impor atitudes formais, o certo é que a patrulha reflecte pontos de vista relativos, negociações e soluções individuais que marcam o trabalho policial.

Como se disse, o que abre assim o tempo de trabalho policial, e seu conteúdo, ao imprevisto e discricionário, é a ocorrência, singular, imprevisível; daí, a necessidade para o serviço de Polícia de minimizar a parte do tempo restrito e das servidões imperativas que impediriam de responder a ela. Os polícias testemunham amiúde essa particularidade de sua tarefa tomando de empréstimo a imagem do bombeiro (Reiner, 2004, p.49).

Reiner destaca o estatuto da *ocorrência*. Exterioridade, imprevisibilidade, prontidão para a resolver ou minimizar, são algumas características que refere. Nas rotinas do patrulhamento, as ocorrências são uma parte do problema, isto é, o patrulhamento tem em vista a segurança. O policiamento é tomado como sinónimo de segurança (Durão, 2008) e a segurança baseia-se na supressão do medo social. Quando as pessoas não saem à rua à noite porque têm medo, trata-se de falta de segurança pública. É certo que toda a acção policial tem como fontes possíveis uma solicitação dos particulares, seja pela apresentação de uma queixa, seja por uma interpelação em flagrante, uma ordem do Ministério Público ou uma determinação dos superiores hierárquicos. Não basta que seja *ocorrência*, é necessário que seja uma *ocorrência policial*.

O patrulheiro sabe quando uma ocorrência tem a natureza de policial. Ao longo da sua formação, adquirem conhecimentos técnicos, profissionais e éticos que lhes permitem não só reconhecer uma ocorrência policial, como dar-lhe o destino adequado.

«Todavia, continua a ser inegável que grande parte do trabalho que ocupa os agentes, as esquadras, se mantém no assegurar de ordens locais, morais e socialmente difusas das cidades» (Durão, 2008, p.480). A manutenção da ordem é a função por excelência da Polícia. Tal como refere L'Heuillet (2004, p.99) a manutenção da ordem é mais que uma função da Polícia, é uma ideia de política. A ordem é uma realidade indeterminada. Com efeito, manter a ordem pode ser praticar actos de assistência, simplesmente vigiar, prevenir, reprimir, deter. A ordem e a segurança são dois temas do mandato policial. A acção da Polícia faz com que as coisas estejam disponíveis para o bem

e reprime as coisas que estão em desordem. O patrulheiro, vigia e garante a segurança da farmácia da rua, mas reprime e detém os assaltantes apanhados em flagrante. Parece que estamos perante uma contradição: a Polícia protege e reprime. Não é nenhuma contradição porque actua em razão da ordem. Percepcionada como algo que deve ser mantida entendida como aquilo que deve ser «mantido». «A ordem é uma necessidade inerente a todas as sociedades que queiram não apenas prosperar mas tão simplesmente viver» (L'Heuillet, 2004, p.113).

Só pode estar ao serviço da ordem aquele que entender a natureza e o papel do policiamento, donde se depreende que a Polícia é um factor essencial para a ordem social. O policiamento consiste na eliminação do medo social. *Segurança* significa «acto ou efeito de segurar; serve para diminuir os riscos ou os perigos; aquilo que serve de base ou que dá estabilidade ou apoio» (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2011). *Ordem* significa «disposição conveniente; regularidade; disciplina; acto de indicar com autoridade de que modo se devem fazer ou dispor as coisas» (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2011). A terminologia faz crer que segurança é o fim e ordem o meio na actividade policial” (Durão, 2008).

Este conjunto de representações necessárias ao exercício da patrulha, pressupõe o conceito de autoridade. Esta é entendida como o correcto exercício do poder legítimo. De facto, quando o poder é exercido correctamente gera um ambiente de disciplina. Quando não há autoritarismo, prepotência, arrogância, há uma ambiente de ordem e de disciplina. Esta não se pode impor segundo uma mera imposição ou autoritarismo. Deve ser um corolário da autoridade.

A sociedade necessita de ordem e segurança, a fim de concretizar os seus fins. Para tal, surge no seu seio um mecanismo que denominamos por *controlo social*. A actuação deste controlo social faz-se através da *Lei* e da *autoridade*. São só meios gerais de que a sociedade dispõe para conseguir a necessária convergência das acções dos seus membros. A *Lei* constitui o princípio orientador das inteligências dos cidadãos em ordem à consecução do *bem comum*, enquanto a *autoridade* é o princípio orientador das vontades dos seus membros também para o mesmo fim.

«A disciplina assenta sobre um saber e não sobre um simples poder...A formação do indivíduo disciplinado é um treino preventivo...» (L'Heuillet, 2004, p.125). «A própria Polícia deve territorializar-se, quer dizer, não enraizar-se, mas descer em direcção ao microlocal» (L'Heuillet, 2004, p.166).

A Polícia é uma instituição incumbida de manter a ordem pública e a harmonia passa pelo cumprimento querido das normas imperativas. A Polícia actua como instituição organizada e estruturada, fazendo parte integrante da comunidade e na base da confiança e cooperação públicas.

Com o estudo da dimensão profissional referimo-nos ao trabalho em si, aos serviços desempenhados e às perspectivas de carreira policial. Tal como se depreende do estudo das anteriores dimensões, não é possível saber onde termina uma e começa a outra. Todas fazem parte do processo dialéctico que conduz a um resultado final, à execução do serviço policial, isto é, à patrulha. A actividade dos patrulheiros está sujeita ao interesse e exigência da sociedade a cuja protecção se destina, pois, a patrulha é o exercício de um serviço público a favor da comunidade. Os profissionais da patrulha têm uma carreira formalmente estabelecida, à qual têm acesso segundo as condições que a própria lei estabelece. Nesta profissão nada é linear, tudo é contingente. Há muitos factores que condicional não só o trabalho desempenhado, como o acesso à carreira: «A nossa responsabilidade familiar dá-nos calo para a responsabilidade profissional...dou mais importância à família» (E.1, p.83); «A lei limita a profissão» (E.3, p.109). Em certos casos, a carreira profissional é prejudicada: «Somos polícias, somos mães e em primeiro lugar está a vida pessoal e assim não compreendem quando metemos assistência» (E.7, p.144), e, principalmente, quando há filhos: «Logicamente que eu queria concorrer a subchefe, mas enquanto ele for pequenito, vou aguentar mais uns anitos» (E.9, p.164). Conciliar os aspectos negativos com os positivos das várias dimensões aqui apresentadas é um exercício nem sempre fácil de levar a bom fim. Os profissionais, dada a sua função, esperam mais e melhor, mas é no equilíbrio do que é bom e mau na sua profissão que reside o profissionalismo e a qualidade do serviço policial.

IV. CONCLUSÃO

O trabalho que apresentamos trata da problemática da identidade profissional. Investigámos como é que os polícias entrevistados percebem as várias dimensões do seu trabalho e como é que isso afecta as suas identidades profissionais, enquanto patrulheiros. Concluimos que à medida que os agentes interiorizam as tarefas da patrulha, vão cimentando a própria identidade da patrulha. O auto-reconhecimento e o reconhecimento pelos outros, no exercício das suas funções, conferem-lhe dados necessários à formação da identidade de patrulheiros. Incidimos sobre a patrulha porque quisemos compreender o lugar da patrulha no seio das dimensões estudadas.

No processo de interiorização, há uma assimilação cognitiva e afectiva da identidade da patrulha que vai gerando a identidade profissional.

Debruçámo-nos sobre a identidade, marcada por uma dualidade (biográfica e relacional) que se constrói na relação com o *outro*. Concluimos com as nossas investigações ser impossível separar o *eu* pessoal do *eu* profissional.

O método dialéctico ajudou-nos a perceber melhor esta realidade. A relação entre as várias dimensões é de natureza dialéctica. O seu movimento não aborda estas questões superficialmente. É, sobretudo, um movimento próprio, uma dinâmica interior que engloba na ideia características de realidades diferentes. A dialéctica do reconhecimento recíproco coloca as questões essenciais do auto-reconhecimento e do reconhecimento pelo outro. Ambas as questões pressupõem a faculdade da linguagem, imprescindível à criação de universos significativos. Daí falarmos que a identidade profissional contém em si não só elementos de natureza pessoal, como de natureza social.

Tratámos as várias dimensões das identidades dos polícias e investigámos como é que os polícias percebem as várias dimensões do seu trabalho, tendo presente como é que isso afecta a produção das suas identidades profissionais. Percebem-se a si próprios como colegas que se inter-ajudam, criando-se laços de solidariedade no interior da esquadra, ainda que já não seja de forma tão intensa como era há uns tempos.

Devido às funções que exerce, o patrulheiro tem de se relacionar com pessoas de diferentes etnias, géneros, culturas e estatutos sociais diferentes. Realiza-se como pessoa enquanto respeita as diferenças, percebe o que está errado e orienta-o para o bem comum. A patrulha proporciona a criação de ambientes de confiança e de respeito entre os patrulheiros e públicos relacionais. O patrulheiro consuma a sua dimensão pessoal ao orientar a sua acção para os valores, contribuindo para o enriquecimento colectivo.

A dimensão familiar influencia e é influenciada pelas relações profissionais. Qualquer que seja o tipo de família em que se viva, a responsabilidade familiar ajuda a suportar os horários desencontrados da patrulha e, por outro lado, o sentido profissional contribui para a consolidação da família, salientando-se, por vezes, que a dimensão familiar seja um obstáculo à progressão na carreira, nomeadamente, no caso da patrulheira entrevistada com um filho.

A desilusão em relação ao apoio que a Instituição/Organização dá à patrulha é um sentimento da maioria dos entrevistados. São eles que dão a cara e não sentem que sejam valorizados no seu trabalho. A patrulha é a base de tudo e a falta de apoio da instituição afecta-os na sua dimensão profissional, mas não obsta a que não cumpram os seus deveres de patrulheiros.

Em relação ao aparelho da Justiça e do Estado, os entrevistados manifestaram um sentimento de desconfiança e descrédito. À excepção de um deles, todos os demais nutrem um sentimento negativo. A própria justiça é sentida como injusta e apontam uma dualidade de critérios, isto é, os detidos são ouvidos e saem primeiro, enquanto que os patrulheiros saem depois e têm que fazer o expediente, por vezes, fora do horário de trabalho, sentindo-se afectados na sua dimensão institucional/organizacional

Das relações entre os entrevistados e o público, concluímos que a imagem que os cidadãos têm da polícia é positiva. À excepção de um dos entrevistados, todos referiram que a imagem é boa. Há cidadãos que têm uma imagem negativa da Polícia e isso deve-se ao trânsito. A autuação é a causa da perda da simpatia que possa haver antes da autuação. Os mais novos também têm uma imagem má da Polícia, enquanto que os mais idosos vêem-na positivamente.

Os entrevistados encaram a patrulha é vista como dissuasão, prevenção, entendimento e comunicação. Os primeiros a chegarem às ocorrências e entendem a patrulha como um método de segurança imprescindível não só para o funcionamento da instituição, mas também para a segurança das populações.

Concluímos que os patrulheiros percebem as várias dimensões do seu trabalho e como é que esse facto afecta a sua subjectividade, produzindo as suas identidades profissionais. De facto, os entrevistados representam o que é para si a patrulha, qual o lugar da patrulha no seio da Instituição/Organização e o que sentem acerca da imagem que a sociedade tem da Polícia. O verdadeiro lugar da patrulha é dissuasão, prevenção, não sendo apenas o andar por aí nas ruas, mas sim comunicar com a população. Relativamente à perspectiva do lugar da patrulha na organização, referem que o mesmo é discriminado,

como um serviço indesejado. Tendo por base os entrevistados, a patrulha é percebida pela organização como um serviço menor.

Por fim, da análise que efectuamos, constatamos que a dimensão institucional e organizacional influencia a dimensão profissional. A organização vive da representação de papéis, estatutos, códigos de comportamentos, sistemas de valores, ideologia e respectivos símbolos culturais. Acerca do conhecimento dos símbolos da organização, os entrevistados não sabiam bem como representá-los. A maioria não os representava sequer. Os entrevistados representam a organização no seu trabalho, ainda que não saibam representá-la com rigor e objectivação, mas a ideia que têm da Instituição é a necessária para serem influenciados na sua dimensão profissional.

SUGESTÕES

Relembrando neste espaço o que dissemos acerca do sociólogo LaPiere (1934), o comportamento dos Hotéis foi contrário à atitude inicial. Do trabalho que realizámos, parece ficar claro que, embora os comportamentos profissionais revelem profissionalismo, as atitudes vão no sentido contrário. Sente-se que a patrulha não é valorizada, que só está na patrulha quem não sabe fazer mais nada.

Propomos que se mude de atitude em relação à patrulha. Esta mudança implica criar novas ideias, sentimentos e comportamentos. Mudar não é fácil. É mais fácil vivermos os estereótipos, preconceitos, outras falsidades, dizer logo o que nos ocorre, o que nos vem à cabeça, do que analisar primeiro e falar depois. Acerca da patrulha há muito preconceito que é preciso destruir, desde logo na própria Instituição policial. Apoiar e dignificar a patrulha, munindo-a dos meios necessários e das reformulações que se impõem a nível dos horários, das transferências internas e não utilizar a patrulha para punir aqueles que noutros serviços não cumprem as suas obrigações, são medidas institucionais e políticas que urge tomar.

No actual desempenho das tarefas da patrulha, o período diurno e o período nocturno são considerados de modo igual em termos de horários. Não nos parece correcto tratar de modo igual coisas diferentes. Concretamente, como resultado da presente investigação, propomos uma estruturação diferente dos horários de modo a que haja mais horas de trabalho de dia em relação à noite. Assim, propomos os seguintes horários: das nove às dezassete, das dezassete às 24 Horas, das 24 horas às quatro horas e das quatro horas às nove horas. Os turnos diários teriam uma hora para almoço e jantar, desfasadas no tempo. Semanalmente, os patrulheiros realizariam uma média de trinta e seis horas.

BIBLIOGRAFIA

Livros

Bayley, D. H. 2006 (1985). *Padrões de Policiamento: Uma Análise Internacional Comparativa* (2ª ed.). (R. A. Belmonte, Trad.) São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

Berger, P. T., & Luckmann, T. 2010 (1966). *A construção social da realidade: um livro sobre a sociologia do conhecimento* (3ª ed.). (E. d. Carvalho, Trad.) Lisboa: Dinalivro.

Bittner, E. 2003 (1990). *Aspectos do Trabalho Policial*. (A. L. Pinheiro, Trad.) São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

Blin, J. F. (1997). *Représentations, pratiques et identités professionnelles*. Paris: L'Harmattan.

Bogdan, R., & Bilken, S. 1994 (1991). *Investigação Qualitativa em Educação*. (M. J. Alvarez, S. B. Santos, & T. M. Baptista, Trans.) Porto: Porto Editora.

Burns, T., & Stalker, G. M. (1961). *The Management of Innovation*. New York: Oxford University Press.

Carmo, H., & Ferreira, M. M. (1998). *Metodologia da investigação: Guia para Auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Châtelet, F. 1985 (1968). *O pensamento de Hegel* (2ª ed.). (L. d. Azevedo, Trad.) Viseu: Editorial Presença.

Clegg, S. (1998). *As organizações modernas*. Oeiras: Celta Editora.

Coreth, E. 1988 (1986). *O que é o Homem?* (M. d. Stiegeler, Trad.) Lisboa / São Paulo: Editorial Verbo.

Dubar, C. 2005 (2000). *A Socialização. A Construção das Identidades Sociais e Profissionais* (1ª ed.). (A. S. Silva, Trad.) São Paulo: Martins Fontes.

Durão, S. (2008). *Patrulha e Proximidade - Uma etnografia da Polícia em Lisboa*. Coimbra: Edições Almedina.

Estanqueiro, A. (1995). *Como lidar com as pessoas* (4ª ed.). Lisboa: Editorial Presença.

- Estrela, E., Soares, M. A., & Leitão, M. J. (2006). *Saber Escrever Uma Tese e Outros Textos* (4ª ed.). Lisboa: Dom Quixote.
- Ferreira, M. C. (1992). *Hegel e a justificação da Filosofia*. Lisboa: Estudos Gerais.
- Foucault, M. 2008 (1969). *A Arqueologia do Saber* (7ª ed.). (L. F. Neves, Trad.) Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Freud, S. (2001). *Textos essenciais da Psicanálise* (2ª ed., Vol. 3). (F. L. Castro, Ed., & I. Busse, Trad.) Nem Martins: Publicações Europa-América, lda.
- Freud, S. (2001). *Textos essenciais da Psicanálise* (Vol. 2). (I. Busse, Trad.) Nem Martins: Publicações Europa-América, lda.
- Giddens, A. (1991). *As Consequências da Modernidade*. (R. Fiker, Trad.) São Paulo: Editora UNESP.
- Giddens, A. 2004 (2001). *Sociologia* (4ª ed.). (A. Figueiredo, A. P. Baltazar, C. L. Silva, P. Matos, & V. Gil, Trans.) Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Goldstein, H. 2003 (1931). *Policiando uma Sociedade Livre*. (M. C. Marques, Trad.) São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Habermas, J. (1990). *Para a Reconstrução do Materialismo Histórico* (2ª ed.). (C. N. Coutinho, Trad.) São Paulo: Brasiliense.
- Habermas, J. 2010 (2009). *Teoria da Racionalidade e Teoria da Linguagem*. (L. Nahodil, Trad.) Lisboa: Edições 70.
- Hegel, G. W. (1992a). *Fenomenologia do Espírito: Parte I*. (P. Meneses, Trad.) Petrópolis: Editora Vozes.
- Hegel, G. W. (1992b). *Fenomenologia do Espírito: Parte II*. (P. Meneses, Trad.) Petrópolis: Editora Vozes.
- Hegel, G. W. (1986). *Principes de la philosophie du droit ou droit naturel et science de L'État en abrégé*. (R. Derathé, Trad.) Paris: Librairie Philosophique.
- Heinemann, F. 1993 (1963). *A Filosofia no século XX* (4ª ed.). (A. F. Morujão, Trad.) Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Laing, R. D. (1989). *O Eu e os outros: o relacionamento interpessoal* (7ª ed.). (A. B. Weissenberg, Trad.) Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- L'Heuillet, H. 2004 (2001). *Alta Polícia, Baixa Política: Uma abordagem histórica da Polícia* (1ª ed.). (L. Fonseca, Trad.) Cruz Quebrada: Editorial Notícias.
- Maisonneuve, J. (1974). *Os sentimentos*. (J. P. Andrade, Trad.) Lisboa: Edições 70.
- Monet, J.-C. 2006 (1986). *Polícias e Sociedades na Europa* (2ª ed.). (M. A. Barros, Trad.) São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Monjardet, D. 2003 (1996). *O que faz a Polícia: Sociologia da Força Pública*. (M. A. Barros, Trad.) São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Morin, E. (1991). *Os problemas do fim do século*. (C. Franco, Trad.) Lisboa: Editorial Notícias.
- Oliveira, M. d., Pais, M. J., & Cabrito, B. G. (1985). *Sociologia* (1ª ed.). Lisboa: Texto Editora.
- Percheron, A. (1974). *L'univers politique dès enfants*. Armand Colin.
- Perotti, A. (1997). *Apologia do Intercultural*. Lisboa: Secretariado Entreculturas.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. 2008 (1995). *Manual de Investigação em Ciências Sociais* (5ª ed.). (J. M. Marques, M. A. Mendes, & M. Carvalho, Trans.) Lisboa: Gradiva.
- Rawls, J. 1993 (1971). *Uma Teoria da Justiça* (1ª ed.). (C. P. Correia, Trad.) Lisboa: Editorial Presença.
- Reiner, R. 2004 (1992). *A Política da Polícia*. (J. C. Ghirotti, & M. C. Marques, Trans.) São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Reuss-Ianni, E. (1999). *Two Cultures of Policing*. New Jersey, New York: Transaction Publishers.
- Santo, P. d. (2010). *Introdução à Metodologia das Ciências Sociais*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Sarmiento, M. (2008). *Guia Prático sobre Metodologia Científica para a Elaboração, Escrita e Apresentação de Teses de Doutoramento, Dissertações de Mestrado e Trabalhos de Investigação Aplicada* (2ª ed.). Lisboa: Universidade Lusíada Editora.

Saussure, F. d. 1986 (1971). *Curso de Linguística Geral*. (C. Bally, A. Sechehaye, Edits., & J. V. Adragão, Trad.) Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Serrão, J., & Macedo, J. d. (Edits.). (1972). *Introdução à Filosofia e Psicologia* (9ª ed., Vol. I). Lisboa: Livraria Sá da Costa.

Silva, J. C. (1994). *A identidade roubada: Ensaio de Antropologia Social* (1ª ed.). (M. Carvalho, Trad.) Lisboa: Gradiva.

Skolnick, J. H., & Bayley, D. H. 2006 (1986). *Nova Polícia* (2ª ed.). (G. G. Souza, Trad.) São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

Skolnick, J. H., & Bayley, D. H. 2006 (1988). *Policimento Comunitário*. (A. L. Pinheiro, Trad.) São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

Skolnick, J. H., & Fyfe, J. J. (1994). *Above the Law - Police and the Excessive Use of Force*. New York: The Free Press.

Tonry, M., & Morris, N. (Edits.). 2003 (1992). *Policimento Moderno*. (J. C. Ghirotti, Trad.) São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

Vala, J., & Monteiro, M. B. (Edits.). (2010). *Psicologia Social* (8ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Teses

Sousa, Â. (2002). *Funções do patrulheiro : contributos para uma percepção das funções que desempenham os patrulheiros apeados*. Tese final de licenciatura, Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna, Lisboa, Portugal

Artigos Científicos

Bretas, M. L., & Poncioni, P. (1999). A Cultura Policial e o policial carioca. In D. C. Pandolfi, *Cidadania, Justiça e violência* (pp. 149-163). Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.

Chan, J. (2005). Changing police culture. In T. Newburn, *Policing: Key Readings* (pp. 338-362). Cullompton: Willan Publishing.

LaPiere, R. T. (1934). Attitudes vs. actions. *Social Forces* n.13 , pp. 230 - 237.

Maanen, J. V. (2005). The asshole. In T. Newburn, *Policing: Key Readings* (pp. 280-296). Cullompton: Willan Publishing.

Maia, J. (2003). Manhosos e heróis : contribuição para o estudo da identidade dos grupos dos polícias, dos criminosos e do cidadão comum. In *Polícia e Justiça* (Vol. III Série Nº 1, pp. 87-111). Coimbra: Coimbra Editora.

Moita, M. d. (1995). Percursos de formação e de transformação. In A. Nóvoa, *Vidas de professores* (pp. 111-140). Porto: Porto Editora.

Shearing, C., & Ericson, R. (2005). Culture as a figurative action. In T. Newburn, *Policing: Key Readings* (pp. 315-337). Cullompton: Willan Publishing.

Vieira, R. (1995). Mentalidades, Escola e Pedagogia Intercultural. In *Educação, Sociedade & Culturas nº4* (pp. 127 - 147). Porto: CIIIE/Edições Afrontamento.

Waddington, P. A. (2005). Police (canteen) sub-culture: an appreciation. In T. Newburn, *Policing: Key Readings* (pp. 364 - 385). Cullompton: Willan Publishing.

Diplomas Legais

Constituição da República Portuguesa, de 2 de Abril de 1976 - VII Revisão Constitucional - 2005

Sítios da Internet

Alves, I. (Novembro de 2007). *Cultura profissional e violência policial: uma discussão*. Obtido em 30 de Novembro de 2010, de Revista Estudos do Trabalho: <http://www.estudosdotrabalho.org/RevistaRET01.htm>

Castaño, F. J., Moyano, R., & Castillo, Á. (Janeiro - Abril de 1997). *La educación multicultural y el concepto de cultura*. Obtido em 10 de Novembro de 2010, de Organización de Estados Iberoamericanos: <http://www.oei.es/oeivirt/rie13a09.htm>

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. (2011). Obtido em 31 de Março de 2011, de <http://www.priberam.pt/dlpo>

Harrington, B., & Fine, G. (Fevereiro de 2006). *Where the Action Is: Small Groups & Recent Developments in Sociological Theory*. Obtido em 04 de Dezembro de 2010, de Max Planck Institute for the Study of Societies: <http://www.mpifg.de/people/bh/>

ANEXOS

ANEXO A

CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS ENTREVISTADOS

TABELA A1 - CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS ENTREVISTADOS

<p><u>ENTREVISTADO 1</u></p> <p>Categoria Profissional: Agente-Principal Anos na profissão: Mais de 20 Motivo da escolha: Carreira</p>	<p><u>ENTREVISTADO 2</u></p> <p>Categoria Profissional: Agente-Principal Anos na profissão: Mais de 20 Motivo da escolha: Carreira</p>
<p><u>ENTREVISTADO 3</u></p> <p>Categoria Profissional: Agente Anos na profissão: Menos de 5 Motivo da escolha: Etnia</p>	<p><u>ENTREVISTADO 4</u></p> <p>Categoria Profissional: Agente-Principal Anos na profissão: Mais de 20 Motivo da escolha: Etnia</p>
<p><u>ENTREVISTADO 5</u></p> <p>Categoria Profissional: Agente Anos na profissão: Entre 10 e 15 Motivo da escolha: Licenciatura</p>	<p><u>ENTREVISTADO 6</u></p> <p>Categoria Profissional: Agente Anos na profissão: Menos de 5 Motivo da escolha: Licenciatura</p>
<p><u>ENTREVISTADO 7</u></p> <p>Categoria Profissional: Agente Anos na profissão: Entre 5 e 10 Motivo da escolha: Mulher</p>	<p><u>ENTREVISTADO 8</u></p> <p>Categoria Profissional: Agente Anos na profissão: Entre 5 e 10 Motivo da escolha: Mulher</p>
<p><u>ENTREVISTADO 9</u></p> <p>Categoria Profissional: Agente-Principal Anos na profissão: Entre 10 e 15 Motivo da escolha: Proximidade</p>	<p><u>ENTREVISTADO 10</u></p> <p>Categoria Profissional: Agente Anos na profissão: Entre 5 e 10 Motivo da escolha: Proximidade</p>
<p><u>ENTREVISTADO 11</u></p> <p>Categoria Profissional: Agente Anos na profissão: Menos de 5 Motivo da escolha: Rural</p>	<p><u>ENTREVISTADO 12</u></p> <p>Categoria Profissional: Agente-Principal Anos na profissão: Entre 10 e 15 Motivo da escolha: Rural</p>
<p><u>ENTREVISTADO 13</u></p> <p>Categoria Profissional: Agente Anos na profissão: Entre 10 e 15 Motivo da escolha: Sindicato</p>	<p><u>ENTREVISTADO 14</u></p> <p>Categoria Profissional: Agente Anos na profissão: Entre 5 e 10 Motivo da escolha: Sindicato</p>

ANEXO B

GUIÃO DA ENTREVISTA

GUIÃO DA ENTREVISTA

Tema / Problema: Identidades e Culturas profissionais na Polícia

População Alvo: Agentes da PSP com funções de patrulha. Guião para catorze entrevistas a Agentes de diferentes escalões etários, com tempo de serviço variado e determinadas características pré-seleccionadas.

Âmbito / Natureza da Investigação: As representações dos Agentes da PSP relativamente à problemática da identidade profissional, circunscrita às funções de patrulheiro.

Objectivos Gerais:

- Percepcionar o papel da biografia e experiências sociais no desempenho da profissão policial (dimensão pessoal);
- Considerar a necessidade da instituição familiar para o equilíbrio emocional e afectivo no contexto da esquadra de Polícia (dimensão familiar);
- Conhecer as motivações acerca da profissão e averiguar como é que essas questões participam na construção da identidade profissional (dimensão profissional);
- Conhecer o modo como os polícias se vêem a si próprios, enquanto membros da Instituição policial (dimensão institucional/organizacional);
- Procurar as representações sociais que os polícias construíram acerca da Justiça e do Estado (dimensão sistémica);
- Indagar sobre a receptividade que os polícias colhem no seio dos cidadãos (dimensão local);
- Conhecer a *imagem* que os polícias formaram acerca do lugar da patrulha na sociedade portuguesa (dimensão societal);
- Identificar desejos e expectativas dos entrevistados para o desempenho da *patrulha*, no exercício da sua profissão;
- Averiguar as diversas dimensões para obter a imagem da patrulha.

TABELA A2 – GUIÃO DA ENTREVISTA POR BLOCOS TEMÁTICOS

Blocos Temáticos	Objectivos Específicos	Formulário de Questões	Tópicos
Bloco A	<p>Explicitar a entrevista</p> <p>Motivar os entrevistados</p>		<p>Informar os entrevistados sobre os objectivos da entrevista;</p> <p>Garantir o anonimato e confidencialidade dos dados a recolher;</p> <p>Sensibilizar os inquiridos para a importância das suas respostas, enquanto elementos essenciais para o presente trabalho;</p>
Bloco B	<p>Obter dados que permitam caracterizar o entrevistado quanto às suas motivações e expectativas profissionais</p>	<p>Solicitar ao entrevistado que explicithe as motivações:</p> <ul style="list-style-type: none"> - para o seu ingresso na PSP; - para a escolha da esquadra; - para a permanência ou não na esquadra onde trabalha. <p>Solicitar ao entrevistado que explicithe o seu percurso pessoal antes do concurso:</p> <ul style="list-style-type: none"> - origem; - estudos; - família. - grupo de amigos; - outros grupos (trabalho). <p>Solicitar ao entrevistado que explicithe as suas expectativas originais face à profissão.</p>	<p>Como se tornou Polícia? Porquê esta esquadra? Porque se mantém na mesma esquadra? Se mudaria de esquadra. O porquê?</p> <p>Relação com os mesmos</p> <p>Verificar estado de afectividade</p> <p>O que esperava da PSP do ponto de vista da actividade profissional?</p>

<p align="center">Bloco C</p>	<p>Obter dados que permitam compreender os processos que integram o processo de formação da identidade profissional</p>	<p>Percepcionar a relação ou o papel que a biografia desempenha na profissão (dimensão pessoal)</p> <p>Perceber como a família contribui para o equilíbrio emocional e afectivo na esquadra. (dimensão familiar)</p> <p>Averiguar o papel das questões motivacionais no desempenho profissional (dimensão profissional)</p> <p>Perceber a opinião sobre os outros e sobre a Organização. Saber a opinião sobre os outros. (dimensão institucional e organizacional)</p> <p>Representações / ideias que os polícias tem acerca da justiça e do Estado. (dimensão sistémica)</p> <p>Perceber a percepção do público face ao patrulheiro (dimensão local)</p> <p>Procurar ou determinar a imagem da patrulha através de perguntas feitas aos patrulheiros. (dimensão societal)</p>	<p>Considera que ser polícia é uma profissão para a vida ou uma ocupação? Explique</p> <p>O que é preciso para gerir a vida familiar sendo polícia? Pode dar exemplos?</p> <p>O que considera ser o melhor e o pior da vida policial? Ser polícia é um 'estilo de vida'? Explique.</p> <p>Como é que vê os pares? Superiores? Arvorado? A organização apoia o trabalho da patrulha? Identifica-se, profissionalmente, com o contexto em que trabalha?</p> <p>Como percepciona a justiça em Portugal? Dê exemplos concretos</p> <p>Como se dá com o público? Qual a imagem que pensa que têm de si?</p> <p>O que falta à patrulha? Como melhoraria este trabalho?</p>
<p align="center">Bloco D</p>	<p>Obter informações sobre as actividades desempenhadas pelo entrevistado no contexto da sua função</p> <p>Recolher dados que permitam identificar as concepções do entrevistado acerca das competências do polícia</p> <p>Obter elementos que possibilitem identificar as razões para permanência na patrulha e qual o lugar da patrulha na carreira</p>	<p>Solicitar ao entrevistado que refira tarefas específicas e próprias do patrulheiro</p> <p>Pedir ao entrevistado que se refira às competências requeridas para o exercício da sua função</p> <p>Pedir ao entrevistado que refira porque permanece na patrulha e se teve oportunidades para mudar</p>	<p>Como é o seu dia de trabalho numa esquadra?</p> <p>Quais as competências necessárias e essenciais para um patrulheiro desempenhar a sua função?</p> <p>Teve alguma vez oportunidade para sair da patrulha? Porque permanece nela?</p>

<p align="center">Bloco E</p>	<p>Obter elementos que possibilitem identificar dificuldades e problemas sentidos pelo entrevistado no decorrer da sua função</p> <p>Recolher dados que possibilitem identificar aspectos positivos da sua função</p> <p>Obter dados que permitam conhecer o modo como o entrevistado caracteriza a sua função</p> <p>Obter dados que permitam perceber a representação que o entrevistado tem do trabalho dos colegas</p>	<p>Solicitar ao entrevistado que refira quais as dificuldades / problemas experimentados no decorrer da sua função</p> <p>Inquirir o entrevistado acerca da satisfação no trabalho desenvolvido</p> <p>Pedir ao entrevistado para caracterizar a sua função</p> <p>Solicitar ao entrevistado que opine sobre a sua função</p> <p>Pedir ao entrevistado que se pronuncie acerca dos pareceres dos colegas sobre a função</p>	<p>Que tipo de problemas e/ou dificuldades são mais frequentes no decorrer da sua função?</p> <p>O que mais lhe agrada e satisfaz na sua função profissional?</p> <p>O que entende por patrulha? Sente que tem alguma autonomia ou acha que é obrigado a proceder sempre da mesma maneira?</p> <p>Pensa que as determinações superiores são todas para cumprir ou gostaria que houvesse mais imaginação na patrulha? Dê exemplos. Os polícias deveriam ser mais preventivos ou repressivos (mandato policial)?</p> <p>Os seus colegas partilham dessa opinião? A patrulha é valorizada e reconhecida no interior da esquadra? Quando conversa com os seus colegas acerca da patrulha, o que dizem?</p>
<p align="center">Bloco F</p>	<p>Obter dados que permitam perceber a noção de cultura policial do entrevistado.</p>	<p>Solicitar ao entrevistado que fale sobre determinados conceitos ligados à sua profissão.</p> <p>Pedir ao entrevistado que fale da percepção do desempenho da sua função.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - O que é ser polícia? - Quando empregamos o termo “cultura policial”, o que lhe vem à cabeça? - O que é para si característico da cultura profissional? -A que valores acha que os patrulheiros deveriam dar mais importância (convicções pessoais, familiares, profissionais, de carácter mais geral...)? - Quais são as principais características de um bom ou de uma boa patrulheiro(a)? - Considera que deveriam ou não existir mais colegas femininas a trabalhar na patrulha? Porquê?
<p align="center">Bloco G</p>	<p>Obter dados que permitam conhecer as expectativas do entrevistado</p>	<p>Solicitar ao entrevistado que fale dos desejos e expectativas que sinta no desempenho da patrulha</p>	<p>Como prevê o futuro da patrulha? E das esquadras ‘genéricas’? Qual o seu desejo?</p>

ANEXO C

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

ENTREVISTADO 1

Entrevistador: Gostaria de lhe agradecer pelo facto de ter acedido responder a esta entrevista. Desde já garanto-lhe a total confidencialidade das suas respostas e o anonimato desta entrevista. Em nenhum documento escrito surgirá a referência ao nome do Entrevistado, ao nome da esquadra, como dado possível de identificá-lo. Gostaria ainda de lhe dizer que é de fundamental importância todo o tipo de informação que me vier a transmitir, durante a entrevista, tendo em conta que o trabalho de investigação que irei realizar, no campo das identidades profissionais dos patrulheiros, depende essencialmente de todos os dados que eu vier a obter desta e de outras entrevistas. Gostaria que se sentisse completamente à vontade para responder com a máxima sinceridade àquilo que eu lhe vier a questionar no decorrer desta mesma entrevista. Posto isto, comecemos:

Entrevistador: Como é que se tornou Polícia?

Entrevistado: Estava desempregado, a determinada altura surgiu a hipótese através de um familiar que tinha um colega conhecido de me inscrever quando abrisse um concurso na PSP, foi assim que eu fiz. Entretanto arranjei trabalho na vida civil, só que depois apareceu o pedido para me deslocar ao estádio 1º de Maio em Lisboa para fazer as provas físicas para Polícia, eu vim naturalmente. Não posso dizer que foi tudo o eu sonhei, ser polícia foi tudo o que eu sonhei, não era propriamente isso, foi por ter uma actividade segura, em termos remuneratórios. Depois claro o bichinho vai aparecer, vamos criando muitas expectativas também e pronto cá aqui na polícia quase como de pára-quadras. Na altura quando fui fazer as provas já estava a trabalhar, fui passando todas as fases, os físicos, os psicotécnicos, passando todas essas fases. Sou sincero, sem ter de me esforçar muito por aí além, portanto estava a trabalhar, mas como fui passando, chegou a altura de decidir, mandaram-me uma carta com a data que eu ia entrar para Torres Novas, então aí fiz a opção entre o trabalho aonde estava e a Polícia. Pronto despedi-me de onde estava e ingressei na polícia, desde daí cá estou.

Entrevistador: O principal objectivo era então estabilidade profissional.

Entrevistado: Sim exactamente, era estabilidade profissional.

Entrevistador: Então antes de concorrer terminou os estudos?

Entrevistado: Sim, os estudo que tenho é 11º ano de escolaridade. O 11º tenho-o completo, andei no 12º ano mas só completei só a Matemática, na altura ingressei no 12º simultaneamente com a minha estada na marinha. Estive na marinha, tive cerca de dois anos e como estava perto de casa aproveitei para estudar, então inscrevi-me no 12º à noite mas só completei a Matemática, depois acabou a marinha e também acabou a vontade de andar na escola.

Entrevistador: Quando acabou os estudos foi para a Marinha, foi por vontade própria?

Entrevistado: Quando acabei os estudos fui para a marinha no seguimento do regime militar obrigatório que havia na altura. Fui para a marinha por casualidade, aqui da zona X éramos à volta dos sessenta os aptos para ir para as forças armadas, desses fui o único a ir para a marinha desta zona. No inicio pensei que fosse alguma coisas contra a minha pessoa mas depois foi exactamente o contrário, ir para a marinha foi das melhores coisas que aconteceu, mas apesar de gostar bastante daquilo decidi não ficar. Depois acabei os estudos esperei cerca de um ano, ingressei na marinha, entretanto arranjei uma ocupação só mesmo para ocupar aquele espaço de tempo entre o terminar os estudos e o serviço militar obrigatório, depois de vir do serviço militar obrigatório procurei então trabalho e foi nessa altura que apareciam trabalhos ocasionais, apenas de meses. Foi quando me inscrevi na Polícia, entretanto surgiu uma coisa mais fixa, e estava nesse emprego quando decidi ir para a polícia.

Entrevistador: Quando estava na marinha e decidiu sair foi por alguma razão em específico?

Entrevistado: Não. Uma das coisas me passou na altura pela cabeça foi, agora vou continuar aqui fardado... era mais por seguir uma profissão e que andava sempre fardado, apesar de ser motorista na marinha e não andava sempre fardado, só andava quando era motorista de dia... mas talvez fruto da minha juventude na altura, saí porque pensava em ter de andar fardado. Ironia do destino vir parar à polícia. Quando somos novos pensamos de uma maneira mas a vida vai empurrando para outras formas de pensar. Devido a isso optei pela polícia, apesar de ter continuar fardado como na

altura não queria. A vida leva-nos a pensar duas vezes nas coisas que nos temos como adquiridas.

Entrevistador: Quanto tempo levou desde a saída da marinha ate à entrada na PSP?

Entrevistado: Cerca de 1 ano e meio a dois anos.

Entrevistador: Aonde foi colocado quando terminou o curso na PSP?

Entrevistado: A minha primeira esquadra foi logo no centro de Lisboa. Após terminar o curso, a minha colocação permitiu-me escolher aonde era colocado. Escolhi de Lisboa porque sou daqui, mas também não quis ficar demasiado perto de casa por isso escolhi a Praça do Comércio, a minha primeira área foi Praça do Comércio, Mouraria e Intendente, estive lá ainda alguns 3 a 4 meses. Depois surgiu oportunidade de permutar com um colega que estava com esquadra aonde estou hoje, mais perto da minha casa e mais uma vez voltei atrás do que tinha pensado e voltei para perto de casa. Deveu-se ao facto do tempo que demorava para me deslocar de casa para o trabalho, perdia muito tempo como não tinha viatura própria tinha que ir de transportes. Surgiu a oportunidade de trocar com um colega que queria ir para a esquadra aonde eu estava porque também era mais perto da casa dele. Como tal fez-se a permuta directa, que foi-nos concedida. Ou seja a partir de cerca de 4 meses de serviço fui colocado mais perto de casa, estive aqui quatro anos depois fui para as instalações da divisão. Depois houve uma reestruturação e os elementos que lá estavam foram colocados nas esquadras de origem e assim voltei à mesma para esta esquadra. Isto foi mais ou menos em 2004 2005, desde daí que continuo nesta esquadra, que é a esquadra do coração, pois já era a área do coração desde pequenino foi habituado a esta área.

Entrevistador: Depois do curso, quando foi colocado no primeiro local de trabalho, o que esperava da PSP a nível operacional?

Entrevistado: Talvez devido à idade, talvez o que vemos nos filmes, a busca da verdade, busca de defender o outro, era basicamente o que procurava, comecei numa zona com algum grau de dificuldade, tinha alguma dificuldade principalmente nas noites e procurava a protecção dos outros, o ser útil para a sociedade, basicamente era isso que procurava - proteger os outros e ser útil para a sociedade.

Entrevistador: Como é que foram os seus primeiros dias passados na esquadra?

Entrevistado: É complicado, foram complicados no ponto de vista de me sentir um pouco deslocado, apesar de cerca de 6 meses passados na escola de polícia não é a mesma coisa que a realidade da polícia. Nós aprendemos alguma teoria naquela altura e depois vínhamos para as esquadras e víamos a realidade ligeiramente diferente de algumas coisas que tínhamos aprendido na escola e depois fazíamos, andávamos uns meses com colegas mais velhos, no entanto também não estavam lá à muito mais tempo, só estavam lá à cerca de 6 meses, também não tinham muita experiencia como eu, por isso foi uma adaptação não muito fácil mas também me deu bases para depois. Foi um começo difícil, foram momentos com alguma complexidade em termos de ajustar a teoria à prática que nos aparecia

Entrevistador: O que aprendeu na EPP tem aplicabilidade na patrulha?

Entrevistado: Têm, muitas coisas têm, com alguns ajustes nas situações mas as bases é aquilo que aprendemos na EPP, depois temos que adaptar as diversas situações.

Entrevistador: Quando chegou à esquadra como é que foi recebido pelos seus colegas mais velhos, com mais experiência.

Entrevistado: As coisas mudam, pelos menos eu tento receber agora de uma forma diferente da qual fui recebido pois fui recebido com uma certa desconfiança por alguns, pelos os mais velhos, aqueles com cerca de 6 meses a um ano de polícia, faziam uma recepção normal, aqueles meus colegas com mais alguma idade recebiam mais com o pé atrás, agora vem este maçarico para aqui, o que ele quererá... vai ver algumas coisas que a gente faça e vai contar alguém, era essa a sensação que tinha ao início, mas felizmente foi-se desvanecendo. Nisso posso falar por mim, não faço isso nessa maneira com os colegas que recebo agora, tratos de igual modo, tenho mais anos que deles de polícias mas não deixam de ser como eu. Recebo-os normalmente, mas senti naquela altura pelos colegas com mais idade um certo fechar, cortar a aproximação, deixar-nos um bocado à parte, até passar alguns meses e perceberem que podiam estar à vontade connosco, então depois já era mais fácil o trato.

Entrevistador: Foi Militar na marinha, quando vestia a farda o que é que sentia?

Entrevistado: Sentia-me bem, gostava bastante de estar na marinha, tinha a ver com o relacionamento entre os marinheiros e mesmos com os comandantes. Na marinha não há tanta distinção entre superiores em termos de trato interno, há um tratamento homogéneo, o praça não considera que é um elemento mais baixo da pirâmide, é quase tratado por igual. Tratava-mos por Sr. Comandante ou Sr. Grumete, enquanto noutros quartéis que tive possibilidade de me deslocar via-se com facilidade o escalonamento das posições hierárquicas, um Sargento ou Tenente falava para um soldado ou um praça com uma diferença enorme. Na marinha eu não assistia a isso, existia um trato muito linear, é uma das razões que me fez e faz gostar da marinha e defender a marinha em tudo o que é sitio. Sentia-me bem cada vez que vestia as peças da marinha, sinto um prazer enorme em ter pertencido aquela casa.

Entrevistador: Quando ingressou na escola e vestiu a farda o que é que sentiu?

Entrevistado: Ao princípio, como me tinha afastado a ideia de andar de farda, então na escola os primeiros dias o andar fardado foi complicado, pus até em causa o continuar lá na escola, depois lá me sentei num canto na escola a pensar que era isto que queria é isto que segue, depois senti-me bem, depois do choque inicial do facto de ter já visto na marinha e depois passar uns tempos tornar a vestir uma farda, foi um choque mental mas depois ultrapassei. Senti-me bem com a farda da polícia, da escola, assim como me sinto bem com a farda que agora tenho e não ponho em causa tirá-la.

Entrevistador: Teve essa sensação dentro da escola, quando chegou cá fora á esquadra, vestir a farda e andar com ela na rua sentiu diferenças?

Entrevistado: Não, não senti diferença nenhuma, claro que é uma responsabilidade diferente, fazemos parte da sociedade de uma maneira diferente, temos um outro papel na sociedade. Quer queiramos ou não, não somos um cidadão vulgar, um cidadão comum, temos responsabilidades inerentes ao nosso cargo, mas levei com bastante tranquilidade, mesmo sendo um ambiente às vezes hostil, aquela zona X era um bocadinho hostil principalmente à noite mas não senti qualquer problema em andar com a farda da polícia na rua.

Entrevistador: O seu primeiro turno foi sozinho ou acompanhado?

Entrevistado: Foi acompanhado.

Entrevistador: Com um colega com mais experiência ou não?

Entrevistado: Por um colega com 6 meses de experiência. Tinha sido da escola anterior à minha, mas foi um turno que se passou muito bem. Nesse primeiro turno eu ainda não tinha arma, fui desarmado, no segundo turno tinha arma mas não tinha munições e por acaso o primeiro turno passou-se muito bem, mas o segundo turno na Rua Y perto da meia-noiteouve uma situação mais duvidosa com uma colega que tinha 6 meses de serviço. Fomos contactados por um casal toxicod dependente, o homem disse logo que era portador do vírus da sida, vinha-nos comunicar que num edifício daquela rua estava lá uma pessoa, que parecia ser uma rapariga, que eles lhe tocaram mas ela não se mexeu e se calhar podia estar morta. Não foi fácil. Dirigimo-nos ao local, tendo em conta a zona problemática que era e ser meia-noite, eu não tinha munições e a colega que estava comigo sabia, como tal passou-me 3 munições das dela para colocar na minha arma, que era para eu não ter ali só uma arma de arremesso. Foi talvez a situação que mexeu mais comigo, já passou 20 anos e eu lembro-me de tudo como se fosse agora, a primeira vez fica-nos sempre na cabeça. Entrámos no edifício abandonado, as escadas rangiam, quase caíam a meio, não havia janelas, vento por todo o lado e lá numa sala escondida encontramos o corpo, era uma rapariga ainda com a seringa posta no braço. Não havia iluminação, tivemos que ir com um isqueiro. Eu não fumo, a colega é que tinha um isqueiro. A partir dessa altura mesmo não fumando ando sempre com um isqueiro no bolso. O moço, o toxicod dependente é que também tinha um isqueiro. Foi com base nos isqueiro que se ia apagando com as correntes de ar que nós entramos por ali adentro, os quatro, se calhar eu numa situação com alguma perigosidade a fazer agora se calhar não fazia da mesma maneira, porque nós não sabíamos quem era aquele casal. Eu não tinha experiencia nenhuma ela tinha 6 meses, mas lá fomos e correu bem felizmente. Identificámos a situação, demos uns toques nela, já cadáver não respondeu, viemos cá para fora e comunicámos, apareceram mais colegas, apareceram os bombeiros, tratámos da situação, mas fruto da

nossa inexperiência, eu agora não fazia daquela maneira, assim com um colega mais novo entrar por ali a dentro...

Entrevistador: Qual é a sua situação actual nesta esquadra?

Entrevistado: Sou agente no activo, pertenço a equipas de PIPP, Policiamento Integrado de Proximidade. Faço parte da EPAV uma Equipa de Apoio à Vítima e faço o serviço normal, além do PIPP faço um serviço normal numa esquadra.

Entrevistador: Faz o que gostaria de fazer.

Entrevistado: Sim, gosto do que faço.

Entrevistador: Porque se mantém nesta esquadra?

Entrevistado: Gosto muito da área onde está localizada, é a área onde eu nasci que eu conheço desde criança, era para aqui que vinha brincar, jogar à bola em adolescente, que eu fugi de colegas meus aqui da esquadra quando andava a jogar no jardim e na era permitido. Houve uns que ficaram-me com algumas bolas. Ainda vim a encontrar algumas bolas aqui na esquadra. É uma esquadra que para mim tem um historial muito grande, estou numa área que eu gosto, apesar de eu morar agora um bocadinho mais longe e de já ter tido hipótese de ir para mais perto de casa, mas não largo esta área. Outra razão também muito importante é a camaradagem que existe aqui na esquadra principalmente no grupo aonde estou inserido, nos PIPP. Há uma camaradagem muito grande, uma cumplicidade muito grande entre todos os elementos que faz com que me sinta aqui bem e não queira mudar de esquadra, não prevejo mudança de esquadra pelo menos nos próximos 20 a 30 anos.

Entrevistador: O que faz nesta esquadra que lhe agrada fazer e que o mantém nessas funções?

Entrevistado: O que me mantém nestas funções é o apoio aos mais necessitados, como aos idosos que estão sozinhos, sem familiares e os encaminhamos para as associações que lhes podem dar apoios. É o apoio principalmente à sociedade, aos mais carenciados que me mantém aqui neste policiamento.

Entrevistador: Em termos de trabalho que aqui desenvolve, não haverá eventualmente outras esquadras onde o trabalho lhe poderia agradar mais?

Entrevistado: Penso que não. Para desenvolver esse trabalho, o factor local que me agrada é preponderante por isso não me vejo a fazer este serviço numa outra esquadra.

Entrevistador: Você nasceu aqui, tem a sua família e grupo de amigos aqui... Como era a sua relação com todos eles?

Entrevistado: Era óptima, não tenho nenhum problema com amigos nem com os familiares, estamos todos aqui perto. Um dos factores que me levou quando sai da EPP em escolher um local não muito perto de casa, não foi propriamente os amigos mas as pessoas conhecidas. Como nasci aqui e conhecia muitas pessoas, essas pessoas poderiam fazer-se de amigos por eu estar na polícia naquela área de residência. Depois de amadurecida a ideia e como um grande amigo me disse uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa, são duas coisas diferentes, eu entendi que eu posso estar junto de casa, que é o melhor para mim, estou num espaço conhecido e tenho que separar os conhecidos do serviço. Em termos de amigos e familiares nunca tive problemas, não me recordo de nenhum serviço que envolva os amigos e do que conheço dos meus amigos e familiares mesmo que houvesse alguma situação que os envolvesse, eles iriam separar as coisas, sabem como tratar comigo como agente da PSP e como tratar como amigo.

Entrevistador: Considera que ser polícia é uma profissão para a vida ou uma ocupação?

Entrevistado: É uma profissão para a vida, vejo uma ocupação como uma actividade que nós temos durante um certo tempo. Não consigo perceber que se veja o ser polícia como uma ocupação, só se tivermos na polícia sem vontade nenhuma, em que só nos apetece é chegar aqui fazermos as nossas horinhas de serviço e depois ir embora, esquecermos o que nos rodeia quando não estamos a exercer a profissão. Eu não consigo conceber isso assim, eu estou efectivamente de serviço nas minhas horas de serviço mas depois de sair, apesar de ser um civil, não deixo de ser polícia, se vir que tenho de actuar em alguma situação, eu actuo nem que seja só para apaziguar, sem ter que me identificar como polícia, mas tentando acalmar os ânimos, ou dependendo da gravidade da situação, identificar-me mesmo como agente da PSP e tentar resolver a situação. Não consigo passar ao lado de uma situação e pensar não faço porque não estou

fardado, por isso não entendo como uma ocupação mas sim como uma profissão para a vida.

Entrevistador: O que é preciso para gerir a vida familiar sendo polícia?

Entrevistado: É preciso muita boa vontade, muita compreensão, em termos de casal. No meu caso a esposa tem que ter muita compreensão, muita paciência em termo de horários porque nós temos horários rotativos, temos dias em que temos serviço à noite e a esposa gostava que tivéssemos em casa ou para auxiliar alguma coisa com os miúdos ou simplesmente porque é de noite. Se todos os outros casais estão em casa à noite porque nós não estamos? Basicamente é isso, muita compressão e paciência mútua.

Entrevistador: O que a sua mulher pensa do facto de você ser patrulheiro?

Entrevistado: Ao princípio não era profissão que ela gostasse, se calhar se eu agora chegasse a casa e disse-se que ia meter os papéis para me ir embora, era a melhor notícia que eu lhe dava, que tinha de ir para outra profissão, isto por causa do perigo a que estamos sujeitos, também pelo horários mas mais pelo perigo. Ela agora já se acomodou mais à ideia de ter que aturar o polícia para o resto da vida.

Entrevistador: O sentido de responsabilidade em relação à família contribui ou prejudica o sentido profissional?

Entrevistado: São coisas diferentes, talvez nos dê bases para o nosso sentido de responsabilidade no trabalho. A nossa responsabilidade familiar dá-nos calo para a nossa responsabilidade profissional e a responsabilidade profissional dá-nos calo para a responsabilidade familiar. Eu tento separar a vida familiar da vida do trabalho. Tento não trazer a família para a profissão e a profissão para a família, mas complementam-se e não interferem uma na outra.

Entrevistador: Dá mais importância á família ou só pensa no trabalho?

Entrevistado: Não sou daqueles que só pensa no trabalho, dou bastante importância à minha família. Quando estou com a família dou mais importância à família, quando estou a trabalhar não desligo da família porque eles fazem parte de mim. Mas quando estou a trabalhar estou a trabalhar, quando estou no descanso não desligo do trabalho porque é a minha profissão mas estou dado à família.

Entrevistador: Como é que ocupa o seu tempo livre?

Entrevistado: Sou mais caseiro, não sou muito dado a ginásios, o meu tempo livre é ocupado principalmente na brincadeira com os miúdos., tenho três filhos. Quer seja em casa ou na rua dispenso muito tempo com eles, vejo filmes com eles, também aproveito para ler durante os transportes que é quando tenho tempo só para mim, basicamente é isso. Um dos miúdos é pequenino e ocupa muito tempo.

Entrevistador: O que é que considera ser o melhor e o pior da vida profissional?

Entrevistado: O melhor é os resultados positivos que vamos conseguindo, mesmo aqueles que não são escritos que não resultam em expediente escrito, mas aqueles que foram solucionados na ocasião e não houve necessidade de fazer qualquer tipo de expediente, mas que foram solucionados positivamente. Os negativos são aqueles que não se conseguiu solucionar, que resultaram de forma negativa.

Entrevistador: Ser polícia é um estilo de vida?

Entrevistado: Não vejo como estilo de vida, é uma forma de viver, é uma actividade profissional.

Entrevistador: O que é que acha da sua função social?

Entrevistado: Acho que é bastante importante, a minha função como PIPP e como polícia é fundamental.

Entrevistador: Como é que vê os seus colegas?

Entrevistado: Vejo-os como amigos, muito até quase como irmãos.

Entrevistador: Pensa que a sua relação com seus colegas e próprio ambiente na esquadra é mais importante do que o próprio tipo de trabalho que se tem de fazer na esquadra?

Entrevistado: Não será mais importante que o trabalho, mas é bastante importante para esse trabalho correr melhor, nos sentirmos mais à vontade para o fazer. Eu entendo assim, quanto melhor é o relacionamento na esquadra entre todos, melhor correr o serviço. Sempre me foi inculcido o lema dos mosqueteiros, em situações de rua tenho que contar com o meu colega e o meu colega contar comigo. Tem de haver um entrosamento em termos profissionais e em termos pessoais, depois do trabalho encontros esporádicos... tudo isto faz com que o trabalho corra muito melhor.

Entrevistador: Como é a sua relação com os seus superiores?

Entrevistado: Visto do meu lado eu entendo que é boa, sempre fui ensinado a tratar bem o meu superior hierárquico, com respeito, mesmo se fosse mais novo, sempre tive um bom relacionamento com todos os meus superiores hierárquicos quer eles sejam comandantes directos ou não.

Entrevistador: A relação com todos estes elementos que temos vindo a falar acha que facilita a vivência colectiva dentro da esquadra?

Entrevistado: Claro, é funcionar como uma equipa. Uma equipa para funcionar bem, todos têm de se conhecer, todos têm de se relacionar positivamente, porque basta um não se relacionar bem com um ou outro, já a equipa não joga bem. Têm de estar todos a puxar pelo mesmo lado. O serviço correrá sempre melhor se todos se entenderem. Claro que tem respeitar as posições hierárquicas, respeitando essas posições, o serviço e os relacionamentos dentro e fora de serviço leva a que todos se dêem bem e que o serviço corre muito melhor.

Entrevistador: Sente que a organização apoia o trabalho da patrulha?

Entrevistado: Acho que podíamos ser muito mais apoiados. Os patrulheiros são quem dá a cara pela polícia, quem primeiro leva o impacto da população, quem aparece primeiro nas ocorrências, quem tem o primeiro contacto nas situações. Penso que podiam ser mais apoiados pelos superiores hierárquicos e não só.

Entrevistador: Como é que percebe a justiça em Portugal?

Entrevistado: A justiça em Portugal em certas situações é um pouco injusta. Ainda existe algumas injustiças na nossa justiça. Certas decisões que são tomadas pelos juízes baseadas nas leis que temos, se calhar será a lei que não é tão maleável como devia ser em determinadas situações. Na justiça a lei devia se adequar melhor a cada caso. Certas decisões têm de ser apoiadas na lei e não é assim tão linear. Devia de ser mais flexível... Os detidos saem primeiro que nós do Tribunal. É cega.

Entrevistador: Como é que se dá com o público?

Entrevistado: Dou-me muito bem

Entrevistador: Qual a imagem que têm de si?

Entrevistado: Eu acho que é boa, gosto muito do contacto com o público. Tento ser cordial e atencioso no trato com o público. A percepção que tenho é que é boa.

Entrevistador: De todas as suas relações sociais que estabelece como é que se vê no meio delas?

Entrevistado: Não me vejo como o centro das atenções, vejo-me como igual, numa relação de igual para igual.

Entrevistador: Como é que sente e pensa a imagem que a população tem da própria polícia?

Entrevistado: Já tive pessoas que me disseram bem e mal da polícia. No início, quando vim para a polícia em 1991/1992, existia a imagem do polícia barrigudo com chapéu de lado e quase que maltratava as pessoas só por elas pedirem uma informação qualquer. Isso tem vindo a evoluir, na maneira como as pessoas comentam a nossa atitude. Agora os elementos policiais têm mais nível de instrução, as queixas da população em relação à polícia diminuem, as pessoas tem uma visão muito melhor da polícia do que o tempo que entrei para a polícia. Os comentários que ouvia naquela altura são diferentes dos comentários de agora. Antigamente parecia que a polícia estava posta à parte, não havia uma ligação entre sociedade e a polícia, que agora há, talvez devido também a estes policiamentos de proximidade, contribui bastante, em que há uma relação maior entre as várias instituições que operam na sociedade, há uma maior ligação nossa com as actividades que eles exercem. Há conhecimento por parte das instituições do trabalho da polícia. A polícia agora esta muito mais humana, esta muito mais ligada à sociedade, há uma ligação entre polícia e sociedade.

Entrevistador: O que faz falta à patrulha, o que melhoraria esse trabalho?

Entrevistado: Talvez mais apoio, não tanto em termos monetários mas em termos de material, de carros e principalmente apoio nas coisas que fazem, quando tiverem que fazer expedientes nas coisas que fazem, receberem mais apoio nas acções que têm de tomar, na intenção de quando fazem o expediente não poderem estar a cometer alguma irregularidade que depois quando o expediente for analisado irá ser corrigido, mas ser apoiados em primeira instância.

Entrevistador: Para sim qual é o verdadeiro trabalho na patrulha?

Entrevistado: Um dos primeiros é a dissuasão e a prevenção. O patrulheiro é um elemento dissuasor de criminalidade que acontece.

Entrevistador: Como é o seu dia de trabalho na esquadra?

Entrevistado: Dar a minha entrada ao graduado de serviço, comunicar a minha entrada á central rádio, se estiver algum serviço pendente anterior ou da equipa anterior é dar seguimento a esse expediente, se não estiver nada pendente é deslocar-me na minha área de serviço, contactar com os comerciantes, saber se está tudo bem ou não, deslocar-me as instituições e tentar saber se precisão de ajuda.

Entrevistador: Que ocorrências é que poderão acontecer?

Entrevistado: Idosos que estejam perdidos, uma assistente social que precise de apoio a uma visita domiciliária, algum assaltam que poderá acontecer e que tenhamos que actuar.

Entrevistador: Este serviço é do seu agrado?

Entrevistado: Sim é, gosto muito do contacto com o público, gosto do que faço.

Entrevistador: Digamos que há serviços mais fáceis e mais agradáveis que outros?

Entrevistado: Sim, uma reunião com assistentes sociais sempre é mais agradável do que uma nota de arrolamento ou uma abertura de porta com alguém caído no interior. Há serviços mais chatos de fazer e outros mais agradáveis.

Entrevistador: O serviço de rua, às vezes é um pouco aborrecido, concorda?

Entrevistado: Eu não entendo o serviço de rua como monótono nem chato, o serviço de patrulha, andar nas ruas não é chato pois encontramos situações diferentes no dia-a-dia.

Entrevistador: O que é que incentiva mais nesta profissão?

Entrevistado: O relacionamento com o público, o facto de sermos úteis, conseguirmos solucionar problemas, prestarmos apoio e protecção à sociedade.

Entrevistador: Encontra na esquadra uma estratégia de ajustamento profissional?

Entrevistado: Sim, acho que há um bom ajustamento profissional, os novos elementos são bem recebidos e bem acompanhados, eu falo pessoalmente tento que isso aconteça.

Entrevistador: Acha que existe solidariedade no interior da esquadra e afastamento em relação ao exterior?

Entrevistado: Não, penso até que poderíamos ser mais unidos, não em relação ao meu grupo, mas em relação a todos os elementos da esquadra, mas não sinto que exista um afastamento da sociedade onde estamos inseridos, a nossa área principalmente.

Entrevistador: O que é que lhe parece ser mais importante na patrulha os saberes técnico-práticos ou o bom senso policial?

Entrevistado: Os dois, numa situação é necessário um, numa outra situação é mais necessário o outro, são os dois necessários.

Entrevistador: Quais são as competências necessárias para um patrulheiro desempenhar a sua função?

Entrevistado: Perspicácia e atenção em algumas situações, afabilidade para lidar com as pessoas.

Entrevistador: Já teve oportunidade para sair da patrulha, porque permaneceu nela?

Entrevistado: Porque gosto, sim já tive mais de que uma vez oportunidade de sair.,Mas não me vejo, por enquanto, sentado muito tempo atrás de uma secretária, gosto bastante do contacto com as pessoas, do andar na rua. Não quero perder o contacto com o público. Nos próximos tempos só me vejo na patrulha.

Entrevistador: Imagine que tinha agora a oportunidade de sair da polícia e ir para outra profissão, aceitava?

Entrevistado: Depende do que me fosse proposto, mas se calhar não, eu tinha que pensar muito bem, o contacto com o público e o relacionamento que tenho com o grupo que trabalho contam muito, seguram-me a esta profissão. Passados estes anos todos não saio da Polícia.

Entrevistador: Encontra sentido para o desempenho das suas tarefas?

Entrevistado: Sim, o sentido do apoio ao outro, do apoio à comunidade.

Entrevistador: O que é que entende por patrulha?

Entrevistado: Patrulha é o elemento policial que patrulha as áreas, as ruas da sua área de serviço, o patrulheiro não é só andar por ali na rua, o patrulheiro é aquele que estabelece contactos com os moradores naquelas área, com os comerciantes com o intuito de saber o que está errado, porque elas é que moram lá e percebem coisas que acontecem a horas que nós não estamos lá. A patrulha é exactamente a recolha de informação de alguma situação menos correcta, ou susceptível de ser alterado naquela zona de patrulhamento.

Entrevistador: Acha que é valorada no interior da esquadra?

Entrevistado: Podia ser mais valorizada. Porque é a cara da esquadra e da Polícia.

Entrevistador: Pensa noutros métodos de policiamento?

Entrevistado: Não. Penso que a patrulha, contacto com a população é o melhor policiamento.

Entrevistador: Sente que tem alguma autonomia ou acha que é obrigado a proceder sempre da mesma maneira?

Entrevistado: Sinto que tenho autonomia. Tenho autonomia e maleável, depende das situações.

Entrevistador: Os polícias deveriam ser mais preventivos ou repressivos?

Entrevistado: Devem ser mais preventivos para evitar situações de repressão.

Entrevistador: O que é ser polícia?

Entrevistado: Representar do Estado, da Segurança que o Estado dá aos cidadãos. Para mim ser polícia é perceber o que há de errado na sociedade e encaminhar para a resolução.

Entrevistador: Concorde com a afirmação de que os polícias patrulheiros em grande parte se limitam a assegurar a ordem local? O que tem a dizer sobre isso?

Entrevistado: Não. Tem o facto preventivo, mas acho que tem mais recolha de informação para tratamento é o que há de mais benéfico e é o patrulheiro que trás essa informação

Entrevistador: As funções da patrulha serão só visibilidade? Será mesmo preciso reinventar o papel da patrulha?

Entrevistado: Não. É recolha de informação para que se possa agir posteriormente

Entrevistador: Qual a relação patrulheiro – esquadra? Acha que é uma relação de complementaridade, isto é, sem a esquadra o patrulheiro não se orienta e a esquadra sem o patrulheiro não funciona?

Entrevistado: A patrulha depende da esquadra. Complementam-se. Tem que haver um superior. A esquadra depende do patrulheiro porque tem de trazer informação, mas o patrulheiro também depende da esquadra para receber instruções.

Entrevistador: A que valores acha que os patrulheiros deveriam dar mais importância?

Entrevistado: Relacionamento com a sociedade em que estão inseridos.

Entrevistador: Considera que deveriam ou não existir mais colegas femininas a trabalhar na patrulha?

Entrevistado: Sim, a sociedade aceita-nos melhor. Quando vêem um casal parece-nos que recepcionam de maneira diferente, positivamente.

Entrevistador: Como prevê o futuro da patrulha? E das esquadras “genéricas”?

Entrevistado: Nunca acabará. Continuará sempre a haver patrulha porque está mais perto da sociedade.

Entrevistador: Qual o seu desejo para o futuro?

Entrevistado: Como até agora, sem problema muito grave é o maior desejo que tenho.

ENTREVISTADO 2

Entrevistador: Gostaria de lhe agradecer pelo facto de ter acedido responder a esta entrevista. Desde já garanto-lhe a total confidencialidade das suas respostas e o anonimato desta entrevista. Em nenhum documento escrito surgirá a referência ao nome do Entrevistado, ao nome da esquadra, como dado possível de identificá-lo. Gostaria ainda de lhe dizer que é de fundamental importância todo o tipo de informação que me vier a transmitir, durante a entrevista, tendo em conta que o trabalho de investigação que irei realizar, no campo das identidades profissionais dos patrulheiros, depende essencialmente de todos os dados que eu vier a obter desta e de outras entrevistas. Gostaria que se sentisse completamente à vontade para responder com a máxima sinceridade àquilo que eu lhe vier a questionar no decorrer desta mesma entrevista. Posto isto, comecemos:

Entrevistador: Como se tornou polícia?

Entrevistado: Eu trabalhava na construção civil e não gostava do que fazia. Então, concorri à polícia e cá estou.

Entrevistador: Então o objectivo principal foi:

Entrevistado: Quando concorri estava na tropa e gostava da farda, mas foi mais numa de estabilidade.

Entrevistador: O que fazia antes de concorrer?

Entrevistado: Trabalhava na construção civil.

Entrevistador: Já ingressou na polícia há quanto tempo?

Entrevistado: Há cerca de 25 anos e 3 meses. Já vai a caminho dos 26 anos, Novembro de 1985.

Entrevistador: Quando acabou o curso foi para...

Entrevistado: Fui para a esquadra da Pontinha, Divisão de Loures.

Entrevistador: Porquê essa esquadra?

Entrevistado: Porque queria ficar em Moscavide, só que depois não havia vaga em Moscavide e fui parar à Pontinha. Morava na Zona do Porto e tinha ali a linha, era melhor.

Entrevistador: Quando concorreu tinha a intenção de ir directamente para o Porto?

Entrevistado: Tinha. Tinha intenções de ir para o Porto, mas desisti quando conheci a minha mulher e já não fui para o Porto. Desisti.

Entrevistador: Foi por motivos familiares que não foi para o Porto?

Entrevistado: Foi.

Entrevistador: Quando concorreu, o que esperava da PSP do ponto da PSP a nível operacional?

Entrevistado: Na Escola aprendemos uma coisa e na esquadra era totalmente diferente. Tínhamos de fazer uma peça de expediente por tudo, na esquadra, não.

Entrevistador: O que aprendeu na EPP tem aplicabilidade na rua?

Entrevistado: Alguma. O modo de trabalhar era diferente.

Entrevistador: Quando chegou à Pontinha, o que sentiu?

Entrevistado: Desapontado. A esquadra era uma espelunca autentica... dormíamos à vez. Passados 15 dias arranjei um quarto.

Entrevistador: Quanto tempo passou nessa esquadra?

Entrevistado: Doze anos, foi quando vim para aqui.

Entrevistador: Porquê esta esquadra?

Entrevistado: A minha mulher era daqui daqui...

Entrevistador: Ainda na Pontinha, como eram os seus primeiros dias?

Entrevistado: Os meus primeiros dias de patrulha. Lembro-me da primeira vez que fui para a rua sozinho... depois vamos ganhando calo, mas quando fui para a rua armado, foi muito difícil...

Entrevistador: Conhecia o local?

Entrevistado: Sim, cheguei a andar acompanhado e deu para conhecer a zona.

Entrevistador: Como se sentiu andar sozinho?

Entrevistado: No primeiro dia, receio, mas vamos ganhando calo. Andei cerca de quatro anos na patrulha, na Pontinha e depois fui para as notificações.

Entrevistador: Foi por sua iniciativa para as notificações?

Entrevistado: Fui. O comandante da esquadra convidou-me e eu aceitei. Não tinha noites e tinha fins-de-semana. Na altura era um estatuto.

Entrevistador: Quando chegou à esquadra da Pontinha, como foi recebido pelos colegas mais velhos?

Entrevistado: Duma certa forma, fui bem recebido. Havia mais respeito. Agora tratam por tu e na altura era só você... Havia uma certa distância que não há agora... Não era mal tratados, mas havia mais distanciamento. O mais

antigo é que assinava o expediente. Agora, não se passa isso. Hoje, sou mais velho que o arvorado e é ele que assina o expediente. Concordo mais com o método de agora.

Entrevistador: Já foi militar, como se sentiu quando vestiu a farda militar?

Entrevistado: Tive orgulho em ser militar. Agora tenho orgulho em estar na polícia. Comecei a gostar de ser polícia.

Entrevistador: Quando chegou à EPP e vestiu a farda pela primeira vez, como se sentiu?

Entrevistado: Aquilo não era bem uma farda. Na altura senti-me bem... era a farda de trabalho que se usava na Força Aérea.

Entrevistador: Quando chegou à esquadra e vestiu a farda pela primeira vez?

Entrevistado: Na EPP já andávamos fardados no último mês.

Entrevistador: Essa mesma farda na Escola e na esquadra, que diferença sentiu?

Entrevistado: Na Escola senti-me à vontade. Na rua sozinho fardado cheguei a tremer. Não sabia o que me aconteceria...

Entrevistador: Nos seus primeiros dias foi-lhe dado uma arma, sentiu mais pressão?

Entrevistado: Não. A arma nunca me fez nenhuma complicação. Tenho 26 anos de polícia e nunca meti bala na câmara. Só na carreira de tiro e azinhaga dos besouros, uma tarde à noite numa ocorrência algo complicada, éramos muitos. Foi uma das ocorrências mais complicadas. Só que sei de colegas que andam quase sempre com munições na câmara...

Entrevistador: Qual é a sua situação actual na esquadra?

Entrevistado: Sou patrulheiro. Faço o que gostava de fazer. Gosto de trabalhar por turnos.

Entrevistador: O que é que o mantém nestas funções? É só o horário? Haverá alguma coisa que goste de fazer, mas que se mantém nessa função?

Entrevistado: Não ... gosto de ser patrulheiro.

Entrevistador: O que é que pensa da actividade desta esquadra?

Entrevistado: Actividade policial? Ocorrência? Se eu tiver que dar uma nota de 0 a 20 valores, dava um 15 ou 16. Aqui não há nenhum problema.

Entrevistador: Se lhe desse a oportunidade de mudar de esquadra, mudava?

Entrevistado: Não, vão-se criando laços de amizade. Estou aqui há cerca de doze anos, e moro a quatro quilómetros daqui.

Entrevistador: Por causa da proximidade da residência?

Entrevistado: Sim, esse é um factor ... estou bem.

Entrevistador: É casado?

Entrevistado: Sim, sou casado com dois filhos.

Entrevistador: Considera que ser polícia é uma profissão para a vida ou uma ocupação?

Entrevistado: É uma profissão porque é uma profissão. Gosto da profissão. Gosto de ser polícia. Se fosse hoje, concorreria na mesma.

Entrevistador: O que é preciso para gerir a vida familiar sendo polícia?

Entrevistado: Não é preciso muita coisa. Quando não trabalhava por turnos tinha os fins-de-semana livres. Era mais fácil. Agora é mais difícil. A minha esposa trabalha...é administrativa. Já estive no PIPP, mas já não gosto.

Entrevistador: As pessoas que vivem consigo, incluindo a sua mulher, o que pensam do facto de você pertencer à patrulha?

Entrevistado: No princípio custou muito à minha mulher. Tenho o calendário em casa e ela sabe o meu horário. No princípio custou um bocadinho, mas agora não.

Entrevistador: O sentimento de responsabilidade em relação à família contribui ou obsta a um maior sentido profissional?

Entrevistado: Eu acho que é um obstáculo. Primeiro está a família.

Entrevistador: Dá mais importância à família? Só pensa no trabalho?

Entrevistado: Dou mais importância à família. Quando chego a casa, não penso no trabalho. Quando estou em casa, penso mais na família. Quando estou no trabalho penso mais no trabalho. São duas fases diferentes.

Entrevistador: Considera que tem tempo livre?

Entrevistado: Muito.

Entrevistador: Como é que dispõe dele?

Entrevistado: Leio, ouço música, desporto, natação, jogo de salão. Faço há anos, mexo-me bem.

Entrevistador: O que considera ser o melhor ou o pior da vida policial?

Entrevistado: O melhor é quando resolvemos uma ocorrência e as pessoas ficam satisfeitas. Ainda há dias uma abertura de porta, a senhora, os bombeiros abriram a porta e a senhora só agradecia. A senhora ficou satisfeita. A parte negativa exemplo altura que eu devia estar em casa nos anos do filho, mas estou a trabalhar.

Entrevistador: Ser polícia é um estilo de vida?

Entrevistado: Acho que é uma profissão normal. Estilo de vida é um playboy. Ser polícia é normal. Não tenho a liberdade total, mas não acho que seja um estilo de vida. É uma profissão normalíssima.

Entrevistador: O que acha da sua função social?

Entrevistado: Acho que sou uma pessoa educada. Quando vou a uma intervenção, trato toda a gente por senhor. Acho que ser educado já ajuda muito.

Entrevistador: Como é que vê os colegas?

Entrevistado: Alguns que são como eu e alguns que não são como eu. Tratam tudo por tu.

Entrevistador: Acha que a relação com os seus colegas e o próprio ambiente de trabalho são mais importantes, por exemplo, que o tipo de trabalho que tem de fazer nesta esquadra?

Entrevistado: Acho que o ambiente de trabalho e relação com os colegas é muito importante. Acho que estou a trabalhar com o melhor grupo da esquadra por nos entendermos bem, não há aquele empurra para lá. Nós já sabemos a nossa missão. Não é preciso o graduado estar a perguntar... ajudamo-nos uns aos outros...há entreajuda. A colaboração dos meus colegas é boa. Tenho dúvidas e pergunto, eles têm dúvidas no trânsito, eu ajudo.

Entrevistador: Como é que se dá com os seus superiores?

Entrevistado: Bem.

Entrevistador: Acha que a organização apoia o trabalho da patrulha?

Entrevistado: Acho que não apoia em nada. Acho que só complica... a instituição obriga-nos a desconto mais no IRS e a instituição obriga-nos a fazer descontos.

Entrevistador: Identifica-se profissionalmente com a esquadra?

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: Como é que se dá com o público? Que imagem acha que tem de si?

Entrevistado: Acho que têm uma boa imagem de mim.

Entrevistador: Como se vê no conjunto de todas as relações sociais que estabelece?

Entrevistado: Bem, não tenho problemas com ninguém. Insiro-me bem.

Entrevistador: Como é que sente e pensa a imagem que o público tem da instituição?

Entrevistado: Má. Todo o público, não. A maior parte do público tem uma má imagem da polícia e é devido ao trânsito. Se tem simpatia e se é autuado, perde a simpatia toda.

Entrevistador: Como percebe a justiça em Portugal?

Entrevistado: Lenta, muito lenta. Penso que estamos na Itália dos anos 70. Existia uma grande corrupção. Portugal anda por aí.

Entrevistador: A sua relação com a Justiça, como é?

Entrevistado: Fui constituído arguido, mas fui ilibado.

Entrevistador: Quando detém alguém e leva a tribunal. Pensa que se fez justiça?

Entrevistado: Não. Fazem-nos mais perguntas a nós que ao arguido.

Entrevistador: O que é que faz falta à patrulha?

Entrevistado: Muita coisa: coletes, coletes bons, mas que não pesem 12 kg., mais meios, mais computadores, viaturas, tem falta de viaturas. Devíamos andar mais a pé, fazer patrulha a pé.

Entrevistador: O que é preciso para melhorar o serviço da patrulha?

Entrevistado: Meios. A nível da instituição os meios não chegam. Só querem que as pessoas andem de carro.

Entrevistador: Como é o seu dia de trabalho numa esquadra?

Entrevistado: Faço de motorista. Há dias que faço de arvorado. Há dias que faço patrulha dobrada.

Entrevistador: Qual será o verdadeiro trabalho da patrulha?

Entrevistado: São as ocorrências, serviço de visibilidade.

Entrevistador: O serviço é de seu agrado?

Entrevistado: É, nunca pensei de estar na patrulha com esta idade.

Entrevistador: Digamos que há serviços mais fáceis ou mais agradáveis de fazer do que outros?

Entrevistado: Há serviços mais fáceis e outros mais difíceis. Abordar a população é fácil. Quando aparece um cadáver é mais difícil.

Entrevistador: O que é que o incentiva mais nesta profissão

Entrevistado: Gosto de lidar com o público, é o que mais me agrada.

Entrevistador: Acha que existe solidariedade no interior da esquadra e afastamento em relação ao exterior?

Entrevistado: No meu grupo existe solidariedade. Deve existir um afastamento em relação ao exterior. A polícia é um ambiente fechado.

Entrevistador: O que lhe parece ser mais importante na patrulha? Os saberes teórico-práticos ou o bom senso policial?

Entrevistado: Ambos. São precisas as duas coisas. O bom senso às vezes não chega. Ajudo muito. Chego a uma violência doméstica, o bom senso não chega, tem de estar dentro do assunto, tem de fazer o expediente.

Entrevistador: Quais as competências necessárias e essenciais para um patrulheiro desempenhar a sua função?

Entrevistado: O que aprendemos na escola e o que vamos aprendendo ao longo da vida (a legislação vai mudando) os e-mails. Isso também nos ajuda. Agora estamos sempre em cima dos acontecimentos.

Entrevistador: Teve alguma vez oportunidade para sair da patrulha?

Entrevistado: Já saí, agora não. Só sairia se fosse uma coisa bem diferente. Acho que gostaria de continuar na patrulha, mas com horários diferentes. Isso não dá. Fazer turnos só de dia. Neste momento não saía da patrulha, estou bem.

Entrevistador: Imagine que tinha agora a possibilidade de sair da Polícia e ir trabalhar para outra profissão. Sairia?

Entrevistado: Só se fosse muito bom.

Entrevistador: Que tipo de problemas e/ou dificuldades são mais frequentes no decorrer da sua função? Como as resolve?

Entrevistado: Serviços complicados: violência doméstica, desordens na rua.

Entrevistador: Pensa que é uma profissão perigosa?

Entrevistado: Ainda não existe um grau elevado.

Entrevistador: O que entende por patrulha?

Entrevistado: Percorrer uma zona onde estamos de serviço.

Entrevistador: Acha que é valorada no interior da esquadra?

Entrevistado: sim.

Entrevistador: Pensa noutros métodos de policiamento?

Entrevistado: Não, estão adequados.

Entrevistador: Segue a lei?

Entrevistado: Sim, às vezes o bom senso.

Entrevistador: Sente que tem alguma autonomia no desempenho da sua função?

Entrevistado: Sim, sou autónomo. As ocorrências nem são sempre iguais.

Entrevistador: Os polícias deveriam ser mais preventivos ou repressivos?

Entrevistado: Mais preventivos.

Entrevistador: Os seus colegas partilham dessa opinião?

Entrevistado: Sim, acho que são 50%.

Entrevistador: O que é ser polícia?

Entrevistado: É uma profissão normal. É um elemento que faz respeitar a lei e incutir o respeito nos demais.

Entrevistador: Acha que os polícias se limitam a assegurar a ordem no local?

Entrevistado: Sim, isso é uma verdade. Tentam manter a ordem a esse local. A patrulha não é só visibilidade. Existe a prevenção.

Entrevistador: Qual a relação patrulheiro – esquadra? Acha que é uma relação de complementaridade, isto é, sem a esquadra o patrulheiro não se orienta e a esquadra sem o patrulheiro não funciona?

Entrevistado: São precisas as duas coisas.

Entrevistador: Não haverá maneira de funcionarem separadas?

Entrevistado: Não, não há hipótese.

Entrevistador: Como interpreta os símbolos da PSP?

Entrevistado: São necessários para o dia-a-dia.

Entrevistador: O que é para si característico da cultura profissional?

Entrevistado: São os conhecimentos que temos da vida policial, dos instrumentos para trabalhar no dia-a-dia.

Entrevistador: Há ritos?

Entrevistado: Não. Nós não somos estudantes.

Entrevistador: Quais são as principais características de um bom ou de uma má patrulheiro?

Entrevistado: Conhecimentos, bom senso e educado.

Entrevistador: Considera que deveriam ou não existir mais colegas femininas a trabalhar na patrulha?

Entrevistado: Sim, vamos a uma violência doméstica e as mulheres gostam mais de falar com mulheres.

Entrevistador: Como prevê o futuro da patrulha? E das esquadras “genéricas”?

Entrevistado: Vai continuar na forma em que está.

Entrevistador: Qual o seu desejo para o futuro?

Entrevistado: Continuidade.

ENTREVISTADO 3

Entrevistador: Gostaria de lhe agradecer pelo facto de ter acedido responder a esta entrevista. Desde já garanto-lhe a total confidencialidade das suas respostas e o anonimato desta entrevista. Em nenhum documento escrito surgirá a referência ao nome do Entrevistado, ao nome da esquadra, como dado possível de identificá-lo. Gostaria ainda de lhe dizer que é de fundamental importância todo o tipo de informação que me vier a transmitir, durante a entrevista, tendo em conta que o trabalho de investigação que irei realizar, no campo das identidades profissionais dos patrulheiros, depende essencialmente de todos os dados que eu vier a obter desta e de outras entrevistas. Gostaria que se sentisse completamente à vontade para responder com a máxima sinceridade àquilo que eu lhe vier a questionar no decorrer desta mesma entrevista. Posto isto, comecemos:

Entrevistador: Como é que se tornou polícia?

Entrevistado: Antes de vir para a Polícia, fui militar, em fim de contrato. E a maior parte ou vai para as forças de segurança ou para a guarda prisional, que é o que nos resta concorrer cá fora. Na altura que eu estive para terminar o contrato na tropa foi quando abriu o concurso para a PSP e concorri, Entrei e cá estou.

Entrevistador: Qual foi o seu motivo principal?

Entrevistado: Foi a estabilidade.

Entrevistador: O seu curso foi há quanto tempo?

Entrevistado: Sou do curso de um ano e quatro meses atrás.

Entrevistador: Quando acabou o curso para onde é que foi?

Entrevistado: Vim logo para esta esquadra.

Entrevistador: Escolheu por iniciativa própria ou foi resultado do concurso?

Entrevistado: Por iniciativa própria.

Entrevistador: Porquê?

Entrevistado: Porque esta é a esquadra em termos de transporte (comboio e metro), fica muito acessível. Foi um dos principais motivos. Para ir para o Campo Grande e para minha casa, o comboio dá muito jeito. Foi por isso que escolhi esta esquadra.

Entrevistador: Onde é que reside?

Entrevistado: Linha da Azambuja.

Entrevistador: Quando concorreu à PSP o que é que esperava do ponto de vista operacional?

Entrevistado: O que tenho visto. Não vim com as vistas muito tapadas. Não foge muito daquilo que estava à espera.

Entrevistador: Comparativamente com o quando concorreu e a noção que tem agora da PSP, que diferenças é que sente?

Entrevistado: Não é muita. Eu na tropa fazia parte da Polícia e mesmo nas conversas, sempre tive um conhecimento mais abrangente da instituição. Não foi uma surpresa ou choque.

Entrevistador: Quando era militar como é que se sentia? Gostava do que fazia?

Entrevistado: Tinha alturas que sim, outras que não, conforme os dias. Alturas em que sentíamos que não estávamos a produzir, a fazer nada. Nós como polícias na tropa, fazíamos muitas portas de armas, a filtrar quem entra ou sai, parecia que não fazíamos nada, em serviços de vinte e quatro horas. Eram madrugadas em que devíamos estar a produzir mais.

Entrevistador: E na PSP a posição de sentinela é muito diferente? Como é que se sente?

Entrevistado: Eu não faço sempre sentinela. Mas mesmo quando o faço, há trabalho a ser feito. Há pessoas que vêm apresentar queixa, que falam connosco, antes do Graduado. Há muitas coisas que se podem fazer, o que significa não ficar fixo. Por vezes, o Graduado precisa de ajuda com o expediente, ou noutra coisa e nós estamos por aqui. Há sempre trabalho para fazer.

Entrevistador: Quando chegou a esta esquadra, como é que sentiu?

Entrevistado: Pensei, vamos ver o que é que acontece. Não vim com grandes receios.

Entrevistador: Já tinha conhecimentos desta esquadra?

Entrevistado: Já por colegas que estavam na EPP e que estagiaram aqui. Eu estive a estagiar perto daqui.

Entrevistador: E não quis ficar onde estagiou?

Entrevistado: Quando saiu o concurso para os locais para onde gostaríamos ir, eu escolhi vir para esta Divisão, para esta esquadra por causa dos transportes.

Entrevistador: Então a escolha da esquadra foi basicamente pelos transportes?

Entrevistado: Foi principalmente isso.

Entrevistador: Como é que foram os seus primeiros dias na esquadra?

Entrevistado: Com entusiasmo, a pessoa quer fazer ou trabalhar. Comecei logo a aprender muita coisa com os colegas e Graduados, que ensinaram muita coisa, por exemplo, no expediente. Nos primeiros dias foram sentinelas, depois veio a necessidade de ir para a rua e para o carro. Foram bons.

Entrevistador: Como é que foi recebido pelos colegas mais velhos?

Entrevistado: Fui muito bem recebido. Os que estagiaram aqui disseram-me que o grupo de trabalho é excelente.

Entrevistador: Como militar, quando vestia a farda o que sentia?

Entrevistado: Fui militar cinco anos. Os primeiros anos foram com aquele entusiasmo, depois a pessoa tinha brio na farda. Transformávamo-nos noutra pessoa, deixava-mos de ser uma pessoa civil para ser uma autoridade. Depois com o passar do tempo, já não havia muita diferença.

Entrevistador: Na EPP ao vestir a farda de Polícia, que diferenças é que sentiu?

Entrevistado: Não senti muita diferença. Eu até brincava com os colegas e dizia: «tudo o que estão a passar, eu já passei». Eu já tinha estado em regime interno, no curso de Polícia de nove meses na tropa. Foi um reviver.

Entrevistador: O que simbolizava para si a farda de instrução?

Entrevistado: A de um aprendiz, na aprendizagem.

Entrevistador: E a farda quando chegou à esquadra?

Entrevistado: Uma responsabilidade. É uma diferença enorme. A partir do momento em que vestimos uma farda de polícia, nós estamos a assumir uma grande responsabilidade para com outras pessoas. Em termos profissionais, somos responsáveis pelo que estamos a fazer.

Entrevistador: Quando lhe foi atribuída uma arma, como é que lidou com ela?

Entrevistado: É uma ferramenta de trabalho. Há que ser responsável, está-nos distribuída. Não foi uma novidade, porque já lidei com armas. É diferente porque na tropa tinha uma distribuída, mas não andava com ela na rua. Sei o que tenho em mãos, há que ser responsável e profissional.

Entrevistador: O seu primeiro turno nesta esquadra foi acompanhado ou sozinho?

Entrevistado: Foi de sentinela, das 13h00 às 19h00, nunca me esqueço. Apresentámo-nos, depois entrei de turno e passei a maior parte do tempo junto ao Graduado de Serviço. Ele chamou-me para ver como é que se faz uma apresentação de uma denúncia e, assim, aprender.

Entrevistador: O que é que teve de especial esse primeiro turno?

Entrevistado: Foi ver as pessoas a apresentar queixa.

Entrevistador: Fez o curso, veio cheiro de vontade e de repente, metem-no a afazer de sentinela. Como é que se sentiu?

Entrevistado: Eu sabia que isto ia acontecer. E falando com polícias com mais anos, tive mais sorte, porque eles fizeram de sentinela mais tempo do que eu. Na semana seguinte, já andava de tripulante no carro patrulha para ver como eram as coisas na rua. Não foi assim muito tempo e vamos rodando entre os colegas, para distribuir o mal pelas aldeias.

Entrevistador: O que é aprendeu na EPP teve aplicabilidade na patrulha?

Entrevistado: Alguma coisa.

Entrevistador: Tais como?

Entrevistado: Muita coisa sobre Direito e Comunicação. Muitas coisas só se podem aperceber na rua, por exemplo, cada ocorrência é uma ocorrência e não se processa tudo da mesma maneira. Às vezes as coisas começam bem e depois, já não vão tão bem. Outras começam mal e acabam bem. Na escola não ligamos e não tem como simular isso. A pessoa tem que vir com o espírito preparado para o que vai encontrar.

Entrevistador: Acha que há alguma forma de durante o curso incentivar essa área?

Entrevistado: Acho difícil. Lidar com o imprevisível é difícil. Como é que vamos ensinar uma pessoa a lidar com o imprevisível?! Não é fácil. Vai com a pessoa que vai para a EPP. Ela forma polícias, mas as pessoas onde é que se formam? Não sei, se está a entender. Vêm com uma formação anterior. Eu, antes de ir para EPP, fui tropa e tinha o meu trabalho. Já tinha vivências e apanhei lá, quem não tinha vivência alguma. Havia pessoal que tinha saído de casa dos pais ou da escola, e questionavam-se: «o que é que eu venho fazer». Ficavam num beco sem saída.

Entrevistador: Quando houver transferências, gostava de se manter nesta esquadra?

Entrevistado: Sim, pelos transportes e depois pelo grupo de trabalho. Com quem aprendi a trabalhar. São os meus colegas. O nosso trabalho é muito bom e estamos aqui, uns pelos outros.

Entrevistador: O que é que faz nesta esquadra, que o faça querer manter estas funções?

Entrevistado: Agrada-me estar na rua. Não desgosto de nada. Estou de sentinela e ainda não parei. Há sempre algo para fazer. Temos é de gostar do que fazemos.

Entrevistador: O que é que pensa da actividade policial desta esquadra?

Entrevistado: É muito boa. Há muita vontade de trabalhar.

Entrevistador: Antes da tropa, onde estava?

Entrevistado: Era estudante. Entrei na tropa com vinte anos e estive lá cinco anos. Como estudante, fazia projectos em bairros sociais pela Câmara, para ocupar o tempo.

Entrevistador: Concluiu o 12º Ano?

Entrevistado: Não, foi quando entrei para a tropa. Depois fui transferido para Monte Real, em Leiria, com quilómetros à volta, isolada de tudo. Depois vim para Lisboa ter com a minha mulher, tive que comprar casa e trabalhar. Mas espero concluir.

Entrevistador: Nasceu cá em Portugal?

Entrevistado: Não, nasci em Luanda. Vim para Portugal com dezassete anos. Toda a minha formação foi em Angola.

Entrevistador: Que diferenças sente entre as Polícias dos dois países?

Entrevistado: Há muitas. Para explicar há que compreender o contexto social. Eu vivi em Luanda num contexto de guerra e pós-guerra. A Polícia era mais dura, a criminalidade era muito mais elevada do que aqui, pelo que havia muita diferença. A tolerância era zero.

Entrevistador: Se lhe fosse dada a possibilidade de ser polícia lá, preferia ser cá ou lá?

Entrevistado: Eu preferia ser cá. Eu acredito muito na prevenção e nós somos uma Polícia preventiva, acima de tudo. Lá, quando lá estive, era muito repressiva. O meu irmão vive lá e diz que muita coisa já está mudada. Havia muito material bélico na rua. Por exemplo, cá numa operação uma pessoa apanha uma pistola 6,35 mm, lá apanha-se uma metralhadora Kalashnikov. É um contexto social muito diferente. Cá ainda se pode mudar muita coisa sem recorrer à repressão.

Entrevistador: Considera que ser polícia é uma profissão para a vida ou uma ocupação?

Entrevistado: É uma profissão para a vida. Uma ocupação quando nos apetece abandonamo-la, porque não nos desenvolve. Com a Polícia acabámo-nos por desenvolver. Sou polícia porque tenho responsabilidades e deveres, e quero continuar a cumprir com esses deveres. Não é, se amanhã não me apetece, não faço.

Entrevistador: É casado?

Entrevistado: Vivo em união de facto há cinco anos e não tenho filhos.

Entrevistador: O que é que é preciso para gerir a vida familiar sendo polícia?

Entrevistado: É preciso diálogo entre o casal, não é preciso muita coisa. A minha mulher quando me conheceu, já eu era militar e trabalhava por turnos. Aqui faço turnos de seis horas, na tropa fazia de vinte e quatro horas. Quando estive em Monte Real, vinha duas vezes por mês a Lisboa. Não é fácil, mas o casal tem de gerir isso. Depende da formação da pessoa.

Entrevistador: O que é ela pensa do facto de ser patrulheiro?

Entrevistado: Não deve pensar grandes coisas. Nunca lhe fiz essa pergunta. Ela apoiou-me quando concorri à Polícia e vai-me ajudando. Se tenho que entrar em serviço, faz-me o almoço e ajuda-me sempre.

Entrevistador: Os seus pais eram vivos quando concorreu à Polícia? O que é que pensaram?

Entrevistado: Os meus pais ainda são vivos. Eles concordaram porque é uma profissão digna e muito séria.

Entrevistador: A família é um obstáculo ou um contributo a nível profissional?

Entrevistado: Para mim contribui. Eu tenho família. Gosto de zelar por ela e gostava de saber que há elementos que também zelam por ela. Nós, polícias, zelamos por muitas famílias. A família é o mais importante. É o meu pilar.

Entrevistador: Sente que tem tempos livres? Como é que dispõe deles?

Entrevistado: Sempre, ou estou a trabalhar, com amigos ou a fazer desporto.

Entrevistador: Mantém relações fortes com os amigos?

Entrevistado: Mantenho, sim senhor. Tenho amigos fora e dentro da Polícia. O meu grupo de trabalho tem relações de amizade e somos mais do que colegas. Vamos jantar e para o convívio, o que é saudável.

Entrevistador: O que é que considera ser melhor ou pior da vida policial?

Entrevistado: Apesar de ter pouco tempo de serviço, o pior que ocorre é o desconhecimento do nosso trabalho pelo cidadão. Às vezes estamos a fazer o melhor por eles e pensam que somos os maus. O melhor é resolver as coisas. É ver a satisfação do cidadão porque o polícia resolveu o seu problema.

Entrevistador: Considera que ser polícia é um estilo de vida?

Entrevistado: Não considero. Para ser estilo temos de adoptar aquilo e a Polícia para mim, á a minha profissão, não é aquilo que sou. Não é o que me define. Se me for embora da Polícia, não morro, porque não define quem sou.

Entrevistador: O que é que acha da sua função social?

Entrevistado: É essencial. Fundamental em muitos aspectos. Nós somos a quem o cidadão com problemas vem ter. Pode ter outras opções, mas o polícia faz de padre, psicólogo, de amigo, de tudo. E muitas vezes, até de ouvinte. Podem falar mal do polícia, mas se não existisse, muitas pessoas não saberiam a quem recorrer.

Entrevistador: Como é que vê os seus colegas?

Entrevistado: Excelentes pessoas com quem posso contar sempre.

Entrevistador: Pensa que na sua relação com os colegas e o ambiente de trabalho, é mais importante do que o tipo de trabalho que se faz na esquadra?

Entrevistado: Um complementa o outro. O polícia tem um trabalho que não é fácil e se não houver um bom relacionamento entre os colegas, então mais difícil se torna. Já basta o stress lá fora.

Entrevistador: O desempenho de algumas tarefas na patrulha exige a colaboração dos colegas. Como é que vê essa participação?

Entrevistado: É positiva, na patrulha cada um sabe o que fazer. Olhamos sempre uns pelos outros, cada um sabe o que se está a passar e o que tem de ser feito. É uma mais-valia.

Entrevistador: Gostaria que essa participação fosse diferente nalgum sentido?

Entrevistado: Não, pelo contrário. É para manter.

Entrevistador: Como é a sua relação com os superiores? Dentro e fora da esquadra?

Entrevistado: É boa, normal. Fora da esquadra não tenho relação com os superiores.

Entrevistador: Sente que a organização apoia o trabalho da patrulha?

Entrevistado: Na patrulha às vezes sente-se que falta alguma coisa em recursos humanos e materiais. Mas acredito que a organização faz de tudo para compensar essa falta. E nem tudo está nas suas mãos.

Entrevistador: Identifica-se profissionalmente com o contexto em que trabalha?

Entrevistado: Identifico-me.

Entrevistador: Alguma coisa que detesta?

Entrevistado: Não.

Entrevistador: Como é que se dá com o público?

Entrevistado: Normal, já estou habituado a lidar com o público. Já fiz no passado trabalhos sociais, pelo que tenho vivências.

Entrevistador: Qual acha que é a imagem que a população tem de si?

Entrevistado: De mim, pessoalmente não sei. Com o mesmo cidadão, um dia sou o maior, no outro se o autuo já não me pode ver à frente. Passados uns dias, diz que o senhor agente tinha razão.

Entrevistador: Nessa adaptação com o público, sente que há apoio profissional?

Entrevistado: A única formação que tive para lidar com o público foi na EPP, na disciplina de Atendimento. E lá, muitas das coisas que se diz, é verdade. Fora esta formação, não há mais nada.

Entrevistador: Como é que se vê no conjunto de todas as relações sociais que estabelece?

Entrevistado: Eu dou-me bem com toda a gente.

Entrevistador: Como é que sente e pensa a imagem que a sociedade tem da Polícia?

Entrevistado: Não se pode agradar sempre a gregos e a troianos. A população é de humores, num dia está tudo bem, no outro tudo mal. Por exemplo, numa fiscalização de álcool há muita gente indignada, mas há muitos que apoiam.

Entrevistador: O que acha da justiça em Portugal?

Entrevistado: Para mim, a justiça peca muito. Vemos coisas e coisas, mas não cabe a nós julgar isso. Cabe-nos fazer o nosso trabalho e fazemo-lo.

Entrevistador: O que é que faz falta à patrulha?

Entrevistado: Recursos humanos e materiais.

Entrevistador: Como é que acha que melhoraria esse trabalho?

Entrevistado: Não é a mim que me compete.

Entrevistador: Fora os meios, acha que há alguma coisa que deva ser mudada?

Entrevistado: Infelizmente, estamos a passar uma fase de mal-estar. Ainda sou novo, mas há pessoal descontente, os sindicatos e mais o que a televisão mostra. Aqui dentro não sinto o descontentamento. Vejo o que a televisão mostra. Se há tanta gente a reformar-se, é porque algo não está bem.

Entrevistador: Para si, qual o verdadeiro trabalho da patrulha?

Entrevistado: É o que nós fazemos. Todos os dias ir para a rua, atender o cidadão e verificar se está tudo bem.

Entrevistador: Como é o seu dia de trabalho na esquadra?

Entrevistado: Sentinela e recebo queixas, é um dia normal.

Entrevistador: Quando entra de serviço e se dirige para a rua, conhece o local?

Entrevistado: Sim, tenho de conhecer a área.

Entrevistador: E quando chegou cá?

Entrevistado: Não conhecia bem. Por isso, andava de tripulante no carro para conhecer a área.

Entrevistador: Com que tipo de pessoas contacta?

Entrevistado: Diversos tipos: idosos, crianças, pessoas idóneas, delinquentes, etc. Com todo o tipo de pessoas.

Entrevistador: Que tipo de ocorrências é que podem acontecer?

Entrevistado: Qualquer uma. A partir do momento em que entramos de serviço, qualquer coisa pode acontecer.

Entrevistador: O que é que tem acontecido em maior número?

Entrevistado: Infelizmente, os casos de violência doméstica e furtos.

Entrevistador: O serviço tem de ser assegurado?

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: Já que trabalhou em projectos sociais, não gostaria de ir para o PIPP?

Entrevistado: Não. A postura ao resolver as ocorrências é diferente da patrulha e dos elementos do PIPP. Na patrulha gosto de chegar e resolver a ocorrência. Para o PIPP tem que ser pessoal e com vocação para isso.

Entrevistador: Considera que no serviço da patrulha há serviços mais fáceis e agradáveis de fazer que outros?

Entrevistado: Não, nem sempre o serviço é igual. Por exemplo, na situação de cadáver, uma pode ser resolvida facilmente e outra pode ser muito demorada. O trabalho nunca é igual.

Entrevistador: Considera que o serviço de rua é por vezes aborrecido?

Entrevistado: Não.

Entrevistador: O que é que o incentiva mais nesta profissão?

Entrevistado: O sentimento de estar a produzir algo. Ajudar as pessoas e contribuir para a sociedade.

Entrevistador: Encontra nesta esquadra uma estratégia de ajustamento profissional?

Entrevistado: Os elementos são bem recebidos.

Entrevistador: Os novos elementos do curso que está a decorrer, serão bem recebidos?

Entrevistado: Irão ser, sim senhor. Já estamos à espera deles para as contratações de Inverno, para jogar à bola e vamos escolher os melhores.

Entrevistador: Acha que existe solidariedade dentro da esquadra e afastamento com os do exterior?

Entrevistado: Há solidariedade e não há afastamento.

Entrevistador: O que é que lhe parece ser mais importante na patrulha, os saberes técnico-práticos ou o bom senso policial?

Entrevistado: Ambos são muito importantes. Estão interligados e não se podem separar.

Entrevistador: Quais as competências essenciais para um patrulheiro desempenhar a sua função?

Entrevistado: Ambas as anteriores.

Entrevistador: Alguma vez teve a oportunidade de sair da patrulha?

Entrevistado: Já houve concurso para o PIPP e para a Secretaria, mas devido à relação com o grupo de trabalho e às experiências novas é uma aprendizagem constante.

Entrevistador: Imagine que agora tinha oportunidade de sair da Polícia e ir para outra profissão, aceitaria?

Entrevistado: Só se fosse para ganhar 10.000€. Neste momento, não me vejo a sair da Polícia.

Entrevistador: E se lhe desse essa oportunidade para ganhar 10.000€?

Entrevistado: Aí, eu tinha que pensar. Se fosse para outra profissão, duvido que encontraria o ambiente de trabalho daqui, e isso é muito importante. Os horários não me apetezem muito. O tipo de trabalho também é muito importante. O nosso trabalho é muito stressante e se houver mau ambiente, pior ainda.

Entrevistador: Que tipo de problemas e dificuldades são mais correntes na sua profissão?

Entrevistado: Não vejo problema nenhum.

Entrevistador: Sente que é uma profissão perigosa?

Entrevistado: Tem alturas em que há muitos riscos. As pessoas têm de ter consciência antes de vir para cá. Há pessoas que se inscrevem, sem ter noção dos riscos e depois não conseguem lidar com a coisa.

Entrevistador: Encontra sentido para o desempenho das suas tarefas?

Entrevistado: Sim, claro. Até agora não houve nenhuma tarefa com o qual não concordasse.

Entrevistador: O que é que entende por patrulha?

Entrevistado: É zelar pelo cidadão na rua.

Entrevistador: Acha que é valorada no interior de uma esquadra?

Entrevistado: Sim. Muita da informação chega à esquadra pela patrulha.

Entrevistador: Pensa noutros métodos de policiamento?

Entrevistado: Não.

Entrevistador: Segue sempre o que está na lei ou por vezes tenta contornar?

Entrevistado: Nós não podemos contornar a lei. Estaríamos em falta com o significado de “Polícia”. A lei limita a profissão.

Entrevistador: Sente alguma autonomia ou tem de proceder sempre da mesma maneira?

Entrevistado: Não somos sempre obrigados a proceder sempre da mesma maneira. Na rua a responsabilidade é toda nossa.

Entrevistador: Pensa que as determinações superiores são para cumprir ou gostaria que houvesse mais imaginação na patrulha?

Entrevistado: Na patrulha é tudo imprevisível, nada é quotidiano. Tem que haver bom senso e flexibilidade do agente na patrulha.

Entrevistador: Os polícias deviam ser mais preventivos ou repressivos?

Entrevistado: Na patrulha devemos ser mais preventivos. A Polícia cumpre bem a sua missão.

Entrevistador: Sente que os seus colegas partilham as opiniões que expressou?

Entrevistado: Nunca conversámos sobre estas opiniões. No meu grupo de trabalho temos uma maneira de agir, em hora de trabalho trabalhamos, mas fora do mesmo não falamos de trabalho. Temos de desligar.

Entrevistador: O que é ser polícia?

Entrevistado: É fazer aquilo que está estipulado por lei. Defender os direitos dos cidadãos.

Entrevistador: Concorda com a afirmação: «os polícias patrulheiros, em grande parte, limitavam-se a assegurar a ordem no local»?

Entrevistado: Não concordo. Por exemplo: já fui psicólogo, ouvinte, amigo, etc.

Entrevistador: As funções que o patrulheiro desenvolve ao nível da esquadra estão revestidas de autonomia e responsabilidade?

Entrevistado: Nada a dizer.

Entrevistador: A função da patrulha é só visibilidade. Será preciso reinventar a patrulha?

Entrevistado: Discordo completamente ser só visibilidade. Se fosse, era só para passar com o carro para sermos vistos pela população. Não íamos às ocorrências.

Entrevistador: Na relação patrulheiro - esquadra, o patrulheiro sem a esquadra não se orienta e esta sem o patrulheiro não funciona?

Entrevistado: Concordo ao nível da informação.

Entrevistador: Como é que interpreta os símbolos da PSP?

Entrevistado: Representam os deveres, o porquê e para quê da Polícia.

Entrevistador: O que é para si característico da cultura profissional?

Entrevistado: Tudo o que está relacionado com o meio policial e o ser polícia.

Entrevistador: Que ritos e tradições acha que existem na instituição?

Entrevistado: Tirando as comemorações da Polícia, não vejo nada. Na esquadra não há praxe e na tradição é pagar o café.

Entrevistador: A que valores acha que os patrulheiros deviam dar mais importância?

Entrevistado: Para um patrulheiro são as convicções profissionais.

Entrevistador: Quais as principais características de um bom patrulheiro?

Entrevistado: Ter técnicas profissionais e bom senso.

Entrevistador: E de um patrulheiro rudimentar?

Entrevistado: Ter bom senso.

Entrevistador: Considera que devia existir ou não colegas femininos a trabalhar na patrulha?

Entrevistado: É-me indiferente.

Entrevistador: Como é que prevê p futuro da patrulha?

Entrevistado: Não prevejo grandes mudanças.

Entrevistador: Como é que prevê o futuro das esquadras genéricas?

Entrevistado: Não prevejo grandes mudanças.

Entrevistador: Qual o seu desejo para o futuro profissionalmente?

Entrevistado: De momento, não me vejo a concorrer para nada. Ainda estou a aprender e é na patrulha que se aprende.

ENTREVISTADO 4

Entrevistador: Gostaria de lhe agradecer pelo facto de ter acedido responder a esta entrevista. Desde já garanto-lhe a total confidencialidade das suas respostas e o anonimato desta entrevista. Em nenhum documento escrito surgirá a referência ao nome do Entrevistado, ao nome da esquadra, como dado possível de identificá-lo. Gostaria ainda de lhe dizer que é de fundamental importância todo o tipo de informação que me vier a transmitir, durante a entrevista, tendo em conta que o trabalho de investigação que irei realizar, no campo das identidades profissionais dos patrulheiros, depende essencialmente de todos os dados que eu vier a obter desta e de outras entrevistas. Gostaria que se sentisse completamente à vontade para responder com a máxima sinceridade àquilo que eu lhe vier a questionar no decorrer desta mesma entrevista. Posto isto, comecemos:

Entrevistador: Que motivos o levaram a ingressar na PSP?

Entrevistado: Era uma profissão que eu gostava. Sempre foi o que quis.

Entrevistador: Então o objectivo principal foi:

Entrevistado: Parte social e ajudar o próximo.

Entrevistador: O que fazia antes de concorrer?

Entrevistado: Era segurança no Algarve ...

Entrevistador: Quando acabou no curso foi para onde?

Entrevistado: 17^a.esquadra. Há 20 anos e depois 31^a.Esq. e depois 10 anos para esta.

Entrevistador: Escolheu por sua iniciativa própria ou foi resultado do concurso?

Entrevistado: Foi por iniciativa minha, calhou.

Entrevistador: O que esperava da PSP do ponto de vista da actividade profissional?

Entrevistado: Na altura em que concorri não havia tantas opções como hoje. Tinha intenção de ir para a Investigação Criminal. Se fosse hoje continuava a escolher a PSP.

Entrevistador: Como se sentiu quando chegou à esquadra?

Entrevistado: Senti-me bem, não tive problemas.

Entrevistador: Refira-se aos primeiros dias passados na esquadra.

Entrevistado: Conhecia a área. Deram-me uns tópicos, giros, como deveriam ser feitos. Uma orientação.

Entrevistador: Como é que foi recebido pelos colegas mais velhos, com outra experiência na profissão?

Entrevistado: Fui recebido bem.

Entrevistador: Como se sentiu quando vestiu a farda? (na Escola)

Entrevistado: Nunca tive problema, fui escuteiro. Na EPP, quando vesti a farda senti-me que realmente iria ser polícia, realizar um sonho.

Entrevistador: Como reagiu à pressão da farda? (na esquadra)

Entrevistado: Realizei um sonho. Nunca senti pressão nem pelos colegas nem público. Nunca tive problemas com uma arma.

Entrevistador: O primeiro turno foi sozinho ou acompanhado?

Entrevistado: Acompanhado...

Entrevistador: O que aprendeu na EPP tem aplicabilidade na realidade da patrulha?

Entrevistado: Não. Na EPP aprende-se uma coisa e na rua é diferente. Há diferenças. Na Escola dizia-se que ia ser entregue à bicharada e isso não é verdade.

Entrevistador: Porquê esta esquadra?

Entrevistado: Patrulhar. Faço o que gosto de fazer. Gostava da investigação criminal, mas já não tenho idade para isso. A partir dos 30, 35 já é difícil.

Entrevistador: Porque se mantém nesta esquadra?

Entrevistado: Sim, não tenho intenções de ir para outra esquadra. Moro em Vendas Novas. Vou e venho todos os dias.

Entrevistador: O que pensa da actividade policial da esquadra?

Entrevistado: É boa. Para a área que é, é boa.

Entrevistador: Se mudaria de esquadra e porquê?

Entrevistado: Não, aqui estou bem. Os colegas, área são as razões que me mantêm aqui. Não tenho intenções de estar mais perto de casa.

Entrevistador: Em termos de trabalho que aqui desenvolve, não haverá, eventualmente, outras esquadras, onde o trabalho lhe poderia agradar mais?

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: Considera que ser polícia é uma profissão para a vida ou uma ocupação? Explique.

Entrevistado: É uma profissão que tem o seu interesse porque dentro da polícia pode-se evoluir a nível profissional. Não é uma ocupação.

Entrevistador: O que é preciso para gerir a vida familiar sendo polícia?

Entrevistado: Sou solteiro.

Entrevistador: As pessoas que vivem consigo, o que pensam do facto de você pertencer à patrulha?

Entrevistado: Avós. Tiveram receio. Era mau ser polícia.

Entrevistador: Quando tem tempo livre, como o ocupa?

Entrevistado: Sim, amigos, café, pratico desporto. Amigos na instituição.

Entrevistador: O que considera ser o melhor ou o pior da vida policial?

Entrevistado: Melhor é estar bem com a instituição. O mal é o problema do dia-a-dia. O serviço do carro patrulha é o pior. O melhor é conviver com os colegas

Entrevistador: O que acha da sua função social?

Entrevistado: Tento ajudar o que posso o cidadão. O cidadão tem que ser informado dos direitos.

Entrevistador: Pensa que a relação com os seus colegas e o próprio ambiente de trabalho são mais importantes, por exemplo, que o tipo de trabalho que tem de fazer nesta esquadra?

Entrevistado: Boa. Ajuda. Se houver compreensão entre os colegas, o trabalho corre melhor. Complementaridade.

Entrevistador: O desempenho de algumas tarefas da patrulha, exige a colaboração dos colegas. Como é que vê essa participação? Gostaria que fosse diferente?

Entrevistado: Positiva. Dou-me bem com os superiores. Apoiam-nos.

Entrevistador: A organização apoia o trabalho da patrulha?

Entrevistado: Sim. Talvez pudesse apoiar mais. É que patrulheiro é por vezes mal visto até pela organização. O patrulheiro, por vezes, é esquecido para desempenho, no sentido de pensarem que o patrulheiro não tem capacidade de fazer certos tipos de serviços (PIPP).

Entrevistador: Identifica-se profissionalmente com o contexto em que trabalha?

Entrevistado: Por vezes. Dou-me bem com o público. Nunca tive problemas.

Entrevistador: Como percepciona a justiça em Portugal? Dê exemplos concretos.

Entrevistado: É lenta. Devia ser mais rápida e uma mão mais pesada. Mais rápida em casos de corrupção...

Entrevistador: Como se dá com o público, Qual a imagem que pensa que tem de si?

Entrevistado: Bem. Há quem goste de ver polícias.

Entrevistador: Nessa adaptação com o público, há apoio profissional?

Entrevistado: É complicado. Derivado a desempenhar tarefas específicas, há apoio, agora se anda na rua também há apoio rápido, também tem.

Entrevistador: Como se vê no conjunto das relações sociais que estabelece?

Entrevistado: Uma pessoa que tenta desempenhar a função o melhor possível para ajudar quem precisa e interligar as pessoas com a instituição

Entrevistador: Como sente e pensa a imagem que a sociedade tem da polícia?

Entrevistado: A imagem é melhor. Há uns anos atrás era uma força que desempenhou um papel físico e não tinha, isto é, não sabiam... hoje já vêem que a polícia tem formação.

Entrevistador: O que falta à patrulha? Como melhoraria esse trabalho?

Entrevistado: Devia de haver dois homens na rua com uma viatura, com rádio, acabar com o patrulhamento apeado e fazer só em viatura com rádio

Entrevistador: Para si qual será o verdadeiro trabalho da patrulha?

Entrevistado: Ajudar o cidadão. Ajuda entre colegas na resolução de casos do dia-a-dia.

Entrevistador: Como é o seu dia de trabalho na esquadra?

Entrevistado: É-me dado o giro e saio para a rua para patrulhar.

Entrevistador: Com que tipo de pessoas contacta?

Entrevistado: Desde os que passeiam, taxistas, lojistas, toda a gente.

Entrevistador: Que ocorrências poderão acontecer?

Entrevistado: Furtos a estabelecimentos, a viaturas...

Entrevistador: O serviço é do seu agrado?

Entrevistado: Sim. Patrulhamento em viaturas é que deveria ser.

Entrevistador: Digamos que há serviços mais fáceis ou mais agradáveis de fazer do que outros?

Entrevistado: Não. Qualquer tipo de serviço se faz bem.

Entrevistador: O serviço de rua, por vezes, é um serviço aborrecido?

Entrevistado: Sim. Quando o tempo não permite, quando está de chuva.

Entrevistador: Mesmo assim, acha que vale a pena ser polícia?

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: Encontra na esquadra uma estratégia de ajustamento profissional, uma lógica de adesão?

Entrevistado: Sim, são bem recebidos, sempre bem recebidos.

Entrevistador: Acha que existe solidariedade no interior da esquadra e afastamento em relação ao exterior?

Entrevistado: Não. Toda a gente se dá bem. Toda a gente ajuda. Não cortam relações com o exterior.

Entrevistador: O que lhe parece ser mais importante na patrulha? Os saberes técnico-práticos ou o bom senso policial?

Entrevistado: O bom senso policial. Também é necessário os saberes. As duas interligadas. Julgo que as duas são temas que estão interligados.

Entrevistador: Quais as competências necessárias e essenciais para um patrulheiro desempenhar a sua função?

Entrevistado: Sentir-se bem e respeitar as pessoas.

Entrevistador: Teve alguma vez oportunidade para sair da esquadra?

Entrevistado: Não

Entrevistador: Se tivesse oportunidade de sair da polícia para outra profissão, saía?

Entrevistado: Não, nunca. Era a profissão que gostava de ter. O dinheiro não é tudo.

Entrevistador: Que tipo de problemas/ dificuldades são mais frequentes no decorrer da sua função? Como as resolve?

Entrevistado: Situações problemáticas como violência doméstica, furtos. É uma situação perigosa. O perigo está sempre presente

Entrevistador: Encontra sentido para o desempenho da sua tarefa?

Entrevistado: Sim, deveria de haver mais reciclagem que incidiria sobre toda a matéria. Um mês seria o suficiente. Prática e teórica

Entrevistador: O que entende por patrulha?

Entrevistado: Sair para a rua e tratar resolver as situações do dia-a-dia.

Entrevistador: Acha que é valorada no interior da esquadra?

Entrevistado: Julgo que o patrulheiro tem o seu valor. Acho que a patrulha é valorizada.

Entrevistador: Pensa noutros métodos de policiamento?

Entrevistado: Não.

Entrevistador: Sente que tem alguma autonomia ou acha que é obrigado a proceder sempre da mesma maneira?

Entrevistado: O patrulheiro quando sai para a rua, o serviço é dele.

Entrevistador: Pensa que as determinações superiores são todas para cumprir ou gostaria que houvesse mais imaginação na patrulha? Dê exemplos.

Entrevistado: Sim, o patrulheiro, julgo que o patrulheiro tem de cumprir a determinação e falei no assunto ao superior se não estava de acordo.

Entrevistador: Os polícias deveriam ser mais preventivos ou repressivos?

Entrevistado: Têm de ser as duas coisas.

Entrevistador: Os seus colegas partilham das suas opiniões?

Entrevistado: Não sei. Cada um é livre de pensar...

Entrevistador: O que é ser polícia?

Entrevistado: É o poder ajudar os outros e fazer com que as pessoas vejam a polícia para os ajudar e fazer ver e dar conhecimento das coisas que eles desconhecem.

Entrevistador: Concorda com a afirmação de que os polícias patrulheiros em grande parte se limitam a assegurar a ordem local? O que tem a dizer sobre isso?

Entrevistado: Sim e não. Quando há várias patrulhas na rua. Quando há menos patrulhas.

Entrevistador: A função de patrulheiro será só visibilidade. Será mesmo preciso reinventar o papel da patrulha?

Entrevistado: Sim, para inculcar mais tarefas. O polícia tem mais visibilidade. Tem de estar atento a certas situações com que vai deparando: idosos, comércio, etc.

Entrevistador: Qual a relação patrulheiro – esquadra? Acha que é uma relação de complementaridade, isto é, sem a esquadra o patrulheiro não se orienta e a esquadra sem o patrulheiro não funciona?

Entrevistado: Sim, para o bom funcionamento da esquadra é necessário a patrulha. O superior tem de dar instruções para fazer a patrulha.

Entrevistador: Como interpreta os símbolos da PSP?

Entrevistado: Faz parte integrante da Polícia. Trás simbolismo, respeito por aquilo que representa.

Entrevistador: A que valores acha que os patrulheiros deveriam dar mais importância?

Entrevistado: Todas. O valor humano é o mais importante.

Entrevistador: Quais são as principais características de um bom ou boa patrulheiro(a)?

Entrevistado: Comunicação com os cidadãos, estar atento.

Entrevistador: Acha que deveria haver mais mulheres na patrulha?

Entrevistado: É-me indiferente, desempenham o papel como um masculino.

Entrevistador: Qual o seu desejo e expectativas para o futuro?

Entrevistado: O futuro da patrulha deve ser melhor. Acabar a patrulha e passar tudo para o “PIPP”. Desejo que no futuro só “PIPP”, mas com mais funções para desempenhar

ENTREVISTADO 5

Entrevistador: Gostaria de lhe agradecer pelo facto de ter acedido responder a esta entrevista. Desde já garanto-lhe a total confidencialidade das suas respostas e o anonimato desta entrevista. Em nenhum documento escrito surgirá a referência ao nome do Entrevistado, ao nome da esquadra, como dado possível de identificá-lo. Gostaria ainda de lhe dizer que é de fundamental importância todo o tipo de informação que me vier a transmitir, durante a entrevista, tendo em conta que o trabalho de investigação que irei realizar, no campo das identidades profissionais dos patrulheiros, depende essencialmente de todos os dados que eu vier a obter desta e de outras entrevistas. Gostaria que se sentisse completamente à vontade para responder com a máxima sinceridade àquilo que eu lhe vier a questionar no decorrer desta mesma entrevista. Posto isto, comecemos:

Entrevistador: Como é que se tornou polícia?

Entrevistado: Em 1997 concorri à polícia. Quando somos jovens temos aquele sonho de ser polícia, foi nesse sentido que me candidatei e entrei em 1998. Depois da Escola Prática estive sempre no Comando de Lisboa.

Entrevistador: Que motivos o levaram a ingressar na PSP?

Entrevistado: Desde prestígio social, à instituição, melhores condições financeiras e sociais etc.

Entrevistador: Podemos dizer que o seu objectivo principal foi estabilidade profissional?

Entrevistado: Sim, estabilidade profissional, para além do prestígio social que tem a instituição.

Entrevistador: O que é que fazia antes de concorrer?

Entrevistado: Era recepcionista de hotel.

Entrevistador: Gostava do que fazia?

Entrevistado: Sim gostava.

Entrevistador: Porque essa mudança?

Entrevistado: Na altura o trabalho que desempenhava era na área das línguas e gostava da área, os ordenados eram relativamente mais baixos pelo tal motivo financeiro e pelo prestígio social que já foi dito, concorri à PSP.

Entrevistador: Que habilitações literárias é que tinha na altura?

Entrevistado: Na altura tinha o 11º ano

Entrevistador: Concorreu à PSP quando acabou o curso para onde foi?

Entrevistado: Quando acabei o curso fui colocado na Divisão de Segurança, passado um ano fui colocado na 4ª Divisão.

Entrevistador: Quando acabou o curso e foi para a divisão de Segurança foi por iniciativa própria ou resultado de concurso?

Entrevistado: Foi por iniciativa, na altura tinha mais opções mas escolhi essa.

Entrevistador: Quando concorreu o que esperava da PSP a nível operacional?

Entrevistado: A expectativa que na altura tinha é as que se verificam no terreno, a nível da protecção ao cidadão, da proximidade.

Entrevistador: Já tinha alguma noção prévia de como funcionava a PSP?

Entrevistado: Não tinha, não tinha familiares, não tinha ninguém na família na polícia nem tinha qualquer noção de como era o funcionamento interno.

Entrevistador: Quando chegou à esquadra pela primeira vez como é que se sentiu?

Entrevistado: Senti-me bem, é sempre difícil aquela primeira fase da adaptação mas foi ultrapassado, senti-me bem, nos primeiros tempos há aquela dificuldade do alojamento, mas depois a adaptação foi boa.

Entrevistador: Como é que foram os seus primeiros dias na esquadra?

Entrevistado: Correram bem, a integração foi boa e o resto vai com o tempo

Entrevistador: Quando chegou à escola e vestiu a farda pela primeira vez como é que se sentiu?

Entrevistado: Na escola ainda é o fato de estudante, quando sentimos verdadeiramente o que é ser polícia é quando somos colocados na esquadra a fazer patrulha, é um orgulho muito grande sentimo-nos bem, é sinal que conseguimos fazer um curso de formação de agentes, conseguiu-se atingir uma etapa na vida.

Entrevistador: Como é que se sentiu quando lhe foi atribuída uma arma?

Entrevistado: Não senti nada de especial, foi para isso que fomos treinados no curso, a atribuição de uma arma faz parte de toda a formação policial.

Entrevistador: O seu primeiro turno na esquadra foi sozinho ou acompanhado?

Entrevistado: Foi acompanhado.

Entrevistador: Conhecia a zona para onde foi?

Entrevistado: Não conhecia a zona.

Entrevistador: O que aprendeu na EPP sente que tem aplicabilidade na patrulha?

Entrevistado: Tem aplicabilidade, apesar de ser com o tempo que o elemento policial se vai desenvolver e integrar dentro do espírito, a formação ajuda, dá uma formação teórica ao elemento depois isso vai ser conjugado com a pratica e experiencia adquirida com o tempo

Entrevistador: Porque está agora nesta esquadra?

Entrevistado: Porque é aqui que se situa a minha área de residência.

Entrevistador: Qual é a sua situação actual na esquadra?

Entrevistado: Neste momento sou patrulheiro.

Entrevistador: Faz o que gostaria de fazer?

Entrevistado: Dentro da polícia não faço o que gostaria de fazer porque entretanto tirei uma formação superior e gostava de trabalhar na área jurídica, mas sabendo que de momento não é possível estou por opção na patrulha.

Entrevistador: Que formação tirou?

Entrevistado: Tenho Licenciatura em Direito e Pós-graduação em Direito Administrativo.

Entrevistador: Pretendia agora ir para onde?

Entrevistado: Pretendo, não sei se consigo, preendo trabalhar no gabinete jurídico.

Entrevistador: O que faz nesta esquadra que lhe agrada e que o mantém nestas funções?

Entrevistado: O que me agrada fazer é o contacto com a população, com o público e de trabalhar no domínio da segurança pública.

Entrevistador: O que é que pensa da actividade policial desta esquadra?

Entrevistado: Penso que é uma actividade importantíssima, a cidade e os municípios contam com a PSP para a segurança, a polícia tem uma actividade no domínio da proximidade e do contacto com o cidadão.

Entrevistador: Comparativamente com outras esquadras por onde já passou sente que a actividade policial desta esquadra é boa ou não?

Entrevistado: Sinto que a actividade policial é boa, não tenho queixas a apontar, nem nesta nem nas outras esquadras.

Entrevistador: Nesta esquadra se pudesse melhorar alguma coisa o que é que faria?

Entrevistado: Podemos sempre melhorar varias coisas, se calhar o incentivo aos elementos que prestam serviço aqui na esquadra, nomeadamente os que fazem patrulha.

Entrevistador: Se fosse dada a possibilidade de mudar de esquadra, aceitaria?

Entrevistado: Não

Entrevistador: Porquê?

Entrevistado: Devido a proximidade entre a minha residência e o local de trabalho, acho uma grande falha na polícia o número de anos nomeadamente de agentes e chefes que demoram na sua transferência para esquadras perto da sua residência ou terras de origem, fazendo com que os polícias percam muito tempo em deslocações, é um elemento fundamental a possibilidade dos elementos policiais trabalharem junto das suas residências.

Entrevistador: Na sua opinião como é que isso poderia ser melhorado?

Entrevistado: Tenho noção que é uma questão complicada, envolve poder político, tinha que ser através da abertura de mais postos e uma maior transferência de elementos. Teria se de arranjar uma forma de colocar os elementos polícias mais cedo junto das suas famílias, porque o elemento policial ao estar 10 ou 15 anos longe da sua Terra Natal a motivação não vai ser a mesma.

Entrevistador: Considera que ser polícia é uma profissão para a vida ou uma ocupação?

Entrevistado: Ser polícia é uma profissão para a vida, não se pode encarar ser polícia como um hobby ou um part-time, porque se o elemento policial não está imbuído daquele espírito característico dos polícias ele vai acabar por desmotivar e ao fim de algum tempo vai acabar por ter problemas, se calhar vai deixar de desempenhar a missão como se estivesse com outro espírito.

Entrevistador: O que é que preciso para gerir a vida familiar sendo um polícia?

Entrevistado: Penso que se têm que ter as mesmas características que se têm nas outras profissões, acresce que nós para a vida familiar levamos uma maior carga de stress derivado da actividade policial, por mais que o elemento policial se tente abstrair e não levar os problemas para casa, é sempre mais complicado. O resto é tudo igual, bom senso, calma e ponderação.

Entrevistador: E o facto de você desempenhar a sua função por turnos acha que dificulta ou não?

Entrevistado: Penso que não, a experiencia e o tempo acabam por criar uma habituação, a maior dificuldade é trabalhar muitos sábados e Domingos e ter-se menos tempo para a família, quando se tem filhos é complicado. O maior problema de trabalhar por turnos é ter-se muitos turnos e ter-se poucos

fins de semanas, o que também podia ser melhorado para permitir ao elemento policial ter mais fins-de-semana em casa, mais folgas possibilitando estar mais tempo com a família.

Entrevistador: Tem alguma ideia de como poderia esse sistema ser melhorado?

Entrevistado: Por exemplo actualmente fazemos seis horas de patrulha diária, aumentando se calhar para sete horas se calhar o elemento trabalha só uma hora a mais por dia e poderia permitir de folgar ao fim de sete dias em vez de oito dias, em vez de ter duas folgas poderia ter três. Há coisas que poderiam ser melhoradas, claro que têm de ser feitos estudos prévios mas essa era uma das soluções

Entrevistador: O que pensa a sua família do facto de pertencer á patrulha?

Entrevistado: Compreendem-me, não gostam que eu esteja na polícia, actualmente estou na polícia por vontade própria já tive possibilidade de sair mas devido a vários factores não sai e de momento a melhor para a estabilidade familiar é continuar na polícia.

Entrevistador: O sentimento de responsabilidade em relação à família acha que contribui ou é um obstáculo ao sentido profissional?

Entrevistado: Acho que é igual, temos sempre um sentido de responsabilidade e protecção familiar, o que acontece por vezes por sermos polícia termos mais atenção e um maior sentido de protecção em relação aos nossos filhos.

Entrevistador: Dá mais importância à família ou só pensa no trabalho?

Entrevistado: Não, dou mais importância à família.

Entrevistador: Considera que têm tempo livre?

Entrevistado: Considero.

Entrevistador: Como é que dispõe dele?

Entrevistado: O meu tempo livre é gasto com a família na medida do possível e o restante actualmente é ocupado com estudos.

Entrevistador: O que é que considera ser o melhor e o pior da vida policial?

Entrevistado: O melhor é o sentimento de poder colaborar com o cidadão ao serviço da PSP, temos sempre ocorrências que são mais gratificantes onde é possível ajudar o cidadão. O pior é o risco que está inerente à profissão, numa ocorrência que não estamos à espera poderá acontecer algo grave.

Entrevistador: Considera que ser polícia é um estilo de vida?

Entrevistado: Não considero ser um estilo de vida, ser polícia é honra, uma ambição que temos quando somos crianças e acima de tudo um orgulho de poder servir a população.

Entrevistador: Como é que vê os seus colegas?

Entrevistado: Os meus colegas trabalham tal como eu a favor da população, há espírito de camaradagem na polícia, não tenho nada apontar aos elementos policiais nomeadamente aos meus colegas.

Entrevistador: Pensa que a relação com os seus colegas e o próprio ambiente de trabalho é mais importante que o tipo trabalho que se faz nesta esquadra?

Entrevistado: Não, o mais importante é o tipo de trabalho que a pessoa desenvolve, não haja duvida que está tudo relacionado e para as coisas funcionarem bem tem de haver um bom clima, camaradagem entre todos.

Entrevistador: O desempenho de algumas tarefas na patrulha exigem a colaboração dos seus colegas, como vê essa colaboração?

Entrevistado: É uma colaboração importante, todos os elementos policiais colaboram e actuam com um objectivo comum.

Entrevistador: Como é a sua relação com os seus superiores?

Entrevistado: Tenho uma boa relação, sei que a função deles é comandar e incentivar os elementos policiais, a minha função é de cumprir e executar as ordens que são dadas pelos superiores hierárquicos, não vejo qualquer problema.

Entrevistador: Identifica-se profissionalmente com o contexto em que trabalha?

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: Como é que se dá com o público?

Entrevistado: Dou-me bem, nomeadamente nesta área, o cidadão vê com olhos a actuação da polícia, a relação com o público só pode ser boa.

Entrevistador: Qual é que acha que é a imagem que eles tem de si?

Entrevistado: Penso que tem uma boa imagem, sinceramente não me preocupo muito com a imagem tento desempenhar a minha função da melhor forma o que levará a uma imagem positiva.

Entrevistador: Nesta adaptação com o público sente que há apoio profissional?

Entrevistado: Sim, nunca tive qualquer tipo de problema, se tiver alguma dificuldade em resolver alguma questão é colocada superiormente e nesse aspecto tenho tido o apoio necessário.

Entrevistador: Como é que sente e pensa a imagem que a sociedade tem da polícia enquanto instituição?

Entrevistado: Penso que a imagem varia com a faixa etária e classe social. Os mais jovens vêem a polícia duma forma negativa, a classe mais idosa já tem uma imagem bastante positiva da polícia, gostam de estar perto da polícia.

Entrevistador: Como é que percebe a justiça em Portugal?

Entrevistado: Acho que de uma maneira geral é boa devia ser se calhar um pouco mais célere, a imagem que passa cá para fora as vezes é outra porque o cidadão não percebe como funcionam as coisas, a justiça tem prazos para funcionar, tem de ser ponderada e às vezes o cidadão não percebe isso.

Entrevistador: Como é a sua relação com a justiça?

Entrevistado: É boa, compreendo como ela tem de funcionar, do ponto de vista policial para o arguidos e para os delinquentes existe mais direitos do que devia ser permitido mas compreendo a justiça.

Entrevistador: O que é que faz falta à patrulha?

Entrevistado: Actualmente o que faz falta à patrulha é os elementos receberem mais actualizações a nível de expediente, de actuação, isto porque os elementos quando saem da escola e chegam aqui não recebem actualizações e sentem-se um pouco perdidos, nomeadamente a nível da legislação e da actuação, agora com as novas tecnologias devia-se dar mais formação aos elementos policiais.

Entrevistador: Como é que melhoraria a função da patrulha?

Entrevistado: Sim deveria ser dada mais informação, quando eu cheguei à polícia havia pelo menos uma vez por mês, havia uma hora ou duas ou uma manhã, era chamado período de instrução em que elementos policiais recebiam informação e era sempre bom porque os elementos policiais estavam actualizados.

Entrevistador: Para sim qual é o verdadeiro trabalho da patrulha?

Entrevistado: È aquele que é executado actualmente, é a prevenção e a segurança, a proximidade, penso que é importante haver alguma proximidade com o cidadão de modo a combater a criminalidade.

Entrevistador: Como é o seu dia de trabalho numa esquadra?

Entrevistado: O meu dia de trabalho é iniciado com um turno de seis horas, inicio o serviço, damos conhecimento desse facto à central rádio depois fazemos o patrulhamento normal pela cidade e podemos ter mais ou menos chamadas, somos chamados a várias ocorrências desde roubos a desentendimentos.

Entrevistador: Com que tipo de pessoas é que contacta

Entrevistado: No turno de serviço contactamos com várias pessoas de variadas classes sociais, desde o arrumador até pessoas de classes sociais mais elevadas.

Entrevistador: O serviço é de ser agrado?

Entrevistado: É.

Entrevistador: Digamos que ah serviços mais fáceis e mais agradáveis de se fazer que outros?

Entrevistado: Não, penso que todos os serviços com maior ou menor grau de dificuldade, são ultrapassados, penso que nenhum serviço específico que seja mais melindroso.

Entrevistador: O serviço de ruas é por vezes um serviço aborrecido?

Entrevistado: Não, ao serviço de rua não lhe é dado a importância que deveria, a maioria dos elementos policiais com quem eu falo sentem-se desmotivados porque é desprezado aquele serviço que deveria ser considerado mais importante, deveria se dar mais importância aos elementos da patrulha.

Entrevistador: O que é que o incentiva mais nesta profissão?

Entrevistado: Actualmente o que me incentiva continua a ser a segurança pública, o ajudar o cidadão e a estabilidade social e financeira.

Entrevistador: Nesta esquadra pensa que os elementos são bem recebidos?

Entrevistado: Sim, penso que são bem recebidos.

Entrevistador: Acha que existe solidariedade no interior da esquadra e afastamento em relação ao exterior?

Entrevistado: Não, penso os elementos na sua grande maioria percebem a sua actividade policial e tem noção da posição da instituição policial dentro da sociedade, não há qualquer tipo de afastamento

Entrevistador: O que é que lhe parece ser mais importante na patrulha, os saberes técnico-práticos ou o bom senso policial?

Entrevistado: As duas coisas são muito importantes, o saber tem uma importância enorme mas penso que o mais importante na actividade policial é a ponderação e o senso comum.

Entrevistador: Quais são as competências necessárias e essenciais para o patrulheiro desempenhar a sua função?

Entrevistado: Penso que qualquer patrulheiro actualmente que seja oriundo da Escola Prática de Polícia tem as competências necessárias para desempenhar a função, também deve ter sempre ponderação.

Entrevistador: Alguma vez teve oportunidade para sair da patrulha?

Entrevistado: Não

Entrevistador: Imagine que eu agora lhe davam a oportunidade de sair da polícia e ir para outra profissão, aceitaria?

Entrevistado: Estava dependente da proposta financeira.

Entrevistador: Se fosse uma função semelhante a que desempenha agora mas do lote privado, aceitaria?

Entrevistado: Não

Entrevistador: Que tipo de problemas ou dificuldades são mais decorrentes na sua função?

Entrevistado: Os maiores problemas como já foi dito são a distância que os elementos policiais são colocados em relação as suas residências e o tempo que demoram para ser colocados mais perto das suas residências e das suas famílias.

Entrevistador: Sente que é uma profissão perigosa?

Entrevistado: Não, sendo que é uma profissão que tem um risco inerente à actividade de polícia, mas não penso que seja uma profissão perigosa.

Entrevistador: Encontra sentido para o desempenho das suas tarefas?

Entrevistado: Todas as tarefas têm um sentido prático, são feitas porque têm algum objectivo, as tarefas têm um sentido de existir.

Entrevistador: O que é que entende por patrulha.

Entrevistado: A patrulha é o serviço efectuado pelo elemento policial, é um serviço que é feito com uma maior proximidade ao cidadão, o elemento da patrulha é o primeiro que dá a cara, é a imagem da polícia, é o primeiro impacto da ocorrência policial.

Entrevistador: Pensa noutro método de policiamento?

Entrevistado: Não, penso que o método mais eficaz é o policiamento de proximidade, deve se continuar a apostar no policiamento de proximidade.

Entrevistador: Acha que o policiamento de proximidade devia-se sobrepor-se ao de patrulha, acabar com a patrulha e estender o policiamento de proximidade a todos?

Entrevistado: Não, eu quando digo policiamento de proximidade refiro-me à patrulha, um elemento de patrulha tem um contacto com o público, é chamado às ocorrências, o cidadão conhece aquele elemento, vai andar todos dias ali naquele giro, e penso que esse é o serviço importante. Há o serviço de proximidade e de prevenção, esse e o policiamento mais importante.

Entrevistador: Segue sempre a lei ou não?

Entrevistado: Sim, dentro da actividade policial tento seguir sempre a lei.

Entrevistador: Sente que tem alguma autonomia ou é obrigado a proceder sempre da mesma maneira?

Entrevistado: Sinto que tenho alguma autonomia, o elemento policial deveria ter mais autonomia técnica, há directrizes superiores e dentro dessas directrizes deve actuar com alguma margem de autonomia, relativamente ao meu caso penso que tenho a autonomia necessária.

Entrevistador: Pensa que as determinações superiores são todas para cumprir ou gostava que ouve se mais imaginação?

Entrevistado: Não, as determinações superiores devem ser cumpridas.

Entrevistador: Os polícias deviam ser mais preventivos ou repressivos?

Entrevistado: Devem ser mais preventivos.

Entrevistador: Porquê?

Entrevistado: A base da actuação policial está na prevenção, devemos apostar na prevenção.

Entrevistador: Quando conversa com os seus colegas sobre a patrulha sobre o que é que falam?

Entrevistado: Falam no sentido policial, falam de várias coisas, temos a justiça, as situações diárias, fala-se de muitos assuntos.

Entrevistador: Relativamente aos seus colegas do programa do PIPP achas que eles têm mais vantagem ou não?

Entrevistado: Não, relativamente ao funcionamento do PIPP penso que outro tipo de funções, não terão mais vantagens, tem funções diferentes do elemento policial que faz o patrulhamento.

Entrevistador: O que é ser polícia?

Entrevistado: Ser polícia é trabalhar para segurança pública, em pró do cidadão, é ajudar o outro, é contribuir para um país melhor.

Entrevistador: Concorda com a afirmação que os polícias patrulheiros em grande parte se limitam assegura a ordem local?

Entrevistado: Não, como já disse a actividade de um polícia patrulheiro é mais importante ou deveria ser considerada a mais importante na polícia, eles têm varias funções, entre elas a de assegurar a ordem no local e a instituição tem de ser vista como um todo.

Entrevistador: As funções que um patrulheiro desenvolve a nível de esquadra estão revestidas de autonomia e responsabilidade. O que tem a dizer sobre isto?

Entrevistado: Concordo com a afirmação, o patrulheiro tem autonomia e a sua actuação tem de ser obrigatoriamente pautada de responsabilidade. O patrulheiro tem de ser responsabilizado pelas suas atitudes.

Entrevistador: Acha que uma maior autonomia trás uma maior responsabilidade?

Entrevistado: A autonomia trás mais responsabilidade, dentro dos parâmetros que o patrulheiro pode actuar.

Entrevistador: A função da patrulha será só visibilidade. Será preciso reinventar o papel da patrulha?

Entrevistado: A função da patrulha continua a ser a que era antigamente, o cidadão quando vê o patrulheiro não está a pensar que ele está ali de visibilidade, é aquele elemento policial que ele se vai dirigir, solicitar uma informação ou pedir ajuda. Como tal, penso que não vai ser necessário reinventar a função do patrulheiro.

Entrevistador: A relação patrulheiro - esquadra, acha que eles se complementam, isto é sem a esquadra o patrulheiro não se orienta e o patrulheiro sem a esquadra não funciona?

Entrevistado: A instituição e a esquadra trabalha como um todo, o patrulheiro quando sai para a rua sabe o que tem de fazer, se tiver duvidas tem uma central que solicita e lhe dá o apoio necessário, ele sabe as funções que tem de

fazer, acho quanto a isso não ah qualquer tipo de problema, sem dúvida que há uma actuação conjunta.

Entrevistador: Como é que interpreta os símbolos da PSP?

Entrevistado: O mais importante é a actividade, o que se passa e a imagem que a polícia dá no terreno e não tanto os símbolos. Penso que o mais importante na polícia é a imagem do dia-a-dia e é essa imagem que vai fazer com que o cidadão sinta apreço pela instituição policial.

Entrevistador: Quando eu me refiro a símbolo o que lhe vem á cabeça?

Entrevistado: O símbolo da instituição em si, neste caso do COMETLIS, as cerimónias oficiais pomposas, a nossa bandeira.

Entrevistador: O que é para si característico da cultura profissional?

Entrevistado: A responsabilidade pelos elementos policiais que prestam serviço e pelas chefias quando dão directrizes aos elementos policiais.

Entrevistador: Quando empregamos o termo cultura policial o que é que lhe vem à cabeça?

Entrevistado: Quando falamos em cultura policial vem-me à cabeça toda a instituição policial em si que tem o objectivo da segurança pública, a camaradagem dos seus elementos, etc.

Entrevistador: Que ritos e tradições acha que existe na instituição?

Entrevistado: Temos as tradições policiais normais, as nossas cerimónias policiais.

Entrevistador: A que valores acha que os patrulheiros deviam dar mais importância?

Entrevistado: Penso que o mais importante para o patrulheiro devia ser a ponderação e o bom senso.

Entrevistador: Considera que deviam existir mais colegas femininas?

Entrevistado: Não.

Entrevistador: Porquê?

Entrevistado: Temos as colegas necessárias, relativamente à actuação policial. Não faço e acho que não devia ser feita distinção entre masculino e feminino O elemento policial quando anda na rua a função exigida deve ser a mesma quer seja masculino ou feminino, é nesse sentido que digo que não tem de ser colocados mais elementos femininos.

Entrevistador: Como é que prevê o futuro da patrulha?

Entrevistado: O futuro da patrulha vai continuar a pautar-se pela prevenção e proximidade com o cidadão.

Entrevistador: E o futuro das esquadras genéricas?

Entrevistado: As esquadras genéricas continuam a ter bastante importância para a população, tem a mesma ou mais importância que tinha anteriormente.

Entrevistador: A nível profissional qual é o seu desejo para o futuro?

Entrevistado: O meu desejo é continuar a desempenhar a missão enquanto estiver dentro da polícia é continuar a desempenhar a missão policial da melhor forma que sei e auxiliando o cidadão da maneira que poder.

ENTREVISTADO 6

Entrevistador: Gostaria de lhe agradecer pelo facto de ter acedido responder a esta entrevista. Desde já garanto-lhe a total confidencialidade das suas respostas e o anonimato desta entrevista. Em nenhum documento escrito surgirá a referência ao nome do Entrevistado, ao nome da esquadra, como dado possível de identificá-lo. Gostaria ainda de lhe dizer que é de fundamental importância todo o tipo de informação que me vier a transmitir, durante a entrevista, tendo em conta que o trabalho de investigação que irei realizar, no campo das identidades profissionais dos patrulheiros, depende essencialmente de todos os dados que eu vier a obter desta e de outras entrevistas. Gostaria que se sentisse completamente à vontade para responder com a máxima sinceridade àquilo que eu lhe vier a questionar no decorrer desta mesma entrevista. Posto isto, comecemos:

Entrevistador: Como se tornou polícia?

Entrevistado: Estava na Faculdade e concorri e com 20 aninhos, entrei. Não há muito emprego e optei por concorrer. Como não tinha emprego, optei por concorrer à PSP e entrei

Entrevistador: Então o objectivo principal foi:

Entrevistado: Estabilidade profissional.

Entrevistador: O que fazia antes de concorrer?

Entrevistado: Estudava. Acabei o curso de solicitador.

Entrevistador: Quando acabou o curso foi para ...

Entrevistado: Para Lisboa e passado um mês vim para aqui.

Entrevistador: Escolheu por iniciativa própria ou foi resultado do concurso?

Entrevistado: Optei pela 3ª. Divisão, 5ª, e Divisão de Oeiras. Isto aqui não tem nada a ver. Lá tem mais gente. O bairro social que lá há, aqui não existe. Aqui temos os mitras. Isto tem mais movimento.

Entrevistador: O que esperava da PSP do ponto de vista da actividade profissional?

Entrevistado: Essencialmente esperava que não fosse igual à GNR da minha terra. Esperava tornar-me melhor do que era na altura... O patrulheiro dentro da Polícia é o que não presta. Devia ser o mais prestigiado. Não nos pagam o que merecemos.

Entrevistador: Como é que se sentiu quando chegou à esquadra?

Entrevistado: Contente. Comecei a trabalhar. Estava saturado na EPP. Era só teoria. No início custou. Aqui o mundo é outra divisão. Resido em Lisboa e venho para aqui...

Entrevistador: Refira-se aos primeiros dias passados na esquadra...

Entrevistado: Foram bons. O pessoal acolheu-me bem. Tínhamos dois grupos, boa camaradagem. Aqui tive que começar do zero. Não tinha amigos, não tinha nada. Foi a partir do zero, não conhecia ninguém.

Entrevistador: Como é que foi recebido pelos colegas mais velhos, com outra experiência na profissão?

Entrevistado: Bem, receberam-me bem, nenhum foi arrogante e foi fácil a integração. A gente é nova e favorece a integração.

Entrevistador: Como se sentiu quando vestiu a farda? (na Escola)

Entrevistado: Senti-me, olhava para mim e via polícia nas costas do colega e nada tinha a ver comigo e tinha uma imagem diferente do que tenho agora. Senti-me esquisito. Não me via como polícia. Agora já me vejo.

Entrevistador: Como reagiu à pressão da farda?

Entrevistado: Quando vesti pela primeira vez a farda, senti-me orgulhoso e na esquadra fomos bem integrados no grupo dos mais velhos é que faziam o expediente. Agora é honrar a camisola que visto. Com a arma, o primeiro dia não é fácil. A responsabilidade é grande. Eu não posso ir para a discoteca com arma. Deixo-a em casa e se desaparecer levo um processo. São mais as coisas contra do que a favor do uso da arma. Quando é bem usada, é bom...

Entrevistador: O primeiro turno foi sozinho ou acompanhado?

Entrevistado: Acompanhado. Já fiz sozinho quando vim para aqui. Em Arroios fiz patrulha dobrada. Aqui, andei logo sozinho no primeiro mês fui patrulheiro. Não senti medo. Sente-se impotência. Não é valorizada a patrulha apeada. Um papá sozinho não irá abordar, se forem dois já é alguma coisa. Não tive medo. Se tivesse medo não estaria aqui.

Entrevistador: O que aprendeu na EPP tem aplicabilidade na realidade da patrulha?

Entrevistado: Tem, apesar da maior parte dizer o contrário. Isso não é verdade. Tem muitos conceitos úteis que vão ser úteis aqui. Na Escola havia de haver mais prática.

Entrevistador: Porquê esta esquadra?

Entrevistado: Escolhi esta esquadra. Não escolhi a da sede da Divisão que tinha tudo ... é muita confusão. E o transporte, mas se fosse hoje tinha escolhido a do lado. Optei por esta devido ao comboio por informações dos colegas. Escolhi por ordem da lista que me deram na EPP. Não me arrependo.

Entrevistador: O que é que faz nesta esquadra? Agrada-lha fazer o quê e de que modo o mantém nestas funções.

Entrevistado: Arvorado. Na esquadra faço o que gosto. A nível profissional pretendo integrar a esquadra de Investigação Criminal. É um serviço onde se aprende profissionalmente. Mantenho-me nesta esquadra porque gosto dos colegas.

Entrevistador: O que pensa da actividade policial desta esquadra?

Entrevistado: Muito boa, só tem os bairros sociais que é um problema.

Entrevistador: Mudaria de esquadra, porquê?

Entrevistado: Não, porque gosto de estar aqui. Gosto disto, já conheço a área e por aqui quero ficar.

Entrevistador: E essa a principal razão porque não muda?

Entrevistado: Sou arvorado 24x24. Faço aquilo que gosto.

Entrevistador: Em termos de trabalho que aqui desenvolve, não haverá, eventualmente, outras esquadras onde o trabalho lhe poderia agradar mais?

Entrevistado: É subjectivo. Se formos por São Marcos a actividade policial é diferente as medidas criminais. Isto aqui o que é mais é furto. Há um roubo de vez em quando.

Entrevistador: Solicitar ao entrevistado que explicita o seu percurso pessoal antes do concurso.

Entrevistado: Dou-me bem com a família. Há que pagar a factura, sair das relações familiares. De início custa um bocado. Aqui, em Lisboa, sem família, custa um bocado. Concorri à PSP sem saber nada. Depois ficaram contentes. Agora, depois destes anos, as relações estão bem. Vemo-nos menos vezes e tem outro valor. Quando temos as coisas perto de nós não damos valor, mas quando estamos longe, já damos valor.

Entrevistador: Considera que ser polícia é uma profissão para a vida ou uma ocupação.

Entrevistado: É uma profissão para a vida. Ocupação não. É claro que há muitas injustiças... é uma profissão para a vida. Só temos a ganhar por ser polícia. Sempre podemos mudar se andamos contrariados. Se gosto disto como gosto, tenho que viver isto como profissão.

Entrevistador: O que é preciso para gerir a vida familiar sendo polícia?

Entrevistado: Vivo com a namorada. É necessário bom senso. Gostar muito uma da outra. Trabalhar por turnos é difícil, as mulheres não compreendem isso.

Entrevistador: As pessoas que vivem consigo, o que pensam do facto de você ser patrulheiro?

Entrevistado: Em casa evito falar de trabalho. Quanto menos souberem melhor.

Entrevistador: O sentimento de responsabilidade em relação à família contribui ou obsta a um maior serviço profissional?

Entrevistado: Contribui. Quando vim para aqui temos regras, temos que obedecer a chefes. Tudo isto contribui e a nossa família também contribui. O sentido profissional é melhorado quando há família. O bom ambiente familiar facilita o profissional e vice-versa. Tem que haver consenso entre as duas partes

Entrevistador: Dá mais importância à família ou só pensa no trabalho?

Entrevistado: Não, primeiro a família e depois o trabalho.

Entrevistador: Quando tem tempo livre, dispõe dele, Como o ocupa?

Entrevistado: Tento fazer uma boa gestão. Passo-o com os meus amigos, familiares, com os que mais gosto. Os turnos desencontrados, não é a melhor situação, é o nosso ganha pão.

Entrevistador: O que considera ser o melhor ou o pior da vida policial?

Entrevistado: O melhor que já foi melhor é pertencermos à função pública. Temos o nosso ordenado. As horas que fazemos a mais não são pagas. Profissionalmente, são as operações de stop o que menos gosto. O que mais gosto é de abordagens a indivíduos, rusgas, identificações.

Entrevistador: Ser polícia é um estilo de vida?

Entrevistado: Não. É um modo de vida. Somos profissionais. A minha atitude mudou muito. A minha personalidade mudou desde que vim para aqui. Os serviços, a abordagem que fazemos a indivíduos, se trafica droga, etc. De droga não sabia nada. A abordagem com as pessoas já é diferente.

Entrevistador: Como é que vê os pares?

Entrevistado: Como família... como amigos.

Entrevistador: Pensa que a relação com os seus colegas e o próprio ambiente de trabalho são mais importantes, por exemplo, que o tipo de trabalho que tem de fazer nesta esquadra?

Entrevistado: Fundamentalmente, sim. Se nós tivermos um bom ambiente o serviço corre bem. Se não tivermos confiança no colega vou abordar o indivíduo de modo diferente.

Entrevistador: O desempenho de algumas tarefas da patrulha, exige a colaboração dos colegas. Como é que vê essa participação? Gostaria que fosse diferente?

Entrevistado: É necessária. Tem de haver um apoio mútuo... num bairro social tem lá problemas ... se tiver um colega ao pé de mim, não serei agredido. Se não houver uma boa relação entre os colegas, então, se não gosto dele, embora o apoie na mesma, não é a mesma coisa, tem tudo a ver com o bom relacionamento. Do actual superior não tenho razão de queixa. Fazemos jantares de convívio e convidamos os comandantes.

Entrevistador: A relação entre todos os elementos anteriormente referidos facilita a vivência colectiva no seio da esquadra?

Entrevistado: Tenho tido muito apoio. Acho que sim. Havendo bom ambiente, há bom trabalho.

Entrevistador: Sente que a organização apoia o trabalho da patrulha?

Entrevistado: Não, o trabalho do patrulheiro é discriminado, é visto como ralé do serviço de patrulha. São mal amados. A patrulha é o serviço mais ingraticante, não há apoio. Se tivermos um bom trabalho e se metermos os pés pelas mãos, logo chateiam. Levamos nas orelhas.

Entrevistador: Identifica-se, profissionalmente, com o contexto em que trabalha? Continua ligado a realidades anteriores ou mescla vontades com a realidade actual?

Entrevistado: Sim, quando vim para aqui não me identificava com a instituição. Agora, não me vejo a fazer outra coisa. É claro que o meu modo de vida inicialmente vai influenciar a minha vida. Anteriormente andava a estudar, sei o que custa a vida. Agora é totalmente diferente. Estão interligadas.

Entrevistador: Como percepção a justiça em Portugal?

Entrevistado: Falha em muitos aspectos, não se aplica aos pobres. As cadeias estão superlotadas. O que poderia mudar? Os indivíduos detidos saem primeiro que a gente.

Entrevistador: Como se dá com o público? Qual a imagem que pensa que tem de si?

Entrevistado: Muito bem. Muito bem, eu acho que todos me conhecem e gostam de mim..

Entrevistador: Nessa adaptação com o público, há apoio profissional?

Entrevistado: Não. Somos entre aspas atirados aos leões, mas os colegas é que apoiam.

Entrevistador: Como se vê no conjunto das relações sociais que estabelece?

Entrevistado: Vejo-me bem, acho que gostam de mim.

Entrevistador: Como sente e pensa a imagem que a sociedade tem da Polícia?

Entrevistado: Depende de muitos contextos. A polícia é a mal amada, mas quando precisam são os primeiros a chamá-la. A nível geral, ninguém gosta de nós.

Entrevistador: O que falta à patrulha? Como melhoraria esse trabalho?

Entrevistado: Acho que faz falta o apoio institucional. É a mal amada da polícia. É preciso mais apoio da instituição. Está um pouco banalizada pela instituição. É preciso louvar o serviço, apoiar, gratificar o trabalho que fazemos (louvor). Se o agente estiver à porta do primeiro-ministro leva um louvor e na rua apanha droga e não é louvado. Horas a mais não são compensadas. É preciso remodelar o modo como se olha para a patrulha.

Entrevistador: Para si, qual será o verdadeiro trabalho de patrulha?

Entrevistado: O verdadeiro trabalho da patrulha é prevenção criminal. Mostrar ao cidadão que estamos cá para o que for preciso, fazendo visibilidade e apoiar as pessoas.

Entrevistador: Ao entrar de serviço, dirige-se para a rua. Conhece o local?

Entrevistado: Sim, quando vim para cá não conhecia nada. Ainda hoje não me sinto à vontade porque não conheço todas as ruas desta zona.

Entrevistador: Com que tipo de pessoas contacta?

Entrevistado: Com qualquer um. Comerciantes, depende. No carro patrulha contacta-se menos, na patrulha apeada contacta-se mais. Com os comerciantes dão-nos informações, etc.

Entrevistador: Que ocorrências poderão acontecer?

Entrevistado: Tudo. Visibilidade nas farmácias, assaltos a gasolinhas...

Entrevistador: O serviço é do seu agrado?

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: Digamos que há serviços mais fáceis ou mais agradáveis de fazer do que outros?

Entrevistado: Sim, Motorista e graduado no CP é o mais gratificante.

Entrevistador: O serviço de rua, por vezes, é um serviço aborrecido?

Entrevistado: Depende. Na patrulha apeada, aqui e ali, na patrulha dobrada é diferente.

Entrevistador: Apesar de ter que fazer este tipo de serviços (mais aborrecidos), acha que vale a pena ser polícia, gosta de ser polícia?

Entrevistado: Gosto. Se não gastasse não estava aqui. Tenho um curso superior e não opto por sair porque não quero.

Entrevistador: O que o incentiva mais nesta profissão?

Entrevistado: Tudo. “Perigo”, é o nível de vida, o ordenado...

Entrevistador: Encontra na esquadra uma estratégia de ajustamento profissional, uma lógica de adesão?

Entrevistado: Sim, está bem organizada... os elementos de fora são bem integrados.

Entrevistador: Acha que existe solidariedade no interior da esquadra e afastamento em relação ao exterior?

Entrevistado: Sim e camaradagem a nível de agentes, menos com os chefes. Não nos fechamos no interior.

Entrevistador: O que lhe parece ser mais importante na patrulha? Os saberes técnico-práticos ou o bom senso policial?

Entrevistado: Bom senso para umas coisas e conhecimentos técnico-práticos para outras. São os dois necessários. Não são uns mais importantes que os outros. São os dois necessários.

Entrevistador: Quais as competências necessárias e essenciais para um patrulheiro desempenhar a sua função?

Entrevistado: comunicativa...

Entrevistador: Teve alguma vez oportunidade para sair da patrulha? Porque permanece nela?

Entrevistado: Já. ... Depende.

Entrevistador: Imagine que tinha agora a possibilidade de sair da Polícia e ir trabalhar para outra profissão. Sairia?

Entrevistado: Depende, só se fosse a ganhar o dobro. Tinha que ponderar os prós e contras.

Entrevistador: Que tipo de problemas e/ou dificuldades são mais frequentes no decorrer da sua função? Como as resolve?

Entrevistado: A família nem sempre entende os horários de trabalho. É complicado a nível pessoal.

Entrevistador: O que entende por patrulha?

Entrevistado: É o indivíduo que contacta com a população. São seis horas a interagir com os cidadãos.

Entrevistador: Acha que é valorada no interior da esquadra?

Entrevistado: Não, o patrulheiro é o mais discriminado na polícia. Se fizer um bom trabalho não é reconhecido e se fizer mal é recriminado.

Entrevistador: Sente que tem alguma autonomia ou acha que é obrigado a proceder sempre da mesma maneira?

Entrevistado: Tenho autonomia. Cada situação é diferente e podem fazer o que querem, desde que não saiam das competências.

Entrevistador: Pensa que as determinações superiores são todas para cumprir ou gostaria que houvesse mais imaginação na patrulha? Dê exemplos.

Entrevistado: Qualquer determinação superior tem de ser cumprida, mas a imaginação é importante... o comandante está oito horas na esquadra, mas o patrulheiro anda na rua. Devia de haver mais colaboração.

Entrevistador: Os polícias deveriam ser mais preventivos ou repressivos?

Entrevistado: Acho que devia ser o meio-termo. Preventivos quando necessários e repressivos quando necessário. Ex: Transito (repressivo).

Entrevistador: Os seus colegas partilham dessa opinião? A Patrulha é valorizada e reconhecida no interior da esquadra? Quando conversa com os seus colegas acerca da patrulha, o que dizem?

Entrevistado: Cada um fala por si. Na esmagadora maioria sim. Falamos sobre suspeitos, viaturas suspeitas. A nível pessoal, saber da nossa vida de uns dos outros.

Entrevistador: Concorda com a afirmação de que os polícias patrulheiros em grande parte se limitam a assegurar a ordem local? O que tem a dizer sobre isso?

Entrevistado: O patrulheiro leva com tudo.

Entrevistador: As funções que o patrulheiro desenvolve ao nível da esquadra estão revestidas de autonomia e responsabilidade, comente.

Entrevistado: Eu faço o que quero, mas se fizer mal, vou ser responsabilizado. Entro no café e tomo um café e posso vir a ser responsabilizado...

Entrevistador: Concorde com o facto de que o patrulheiro deva ter maior autonomia na execução das suas tarefas, pressupondo que tal autonomia engendra responsabilidade?

Entrevistado: Quanto mais autónomo sou, mais responsabilidade tenho. O bom senso é preciso. Quanto mais autonomia, mais responsabilidade.

Entrevistador: As funções da patrulha serão só visibilidade? Será mesmo preciso reinventar o papel da patrulha?

Entrevistado: A patrulha já tem um estatuto grande na Polícia. A patrulha já tem visibilidade e prevenção. A diferença das duas, uma irá levar à outra.

Entrevistador: Qual a relação patrulheiro – esquadra? Acha que é uma relação de complementaridade, isto é, sem a esquadra o patrulheiro não se orienta e a esquadra sem o patrulheiro não funciona?

Entrevistado: É claro que sim. A esquadra para funcionar tem de ter informação. Para funcionar tem de haver os dois.

Entrevistador: Como interpreta os símbolos da PSP?

Entrevistado: Só pelo facto de termos símbolos já criamos no público o respeito. A farda cria nervosismo na população... naquele que vamos abordar.

Entrevistador: Quando empregamos o termo “cultura policial”, o que lhe vem à cabeça?

Entrevistado: A competência. Tudo o que fazemos, meios, pessoas, actividades, tudo o que gere comportamentos.

Entrevistador: A que valores acha que os patrulheiros deveriam dar mais importância?

Entrevistado: Competência, saber ser/saber estar.

Entrevistador: Quais são as principais características de um bom ou de uma má patrulheiro(a)?

Entrevistado: Tem de ser profissional. Está ali porque quer e tenta fazer o melhor que sabe e o que lhe pedem.

Entrevistador: Considera que deveriam ou não existir mais colegas femininas a trabalhar na patrulha?

Entrevistado: Depende do tipo de personalidades que tiverem. Não. A nível profissional é um elemento negativo. Depende. Gosto mais de trabalhar com homens.

Entrevistador: Como prevê o futuro da patrulha? E das esquadras “genéricas”?

Entrevistado: A patrulha é o trabalho essencial da polícia e irá permanecer sempre.

Entrevistador: Qual o seu desejo para o futuro?

Entrevistado: Que o patrulheiro seja reconhecido e que a organização apoie mais a patrulha. Que a instituição seja mais justa connosco.

ENTREVISTADO 7

Entrevistador: Gostaria de lhe agradecer pelo facto de ter acedido responder a esta entrevista. Desde já garanto-lhe a total confidencialidade das suas respostas e o anonimato desta entrevista. Em nenhum documento escrito surgirá a referência ao nome do Entrevistado, ao nome da esquadra, como dado possível de identificá-lo. Gostaria ainda de lhe dizer que é de fundamental importância todo o tipo de informação que me vier a transmitir, durante a entrevista, tendo em conta que o trabalho de investigação que irei realizar, no campo das identidades profissionais dos patrulheiros, depende essencialmente de todos os dados que eu vier a obter desta e de outras entrevistas. Gostaria que se sentisse completamente à vontade para responder com a máxima sinceridade àquilo que eu lhe vier a questionar no decorrer desta mesma entrevista. Posto isto, comecemos:

Entrevistador: Como se tornou polícia?

Entrevistado: De um momento para o outro decidi ser polícia.

Entrevistador: Porquê?

Entrevistado: Eu trabalhava, já estava efectiva no trabalho aonde estava e estava um bocado cansada, sair de um trabalho onde estava efectiva para ir para contrato, achei melhor candidatar-me à polícia.

Entrevistador: Que motivos é que a levaram mesmo a ingressar na PSP?

Entrevistado: Foram esses, não foi gosto foi mesmo para ter uma melhoria a nível profissional e a nível pessoal, de gosto não porque ainda não sabia o que era a vida de polícia.

Entrevistador: Quando acabou o curso na EPP para onde é que foi?

Entrevistado: Fui estagiar para a divisão de Cascais.

Entrevistador: Foi por iniciativa própria ou por concurso?

Entrevistado: Não conhecia a zona nem sabia aonde era Cascais, porque pensava que quando acaba-se o curso voltaria para os Açores, como tal não aconteceu, preenchi ao calhas e fui parar à divisão de Cascais.

Entrevistador: Não era sua intenção abandonar os Açores?

Entrevistado: Não, nunca foi a minha intenção abandonar os Açores, se soubesse que ia abandonar os Açores não tinha concorrido para a Polícia.

Entrevistador: Se fosse dada essa oportunidade hoje sabendo isso, concorria?

Entrevistado: Não, não concorria, preferia ficar lá.

Entrevistador: Quando concorreu o que esperava da PSP a nível operacional?

Entrevistado: Pensei que ia fazer algo importante para a sociedade, infelizmente calhei na Divisão de Segurança e não fiz nada de útil para a sociedade, se calhar fiz para as embaixadas, mas para a sociedade em si, não.

Entrevistador: Quando chegou à primeira esquadra qual é que foi a sensação?

Entrevistado: Quando cheguei à Divisão de Segurança, uma vez que já tinha estagiado 15 dias na Divisão de Cascais, fiquei muito desapontada, fiquei triste, comecei a fazer os serviços, não conhecia nada, podia estar na embaixada do Estados Unidos e nem sabia aonde estava, podiam-me perguntar aonde era uma rua ali perto que eu não sabia indicar, ficamos lá sozinhos durante uma hora a duas horas dependendo das embaixadas que tínhamos que fazer a volta, e fiquei desapontada.

Entrevistador: Na altura como é que foi recebida pelos colegas?

Entrevistado: Foi muito bem recebida.

Entrevistador: A primeira vez que vestiu a farda o que é que sentiu?

Entrevistado: Não senti nada, nem impressão, tinha se calhar uma vida nova pela frente. Não senti nada porque ainda não sabia o que era ser polícia.

Entrevistador: E essa mesma farda quando chegou a uma esquadra?

Entrevistado: Foi diferente, porque ao longo do tempo do curso comecei a gostar do que estava a fazer, comecei a interessar-me pelo curso a envolver-me no ambiente, sentia-me realizada a tirar o curso e ir para uma esquadra. Quando cheguei à esquadra e vesti a farda senti-me bem, realizada.

Entrevistador: Durante o curso tinha sempre em mente o objectivo de ir para os Açores?

Entrevistado: Sim tinha sempre, porque sempre foi assim, sempre aconteceu assim até ao meu curso, sempre fomos para os Açores e claro era um incentivo tirar o curso e ir para a minha terra.

Entrevistador: Quando chegou à esquadra, na Divisão de Segurança o seu primeiro turno foi acompanhada ou sozinha?

Entrevistado: Foi sozinha, porque na Divisão de Segurança fazemos os turnos sozinhos, entramos numa equipa de 6 ou 7 elementos e cada elemento é distribuído numa embaixada. Fui colocada sozinha numa embaixada aonde não conhecida nada na zona.

Entrevistador: Foi colocada por desconhecimento? Quanto tempo teve lá?

Entrevistado: Nas embaixadas mesmo tive 6 meses. Depois foi para a Assembleia da República.

Entrevistador: Por sua iniciativa ou transferida?

Entrevistado: Pedi para ir para a Assembleia da República por iniciativa minha.

Entrevistador: Foi por não estar a gostar do serviço?

Entrevistado: Sim foi por não estar a gostar e se ficasse lá mais tempo ia-me embora da polícia.

Entrevistador: Pediu para a Assembleia da República, tinha conhecimento do serviço que era feito lá?

Entrevistado: Tinha, sabia o que faziam lá, porque conhecia colegas minhas que já tinham trabalho lá e pedi para ir para lá, sempre estava mais acompanhada, não me sentia tão sozinha e sempre era outro tipo de serviço em que sentia-me mais útil.

Entrevistador: E depois para onde foi?

Entrevistado: Depois vim para aqui, para esta Divisão.

Entrevistador: Porquê?

Entrevistado: Gostava de estar na Assembleia da República mas não me sentia como polícia mas não me sentia realizada. Decidi sair e fazer o serviço de polícia. Quando me candidatei sabia que tinha que fazer algo útil para a sociedade e tinha que fazer o serviço que era necessário fazer. Metem-me numa embaixada e depois vou para a Assembleia da República... eu não sou segurança, eu sou polícia.

Entrevistador: Nessa altura qual era a sua sensação do que era o verdadeiro trabalho de um polícia?

Entrevistado: Ser segurança das embaixadas e na Assembleia da República ser segurança de entidades.

Entrevistador: Porque pediu vir para vir para esta Divisão?

Entrevistado: Porque têm mais a ver comigo, mais a ver com os Açores, porque é um sítio mais bonito, mais turístico, tem mais vegetação, posso-me sentir um bocadinho mais em casa.

Entrevistador: Quando houve essa possibilidade para vir para esta Divisão ainda não estavam abertas vagas para os Açores?

Entrevistado: Não.

Entrevistador: Se fosse dada a possibilidade de mudar de esquadra aceitaria?

Entrevistado: Não.

Entrevistador: Em termos de trabalho que aqui desenvolve não haverá eventualmente outra esquadra em que poderia fazer o mesmo e com mais gosto?

Entrevistado: Se fosse mais perto de casa e se fosse para fazer o mesmo, podia ponderar, mas tenho aqui amizades de muito tempo.

Entrevistador: O que é que pensa da actividade policial desta esquadra?

Entrevistado: Podia ser melhor, já foi melhor, o efectivo da esquadra já trabalhou e trabalha muito mas como sentem-se um bocado revoltados se calhar não o seu melhor.

Entrevistador: Eevoltados com o ambiente na esquadra ou com o exterior?

Entrevistado: Revoltados com o ambiente na esquadra.

Entrevistador: Em que sentido?

Entrevistado: A nível superior.

Entrevistador: Veio dos Açores tinha lá a sua família, os seus amigos, como era a relação com eles todos?

Entrevistado: Era óptima.

Entrevistador: Se tivesse oportunidade de pegar na sua família e ir para os Açores?

Entrevistado: Ia, ia já amanhã.

Entrevistador: Considera que ser polícia é uma profissão para a vida ou uma ocupação.

Entrevistado: É uma profissão para a vida.

Entrevistador: Porquê?

Entrevistado: Nós somos polícias no qual nós vestimos uma farda e temos que respeitar essa farda, e como disse temos que ser úteis para a sociedade e temos que ajudar a sociedade a fazer o melhor, por isso acho que é sempre para toda a vida.

Entrevistador: O que é que é que é preciso para gerir a vida familiar sendo polícia?

Entrevistado: É complicado. Conseguir, consegue-se sempre, mas é complicado.

Entrevistador: As pessoas que vivem consigo o que pensam do facto de pertencer à patrulha?

Entrevistado: As pessoas que vivem comigo acham que se eu me sinto realizada, acham bem.

Entrevistador: E os seus pais?

Entrevistado: Quando vim para a polícia só tinha a minha mãe, ela ficou muito feliz, mas depois como estive de cá ficar, ela ficou triste pois é uma pessoa idosa e eu é que tomava conta dela nos Açores, foi uma situação complicada.

Entrevistador: O sentimento de responsabilidade em relação a uma família contribui ou é um obstáculo para um maior sentido profissional?

Entrevistado: É um obstáculo.

Entrevistador: Porquê?

Entrevistado: Porque infelizmente ainda existe superiores nossos na polícia que acham que uma mulher na polícia não devia estar na polícia, e porque somos polícias e muitas de nós somos mães e cabe em primeiro a nossa vida familiar e a saúde dos nossos familiares, muitas vezes isso é um obstáculo para a vida profissional, porque não compreendem que nós temos que por assistência à família quando é necessário, não compreendem que quando os infantários estão fechados temos que por assistência á família, não há ninguém que fique com eles, é um bocado complicado.

Entrevistador: Ou seja dá mais importância á família que ao trabalho?

Entrevistado: Sim, primeiro está a minha família.

Entrevistador: Considera que dispõe de tempo livre?

Entrevistado: Tenho muito pouco tempo livre.

Entrevistador: O que é que considera ser o melhor e o pior na vida policial?

Entrevistado: O melhor são as amizades que fazemos dentro da esquadra, amizades que nos ajudam em situações muito complicadas, temos que ser muito unidos, o companheirismo na esquadra e na Divisão. O pior é quando vamos para certas situações e não sabemos o que acontecer, quando chegamos lá não tem nada a ver com aquilo que ouvimos no rádio, infelizmente acontece tragédias nas quais não somos apoiados.

Entrevistador: Considera que ser polícia é um estilo de vida?

Entrevistado: Não, um estilo de vida é quando temos uma profissão como ocupação.

Entrevistador: O que é que acha da sua função social?

Entrevistado: Acho que é boa, porque tento sempre dialogar com as pessoas.

Entrevistador: Como é que vê os seus colegas?

Entrevistado: Aqui na esquadra, acho que são todos bons colegas e se precisarmos estão ali para ajudar.

Entrevistador: Pensa que a relação com os seus colegas e o próprio ambiente de trabalho é mais importante do que o tipo de trabalho que aqui se desenvolve?

Entrevistado: Sim, porque se tivermos um bom ambiente a nível de companheirismo, o trabalho também funciona.

Entrevistador: Como é a sua relação com os superiores?

Entrevistado: É boa, dentro do possível é boa.

Entrevistador: Sente que a organização apoia o trabalho da patrulha?

Entrevistado: Sim, quando estou na rua estou a fazer patrulha e fazemos tudo o que é necessário fazer. Quando estou na rua, estou na patrulha, a organização apoia isso

Entrevistador: Identifica-se profissionalmente com todo o contexto em que trabalha?

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: Como é que percepciona a justiça em Portugal?

Entrevistado: Cada vez estamos pior, infelizmente a justiça funciona para certos casos mas para outros não funcionam, somos rigorosos para umas coisas e não somos para outras, infelizmente o polícia é que cada vez mais o que tem menos poder, nós não precisamos de poder mas sim de mais justiça e de sermos mais apoiados dentro da organização.

Entrevistador: Como é que se dá com o público?

Entrevistado: Dou-me bem.

Entrevistador: Qual é que é a imagem que acha que ele têm de si?

Entrevistado: Acho que é boa, acabamos por conhecer as pessoas e é um bom relacionamento, já nos conhecemos

Entrevistador: Como é que se vê no conjunto de todas as relações sociais que estabelece?

Entrevistado: Eu vejo bem, acho que estou bem.

Entrevistador: Como é que sente e pensa a imagem que o público tem da própria polícia?

Entrevistado: Quando acontece alguma coisa de mal ficam com má imagem da polícia em geral, quando acontece uma coisa boa ficam com uma boa imagem, mas uma coisa que é realidade que eles acham e dizem, e custa a ouvir

mas damos a volta, é que nós não temos poder nenhum, que nos não conseguimos fazer nada, tiram-nos o valor, cada vez está pior.

Entrevistador: O que é que faz falta à patrulha?

Entrevistado: Primeiro faz falta mais elementos na rua, que temos poucos, segundo devíamos de andar mais bem equipados para fazer patrulha, nunca devíamos andar sozinhos mas sim sempre acompanhados. Acontecer qualquer coisa acontece sempre e dois é sempre melhor. Termos mais apoio quando vamos para a rua.

Entrevistador: Para si qual é o verdadeiro trabalho da patrulha?

Entrevistado: É andar na patrulha de um lado para o outro, nas zonas que são mais complicadas, falar com o cidadão, saber o que se passa, o que está bem e o que está mal.

Entrevistador: Considera que esse trabalho tem sido desvirtuado?

Entrevistado: Sim, porque quando o efectivo sente-se injustiçado também o trabalho deixa de ser o melhor trabalho.

Entrevistador: Que tipo de situações é que podem levar a essas injustiças?

Entrevistado: O que estamos a viver agora.

Entrevistador: Como é o seu dia de trabalho numa esquadra?

Entrevistado: É bom, há dias melhores e dias piores, uma pessoa quando entra de serviço não sabe o que a espera.

Entrevistador: Com que tipo de pessoas é que contacta?

Entrevistado: Contacto com cidadãos normais que andam na rua, com entidades, assistentes sociais, comerciantes, com a sociedade.

Entrevistador: Que tipo de ocorrências é que costumam acontecer durante o vosso serviço?

Entrevistado: O que acontece muitas vezes é furtos, roubos, assaltos a residências, distúrbios, damos apoio a escolas, problemas de violência doméstica.

Entrevistador: O serviço é de seu agrado?

Entrevistado: É sim.

Entrevistador: Mudaria alguma coisa?

Entrevistado: Não, a nível de serviço está bom.

Entrevistador: Digamos que há serviços mais fáceis e mais agradáveis de se fazer?

Entrevistado: Há serviços mais fáceis e mais difíceis, como o que eu faço abrange um pouco de tudo estou satisfeita.

Entrevistador: O serviço de rua por vezes é aborrecido?

Entrevistado: Às vezes torna-se aborrecido, quando está a chover, quando está muito frio, quando está um agente sozinho num sítio onde não está ninguém.

Entrevistador: Apesar desses serviços aborrecidos gosta de ser polícia?

Entrevistado: Sim gosto de ser polícia.

Entrevistador: O que é que a incentiva mais nesta profissão?

Entrevistado: Independentemente de as coisas estarem tão mal, acho mesmo que as coisas estão mal e espero mesmo que não fiquem pior, gosto de ser polícia, gosto de vestir a farde e ajudar as pessoas.

Entrevistador: Encontra nesta esquadra uma estratégia de ajustamento profissional, os elementos estão bem inseridos?

Entrevistado: Não, acho que alguns elementos não estão bem inseridos.

Entrevistador: Acha que existe solidariedade no interior de uma esquadra e afastamento em relação ao exterior?

Entrevistado: Não, acho que existe solidariedade dentro e fora da esquadra, somos mais amigos entre nós mas estamos aqui para ajudar as pessoas do exterior.

Entrevistador: O que é que considera mais importante os saberes técnico-práticos ou o bom senso?

Entrevistado: São necessárias as duas coisas.

Entrevistador: Quais são as competências necessárias para um patrulheiro desempenhar a suas funções?

Entrevistado: Tem de ser uma pessoa humilde, humana, tem de ser um bom polícia, tem de saber o que faz, tem de ter um bom diálogo com as pessoas, tem de fechar os olhos a muita coisa, não levar para casa, tem de ser muito forte. Nas situações que acontecem ter que ser as vezes ríspido nas alturas certas e ser ponderado.

Entrevistador: Alguma vez teve uma oportunidade para sair da patrulha?

Entrevistado: Já, não aceitei porque ia ganhar menos.

Entrevistador: Imagine que tinha oportunidade de sair da polícia e ir para uma outra profissão, aceitaria?

Entrevistado: Depende. Não saía da Polícia. Para sair tinha que medir bem os prós e contra.

Entrevistador: Que tipo de problemas e dificuldades são mais decorrentes na sua função?

Entrevistado: Existe muitas dificuldades na nossa profissão, muitas vezes somos poucos na patrulha e quando acontece situações graves, demora um bocado até termos apoio, porque temos elementos e esses elementos estão noutras ocorrências.

Entrevistador: O que é que agrada mais na sua função?

Entrevistado: O que me agrada mais é ser útil, ajudar as pessoas, acabar o turno e sentir que desempenhei um bom serviço.

Entrevistador: Encontra sentido para as tarefas que desempenha?

Entrevistado: Às vezes encontro sentido.

Entrevistador: Acha que é valorada a nível da esquadra?

Entrevistado: Depende, as vezes é outras vezes não é.

Entrevistador: Pensas noutros métodos de policiamento?

Entrevistado: Sim, como já disse porquê andar um patrulheiro sozinho? Haver mais polícias, mais contacto com as pessoas?

Entrevistador: Sente que tem alguma autonomia ou é obrigada a actuar sempre da mesma forma?

Entrevistado: Sinto que tenho alguma autonomia, na rua temos que ter alguma autonomia, todos os dias trabalhamos de maneira diferente dentro dos limites.

Entrevistador: Pensa que as determinações superiores são todas para cumprir ou deveria haver alguma imaginação na patrulha?

Entrevistado: Tem que haver sempre alguém a gerir, por isso que todas têm de ser cumpridas, se concordo com todas, não concordo, mas têm de ser cumpridas para tentar que as coisas corram bem.

Entrevistador: Os polícias deviam ser mais preventivos ou repressivos?

Entrevistado: Mais preventivos.

Entrevistador: Porquê?

Entrevistado: Porque nós estamos para ajudar os outros, tentar que as coisas não aconteçam, se as coisas estão mal, tentar que não fiquem pior.

Entrevistador: Os seus colegas partilham dessas opiniões?

Entrevistado: Nós somos todos diferentes, cada um tem a sua maneira de pensar.

Entrevistador: Quando fala com os seus colegas sobre patrulha, sobre o quê é que falam?

Entrevistado: Falamos de muitas coisas, o que acontece mais, se anda algum grupo a arranjar conflitos, sobre o que aconteceu durante o dia.

Entrevistador: O que é ser polícia?

Entrevistado: Ser polícia é seu útil para a sociedade.

Entrevistador: Concorda com a afirmação que os polícias patrulheiros em grande parte se limitam a assegurar a ordem local?

Entrevistado: Sim, porque eles recebem ordens e se é para ficar naquela zona, têm de ficar naquela zona não podem sair.

Entrevistador: As funções que um patrulheiro desenvolve ao nível de esquadra estão revestidas de autonomia e de responsabilidade, o que têm a dizer sobre isso?

Entrevistado: Sim, autonomia, temos que ter todos um pouco de autonomia, temos muita responsabilidade, andamos na rua e somos os primeiros a ter contacto com o público.

Entrevistador: Concorda que o patrulheiro deve ter maior autonomia na execução das suas tarefas ainda que essa engendra mais responsabilidade?

Entrevistado: Concordo que o patrulheiro tem de ter um pouco de autonomia, não concordo que o patrulheiro tem de ter tudo de autonomia, tem de haver regras e limites.

Entrevistador: A função da patrulha será só visibilidade, achas que é preciso reinventar a patrulha?

Entrevistado: Não acho que é só visibilidade a patrulha, acho que o patrulheiro é dos elementos que tem mais trabalho, ele é que vê o que se passa. Devia de haver mais patrulheiros e tentar dar mais valor aos patrulheiros.

Entrevistador: Relativamente à relação patrulheiro - esquadra, acha que eles complementam-se, isto é a esquadra sem o patrulheiro não funciona e o patrulheiro sem a esquadra não se orienta?

Entrevistado: O patrulheiro é o elemento mais importante na esquadra.

Entrevistador: Como é que interpreta os símbolos da PSP?

Entrevistado: Bem, acho bem.

Entrevistador: O que é para si característico de uma cultura profissional?

Entrevistado: Os hábitos e os costumes de uma cultura, a nível profissional o respeito e o desempenho que nós temos numa esquadra.

Entrevistador: Quando empregamos o termo cultura policial o que é que lhe vem à cabeça?

Entrevistado: Cultura policial é o que nós fazemos no dia-a-dia, o que nós aprendemos, o que nós sabemos do nosso serviço, todo o que nós fazemos. O que nós somos inseridos num grupo.

Entrevistador: A que valores acha que os patrulheiros deviam dar mais importância?

Entrevistado: À sua própria vida. Ir sozinho sem colete a uma ocorrência é não dar valor à própria vida.

Entrevistador: Para si quais são as características de um bom ou de uma boa patrulheiro(a)?

Entrevistado: Estar aonde o mandarem, estar sempre visível, se alguém quiser falar com o patrulheiro, estar de patrulha mas estar presente, estar sempre a olhar à sua volta.

Entrevistador: O que é que o difere de um patrulheiro rudimentar?

Entrevistado: O que difere é quando o patrulheiro não se ausenta, encontra-se presente, consciente, ser um bom colega de trabalho sempre pronto a ajudar.

Entrevistador: Considera que deviam existir mais colegas femininas a trabalhar na patrulha?

Entrevistado: Sim. Normalmente somos menos elemento femininos na patrulha, como é complicado ser polícia e gerir a sua vida pessoal sendo mãe e dona de casa, acaba por ser complicado gerir o tempo quando se faz turnos.

Entrevistador: Como é que prevê o futuro da patrulha?

Entrevistado: Neste momento não vejo melhoras mas espero bem que as coisas melhorem, espero que haja melhor equipamento para andarmos na patrulha, andem sempre dois elementos juntos, dêem mais apoio e mais importância ao trabalho da patrulha.

Entrevistador: Como é que prevê o futuro das esquadras genéricas?

Entrevistado: Se continuar assim como as coisas estão... não sei se vai ficar as coisas muito bem. Cada vez está pior, se as coisas não estão bem com os agentes, o serviço também não será melhor.

Entrevistador: Qual é o seu desejo para o futuro?

Entrevistado: O meu desejo para o futuro é que as coisas melhorem, dêem mais apoio, importância e valor ao que nós fazemos como polícias.

ENTREVISTADO 8

Entrevistador: Gostaria de lhe agradecer pelo facto de ter acedido responder a esta entrevista. Desde já garanto-lhe a total confidencialidade das suas respostas e o anonimato desta entrevista. Em nenhum documento escrito surgirá a referência ao nome do Entrevistado, ao nome da esquadra, como dado possível de identificá-lo. Gostaria ainda de lhe dizer que é de fundamental importância todo o tipo de informação que me vier a transmitir, durante a entrevista, tendo em conta que o trabalho de investigação que irei realizar, no campo das identidades profissionais dos patrulheiros, depende essencialmente de todos os dados que eu vier a obter desta e de outras entrevistas. Gostaria que se sentisse completamente à vontade para responder com a máxima sinceridade àquilo que eu lhe vier a questionar no decorrer desta mesma entrevista. Posto isto, comecemos:

Entrevistador: Como se tornou polícia?

Entrevistado: Já trabalhava. Sempre convivi com a polícia. Tive um tio que foi polícia e amigos tenho muitos. Gosto.

Entrevistador: O que fazia antes de concorrer?

Entrevistado: Trabalhava nos CTT. Não era meu objectivo.

Entrevistador: Quando acabou o curso foi para...

Entrevistado: 4^a. Divisão.

Entrevistador: Escolheu por iniciativa própria ou foi resultado do concurso?

Entrevistado: Foi a primeira opção.

Entrevistador: O que esperava da PSP do ponto de vista da actividade profissional?

Entrevistado: Tinha a noção do que era.

Entrevistador: Como é que se sentiu quando chegou à esquadra?

Entrevistado: Senti-me em casa, já conhecia. Uma coisa era conviver, outra era desempenhar a função.

Entrevistador: Refira-se aos primeiros dias passados na esquadra...

Entrevistado: Foram bons.

Entrevistador: Como é que foi recebido pelos colegas mais velhos, com outra experiência na profissão?

Entrevistado: Bem, não tenho nada a apontar.

Entrevistador: Como se sentiu quando vestiu a farda? (na Escola)

Entrevistado: Já tinha vestido. É diferente. Quando é uma coisa que queres é bom.

Entrevistador: Como reagiu à pressão da farda?

Entrevistado: Não, não senti pressão. Foi normal. Também depende da personalidade da pessoa. Foi normal...

Entrevistador: O 1º. Turno foi sozinho ou acompanhado?

Entrevistado: Acompanhada. Estou perto de casa. Em Lisboa os colegas parecem que são mais unidos. Há mais apoio, estão longe de casa. Aqui há esse apoio só dentro do serviço.

Entrevistador: O que aprendeu na EPP tem aplicabilidade na realidade da patrulha?

Entrevistado: Alguma coisa sim. Outra é a experiência. A situação é que nos faz aprender. Lá a teoria é muita e cá aprendemos a prática. Há disciplinas importantes outras menos.

Entrevistador: Porquê esta esquadra?

Entrevistado: Porque estou à porta de casa. A aproximação de casa foi o principal motivo de vir para aqui.

Entrevistador: O que é que faz nesta esquadra? O que lhe agrada fazer e de certo modo o mantém nestas funções?

Entrevistado: Patrulha. Neste momento não. Não porque não tenho filho. Ia para uma secretaria se tivesse filho. Se não fizesse noites. O serviço, gosto disto. Já estive no programa de proximidade... as coisas não corriam bem. Isto aqui é diferente de Lisboa. Aqui as pessoas quando vêm a polícia ficam retraídas e Lisboa não.

Entrevistador: O que pensa da actividade policial da esquadra?

Entrevistado: Não é boa nem má, é razoável. Infelizmente nem tudo é bom... não reconhecem o nosso trabalho e as condições da esquadra são uma vergonha. Não tem condições nenhuma.

Entrevistador: Mudaria de esquadra?

Entrevistado: Sim, se estivesse mais perto. Trabalhar onde residimos não é bom. As pessoas não sabem separar as coisas...

Entrevistador: É essa a principal razão porque não muda?

Entrevistado: É. Perto de casa.

Entrevistador: Em termos de trabalho que aqui desenvolve, não haverá, eventualmente, outras esquadras onde o trabalho lhe poderia agradar mais?

Entrevistado: O que faço agrada-me. O meu trabalho é o mesmo nesta ou noutra.

Entrevistador: Solicitar ao entrevistado que explicita o seu percurso pessoal antes do concurso

Entrevistado: Açores. Fiquei cá por opção. Quando acabei o curso tinha oportunidade para ir para os Açores, não quis. Aqui há outra diferença. Açores é stressante.

Entrevistador: Considera que ser polícia é uma profissão para a vida ou uma ocupação?

Entrevistado: É uma profissão para a vida. Tem-se um objectivo profissional. Uma ocupação para a vida é o que faço depois do serviço.

Entrevistador: O que é preciso para gerir a vida familiar sendo polícia?

Entrevistado: Paciência e organização. Como trabalho por turnos temos que nos organizar. Tenho que gerir a minha vida de sono para fazer o que temos que fazer em casa...se for uma vida organizada, não há problemas. ...

Entrevistador: As pessoas que vivem consigo, o que pensam do facto de você ser patrulheiro?

Entrevistado: Que deveria estar noutra sítio menos arriscado. Mas é aqui que gosto de estar...

Entrevistador: O sentimento de responsabilidade em relação à família contribui ou obsta a um maior sentido profissional?

Entrevistado: Não. Tento organizar as coisas. As responsabilidades são diferentes. Acho que depende da personalidade da pessoa. Há sempre responsabilidade familiar. As pessoas têm família.

Entrevistador: Dá mais importância à família ou só pensa no trabalho?

Entrevistado: À família, se bem que não deixo a vida profissional da pessoal. Uma complementa a outra.

Entrevistador: Quando tem tempo livre, dispõe dele, Como o ocupa?

Entrevistado: Pratico desporto. É importante a nível pessoal e profissional.

Entrevistador: O que considera ser o melhor ou o pior da vida policial?

Entrevistado: O melhor é quando conseguimos tirar partido das situações no sentido de conseguirmos solucioná-las. O pior é quando não conseguimos resultados.

Entrevistador: Ser polícia é um estilo de vida?

Entrevistado: Profissional sim. Gosto de cá estar, no sentido de gostar do que faço. Estilo de vida a forma que todos temos de trabalhar. Se gostamos é um estilo de vida profissional.

Entrevistador: O que acha da sua função social?

Entrevistado: Boa, gosto de lidar com as pessoas. Não tenho problema nenhum.

Entrevistador: Como é que vê os pares?

Entrevistado: Vejo-os como um apoio. Hoje preciso eu, amanhã precisam eles. Lá está, em Lisboa são mais unidos e dispostos. Aqui também são mas numa forma mais leve, mais afastada.

Entrevistador: Pensa que a relação com os seus colegas e o próprio ambiente de trabalho são mais importantes, por exemplo, que o tipo de trabalho que tem de fazer nesta esquadra?

Entrevistado: É importante as duas coisas. Se tivermos bom ambiente, as coisas funcionam melhor.

Entrevistador: O desempenho de algumas tarefas da patrulha, exige a colaboração dos colegas. Como é que vê essa participação? Gostaria que fosse diferente?

Entrevistado: Boa, às vezes um pouco demorada ... mas bem. Embora mais demorada, quando precisamos de apoio e não temos o carro tão próximo e não temos o carro para apoio. Estou satisfeita com a colaboração dos colegas, mas havia de haver melhores condições, meios, elementos, mais gente. Há falta de pessoal. A relação com os superiores é normal. Respeitável.

Entrevistador: A relação entre todos os elementos anteriormente referidos facilita a vivência colectiva no seio da esquadra?

Entrevistado: Facilita. Se a relação for boa, a coisa corre bem.

Entrevistador: A organização apoia o trabalho da patrulha?

Entrevistado: Não reconhece o trabalho da patrulha. Se as coisas correm bem nada dizem, se correm mal, está lá para apontar. As coisas parecem ser tão fáceis que até podia ser reconhecido.

Entrevistador: Identifica-se, profissionalmente, com o contexto em que trabalha? Continua ligado a realidades anteriores ou mescla vontades com a realidade actual?

Entrevistado: Sim, gosto de cá estar...sim continuo.

Entrevistador: Como percebe a justiça em Portugal?

Entrevistado: Má. Porque um exemplo duma detenção por álcool. Quando fui a tribunal, o senhor foi era referenciado por falsificação de documentos. Não almocei. Foi adiado. O senhor foi embora para casa, foi à sua vida e eu entrei à noite.

Entrevistador: Como se dá com o público? Qual a imagem que pensa que tem de si?

Entrevistado: Bem, acho que bem. Gosto de falar com as pessoas e gosto de resolver as coisas.

Entrevistador: Nessa adaptação com o público, há apoio profissional?

Entrevistado: Há apoio profissional no sentido de saber lidar com as pessoas. Tem de saber lidar com o descontentamento das pessoas.

Entrevistador: Como se vê no conjunto das relações sociais que estabelece?

Entrevistado: Bem. Gosto de lidar com as pessoas.

Entrevistador: Como sente e pensa a imagem que a sociedade tem da Polícia?

Entrevistado: Nem sempre ou hoje não é tão boa como era. A insegurança é maior e a instituição não tem meios para dar resposta...

Entrevistador: O que falta à patrulha? Como melhoraria esse trabalho?

Entrevistado: Meios e mais gente e mais coisas a acrescentar. Se não há dinheiro, não se formam mais agentes. Não se pode gastar gasóleo, o carro não pode andar. Incentivar o incentivo é muito importante

Entrevistador: Para si, qual será o verdadeiro trabalho de patrulha?

Entrevistado: Prevenção. É menor o risco de ocorrerem assaltos, esticões, a pessoas. É mais importante.

Entrevistador: Como é o seu dia de trabalho numa esquadra?

Entrevistado: Normal. Entro no início, desempenho e tento resolver situações que surgem e respondo ao que me é perguntado.

Entrevistador: Com que tipo de pessoas contacta?

Entrevistado: Todas.

Entrevistador: Que ocorrências poderão acontecer?

Entrevistado: Entre particulares, violência doméstica. Cada dia não sabemos o que vai acontecer. Mau estacionamento, porque não há estacionamento suficiente.

Entrevistador: O serviço é de seu agrado?

Entrevistado: É

Entrevistador: O serviço de rua, por vezes, é um serviço aborrecido?

Entrevistado: Faço qualquer um. Mais aborrecidos talvez os cadáveres. Tirando isso...

Entrevistador: O que o incentiva mais nesta profissão?

Entrevistado: Ajudar a resolver as situações que aparecem.

Entrevistador: Encontra na esquadra uma estratégia de ajustamento profissional, uma lógica de adesão?

Entrevistado: Não, devem cada um ter de saber lidar com as pessoas.

Entrevistador: Acha que existe solidariedade no interior de uma esquadra e afastamento em relação ao exterior?

Entrevistado: Acho que há maior afastamento porque as pessoas fazem o serviço e vão embora. Em Lisboa era diferente. Na esquadra são unidos, mas a nível do exterior não são tanto.

Entrevistador: O que lhe parece ser mais importante na patrulha? Os saberes técnico-práticos ou o bom senso policial?

Entrevistado: Os dois. Um complementa o outro. Não. São complementares.

Entrevistador: Quais as competências necessárias e essenciais para um patrulheiro desempenhar a sua função?

Entrevistado: Responsável, competente, desempenho da função da melhor forma.

Entrevistador: Teve alguma vez oportunidade para sair da patrulha?

Entrevistado: Gosto de cá estar.

Entrevistador: Porque permanece nela?

Entrevistado: Gosto, é um trabalho mais activo. Na secretaria o trabalho é mais monótono. Na patrulha um dia é diferente de outro dia. Não sairia da Polícia. Gosto de cá estar.

Entrevistador: Imagine que tinha agora a possibilidade de sair da Polícia e ir trabalhar para outra profissão. Sairia?

Entrevistado: Não, Gosto de cá estar. É uma actividade perigosa. É uma actividade mais perigosa do que as outras.

Entrevistador: Que tipo de problemas e/ou dificuldades são mais frequentes no decorrer da sua função? Como as resolve?

Entrevistado: Os normais, os do dia-a-dia. Falta de meios.

Entrevistador:: Encontra sentido para o desempenho das suas tarefas?

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: O que entende por patrulha?

Entrevistado: Aquilo que fazemos diariamente. Contactar com as pessoas na rua, ocorrências, resolver as ocorrências com que nos deparamos.

Entrevistador: Acha que é valorada no interior da esquadra?

Entrevistado: Nem sempre. Porque... não têm a noção da patrulha na rua.

Entrevistador: Pensa noutros métodos de policiamento?

Entrevistado: Nunca pensei.

Entrevistador: Sente que tem alguma autonomia ou acha que é obrigado a proceder sempre da mesma maneira?

Entrevistado: Sim. No trânsito há autonomia e bom senso. Nem sempre autuo. Quem anda na patrulha tem sempre alguma autonomia.

Entrevistador: Pensa que as determinações superiores são todas para cumprir ou gostaria que houvesse mais imaginação na patrulha?

Entrevistado: Nem sempre são os melhores, mas cumpro dentro da lei. Há determinações que são dadas a determinados elementos e outros não.

Entrevistador: Os polícias deveriam ser mais preventivos ou repressivos?

Entrevistado: Preventivos. Se houver prevenção as coisas não acontecem. Há uma maior proximidade entre a população e a polícia. Se forem repressivos, a população vai-se retraindo muito mais.

Entrevistador: Os seus colegas partilham dessa opinião? A Patrulha é valorizada e reconhecida no interior da esquadra? Quando conversa com os seus colegas acerca da patrulha, o que dizem?

Entrevistado: Em geral penso que sim. Falamos de tudo, dos turnos, da família, queixam-se com frequência. Os polícias dos programas têm mais benefícios. Horários, noites na cama, fins-de-semana.

Entrevistador: O que é ser polícia?

Entrevistado: É prevenir da melhor forma, é contactar com a população, tentar resolver ocorrências.

Entrevistador: Concorda com o facto de que o patrulheiro deva ter maior autonomia na execução das suas tarefas, pressupondo que tal autonomia engendra responsabilidade?

Entrevistado: A responsabilidade tem-na toda. Que tem autonomia tem que ter responsabilidade. Complementam-se.

Entrevistador: As funções da patrulha serão só visibilidade? Será mesmo preciso reinventar o papel da patrulha?

Entrevistado: Não é só visibilidade. É também prevenção. É contactar e resolver ocorrências.

Entrevistador: Qual a relação patrulheiro – esquadra? Acha que é uma relação de complementaridade, isto é, sem a esquadra o patrulheiro não se orienta e a esquadra sem o patrulheiro não funciona?

Entrevistado: A relação tem de ser boa. A esquadra precisa de mim e eu da esquadra. Só se eu levar o computador ... para a rua. Em casa é a vida familiar e pessoal. A esquadra é a esquadra.

Entrevistador: Como interpreta os símbolos da PSP?

Entrevistado: Boa forma. São símbolos que gosto de levar e de mostrar.

Entrevistador: Quando empregamos o termo “cultura policial”, o que lhe vem à cabeça?

Entrevistado: A farda, a pessoa fardada é polícia.

Entrevistador: A que valores acha que os patrulheiros deveriam dar mais importância?

Entrevistado: Familiar, se não houver bom nível familiar, profissional... se não houver bom ambiente, é complicado. Uma coisa complementa a outra.

Entrevistador: Quais são as principais características de um bom ou de uma boa patrulheiro(a)?

Entrevistado: Ser responsável e desempenhar as funções da melhor forma. O mau patrulheiro é aquele que anda cá por andar. Há sempre alguém que faz mais que devia.

Entrevistador: Considera que deveriam ou não existir mais colegas femininas a trabalhar na patrulha?

Entrevistado: É importante. Acho que nós temos uma forma de falar diferente. Somos mais calmas, mais precisas em situações que concorrem com mulheres estão mais à vontade. Acho que deveria de haver mais.

Entrevistador: Como prevê o futuro da patrulha? E das esquadras “genéricas”?

Entrevistado: Bem melhor. Não faço planos. Só espero que melhore. Mas não há dinheiro, não há material, os reformados são muitos.

Entrevistador: Qual o seu desejo para o futuro?

Entrevistado: Que isto melhor, sem dúvida e que haja resposta maior ao que há hoje em dia. Poder fazer melhor do que aquilo que faço.

ENTREVISTADO 9

Entrevistador: Gostaria de lhe agradecer pelo facto de ter acedido responder a esta entrevista. Desde já garanto-lhe a total confidencialidade das suas respostas e o anonimato desta entrevista. Em nenhum documento escrito surgirá a referência ao nome do Entrevistado, ao nome da esquadra, como dado possível de identificá-lo. Gostaria ainda de lhe dizer que é de fundamental importância todo o tipo de informação que me vier a transmitir, durante a entrevista, tendo em conta que o trabalho de investigação que irei realizar, no campo das identidades profissionais dos patrulheiros, depende essencialmente de todos os dados que eu vier a obter desta e de outras entrevistas. Gostaria que se sentisse completamente à vontade para responder com a máxima sinceridade àquilo que eu lhe vier a questionar no decorrer desta mesma entrevista. Posto isto, comecemos:

Entrevistador: Como é que se tornou Polícia?

Entrevistado: Como é que me tornei Polícia? Eu sempre vivi no meio deles. Não era polícia, era GNR. Portanto aquele bichinho esteve lá sempre. Depois também cheguei ao 12.º, os meus pais não tinham grandes possibilidades, então, optei por seguir esta carreira.

Entrevistador: Que motivos elevaram a ingressar na PSP e não na GNR?

Entrevistado: Vim para a Polícia porque na altura não podia ir para a GNR. Porque era preciso tropa. Foi só por causa disso mesmo.

Entrevistador: Foi esse o principal objectivo, então?

Entrevistado: É. Porque no ano em que eu queria concorrer as mulheres da GNR tinham que ter a tropa. Por isso é que eu vim para a Polícia.

Entrevistador: O que fazia antes de concorrer?

Entrevistado: Estudava. Depois, enquanto concorri, estive à espera quatro meses, estive numa empresa de álbuns de fotografias. Foi gírrissimo durante quatro meses. Depois ingressei logo.

Entrevistador: Ingressou então do concurso da Escola Prática de Polícia... quando acabou o curso, para onde foi?

Entrevistado: Para aqui.

Entrevistador: Veio logo directamente para aqui?

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: Escolheu esta esquadra por iniciativa própria, ou foi resultado do concurso?

Entrevistado: Não, foi por iniciativa própria.

Entrevistador: Porquê?

Entrevistado: Porque era a melhor. Porque na escola, tinha uma subcomissária, que disse que dentro desta divisão, que conhecia muito bem esta esquadra e que era muito boa. Ambiente, o comandante esquadra que cá estava também era excelente, que depois já não estava cá quando cá cheguei.

Entrevistador: Quando concorreu, o que esperava da PSP a nível operacional?

Entrevistado: Do ponto de vista operacional... muita acção... e muito trabalho também.

Entrevistador: Falaram-lhe muito bem da esquadra... quando chegou cá, o que sentiu?

Entrevistado: Quando cheguei a Lisboa senti-me bem. Senti-me bem enquadrada.

Entrevistador: Como foram os seus primeiros dias aqui na esquadra?

Entrevistado: Aqui na esquadra? Primeiro foi a adaptação... porque havia poucas mulheres, em tão, havia pouco convívio. Depois o primeiro mês foi complicado porque era a reciclagem, e nós só vínhamos cá uma, uma hora e depois íamos para a divisão. Era diferente, tínhamos um mês de reciclagem. De manhã estávamos a falar com uma subchefe e depois à tarde vínhamos para aqui. No outro dia era ao contrário. Passávamos por vários grupos. Passado esse mês, é que começou a vida policial.

Entrevistador: Acabou o curso e iniciou esse mês. Já tinha a esquadra escolhida ou foi só no final desse mês?

Entrevistado: Só no final do mês.

Entrevistador: Ou seja, vieram para a divisão?

Entrevistado: Exactamente.

Entrevistador: Andavam por todas as esquadras da divisão.

Entrevistado: Sim, sim.

Entrevistador: Continuou a preferir esta? Alguma coisa em especial em relação às outras?

Entrevistado: As outras só foram mesmo... tipo horas. Preferencialmente tínhamos uma. Então, éramos postos mais nessa. E escolhi preferencialmente esta, então vinha mais para esta esquadra. Depois nas outras esquadras, era mais para mostrarem a área, porque também, patrulhas, patrulhas, no

meu tempo de reciclagem, fiz para aí com umas duas ou três. Do tipo três horas, onde não tínhamos arma, não tínhamos nada. Andávamos mesmo só a ver, nas carrinhas, andávamos mesmo só a visitar a área.

Entrevistador: Quando chegou cá, como foi recebida pelos seus colegas mais velhos?

Entrevistado: Bem. Sempre bem.

Entrevistador: Quando estava na escola, como se sentiu quando vestiu a farda?

Entrevistado: Muito bem. Muito orgulhosa.

Entrevistador: Era isso que queria?

Entrevistado: Era.

Entrevistador: Já conhecia as fardas da GNR, que a diferença é que sentiu?

Entrevistado: Não senti muita diferença. Mas senti-me bem perante o meu pai. Porque o pai teve quatro filhos... eu, mais dois irmãos e uma irmã. Nenhum deles seguiu a carreira militar, militar entre aspás, só eu então.

Entrevistador: Quando chegou aqui à esquadra, sentiu a mesma sensação ou diferente? Sentiu alguma pressão?

Entrevistado: Se calhar um bocadinho de medo. O que e que vai ser agora? Passado esse mês, já tinha uma arma, tinha outras responsabilidades. Mas senti-me bem, muito bem.

Entrevistador: O seu primeiro turno, foi sozinha com acompanhada?

Entrevistado: Não me recordo. Não me recordo. Sei que andei um turno inteiro com os colegas, que não foi muito boa a experiência. Foi um dia em que estava mesmo muito frio. Depois fomos para um sítio... ui. Uma pessoa vem nova, o que é que quer? Quer acção, quer muito movimento. O pessoal que já cá está há muito tempo, já não tem aquela pedalada. É o que se nota, agora, um bocadinho diferente. Uma pessoa antes chegava e queria era descobrir. Agora não, já vem a querer estabilizar. Mas tive muito bons colegas. Tive uma situação, que foi quando houve aquela polémica com Timor, foi... dois dias, três dias no máximo que eu já cá estava a patrulhar. Então, amanheci ali em cima da ponte porque um gajo queria-se atirar cá para baixo com a camisola de Timor... foi muito giro. Foi um dos primeiros momentos sem saber o que fazer. Foi giro.

Entrevistador: Referiu agora que não sabia o que fazer. O que aprendeu na EPP tinha aplicabilidade nos primeiros tempos?

Entrevistado: Não, não.

Entrevistador: Em situações destas, em que não sabia o que fazer, recorreu aos seus colegas mais antigos?

Entrevistado: Sim, sim.

Entrevistador: Acabou o curso e veio para esta esquadra. Ficou sempre aqui?

Entrevistado: Mantive-me sempre nesta esquadra. Nem sempre neste serviço pois nem existia. Fui eu que implementei este serviço. Antes disto estive na patrulha, depois estive à civil nos transportes e depois é que ingressei nisto.

Entrevistador: Neste momento encontra-se...

Entrevistado: Estou no policiamento de proximidade.

Entrevistador: Faz o que gostaria de fazer?

Entrevistado: Sim, gosto muito do que faço.

Entrevistador: Se fosse dada uma oportunidade para mudar de esquadra, aceitaria?

Entrevistado: Não. Sair desta esquadra não. É a minha esquadra.

Entrevistador: O que faz nesta esquadra, que lhe agrada de fazer e que a mantém nestas funções?

Entrevistado: É o convívio. Tenho um bom grupo de trabalho. Fora da esquadra, tenho bons laços de amizade com a população e com as entidades. Temos muitas parcerias que me dá gozo trabalhar com elas. Estou mesmo bem aqui.

Entrevistador: O que pensa da actividade policial desta esquadra?

Entrevistado: Podia ser melhor.

Entrevistador: Em que sentido?

Entrevistado: Em tudo. Mais motivação, mais empenho e mais eficácia. Eu acho que está a faltar aqui qualquer coisa.

Entrevistador: Por parte dos seus colegas ou por parte dos seus superiores?

Entrevistado: Por parte de superiores, sem dúvida. Não digo que seja o superior desta esquadra, mas superiores policiais.

Entrevistador: Em termos de trabalho que aqui desenvolve, não haverá outras esquadras que poderia fazer o mesmo? Que a fizesse mudar?

Entrevistado: Eventualmente que sim. Com esta desenvoltura... porque nas outras esquadras também há este policiamento, mas não se vê uma proximidade tão grande entre polícia e cidadão, entre públicos e privados, não há, não existe. Portanto, aqui estou bem.

Entrevistador: Falamos há pouco da sua família, que é filha de um militar... de onde é que é?

Entrevistado: De Viseu.

Entrevistador: O que levou uma pessoa de Viseu vir para Lisboa e ingressar da PSP?

Entrevistado: O que levou? Foi para onde me mandaram. Aí não tive mesmo escolha.

Entrevistador: Se tivesse possibilidade de, logo no final do curso, ficar em Viseu, aceitaria?

Entrevistado: Sim, sim.

Entrevistador: Como não houve outra hipótese, escolheu Lisboa...

Entrevistado: Não pude escolher. Foi mesmo Lisboa.

Entrevistador: Antes de ingressar no curso, tinha os seus amigos, os seus familiares... como é que se dava com todos eles?

Entrevistado: Bem, muito bem.

Entrevistador: Passado este tempo todo, continua com as mesmas relações?

Entrevistado: Familiares sim. Amigos... amigos não.

Entrevistador: Da experiência da loja que falou, com certeza que fez amigos. Mantém relação com eles?

Entrevistado: Não, não, porque vou a Viseu de lés a lés. Quase de férias a férias. Se calhar vêm cá mais tempo os meus irmãos, que estão na Suíça, do que eu lá. Eles quando vêm, vêm um mês. Eu não consigo estar um mês lá.

Entrevistador: Considera que ser polícia é uma profissão para a vida ou uma ocupação?

Entrevistado: É uma profissão para a vida. Porque quem gosta, quem gosta de fazer o faz, não é só uma ocupação. Às vezes, claro que uma pessoa desmotiva um bocadinho. Quando se diz: olha, vou fazer as minhas seis horas de hoje. Isso para mim é uma ocupação. Mas quando se tem algo produtivo, algo que se gosta de fazer, já não é só uma ocupação.

Entrevistador: O que é preciso para gerir a vida familiar sendo um polícia?

Entrevistado: Uma ginástica incrível. Principalmente eu que tenho um marido que também é polícia. Tenho que andar sempre com trocas e baldrocas. Também tenho um filho, alguém tem que o levar à escola e ir buscar. Tem que se gerir muito bem o tempo.

Entrevistador: O que acha o seu filho de ter dois pais polícias?

Entrevistado: Acha fantástico. Diz aos amigos que tem os pais polícias. Ele não nota muito, há sempre alguém que o leva e há sempre alguém que está lá

quando chega. Não vai para o Colégio agora, porque está num horário bom. Como é das nove às cinco tem sempre ali o apoio, ou do pai ou da mãe, quando chega. Assim, não nota muito a nossa ausência.

Entrevistador: O surgimento do seu filho, influenciou de alguma forma a escolha da função que tem agora?

Entrevistado: Não só a tomada, como possíveis concursos. Logicamente que eu queria concorrer a subchefe, mas enquanto ele for pequenito, vou aguentar mais uns anitos. Não tenho o pai nem mãe cá.

Entrevistador: Neste momento mantém-se em funções nessas funções devido à vida familiar?

Entrevistado: Principalmente também... por causa do fim-de-semana. Porque, ao fim-de-semana em escolas estão fechadas.

Entrevistador: O sentimento de responsabilidade em relação à família contribui ou obsta a melhor sentido profissional?

Entrevistado: Sim, dificulta. Já podia ter concorrido a N coisas, mas é impossível.

Entrevistador: Dá mais importância à família ou só pensa no trabalho?

Entrevistado: Não, a minha família está acima de tudo. Se não tivesse este trabalho, tinha outro. Mas a minha família não. A minha família é a minha família.

Entrevistador: Considera que tem tempo livre? Como é que dispõe dele?

Entrevistado: Vou ao ginásio, muito treino. Leio um bocadinho e partilho esse meu tempo livre com o meu filhote... e com o meu marido, quando está.

Entrevistador: O que considera ser o melhor e o pior da vida policial?

Entrevistado: O pior é a falta de visibilidade que tem a patrulha. A falta de respeito que os nossos senhores superiores hierárquicos têm pela patrulha. Sendo a patrulha o serviço que é o mais rude, que é o mais difícil de fazer, é considerado o menos importante e o mais desprezado por todos. Isso é pior que irá. É a desvalorização total pelo serviço de patrulha. O que de bom tem é ver, por exemplo, a cara feliz de um velhote quando vai lá a carrinha, que é um projecto que nós lançamos e que, como não têm dinheiro, a carrinha é tudo para ele. Ao ver a cara do idoso, quando a gente vai e diz - olá tio João, está tudo bem? Ele faz logo uma festa, porque nós somos as únicas pessoas com quem fala o dia todo. Também é o convívio aqui na esquadra, que isto é, acima de tudo, uma família.

Entrevistador: Considera que ser polícia é um estilo de vida?

Entrevistado: Não. Ser polícia é mais do que um estilo. É mais do que uma vontade, tem de ser um bocadinho mais de gosto. Tem que ser um bocadinho mais de querer ser. De querer, de gostar do que está a fazer. Agora estilo, não. Estilo optaria por outro. Um jogador do futebol... sei lá. Agora estilo não. É uma vida muito dura, muito trabalhosa, com muitos sacrifícios para ser considerado um estilo.

Entrevistador: O que acha de sua função social?

Entrevistado: É muito importante. É através de mim que isto funciona bem. De mim e dos meus colegas. É uma pequena parte. Para que tudo funcione bem, sem nós, como sem os médicos... somos uma pequena parte para que tudo funcione bem.

Entrevistador: Como vê os seus pares?

Entrevistado: Vejo-os como companheiros, como amigos, como confidentes muitas das vezes. São os meus compinchas.

Entrevistador: Pensa que a relação com os seus colegas e o próprio ambiente trabalho é mais importante do que o tipo de trabalho da esquadra?

Entrevistado: Sim, sim. Às vezes de trabalho é tão doloroso, é com tantos sacrifícios que deixamos a família, por exemplo numa noite, com o meu filho a dizer - oh mãe, não vás, não vás. Só mesmo o companheirismo, o gosto de estar a trabalhar com eles é que supera também um bocado estas desilusões.

Entrevistador: O desempenho de algumas tarefas da patrulha exige a colaboração dos colegas. Como vê essa participação?

Entrevistado: A participação tem de ser muita activo. Principalmente quando se vai para um bairro Y... tem que haver muita camaradagem e muita inter-ajuda entre nós, o grupo e esquadra.

Entrevistador: Dentro do seu grupo, vê essa participação positiva?

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: E com os restantes elementos da esquadra?

Entrevistado: Às vezes não. Nós somos quase um grupo à parte. Entre eles nós somos os privilegiados. Mas depois de questionados sobre o nosso trabalho, vêem que neste policiamento nós avançamos para tudo. Eles esquecem-se é disso. Quando são confrontados com isso já acalmam. Mas o primeiro

impacto é sempre: os PIPP... os privilegiados. Mas quando sabem que estamos enrascados, eles vão lá. Somos um bocadinho à parte.

Entrevistador: Dentro do seu grupo existe uma grande união. Porquê essa separação para os restantes elementos da esquadra?

Entrevistado: Horários diferentes, rotatividades diferentes. Por exemplo um grupo, a gente apanha-o se calhar de semana a semana. O nosso grupo é o convívio diário. Enquanto nós temos horários fixos... estaremos com eles hoje e se calhar só voltamos a estar, se calhar, daqui a duas semanas. Claro que, quando uma pessoa está todos os dias com a outra, é diferente.

Entrevistador: A relação com os seus superiores. Como é?

Entrevistado: É boa, ótima.

Entrevistador: Tanto a nível de esquadra como fora?

Entrevistado: Sim, sim. Fora é diferente, porque as disponibilidades também são diferentes. Serviço é serviço e lá fora, cada um tem as suas vidas.

Entrevistador: Um graduado assume uma elevada importância dentro de uma esquadra. Como é a sua relação com os diferentes graduados serviço?

Entrevistado: É boa.

Entrevistador: Sente que existe alguma injustiça por parte deles em relação ao seu grupo?

Entrevistado: Não, eles é que se sentem um bocado chateados. Como controlam o grupo deles, às vezes é que se sentem um bocado chateados, porque nós temos funções específicas, nós entramos e sabemos o fazer. Às vezes é que ficam um bocado chateados por não nos conseguirem... domesticar. Mas a relação que temos com eles é ótima.

Entrevistador: A relação entre todos os elementos anteriormente referidos facilita a vivência colectiva no seio da esquadra?

Entrevistado: Sim. Quando mais companheirismo, mais harmonia.

Entrevistador: Sente que a organização apoia o trabalho da patrulha?

Entrevistado: Não. Não, de todo. O que eu sei dizer é que na Assembleia da República, tem elementos que estão lá a guardar sei lá o quê mas pronto, estão lá. Recebem um subsídio por estarem lá. Ganham mais que a patrulha. O corpo de intervenção ganha mais que a patrulha. O corpo de segurança pessoal ganha mais que a patrulha. O grupo de operações especiais ganha mais que a patrulha. Só o triste que anda aí... dia, noite, fim-de-semana,

feriados, tolerâncias, chuva, sol... esse é o mais apontado. Qualquer coisa que se passa numa ocorrência, quem é? É aquele da patrulha, aquele da patrulha é que é sempre aquele que dá a cara. É o que dá cara e é sempre o mais recriminado. Não tem ninguém que, se ele meter os pés, que diga - este meu homem, está aqui, fez o serviço como deve ser. Não existe, não existe. Vem sempre alguém - ai fizeste, agora assume as responsabilidades. Não há essa protecção que devia haver. Depois, não há respeito por ter material bom na esquadra. Não há. Já houve, se calhar, um dia que se importaram um bocadinho mais, respeitavam, não chegavam aqui e... é tudo o nosso, sopra aí o balão... estás aí com 0,30? O que é isso? Agora vais lá abaixo à divisão e vais fazer o teste. O rapaz todo envergonhado vai fazer o teste, quando devia ter dito - opa, esperas aí um bocadinho, aguentas aí, não podes entrar com 0,30, porque teve um almoço de família e vai entrar 19h às 01h e tinha ainda 0,30. Chegou a fazer teste quantitativo e deu 0,10 ou coisa do género. Mas a vergonha que o rapaz passou, já foi. Já ninguém a pode tirar. Isto é o reflexo da população. Se os nossos superiores não respeitam quem anda aqui a bater calçada, isso depois reflecte-se também na população.

Entrevistador: Para prestigiar a patrulha, o que seria necessário?

Entrevistado: Deviam dar incentivos. Por exemplo, aqui nesta esquadra já se fizeram muitos bons serviços. Jamais alguém foi louvado. Mas os nossos superiores hierárquicos, que saíram daqui, foram todos louvados. Se saem daqui com louvores, quer dizer que esta esquadra fez algo para que eles merecessem. Aos agentes, também devia ter sido dado uma palavrinha de conforto. Olha, muito bem. Mas não. Já começa desde aí. Acho que deviam dar mais e melhores meios. Viaturas, os coletes porque ainda não estão cá? Estes coletes que pesam vinte toneladas... como é que eu vou vestir um colete daqueles? É impensável, não é? Há coisas que tem que dar, tem que ter um bocadinho mais de respeito por quem anda aí a patrulhar. Não é só dizer está mal, está mal, mas incentivar e dizer que está mal mas olha, se fizermos assim ficará melhor. Não é logo dar coices.

Entrevistador: Referiu aqui incentivos monetários, defesa dos elementos, mais respeito pelos elementos, culpa por parte da sociedade, incentivos através de louvores e mais meios. Qual acha que é para si o mais importante?

Entrevistado: O respeito. Tentarem... é assim: isto já parte um bocado de política. Olha, vamos cortar este mês o ordenado à Polícia. Lá em cima dizem sim senhora. Vem por aí abaixo. Nós temos de dizer sim senhora. Não, a gente não pode dizer sim senhora. Quem está lá é que tem que nos defender. E esse respeito é a respeitar-se a eles próprios e não dizer sim a tudo e respeitar os homens e as mulheres que andam aqui a patrulhar e não subjugarem a tudo o que eles dizem. Esse respeito é respeitar também as funções que exercem. Agora, por exemplo, assistimos aquela coisa vergonhosa que é os índices. Como é que ainda é possível ainda não terem actualizado. Possivelmente, os superiores e já foram todos colocados. Parte daí, parte daí. Como é possível que um colega que foi promovido agora em Março já está a ganhar mais que eu daqui a uns anos? É só cento e tal euros. É a esse respeito que eu também me estou a referir. Não é só o respeito de sim senhora, palmadinha nas costas, mas é esse respeito de nos defender. Não dizer sim a tudo.

Entrevistador: Identifica-se profissionalmente com o contexto em que trabalha?

Entrevistado: Sim. Sim.

Entrevistador: Como é que percebe a justiça em Portugal?

Entrevistado: A Justiça? Como diz o Sr. lá do café, a justiça está para os ladrões. É ingrato termos que estar um dia inteiro a fazer uma peça de expediente e chegar ao tribunal e ele vem-se embora com, por exemplo, dias de trabalho comunitário, para aí umas quarenta horas ou coisa do género. E nós, que passámos um dia inteiro sem comer, a fazer o expediente e levá-lo ao Tribunal e, no outro dia se calhar temos que lá voltar... é a justiça.

Entrevistador: Como é que se dá com o público?

Entrevistado: Eu dou-me bem, dou-me muito bem com o público.

Entrevistador: Qual é a imagem que pensa que eles têm de si?

Entrevistado: Acho que a boa. Minha, minha como ser humano, minha como polícia acho que também.

Entrevistador: Nessa adaptação com o público, acho que há apoio profissional?

Entrevistado: Eu por acaso tenho. Tenho, porque enquanto não me disserem que estou proibida de falar com a população, tenho apoio deles. A minha interação com o público, acho que ainda não foi posta em questão pelos superiores.

Entrevistador: No conjunto de todas as relações sociais que estabelece, como é que se vê no meio delas?

Entrevistado: Como é que eu me vejo? Vejo-me como parte integrante, funcional e fundamental delas. Porque, se há algo novo, elas... entidades públicas e privadas pedem a minha opinião. Enquanto for isso, acho que estou bem integrada e pedem a minha aprovação também. Eu como parte desta parceria PSP - população, PSP – entidades.

Entrevistador: Como é que sente e pensa a imagem que a população tem a Polícia?

Entrevistado: Não sei. Antigamente, se calhar era diferente. Antigamente a imagem que tinha era esse respeito que se falou. Era uma imagem mais dura. Hoje em dia, acho que a imagem que a polícia está a ter é mais nevoenta. Pelo menos, pela parte da população idosa, quarentas, cinquenta... a visão é diferente da imagem de um puto de catorze, quinze anos têm. Acho que são imagens totalmente diferentes. Em quanto que uma, se calhar é um bocadinho mais séria, é um bocadinho mais - sim, eles estão ali para nos proteger -, os outros é mais para - a polícia é má, está ali para nos bater, para me estragar aqui o meu chamonzito. São uns chatos.

Entrevistador: O que faz falta à patrulha? Como poderia melhorar este serviço?

Entrevistado: Não sei.

Entrevistador: Para si, qual é o verdadeiro trabalho da patrulha?

Entrevistado: É patrulhar. É conhecer as pessoas. Basicamente, o primeiro sentido que deram à palavra de proximidade era bom, porque era uma patrulha mais específica, uma patrulha onde naquela rua eu sabia que existia X moradores, que existia aqueles carros, aqueles comerciantes, conhecia tudo. Só que, é impossível conhecer tanta gente. É tudo muito bonito mas, além disso, há penhoras, todos os dias quase. Há patrulhamentos específicos, há diligências específicas... então, esses policiamentos e como a patrulha faz tudo. Houve alturas em que não havia pessoal. E na maior parte das vezes não há pessoal. O que acontece é que faz porta, faz C.P. e depois volta a fazer porta... depois há uma cordoaria e há mais um fixo, um palanque e patrulha, que devia ser patrulhar pelas ruas, a dois...

agora, acho que já nem há a um nem a dois mas, que eu defendo que a patrulha deve ser a dois, a nível de segurança, a nível do gosto de fazer alguma coisa, pois não se sentem tão sozinhos, sentem-se apoiados. “Está ali um rapaz, mas sozinho...”. Basta patrulha deve ser recente dobrada, sempre... o que é uma coisa é a melhorar, acho que melhorava muito o serviço. Não é só nocturno, mas também diurno, melhorava sempre... e depois é sempre... mais meios, eu continuo a dizer mais meios. Se eu precisasse de fazer um teste, ter aí um coiso para fazer o teste. Já nem falo de meios que deviam estar na Divisão e não estão. O Drager, por exemplo. Faltam meios. Depois, tu queres trabalhar e estás a fazer uma operação e sabes que não tens aparelho. Mandas o senhor soprar e, por acaso, até tem álcool... mas não há aparelho. Tens que dizer ao senhor: olhe, tem que esperar aí um bocadinho, ou deixe aí carrinha e vá-se embora. Faltam meios, faltam meios... faltam meios.

Entrevistador: Como é o seu dia de trabalho numa esquadra?

Entrevistado: O meu dia? Posso não fazer nada ou posso fazer tudo. Posso entrar às oito e ir a um centro de dia, ir a lar, ir a uma violência doméstica, como posso passar meio-dia a falar com uma senhora que está mal, posso fazer uma operação stop... Há muita coisa, nunca é igual.

Entrevistador: Com que tipo de pessoas é que contacta?

Entrevistado: Com todos. Com idosos, com crianças, assistentes sociais, com tudo.

Entrevistador: Que ocorrências é que poderão acontecer?

Entrevistado: Nós é um bocadinho complicado. Poderão acontecer várias coisas. Não há nenhum dia igual. Nós acompanhamos violências domésticas e eles ficam com os nossos contactos. Qualquer coisa, é para nós que ligam, um idoso aflito é para nós que ligam. Uma assistente social precisa de ajuda porque quer ir visitar uma senhora que não abre a porta e é a nós que contacta. O presidente da Junta quer qualquer coisa... como por exemplo, um idoso que caiu e liga a perguntar o que se pode fazer. Lá vou eu articular com a Cruz Vermelha, com o Centro de Saúde... essa parte social, a parte das crianças e escolas... é o nosso contacto que eles tem e mais facilmente telefonam para nós para mais facilmente articular com, por exemplo, a esquadra se for preciso, como já aconteceu com alarmes ou com assaltos a estabelecimentos e mais facilmente

comunicam connosco e depois nós comunicamos com a esquadra do que ligam para a esquadra.

Entrevistador: O seu serviço é do seu agrado?

Entrevistado: É, totalmente.

Entrevistador: Digamos que há serviços mais fáceis ou mais agradáveis de fazer do que outros...

Entrevistado: Sim, sim. Se calhar o de patrulha é o mais fácil. Patrulha é patrulha. Que é dizerem tu fazes isto e eu vou e faço isto. O nosso, o nosso é diferente. É o que é que eu vou fazer hoje... é um bocadinho diferente.

Entrevistador: O serviço de rua é, por vezes, um serviço aborrecido?

Entrevistado: É. Principalmente quando está em fixos. Porque temos que estar seis horas a guardar, por exemplo, um palanque. É aborrecidíssimo.

Entrevistador: Apesar de ter esses serviços, gosta de ser polícia?

Entrevistado: Gosto. Por esse é um dia. Amanhã já é diferente, já é outro.

Entrevistador: O que é que incentiva mais na sua profissão?

Entrevistado: É eu querer sempre ajudar os outros. Às vezes não merecem, não é? É o querer ajudar, o querer estar, o querer dizer alguma coisa nesta sociedade. Aqui, o que é que eu estou a fazer aqui e o que é que eu consigo fazer por esta freguesia.

Entrevistador: Encontra nesta esquadra uma estratégia de ajustamento profissional?

Entrevistado: As pessoas são bem recebidas, dentro de possível.

Entrevistador: Tanto elementos policiais como público?

Entrevistado: O público sim. Os elementos policiais também.

Entrevistador: Acha que existe a solidariedade no interior de uma esquadra e afastamento em relação ao exterior?

Entrevistado: Como assim?

Entrevistador: Se as pessoas dentro de uma esquadra interligam-se muito umas com as outras e cortam relações com o exterior...

Entrevistado: As pessoas crescem e têm as suas vidas. Eu acabo o meu trabalho que vou para casa a correr. Há um convívio aqui que lá fora deixa de existir. Isto é motivado pela vida de cada um e pelo tempo que tem que gerir. Quem tem de longe e no tem cá família faz gratificados, que é para ocupar o tempo. Os que não fazem gratificados é porque moram no lado de lá ou não têm tempo. O tempo que tem é aquele restinho que é para eles.

Depois também vieram as proibições, por exemplo, os jogos de futebol. Há uns tempos atrás, por exemplo, havia competições de futebol entre esquadras. Era giríssimo. Isso foi proibido, por exemplo.

Entrevistador: Pensa que isso era um bom motivo para interligar esquadras?

Entrevistado: Era, sem dúvida.

Entrevistador: O que lhe parece ser mais importante na patrulha: os saberes técnico-práticos ou o bom senso policial?

Entrevistado: As duas. Tem de ver as duas. Por exemplo, coisas que podiam melhorar, que eu acho que todos deviam fazer... este curso que está a haver, nocturno, de técnicas policiais, porque não se faz mais vezes? Porque é que eu só dou uma vez tiro por ano? Se calhar, se dou um tiro em alguém e o aleijo, me vão reprimir? O bom senso tem que haver, mas também ajuda ter boas práticas. Acredito que todos já fizeram o curso, mas o meu curso já foi há uns anos atrás, uns bons anos valentes. Portanto, a reciclagem já podia vir outra vez.

Entrevistador: Quais são as competências necessárias e essenciais para um patrulheiro desempenhar a sua função?

Entrevistado: Acima de tudo muito profissionalismo. Muita serenidade, muito sangue frio. Lidamos com muita gente. Lidamos com pessoas instruídas, menos instruídas, pessoas instruídas bêbadas que são muito complicadas... então, temos que ter um sangue muito frio para conseguir gerir as nossas emoções, pois somos seres humanos mas às vezes é muito complicado.

Entrevistador: Alguma vez teve uma oportunidade para sair da patrulha?

Entrevistado: Sim, várias. Desde ir para o Ministério da Administração Interna, desde ir para uma secretaria, desde ir para a logística...

Entrevistador: Porque se manteve aqui?

Entrevistado: Eu gosto da patrulha, eu gosto de ar livre e não quero estar fechada ainda. Só quando as pernitias não ajudarem. Eu gosto do que faço.

Entrevistador: Imagine que agora lhe é dada a possibilidade de sair da polícia e ir para outra profissão... aceitaria?

Entrevistado: Tinha de pensar mesmo muito, muito. Só se fosse muito bem remunerado, porque acho que somos muito mal pagos, acima de tudo. Para o serviço que a gente faz, somos muito mal pagos. Mas só se fosse uma coisa muito bem remunerada.

Entrevistador: Esse bem remunerada é para compensar o gosto que tem pela patrulha?

Entrevistado: Exactamente. Muito bem remunerada.

Entrevistador: Se fosse uma função com algumas coisas semelhantes à patrulha...

Entrevistado: Não, de todo.

Entrevistador: Que tipo de problemas e dificuldades são mais frequentes da sua função?

Entrevistado: A falta de tempo. Para mim, é a falta de tempo. Querer fazer tudo e não conseguir.

Entrevistador: O que é que entende por patrulha?

Entrevistado: É conhecer tudo o que está na minha área. É conhecer desde o comércio está aqui em frente à esquadra, ao comércio está do outro lado. É conhecer o Centro de Saúde da minha área, é conhecer todos os serviços e dar-me a conhecer. Saber que o cidadão, se precisar, nós estamos ali. Para mim é fundamental.

Entrevistador: Dentro da própria esquadra, acha que a patrulha é valorizada?

Entrevistado: Dentro da própria esquadra, eu acho que sim. Pelos subchefes que já patrulharam e que é muito importante. Quem nunca patrulhou, quem nunca passou seis horas à chuva ou seis horas ao frio é que não valoriza ou não sabe valorizar esse trabalho. Portanto, os subchefes dão valor, porque eles já passaram por isso. Quem nunca passou, acha que é tudo muito fácil, passar seis horas numa noite. Acho que todos deviam fazer uma reciclagem durante um ano para ver o que é bom para a tosse.

Entrevistador: Pensa noutros métodos de policiamento?

Entrevistado: Julgo que não. Só se for à americana, com toda a gente de carro... mas lá está, os meios não funcionam lá muito bem.

Entrevistador: Sente que há alguma autonomia ou é obrigada a proceder sempre da mesma maneira?

Entrevistado: No meu serviço, eu acho que sou autónoma. Eu giro o meu tempo, sei que no meu turno de serviço tenho aquilo para fazer. Agora a patrulha de grupos é diferente. Há dias que não, que eles são enviados para um giro e faz o que querem dentro do giro... faz o que quer e fiscaliza... faz o quer. Há outros dias que não, que tem coisas específicas. Ou é uma penhora, ou é um policiamento ou têm que estar integrado aqui e ali pronto, é diferente. Às vezes também tenho que estar, quando não há pessoal também que estar. Mas não, no meu serviço sou autónoma.

Entrevistador: Pensa que todas as determinações superiores são para cumprir ou gostaria que houve-se mais imaginação da patrulha?

Entrevistado: Não há muitas directivas. Não há muitas... não há, não há. Eles cumprem.

Entrevistador: Os polícias deviam ser mais preventivos ou repressivos?

Entrevistado: Preventivos já nós somos... muito, até demais se calhar.

Entrevistador: Os seus colegas partilham dessa opinião?

Entrevistado: Partilham. Acho que estamos a dar tudo pela sociedade e, se calhar, por alguns membros dessa dita sociedade, estamos a ser desvalorizados. Eu continuo a referir que é o pessoal mais novo, que acho que estão a ver a Polícia se calhar com menos respeito. Vão ser esses o nosso problema. A imagem que eles estão a ter é que não podes tocar, porque a Polícia está ali mas não pode fazer grande coisa... os direitos humanos das criancinhas... acho que esse é que vai ser o nosso problema.

Entrevistador: Quando conversa com os seus colegas sobre a patrulha, sobre o quê que falam?

Entrevistado: Casos que ocorreram durante o serviço, a falta de... uma caderneta por exemplo para passar um auto... basicamente, são as queixas habituais... ou está muito frio... queixas habituais.

Entrevistador: O que é ser polícia?

Entrevistado: É fazer algo que gosto. É poder vestir uma farda, sair de cabeça erguida e dizer que está a mal, porque está mal... que está bem quando o Tio João dá uma refeição ao sem abrigo... saber punir quando é preciso, reprimir quando é preciso e impor um bocadinho de respeito quando é preciso. Isso é que eu acho que é ser polícia.

Entrevistador: Concorda com a afirmação que os polícias patrulheiros em grande parte se limitam a assegurar a ordem local?

Entrevistado: Mas é através dessa ordem local que não se dá o caos geral. São eles os principais responsáveis por essa calma ou não, por uma freguesia ou não. Por exemplo, ali no bairro Y... se calhar os meus colegas têm medo de lá ir. Se calhar podia-se fazer um bocadinho mais. Se calhar a população até merecia um bocadinho mais, as boas pessoas que lá estão. Aí, já tem tudo a ver com a necessidade de os superiores também verem o que se está a passar. É muito fácil dizer para o Sr. X ir patrulhar e aquele Sr. X diz sim senhora... mas, logicamente que ele não vai. Não se vai meter num

bairro daquele sozinho. Aí, não me venham dizer policiamento de proximidade num bairro manhoso como esse. Se calhar, era importante investir mais tempo nesse bairro, investir meios humanos, não é só um ou dois, ver o que se passa no bairro para chegar melhor aos problemas e resolvê-los. Agora, não é mandar lá e... percebe, por isso é que eu estou a dizer... o local, o local é muito subjectivo. Claro que manter a ordem... sim, nós mantemos. Se for assim como a zona da esquadra, nós mantemos, é fácil... é só os carteiristas. Agora, se for um bairro problemático, já tem que ser mais bem estruturado por parte hierárquica superior.

Entrevistador: As funções que um patrulheiro desenvolve ao nível da esquadra, estão revestidas de autonomia e responsabilidade. O que tem a dizer sobre isto?

Entrevistado: Autonomia sim. Autonomia para fazer tudo o que quiser enquanto está a patrulhar. Responsabilidade também, porque se ele não é responsável por ele próprio não tem ninguém que o protege. Costumo dizer, para se dar ao respeito tem que respeitar. Essa autonomia acaba quando se desrespeita o outro. Acho que as duas têm que estar muito ligadas.

Entrevistador: Concorda com o facto de que o patrulheiro deva ter maior autonomia no desempenho das suas tarefas pressupõe do que tal autonomia engendra maior responsabilidade?

Entrevistado: Não podemos fazer de coitadinho o patrulheiro. Ele tem autonomia. Durante o turno de serviço, se não estiver envolvido em nenhum policiamento específico, ele tem autonomia para fazer o que quer dentro daquele giro. Dentro do giro dele, ele pode fazer o que quiser. A responsabilidade é feita por ele durante aquele período de tempo naquele giro. Ele é que gere os seus afazeres.

Entrevistador: Será que a função da patrulha é só visibilidade? É preciso reinventar o papel da patrulha?

Entrevistado: Isso da visibilidade é uma treta. Treta, balelas, foi a pior coisa que fizeram aí. Agora existe mas é só no papel. Primeiro, não há pessoal para meter um de visibilidade aqui e um de visibilidade ali. Depois também entrava um carro... a visibilidade levava o carro mas só podia estar ali, porque se acontecesse alguma coisa ao carro, sabe Deus. Portanto, era ali um elemento a olhar porque não podia sair dali. Visibilidade é treta.

Visibilidade é meterem ali um boneco e estar ali um boneco para as pessoas verem que está ali um boneco e se precisar de uma informação ir ali. Isso eu não concordo. Patrulhar é conhecer o giro em que está, conhecer o que se está a passar ali. Agora visibilidade, isso não. Acho que foi a pior barbaridade que existiu aqui na polícia.

Entrevistador: A relação patrulheiro - esquadra... acha que se complementam? Isto é, sem a esquadra o patrulheiro não se orienta e sem o patrulheiro a esquadra não funciona?

Entrevistado: Sim, sim. Sem dúvida.

Entrevistador: Não haveria maneira de funcionar em separado?

Entrevistado: Não. Isso não.

Entrevistador: Como é que interpreta os símbolos da PSP?

Entrevistado: Não sei. Não sei o que lhe diga. Deixou-me sem palavras.

Entrevistador: O que é para si característico da cultura profissional?

Entrevistado: Não sei o que lhe responda.

Entrevistador: Quando empregamos o termo cultura policial, o que lhe vem à cabeça?

Entrevistado: O modo de funcionar... o que se faz.

Entrevistador: A que valores acha que os patrulheiros deviam dar mais importância?

Entrevistado: Sempre o remuneratório. Sendo os mais mal pagos, passaram a não o serem. Não serem considerados os piores desta força. Agora os valores que eu acho que eles deviam ter... nós temos que dar um bocadinho de importância a tudo. Para termos um bocadinho de tudo temos que gerir. Valores profissionais, sem dúvida. E familiar, nem se fala. Não sei.

Entrevistador: Quais são para si as principais características de um bom ou de uma boa patrulheiro(a)?

Entrevistado: É o estar atento. Estar atento não é só ir a caminhar e ao telefone, é falar com o A ou com o B, conhecer os problemas que existem e tentar resolvê-los. É muito fácil dizer que ali há um foco de droga e passar sem ver, comentar com os colegas que há... mas o patrulheiro não é só isso, porque no outro dia vai lá estar outra vez e vai voltar a ver. Então, a função do patrulheiro não é só observar mas tentar transmitir e tentar resolver problemas que está ali naquele giro em que ele está. É conhecer e resolver. Estar atento, estar alerta e transmitir, não é só ficar para ele. Isso é que eu acho que é ser um bom patrulheiro.

Entrevistador: O que diferencia então um bom patrulheiro de um patrulheiro rudimentar?

Entrevistado: É o ver e nada fazer. É o ignorar. Eu só faço as minhas seis horas, é a pior coisa que me podem dizer. Sei que isto está mal, está muito mal. Sei que o pessoal anda desmotivado. Aconteceu uma vez a um colega que já não está cá esta esquadra, um cigano que lhe disse ao Sr. Agente - aquele acabou de roubar - e ele virou as costas. Isso para mim é batata. O cigano veio aqui ao colega que estava à porta e o da porta é que foi lá buscar uma romena, não interessa. Foi buscar a rapariga que fez o furto. Em todo lado há os bons profissionais e os maus profissionais. Para mim esse é um mau profissional, é virar a cara ao serviço. Apesar de estarmos mal, a população não tem de estar a levar com as nossas negatividades, com as nossas frustrações do serviço. Isso para mim é um mau patrulheiro, é aquele que vira a cara ao serviço, sem dúvida.

Entrevistador: Considera que deviam existir mais colegas femininas na patrulha?

Entrevistado: Sim. Porque só sou eu e mais umas. Acho que cada grupo devia ter uma mulher porque facilitava, por exemplo, nós termos que ir de esquadra em esquadra fazer revistas. Acho que facilitava, acho que o ambiente feminino numa esquadra facilita o bom ambiente e facilitava também o serviço.

Entrevistador: Como prevê o futuro da patrulha?

Entrevistado: Posso dizer negro? Mal, muito mal. Mal porque eu falo com eles. Eu não estou a falar da minha parte, porque a minha parte giro-a como quero, mas o pessoal anda mesmo muito desmotivado e vê-se depois nas actuações policiais. Acho que tem que haver um estilo qualquer ou um abanão qualquer e dizer que afinal o pessoal da patrulha merece mais apoio, vamos dar... vamos ver o que eles precisam, o que é importante. Às vezes, só ver o que eles precisam... dar um abanão ao pessoal e dizer vocês fazem isto mas vejam lá, vocês vão ser compensados... vocês vão a tribunal mas vão só por um dia. Uma pessoa perde um dia, perde outro dia e depois mete horas de tribunal e só porque falta meia hora não deixam meter as horas de Tribunal. Perde-se ali o dinheiro das refeições, perde-se uma noite sono, perde o contacto com família... portanto, essa

pessoa que fez esse “erro”, se calhar quando for para voltar a fazer, já vai pensar duas vezes. Como isso é outras coisas.

Entrevistador: E quanto ao futuro das esquadras genéricas?

Entrevistado: Acho que vão continuar, acho que estão bem. Acho que não é por aí.

Entrevistador: Qual é o seu desejo para o futuro?

Entrevistado: Se fosse Miss de Portugal...

Entrevistador: Profissionalmente?

Entrevistado: O que eu espero? Espero que melhorem as condições, que nos dêem o devido valor e que nos tratem simplesmente como os outros elementos desta força, mais nada. Com dignidade, respeito e remuneração igual. Mais meios, humanos e materiais. É o que eu espero.

Entrevistador: Da minha parte é tudo. Muito obrigado.

Entrevistado: Muito obrigada, é um prazer.

ENTREVISTADO 10

Entrevistador: Gostaria de lhe agradecer pelo facto de ter acedido responder a esta entrevista. Desde já garanto-lhe a total confidencialidade das suas respostas e o anonimato desta entrevista. Em nenhum documento escrito surgirá a referência ao nome do Entrevistado, ao nome da esquadra, como dado possível de identificá-lo. Gostaria ainda de lhe dizer que é de fundamental importância todo o tipo de informação que me vier a transmitir, durante a entrevista, tendo em conta que o trabalho de investigação que irei realizar, no campo das identidades profissionais dos patrulheiros, depende essencialmente de todos os dados que eu vier a obter desta e de outras entrevistas. Gostaria que se sentisse completamente à vontade para responder com a máxima sinceridade àquilo que eu lhe vier a questionar no decorrer desta mesma entrevista. Posto isto, comecemos:

Entrevistador: Como é que se tornou Polícia?

Entrevistado: Como é que me tornei polícia? O meu pai era um militar que pertencia à Guarda Fiscal, depois transitou para a GNR e desde pequeno que lidei com fardas lá em casa e fiquei sempre com essa ideia. Depois também fui militar e acabei por ficar com aquele gosto pelas fardas por assim dizer, optei na altura por concorrer à PSP, também com o objectivo de progredir na carreira, e então, tomei essa opção da Polícia.

Entrevistador: Desde já um pequeno aparte: O que significa uma farda para si?

Entrevistado: Uma farda para mim significa ter mais responsabilidade pela função que desempenhamos e honrar a Instituição também que representamos.

Entrevistador: Que motivos o levaram a ingressar na Polícia e não na GNR?

Entrevistado: O motivo pelo qual ingressei na Polícia foi porque eu na tropa, neste caso no Exército fui Oficial e não é permitido, pelo menos actualmente ainda se mantém, que sempre que um indivíduo presta serviço em regime de contracto como Oficial no Exército não pode concorrer à GNR, a não ser que entre para a Academia Militar. E eu como sou da área de Humanidades, não tenho a específica de Matemática que eles pediam para ingressar na Academia, logo aí fiquei com as pernas cortadas, por assim dizer, que não conseguia entrar, enquanto que no Instituto a

específica é Português, que era a minha área, então tornava-se mais fácil para progredir na carreira cá do que lá. Além de não ser permitido ir para Praça na GNR.

Entrevistador: Concorreu em que ano?

Entrevistado: Para a Polícia?

Entrevistador: Sim, sim.

Entrevistado: Ora eu entrei em 2002. O concurso abriu, salvo erro em 2001 e eu entrei dia 08 de Abril de 2002.

Entrevistador: O que fazia antes de concorrer?

Entrevistado: Era militar e prestava serviço na Escola Prática de Cavalaria.

Entrevistador: E antes de ser militar?

Entrevistado: Antes de ser militar acabei a escola e estive ainda na Universidade de Coimbra, tive lá um mesinho só. Depois optei por parar, parar os estudos e seguir outra vida.

Entrevistador: Quanto acabou o curso da EPP, para onde foi?

Entrevistado: Quando acabei o curso da EPP, vim para aqui

Entrevistador: Foi uma escolha por iniciativa própria ou foi devido ao concurso?

Entrevistado: Não, foi por iniciativa própria. Fui eu que escolhi vir para aqui.

Entrevistador: Quando concorreu à Polícia e durante o curso, o que esperava da PSP a nível operacional?

Entrevistado: A nível operacional, nós viemos um bocado com aquela ilusão, não sabemos, quem diz que sabe ao que vem não sabe. Só depois de aqui chegar é que sabe. Eu na altura pensava que a Polícia, já me diziam que a Polícia, à semelhança de outras forças, a GNR por assim dizer, não tinham grande força actualmente que nos outros tempos, e isto citando pessoas mais antigas. No tempo deles, as forças de segurança tinham mais força que actualmente. Eu estava um bocado na ilusão que isto não era bem assim. Depois ao chegar aqui ao terreno, na prática vejo que por vezes ficamos um bocado de mãos atadas porque temos que nos cingir ao Código Penal, Código de Processo Penal e legislação em vigor e, então, não nos permite actuar daquela forma como o cidadão comum pensa e como eu pensava antes de vir para aqui. Se acontecesse aquela situação, fazia isto e fazia aquilo, mas depois vamos a ver na prática, depois de termos terminado o curso e não pode ser assim, temos que seguir as

coisas pelos trâmites legais e por vezes não é a nossa vontade de levar as coisas por aquele termo. Preferíamos resolver as coisas logo no imediato e tal não acontece porque ficamos sujeitos aos procedimentos e às normas legais por assim dizer.

Entrevistador: Quando chegou aqui a esta esquadra como é que se sentiu?

Entrevistado: Quando cheguei a esta esquadra... eu nesta esquadra posso dizer que me sinto bem, nós chegamos cá e começamos a estagiar por todas as esquadras aqui da Divisão. Andávamos um bocado perdidos porque não conhecíamos ninguém, éramos maçaricos, então andávamos aqui um mês a correr de uma esquadra para outra, a saltitar. Além de eu e os meus colegas não conhecíamos a área. Eu vim para Oeiras porque tinha cá um amigo meu que me ia “arranjar um quartito para ficar por aí”, mas a área em si não conhecia, então nós andávamos a saltitar de uma esquadra para a outra. Era complicado com os turnos, tínhamos também formação durante o dia, uns dias de formação e outros dias de estágio. Nesta esquadra eu senti-me bem por causa dos elementos mais antigos que aqui estavam que nos acolheram bem, integraram-nos no grupo e de alguma forma é o único conforto naquele momento, porque quem vem de longe e não conhece, cai aqui de pára-quedas, e o único conforto possível é mesmo esse.

Entrevistador: Acha que o apoio dados pelos seus colegas foi essencial?

Entrevistado: Sim foi, foi essencial. Acho que a integração dos elementos novos pelos mais velhos, para quem vem de fora e isso passa-se em todos os cursos, não fui eu o primeiro nem fui o último, o curso que vai agora terminar vão passar pelo mesmo. Muitos deles nunca vieram a Lisboa. Vieram a Lisboa só quando vieram fazer as provas. Quando chegarem aqui vão ver uma realidade diferente, em que estão sujeitos a uma escala de serviço de oito dias, ao fim dos quais têm dois dias de folga e se calhar muitos não estavam habituados, não era o meu caso que eu já estava fora de casa há algum tempo. Mas não estão habituados a lidar com a situação de eles estarem dependentes de eles próprios, com a alimentação, vestuário, comprarem as coisas para depois fazerem as refeições. Num curto espaço de tempo, com uma troca no meio ou um gratificado, caso os façam, torna complicado gerir só para uma pessoa logo no imediato. Depois com

o tempo, obviamente, cada um consegue gerir as coisas à sua maneira, mas logo no impacto, logo no momento, é um bocadinho complicado.

Entrevistador: Você tendo já a experiência de ser militar, quando chegou à Escola Prática de Polícia, como é que sentiu a sensação de vestir a farda?

Entrevistado: Para mim foi agradável, mas eu não comparo o Exército com a PSP. São coisas diferentes. Apesar de estarmos uniformizados e de termos lá aquelas disciplinas de ordem unida, marcharmos, formarmos, não tem nada a ver porque a nível militar havia mais aquela intransigência entre os superiores... os mais graduados, havia aquela sensação de stress. Lá na Escola de Polícia, pelo menos o que eu vi, na primeira semana anda tudo um bocado com as cabeças no ar, baratas tontas por assim dizer mas depois, mesmo por parte dos instrutores, também dos agentes mais antigos e salvo raras exceções, tentaram-no enquadrar porque nós na Polícia estamos a ser preparados para uma profissão para continuarmos, para prestarmos um serviço público, enquanto no Exército, pelo menos no tempo em que lá estive, nós éramos contratados e o pessoal que lá passava era obrigado a lá estar – na altura ainda havia o serviço militar obrigatório de seis meses – então eles passavam lá e o que as chefias diziam é que eles estão cá seis meses e estes seis meses tem que sair daqui para recordar. Tínhamos muito aquela ideia que eles iam recordar aqueles momentos porque eram maus, ou que estavam a ser muito martirizados a nível psicológico ou a nível físico.

Entrevistador: Quando chegou a uma esquadra, a sensação da farda era a mesma ou sentiu diferenças?

Entrevistado: Muda um bocado porque quando colocamos a farda da PSP. Ainda me recordo, eu tive colegas meus que diziam em ar de graça, mas que se calhar até se passa, estavam os dois no carro-patrolha, passaram ao pé de uma montra e viram-se um para o outro e dizem olha ali o carro da Polícia, que era o reflexo do carro onde eles iam. Se nós virmos um elemento acabado de sair da escola, e eu também passei por isso, quando está lá fora na rua, fardado, se estiver sozinho então, nós olhamos para aquele elemento e sabemos que aquele elemento é Polícia há semanas, senão mesmo há dias. Ele próprio não se sente à vontade com a farda, não sabe se há-de por as mãos nos bolsos ou não, se tem o boné bem ou

não tem, olha para as calças, olha para as botas... não se sente completamente à vontade com a farda. Se virmos um elemento mais velho da Polícia está completamente à vontade, porque sabe que tem uma farda vestida, sabe à partida o que terá que fazer se for solicitado. Um agente novo chega lá fora e fica a pensar o que dizer se alguém lhe perguntar. Há aquele stress, é muita matéria na cabeça acumulada e a nível prático não sabem muito bem, ou seja, como é que hão-de reagir perante determinadas situações.

Entrevistador: O seu primeiro turno foi sozinho ou acompanhado?

Entrevistado: O meu primeiro turno foi sempre acompanhado durante aquele mês que já referi no Estágio. O meu primeiro turno, pode-se dizer que faltei. Faltei porque, eu nunca tinha visto uma escala de serviço na vida. A nível de formação na EPP, nunca nos falaram de como é que é uma escala, nunca tinha visto uma escala, nem sabíamos como é que eram os turnos, se a escala andava para a frente ou se andava para trás. Agora os turnos estão a andar para trás, mas na altura andavam para a frente, eram quatro dias em cada turno, agora é dois dias em cada turno a andar para trás. Eram situações diferentes. Eu não sabia aquilo, não fazia a mínima ideia e então foi no turno que estávamos a fazer, salvo erro, da meia-noite às seis a entrar nesse dia e eu interpretei que era no dia a seguir. Então apareci lá no dia a seguir e levei um dia sem trabalhar e, como eu, mais dois colegas meus aqui na Divisão. Mas saltando esta parte e respondendo à pergunta que me fez, o turno foi acompanhado à semelhança dos restantes no primeiro mês de estágio. Fomos sempre acompanhados. Quando cheguei aqui à esquadra, as primeiras patrulhas também foram acompanhadas para conhecermos a área, porque senão nós não tínhamos a noção dos vários giros que há e das áreas e dos indicativos rádios, porque o estágio é uma coisa geral. Na altura optou-se por isso e bem para vermos qual seria a esquadra que queríamos escolher, consoante a classificação que tínhamos, também para não escolher uma esquadra só porque só conhecemos aquela, mas termos a realidade das outras. O comandante da altura entendeu por bem dar-nos essa opção de escolha que até foi uma mais-valia.

Entrevistador: O que aprendeu na Escola Prática tem aplicabilidade na patrulha?

Entrevistado: Vou-lhe ser sincero... na Escola Prática, a nível de Código Penal e Processo Penal têm, agora a nível de TSP eu dei lá tanta matéria, tanta matéria que eu quando cheguei cá fora não me lembrava de metade daquilo. TSP que é Técnica do Serviço Policial aquilo engloba tanta coisa, era vendas ambulantes, era arrumadores, era... eu sei lá, ruído, canídeos, era tanta coisa. Aqui na prática as coisas mais usuais, lidamos com elas e sabemos. Mas sabemos a parte prática, ou seja, aquilo que interessa. Se houver uma reclamação de ruído o que é que eu faço? Vou lá, notifico, faço o auto para aqui e para ali, constato o ruído e pronto, acabou a coisa. Se houver um canídeo o que é que eu faço? Enquanto que a legislação em si que nos é dada na EPP são tudo decretos-lei desde o primeiro artigo até ao último. Aquilo é muita informação em pouco tempo. O nosso curso foi nove meses, tivemos um mês de férias mais quinze dias. Dá para aí uns seis meses e qualquer coisa. Nesse tempo é um descarregar de matéria, uma coisa intensa e depois testes de... Trânsito e chega a um ponto que, pelo menos para mim, aquela matéria de TSP andava aqui tudo a rodar, porque eu chegava aqui na prática e... o que é que vamos fazer a isto? Agora a parte do Penal, do Processo Penal, do Trânsito e legislação rodoviária, essa parte é uma mais valia. O que aprendi lá foi essencial. O TSP também mas é mais matéria e com o acumular de mais matéria torna-se difícil para nós estarmos a fazer a separação de todos os decretos-lei de cada caso.

Entrevistador: Acabou o curso e veio um mês para aqui em Estágio. Quando é que começou a sentir-se realmente à vontade durante a função da patrulha?

Entrevistado: Ao fim de dois meses, até porque esta esquadra, eu digo dois meses porque a partir daquele momento em que nós somos colocados no carro, ou mesmo na patrulha e são-nos dadas ocorrências, e nós vamos lá, resolvemos e vimos à esquadra, fazemos o expediente, e o expediente é recusado porque nós damos lá alguma gralha que é normal, e depois vamos corrigi-lo e a seguir já fazemos o expediente, e já segue para a frente, nós começamos a ganhar aquela auto-estima, isto já correu bem, já estou a entrar aqui nos eixos. Depois também as formas de lidarmos com as ocorrências, já nos sentimos mais à vontade, já não estamos tão atados. Por exemplo, numa operação Stop, se for medir a pulsação a um

elemento acabado de sair da escola, aquilo deve estar quase a estoirar. Aquele nervosismo, será que está a mandar parar bem, será que não se vai esquecer de nenhum documento. Quando nós já temos alguma experiência já estamos no automático. Mandamos parar um carro ou vamos a uma ocorrência, já sabemos que vamos lá, é identificações, estamos dois no mesmo carro. Um vai tirar identificações, um tira a versão de um, o outro tira a versão do outro. Dividimos ali as coisas e no final é só um arrumar de procedimentos – tiraste esta identificação, eu tirei esta, tirámos aquela, está tudo, vamos embora que está resolvido. Eu acho que um polícia começa-se a sentir à vontade nas ocorrências, pelo menos eu falo por mim que foi quando eu me comecei a sentir mais à vontade, polícia mesmo, capaz de enfrentar... não digo qualquer situação, mas as situações do dia a dia, pois pressupõe-se que é com a experiência do dia a dia que nós nos vamos preparando para outro tipo de situações, mas cada caso é um caso.

Entrevistador: Disse que ao fim de algum tempo começa a sentir-se mais à vontade e entra quase no automático... será bom a nível de segurança?

Entrevistado: Isso é um pau de dois bicos, porque... eu estou a perceber a sua ideia e tem razão. Quando nós estamos à vontade com uma coisa por vezes descuidamos a segurança. É nessa parte que, no dia a dia, temos que ser nós ou o colega a dizer – epá, não te chegues tanto ao carro, vê lá; se o carro leva quatro indivíduos e nós somos só dois, vamos pedir reforços ou vamos informar a central, para haver aqui um conhecimento e para não descuidarmos a segurança. Agora sempre que nós estamos enquadrados, há sempre aquela preocupação de quem está a gerir a força, o chefe ou o subcomissário, seja quem for preparou os procedimentos de segurança porque, principalmente nas operações Stop, a nível de atropelamentos e as parvoíces que o pessoal com aquela pica toda faz de puxar da arma sem mais nem menos só porque ele não parou ou derrubou alguns pinos. No dia a dia nas ocorrências, a preocupação que eu sempre tenho é... mais quando temos intervenções nos bairros problemáticos. Aí há sempre aquela preocupação em olhar para cima. Lá está, aquilo que eu digo, tenho situações em que eu vou a um bairro e mal o carro entra é apedrejado. A partir do momento em que cai uma pedra em cima do

carro, a preocupação já é para com a nossa segurança e com a segurança dos nossos colegas. É sempre a olhar para cima e para os lados até conseguirmos irmos realmente à ocorrência, mas lá nos preocupamos logo com a segurança. As situações práticas que vamos tendo preparam-nos muito para isso. O próprio ambiente hostil em que quando lá chegamos vê-mos vários tipos de indivíduos, indivíduos a passar por trás, outros pela frente e nós pensamos – não, isto está aqui uma grande confusão, temos que por ordem nisto, não pode ser assim. Aí começamos a criar os perímetros de segurança e chamar mais uns para o local para conseguirmos actuar em segurança e preservar a nossa integridade física e também dos restantes utentes. Por vezes a confiança poderá ser demasiada e prejudicar o nosso nível de segurança. Poderá haver situações nesse sentido

Entrevistador: Acabou o curso e veio um mês para aqui estagiar. A escolha da esquadra só foi depois desse período?

Entrevistado: Só. Terminado o estágio, fomos todos reunidos e consoante a nota, a esquadra A tinha x vagas, a esquadra B x vagas. Número um escolhe, número dois escolhe, número três escolhe...

Entrevistador: O Sr. estava nos primeiros, estava nos últimos...

Entrevistado: Eu vou-lhe dizer, o meu curso era de seiscentos, acabaram quinhentos e eu na altura estava nos primeiros cem... aqui nesta Divisão estava nos primeiros cinco a escolher.

Entrevistador: E esta esquadra...

Entrevistado: Eu sou Alentejano. Escolhi esta esquadra porque quando vim para cá estagiar, estava cá um Agente que não é da minha terra mas é lá do distrito, e então, pessoal da mesma zona tem sempre aqueles temas de conversa e conhecíamos lá a zona. Fiquei a falar com ele e fiquei, também para fazermos as viagens juntos. Vim para aqui, também para ficar no mesmo grupo dele e uma vez por outra fazíamos a viagem juntos. Uma vez eu levava o carro, ele outra. Foi mais por essa situação, porque não é por um mês aí a estagiar que eu lhe ia dizer que esta esquadra é melhor que a outra... que era a minha preferida, porque num mês, se calhar eu trabalhei aqui dois ou três turnos. Foi a rodar por todas as esquadras e ainda havia dias em que tinha instrução de Processo Penal,

ou de legislação rodoviária, TSP, outros dias tínhamos desporto, íamos para aí correr com o nosso actual comandante que gosta muito de correr. Tivemos um mês de integração muito geral.

Entrevistador: Qual é a sua situação actual na esquadra?

Entrevistado: Actualmente na esquadra estou no Programa da Escola Segura.

Entrevistador: Faz o que gostaria de fazer?

Entrevistado: Sim, actualmente faço.

Entrevistador: O que lhe agrada mais e que de certo modo o mantém nestas funções?

Entrevistado: Comecei na Escola Segura nesta esquadra. Na altura comecei na Escola Segura por dois motivos: um motivo foi porque fui incentivado pelos Chefes que estavam cá na altura, que agora já estão noutras esquadras. Era necessário um elemento com a mota, porque a Escola Segura era de mota. Na altura não havia muita gente. Agora é que já foi alterada a Lei. Éramos, salvo erro, três. Isto porque o outro indivíduo que estava na Escola Segura foi para a Guarda Prisional, isto foi só um aparte. O que é que acontece, éramos três com carta, dois deles eram mais velhos, tinham família, mas não estavam cá, estavam no Norte e a Escola Segura não permitia, por exemplo, irem quatro dias a casa. Era só sábados, domingos e folgas e na segunda-feira tinham que cá estar. Então, eu fui incentivado pelos Chefes, que era um serviço bom e que não se trabalhava à noite e que tinha outras vantagens. Eu não queria porque na altura estava integrado no grupo, estávamos a trabalhar lá fora, havia aquela união e não estava muito interessado. Mas depois também eu sempre joguei futebol e dava-me jeito porque assim tinha a possibilidade de fazer uma coisa que gosto e sempre fiz, que era jogar futebol. Tinha os fins-de-semana livres, conseguia aqui treinar durante a semana e ao fim de semana podia sempre ir jogar. Também era bom porque eu tinha namorada na altura, agora esposa, estava a estudar e eu tinha os fins de semana livres e então eu ia para lá sexta-feira e depois vínhamos para cima. Na altura foi só por isto, não era pelo serviço em si. Agora posso dizer que já estou cá fixo, já não tenho essa parte nem da namorada porque já cá está a morar comigo, nem do futebol que agora é mais como um passatempo, agora é mesmo pela relação que criei com a comunidade escolar por assim dizer – professores, pais, aquela empatia que nós

criamos e aquela forma quase instantânea de resolver os problemas, que se torna uma mais valia não só para a instituição, a PSP, como também para a Escola, que há uma interligação grande, e o que eles precisam, sabem que basta ligar a qualquer hora que a coisa resolve-se, ou pelo menos fazemos por isso, e da parte deles igual. Sempre que é necessário qualquer tipo de colaboração, estão sempre abertos. Isso foi-me feito ficar mais algum tempo neste programa.

Entrevistador: Porquê se mantém nesta esquadra?

Entrevistado: Eu já estive fora desta esquadra, estou nesta esquadra desde Agosto. Houve uma alteração dos programas especiais, como alguém assim lhe resolveu chamar, então estes programas foram centralizados. Agora houve uma descentralização, porque o novo Estatuto não previa que o Programa estivesse todo junto, todo aglomerado, então fomos distribuídos de novo pelas esquadras, e eu ao voltar a uma esquadra, voltei à mesma esquadra. Já conhecia, então preferi vir para aqui.

Entrevistador: O que pensa da actividade policial desta esquadra?

Entrevistado: Eu acho que a actividade policial desta esquadra é uma actividade positiva, tanto pelos resultados que tem apresentado nos últimos tempos, não só a nível de detenções de indivíduos... desde furtos a roubos, estupefaciente, injúrias a agentes da Polícia como já aconteceu, mesmo situações de Explosivos (temos aí arremesso de coquetail molotov contra a esquadra e já houve aí vários indivíduos referenciados e o processo encaminhado para a PJ). Eu penso que o pessoal tem, mesmo este pessoal novo, tem vindo com vontade de não ser um cabide para a farda, ser uma mais-valia para a população e também para a Instituição e têm apresentado resultados, contra factos não há argumentos. Nós temos ali o registo das ocorrências e vemos o que tem sido feito nos últimos tempos, que é sempre positivo.

Entrevistador: Em termos de trabalho que aqui desenvolve, não haverá outras esquadras onde o trabalho o poderá agradar mais?

Entrevistado: Só passando por elas é que lhe poderia responder a essa pergunta. Eu aqui tenho que me adaptar à esquadra, à área envolvente, às minhas funções, também não posso estar a ir muito além das minhas funções. Relativamente a outras esquadras... poderia ser aliciante, se calhar

poderiam-se fazer as coisas de outra forma, noutra vertente. Sempre que há interacção com outras pessoas com pensamentos diferentes, há outras formas de efectuar as coisas. Mas mesmo só passando por elas é que lhe poderia dar uma resposta mais precisa sobre essa situação.

Entrevistador: Se lhe fosse dada oportunidade de mudar de esquadra, mudaria?

Entrevistado: Actualmente? Depende da esquadra que fosse. Mudar de esquadra só por mudar aqui na Divisão não o faria. Agora se me dissesse mudar de esquadra, de Divisão, conhecer outra Divisão, outro Comando, aí diria que sim, que mudava.

Entrevistador: Apenas por curiosidade?

Entrevistado: Não, se fosse benéfico para mim. Por curiosidade, não mudava. Supondo para mim, neste caso, ir para junto da minha área de residência. Eu moro na margem sul. Se me dissesse para Almada, se eu gostava de ir, se ia se tivesse hipótese de ir, eu ia. Se me dissesse para ir para Sintra? Para Sintra não ia.

Entrevistador: Preferia a margem sul apenas por proximidade de residência.

Entrevistado: Proximidade, sem dúvida.

Entrevistador: A nível de trabalho, o que faz aqui agrada-o.

Entrevistado: Pouca coisa muda. Exceptuando essas situações, das formas de pensar que são diferentes, mas a nível de procedimentos serão sempre os mesmos. Quando se muda de esquadra ou de Divisão, os procedimentos principais deviam-se manter. A nível da área em si, poderia ter algumas diferenças a nível geográfico, com a população, mas penso que não seria substancial em si, que levasse uma mudança desse género.

Entrevistador: Antes de entrar na Polícia... o Sr. é do Alentejo, tinha os seus amigos, tem a sua família. Como é que se dava com todos eles?

Entrevistado: Cinco estrelas. Dou-me bem com eles todos, dava-me na altura e dou-me agora sempre que lá vou. Há sempre aquele recordar. Digo-lhe uma coisa, sempre que lá vou de fim-de-semana tenho que estar a olhar sempre para o relógio porque saio e encontro um, dali a pouco tenho que ir ver um familiar, depois vou ver outro. Torna-se muito complicado. Muitas das vezes chego lá à sexta-feira, começo logo a visitar pessoal até à noitada e no Domingo estou-me a vir embora e ainda estou a passar por casa de amigos e familiares.

Entrevistador: Ter entrado para a Polícia, ter vindo para Lisboa não afectou em nada essas relações?

Entrevistado: Não. Pelo menos a minha amizade com os meus amigos, a minha relação com os meus familiares não.

Entrevistador: Considera que ser Polícia é uma profissão para a vida ou uma ocupação?

Entrevistado: Eu penso que é uma profissão para a vida.

Entrevistador: Porquê?

Entrevistado: Nós estamos a dar os melhores anos da nossa vida aqui, à Instituição. Eu vim para cá com vinte e um anos. Tinha vinte e um anos na altura em que vim para aqui. Estou a dar os melhores anos da minha vida à Instituição. Se estivesse noutra sitio, se quisesse outra ocupação... poderia ter tido uma ocupação na minha terra, poderia ter se calhar gozado mais a minha juventude sem esta responsabilidade que já tenho agora ou que já tinha na altura e que continuo a ter. com vinte e um anos, ser Polícia, ter uma farda, ter aquela responsabilidade, ter aquela mentalidade já mais madura, que hoje em dia a juventude tende... e constata-se isso que a juventude tende a amadurecer mais tardio. Os nossos pais com dezoito anos já tinham a responsabilidade que eu estou a ter agora aos trinta, derivada àquela mentalidade que havia na época. Perdi-me um bocado... estava a dizer que...

Entrevistador: A nível da maturidade...

Entrevistado: Ah, exactamente. Com vinte e um anos ter vindo para aqui, amadurece-se mais depressa, aquela responsabilidade mais acrescida. Daí eu dizer que seria uma profissão para a vida, que eu abracei e não uma ocupação, senão tinha-me ocupado lá em baixo, tinha continuado a ir beber uns copos com os meus amigos, fazer aquelas festarolas até às tantas nos fins-de-semana. Isso tive que meter um bocado de lado, também pela profissão, pois temos que dar o exemplo, temos que por de lado certas situações que se calhar com aquela idade poderia fazer a nível de noitadas e de todas aquelas maluquices todas que os jovens fazem. Eu na altura dizia não, não vou fazer isso, além de não ser legal às vezes, também porque quem me vir a fazer isso vai pensar – olha, aquele gajo é polícia e anda a fazer aquilo. Da minha parte havia sempre aquela preocupação em ser uma pessoa respeitada, porque nós também

pensamos isso quando vemos alguém que sabemos que é polícia ou GNR ou político e pensamos que aqueles gajos deviam dar o exemplo derivado à função que desempenham e no entanto está a ter aquele comportamento. Parece-nos que não é bem vista pela comunidade.

Entrevistador: Passados \ de experiência, tomaria a mesma opção?

Entrevistado: Agora é complicado. É porque já ficamos a pensar se tivesse seguido outro caminho... mas não me arrependo nada do que fiz até agora. Há sempre aquela ideia de que se tivesse ido por ali na altura... se eu não tivesse saído da faculdade quando estive em Coimbra, podia ter seguido outro estilo de vida. Depois de ter ido para o Exército... quando estava no Exército estava a pensar que poderia ter ficado até ao final do contracto, que eram nove anos na altura, depois aquilo normalmente dava uma indemnização choruda. Tive amigos meus que fizeram, camaradas meus na altura que saíram agora à cerca de um ou dois anos... ainda conseguiram fazer uma missão ou duas no exterior, conseguiram criar ali uma boa quantia e agora estão a abrir negócios próprios. Mas isso são tudo opções e a opção que tomei... se voltasse agora atrás, sinceramente, optava pela mesma coisa porque não me arrependo de nada. Acho que todo o meu percurso até aqui tem sido bom para mim. Se fosse tomar outra opção não sei como iria ser. Poderia ser melhor ou pior. Então, mal por mal, preferia que fosse igual a esta. Para mim foi boa.

Entrevistador: Esteve na Universidade de Coimbra?

Entrevistado: Estive a tirar Arqueologia.

Entrevistador: E concluiu o curso?

Entrevistado: Não conclui, nem fiz uma única cadeira. Estive lá um mês apenas. Não conclui porque na altura tínhamos seis opções para concorrer. Seis opções e Coimbra foi a minha sexta opção. Lá na altura a professora que me ajudou a preencher os pais disse-me para preencher tudo e para Coimbra e Arqueologia não me interessa, eu queria mesmo era Sociologia. Então foi a última opção e, mal dos males, saí dali por opção. Foi mesmo só por descarga de consciência e também pelos meus pais que me pressionaram um bocado. Acho que qualquer pai gosta de ver o filho ir para a Universidade. Depois de lá estar vi que não era o que eu queria e não tenho feitio para estar lá a chular os pais por assim dizer e não

apresentar resultados práticos, que era o que ia acontecer. Se nós estamos a fazer uma coisa que não gostamos, por mais que nos esforçamos não vamos ter grande desempenho. Então arrumei as trouxas e voltei para casa.

Entrevistador: Esse período da sua vida insere-se no final do secundário e antes do Exército?

Entrevistado: Sim. Depois há um período a seguir a essa parte da faculdade e a entrada no Exército no campo e nas obras que me fez muito bem. Aconselho vivamente a todos os jovens para ver o que custa a vida. Muitos deles chegam aqui, se lhe perguntar o que fizeram antes de vir para aqui eles dizem que acabaram a escola e estavam em casa. Entao e há quanto tempo acabaste a escola? Há uns quatro anos. E nesses quatro anos o que é que fizeste? Ah, fiz um curso de informática, ou estive em casa, ou fui até ao café e não passaram por nenhuma experiência de vida. Eu andei a trabalhar no campo, andei a trabalhar nas obras... dois anos e qualquer coisa. Fui para a faculdade com dezoito, estive lá um mês... depois entrei com dezanove para o Exército e depois vim para cá, com vinte e um, quase vinte e dois. Esse tempo foi bom, foi um abrir de olhos.

Entrevistador: Agora disse-me que já casou... já tem filhos?

Entrevistado: Vem um filho a caminho, que pode estar a nascer a qualquer momento.

Entrevistador: Desde já os meus parabéns.

Entrevistado: Obrigado.

Entrevistador: O que é preciso para gerir a vida familiar sendo polícia?

Entrevistado: É preciso haver bom senso de ambas as partes do casal. É preciso haver bom senso... é preciso haver amor, é essencial, e haver respeito por ambas as profissões. A minha esposa é professora. Obviamente que eu acho que é mais stressante andar aqui na rua a lidar com esta mitragem toda do que ela lá a dar aulas a putos da primeira classe. Eu aprendi que não me posso meter nesse pé de igualdade, não posso fazer essa separação. Se eu acho que o meu trabalho é stressante para mim, ela acha que o dela é stressante para ela. Apesar de trabalhar com a escola e perceber um bocado da realidade dela e ela não perceber a minha, eu optei por nos por em pé de igualdade, para não haver aquela coisa de que eu estou mais stressado ou estou mais cansado porque o meu trabalho é

pior que o teu. Há igualdade, há respeito, acima de tudo naqueles momentos mais difíceis. É essencial quando estamos mais emotivos, ou algo correr pior, alguma situação inopinada, tem que haver sempre aquele apoio de parte a parte que é para as coisas se levarem a bom porto.

Entrevistador: O que pensa a sua esposa sobre o facto de você pertencer à patrulha?

Entrevistado: A minha esposa pessoalmente adora que eu pertença à Escola Segura. Sempre que lhe falo que vou concorrer ao Corpo de Intervenção, ou ao Corpo de Segurança Pessoal, ou às vezes que lhe diga que estou saturado de estar na escola, aturar os putos, os professores, os pais... estou a pensar em ir para a patrulha. E ela diz sempre que não, que sabes que tens sempre o turno da noite livre para estares em casa comigo, depois vem a filhota e assim tens o fim-de-semana livre, podemos estar juntos. Ela pensa assim porque segundo as pessoas as ocorrências da Escola Segura não têm um grau de intervenção tão problemática com as do carro patrulha. Por vezes há aí aqueles berbicachos, mas é sempre diferente das intervenções do carro patrulha.

Entrevistador: Antes de pertencer aos programas especiais, pertencia à patrulha. O que ela achava disso?

Entrevistado: Odiava. Na altura namorávamos e eu trabalhava por turnos, que era os quatro dias e ela não compreendia. Muitas das vezes eu chegava lá e dizia que tinha sido puxado e vou fazer mais uma noite e ela chateava-se comigo. Eu passava-me. Foi nessa altura que começamos a ver que nos tínhamos que respeitar de uma forma diferente. Ela ficava chateada quando eu estava à espera que ela me acalmasse. Eu venho cá chateado explicar que vou ter que fazer mais uma noite ou uma operação Stop e ela também fica chateada com a situação... e só fico pior, não fico melhor. Ela começou a aperceber-se disso e na altura comecei também a melhorar o comportamento, já me acalmava mais. A partir daí saía sempre uma palavra reconfortante, deixa estar que isto não é todos os dias. Ninguém é de ferro. Andamos stressados, com os problemas a nível policial ou a nível pessoal. Nem sempre conseguimos fazer a separação entre uma palavra mais reconfortante por parte de alguém querida... deixa estar que isso vai passar. É sempre reconfortante ouvir e ajuda bastante. No momento exacto é reconfortante.

Entrevistador: Considera que passar da patrulha para os programas especiais foi fundamental para a sua relação?

Entrevistado: Foi... fundamental não digo, mas foi importante.

Entrevistador: O sentimento de responsabilidade em relação à família, contribui ou obsta a um maior sentido profissional?

Entrevistado: Um obstáculo não. A família faz-me ver as coisas diferente a nível policial. Sempre que nós lidamos com um cidadão, por exemplo, se lido com um cidadão da idade do meu pai eu penso este senhor que está aqui podia ser meu pai, vou tratá-lo de uma forma cordial, de forma a tentar resolver o problema ou ajudá-lo da melhor forma possível, porque daquele lado podia estar uma pessoa que é um ente querido meu. Quando falamos em relação a uma senhora, todos nós temos primos, irmãos e irmãs, filhos... eu olho para as pessoas e penso que podiam ser da minha família... eu não ia querer que um polícia olhasse para o meu pai e quando ele perguntasse onde ficava a Rua das rosas ou a Rua das Flores, por exemplo, e o polícia porque não quer responde que vá ali para aquele lado que é ali ao pé do café. Por vezes, há pessoas fazem isso. Podia ser uma pessoa que nós conhecíamos e, se calhar, não íamos gostar que fizessem aquilo. Eu estou a dar um exemplo do mais simples que há, que é informação geral. Penso sempre que, a nível policial, faz-me pensar as coisas de outra forma, também para prestar um melhor serviço.

Entrevistador: agora que têm mulher e que vem uma filha a caminho, acha que vai preocupar-se mais com a família e deixar um bocado de lado o trabalho?

Entrevistado: Não. Não porque uma filha é sempre mais responsabilidade mas também temos a vertente profissional. Temos de saber gerir. No posso dizer que se calhar no início vou fazê-lo da melhor forma, mas é uma questão que, com o tempo, tenho que me aperfeiçoar, tenho que se ceder de um lado e de outro para levar as coisas da melhor forma que possível. Também termos de ter a responsabilidade que temos a família... eu sou daqueles que lhe digo que a família está acima de tudo, está acima da profissão. Para mim, é a família que me motiva a andar aqui no dia-a-dia e fazer o que faço. É por eles que eu ando aqui e dou o meu melhor para conseguir dar melhores condições para eles, não só a nível monetário. Não falámos nisto, mas obviamente que também vimos para a Polícia porque temos

um ordenado assegurado que nos dá algumas garantias. Não só do ordenado mas também a nível social como é a questão de benefícios na saúde e por aí fora. A família é sempre um incentivo para nós continuarmos na procissão e dar o nosso melhor para que as coisas continuem bem nos dois lados.

Entrevistador: quando tem tempo livre, sente que o aproveita?

Entrevistado: eu quando tenho tempo livre, pelo menos agora, sinto que o aproveito. Eu praticava desporto, dava umas corridinhas, que é o que faço aqui, também aproveito para passar algum tempo com a minha esposa, dar umas voltitas... tendo sempre fazer isso de forma a fugir um bocado à rotina do dia-a-dia, aquilo que nós fazemos mais. Sinto que o aproveito. Por vezes não é aquele que nós queríamos mas já não é mau.

Entrevistador: O que considera ser o melhor e o pior da vida profissional?

Entrevistado: o melhor da vida policial, para mim, é a confraternização entre os colegas. Eu dou muito apreço às relações sociais que criamos com os colegas e com população em geral. Mas, isto não obsta que se tiver que fazer o serviço com a população não o faça. Não é isso que está em causa. Até porque as pessoas conhecem-nos e respeitam-nos. Não é por uma pessoa me conhecer que pode pensar que pode deixar o carro aí mal estacionado em qualquer lado ou que pode fazer o quiser que ninguém lhe vai fazer nada. Acho que é uma mais-valia as relações sociais que se criam, de amizade, de camaradagem... para mim isso será o melhor. A nível pior será aquelas situações de stress derivadas das ocorrências mais complicadas que nos preocupam e que nos levam quando vamos para casa descansar e não conseguimos descansar, ou seja, nós estamos a tentar descansar e na nossa cabeça está a passar o filme todo do que aconteceu no dia-a-dia. Às vezes acaba-se por levar trabalho para casa e às vezes acaba por afectar...às vezes ouvimos a esposa dizer - estás um bocado distante, estás a pensar no quê? – nós damos uma desculpa esfarrapada, dizemos que estava a olhar para a televisão, ou estava a olhar para fora porque vi passar um pássaro qualquer... Ainda estamos com aquilo na ideia, será que aquilo foi resolvido da melhor forma, o que poderemos fazer ainda, será que falhou alguma coisa... por vezes levamos aquela preocupação para casa. Falo por mim, às vezes temos

aquelas situações em que ainda vamos a pensar para casa. Então quando falhamos, eu falo por mim porque não gosto nada de falhar mas errar é humano, é a condição humana e não se consegue fugir a isso, então martirizo-me um bocado nestas situações... para mim será isso o pior a nível policial.

Entrevistador: Considera que ser polícia é um estilo de vida?

Entrevistado: ser polícia é um estilo de vida... se estou a entender bem a pergunta, a interpretação que eu estou a fazer... eu acho que não é um estilo de vida. Eu acho que ser polícia é uma escolha que se faz para desempenhar uma função, que é bem essencial para a sociedade, porque sem haver alguém para pôr um bocadinho de ordem nas coisas era muito complicado. Eu acho que seria mais um modo de vida do que um estilo de vida.

Entrevistador: o que entende por modo de vida?

Entrevistado: o modo de vida será aquela forma que nós optámos por seguir na nossa vida e por fazer com que estejamos aqui com um objectivo de fazer algo que nós achamos que é útil não só para nós como também para os outros. Não podemos ter aquela ideia que isto é bom para nós... é bom para nós e prontos, que se lixe... deste que seja bom para mim.

Entrevistador: Enquanto polícia, o que acha da sua função social?

Entrevistado: Enquanto polícia acho que esta função social é importante. É importante porque muitas pessoas vêm um polícia, olham para o polícia e pensam - eu tenho um problema e ele vai ter que o resolver. Eu já tenho tido N perguntas de pessoas a perguntar desde como é que mete o IRS, como é que carrega o telemóvel, como é que arranja médico de família... Se perguntarmos a uma criança o que faz um polícia, ela responde que prende os ladrões. Mas os velhotes e as pessoas de meia-idade olham para o polícia e vêm-no como uma forma de resolver os problemas. Se têm um problema, vão à polícia e a Polícia resolve. Muitas das vezes não resolvemos a forma que nós gostaríamos, mas temos que ouvir as pessoas e ter um papel socialmente correcto. Ouvi-las e tentar encaminha-las para quem de direito, para que possam realmente resolver o problema, se não for do nosso âmbito. Por isso, penso que a polícia tem um papel social importante não só a nível destas situações, como também para... tal

como é a nossa missão, manter a ordem e fazer com que as coisas corram da melhor forma para as pessoas, para a população em geral.

Entrevistador: como é que vê os seus colegas?

Entrevistado: Eu dou muito valor às relações que se criam. Vejo os meus colegas como amigos, principalmente como amigos. Como colegas de profissão mas como amigos.

Entrevistador: Dá-se bem com eles todos?

Entrevistado: Com todos.

Entrevistador: Penso que a relação com os seus colegas e o ambiente de trabalho da esquadra é mais importante do que tipo de trabalho da esquadra?

Entrevistado: Não, tem que haver união das duas coisas. É importante o relacionamento com eles mas não podemos deixar de fazer o trabalho. Porque se nós não desempenharmos as nossas funções da melhor forma... nós somos colegas em virtude de estar a representar uma Instituição que tem funções, ou seja, tem responsabilidades perante a sociedade. Se nós não levarmos isso avante, ou seja, não cumprirmos com esses objectivos a que a instituição se propõe, aquela parte dos colegas é só para dizer que nos conhecemos e que vestimos a mesma farda. Conseguimos reforçar isso com o desempenho das funções que temos na rua, no dia-a-dia, a colaborar uns com os outros para resolver os problemas. Fortificam as relações sempre que nós estamos na rua a resolver um problema, está lá o A a resolver e chega o B e ajuda... isso é um incentivo, é um espírito de ajuda que fortalece muito esse tipo de relações de amizade.

Entrevistador: Algumas dessas tarefas da patrulha e exige a colaboração dos seus colegas. Como vê essa participação?

Entrevistado: Positiva. Sempre que solicitados, até ao momento, da melhor forma.

Entrevistador: Nunca houve um caso que falhasse?

Entrevistado: por vezes ouvimos certas situações. Mas às vezes o que nós ouvimos, e sabemos disso, é um bocado distorcido... às vezes passou-se uma coisa deste tamanho e, quando chega a si, já vai uma coisa de um metro. Porque cada pessoa que conta acrescenta uns pós e as coisas não chegam da melhor forma. Agora, a nível pessoal que tenha conhecimento, a nível de camaradagem, de entajuda, cinco estrelas.

Entrevistador: Como é a sua relação com os seus superiores?

Entrevistado: Com os superiores também é boa. Sempre que os superiores precisam de alguma coisa da minha parte, têm-na. Sempre que preciso de alguma coisa da parte deles, também não tenho razão de queixa. Sempre que preciso de, seja o que for, algum tipo de ajuda a nível profissional, porque tenho um problema pessoal e preciso de alguma coisa... falo com eles e tenho total colaboração.

Entrevistador: E a sua relação com o graduado?

Entrevistado: O graduado serviço, por vezes aqui nesta esquadra, nem sempre são chefes. São agentes. Muitas pessoas podem ter a ideia de como está lá um agente e agentes com agentes, aquilo é uma rebaldaria. Não é o caso, porque está ali um agente, como é o caso agora que está ali um agente que é mais novo do que eu na instituição. O que é que acontece? Eles têm a humildade de nos chamarem e de perguntarem - olha, tenho aqui esta dúvida, vê lá se achas que é assim - apesar de eles estarem a representar uma função que terá mais responsabilidade do que a que eu estou a fazer, muitas vezes eles recorrem a nós porque nós já temos uma experiência. Não quer dizer que nós sejamos mais inteligente que eles todos. Não é o caso. Se calhar temos experiência, uma forma diferente de abordar as coisas, um bocadinho mais de conhecimento daqui e dali, por nem todos temos as mesmas capacidades e os mesmos conhecimentos. Não é passar atestados de burrice a ninguém. Muitas das vezes acontecia isso também... vou ter com alguém e pergunto. Ninguém nasce ensinado nem sei tudo. Há essa ligação com os graduados. Quando os graduados são chefes, actualmente todos os que estão já foi agente com eles, agora são chefes, respeito-os como tal. Acho que passa muito por aquela parte de que nós estamos cá todos para o mesmo. Nós estamos cá todos para trabalhar, não vale a pena estarmos a dificultar a vida uns aos outros, nem nós aos chefes nem os chefes a nós. Desde que haja essa compreensão, esse entendimento as coisas correm bem e conseguimos levar a nossa missão a bom porto da melhor forma possível e sem haver constrangimentos entre nós e, às vezes aqueles mal entendidos.

Entrevistador: Concorda que a relação de todos estes elementos que eu tenho vindo a referir dentro de uma esquadra facilita a vivência da própria esquadra.

Entrevistado: Facilita.

Entrevistador: Sente que a organização/ instituição apoia o trabalho da patrulha?

Entrevistado: Eu acho que muitas vezes olham para a patrulha e vêem – ah, o patrulheiro... aqueles elementos que as chefias acham menos capazes ou que não mostram aquele empenho. Patrulha, para o cidadão comum, a patrulha é o espelho da polícia. Se no estivemos um patrulheiro, que anda mal ataviado que, por assim dizer, não está minimamente actualizado com as matérias policiais, chega aí fora à rua, um cidadão olha para ele e o cidadão vai pensar - isto é um polícia? - Há muito aquela ideia que o patrulheiro é pau para toda a obra. Vai para a rua e o que for necessário fazer, faz. Mas eu acho que o patrulheiro tem uma função importante. Acho que o espelho, aquele serviço essencial é feito pelo patrulheiro, que é quem lida mais com o cidadão. O carro patrulha também lida, mas o carro patrulha vai às situações mais específicas ou tem que passar pela área toda e a área é grande. Mesmo que faça as chamadas visibilidade, não é a mesma coisa que o patrulheiro, que leva seis horas a pé a falar com as pessoas, a não ser que se esconda aí num sítio qualquer e ninguém o veja. Se não for o caso, durante o giro todo o vai ver sempre pessoas, nem sempre dialogar com eles e há sempre aquela abordagem diferente das coisas. Muitas das pessoas começam a ver aquele patrulheiro como aquele polícia que é a base para eles, que é um amigo é uma pessoa que podem ter, que podem perguntar. Depois quando as pessoas começam a ser conhecidas, melhor ainda. Mas acho que o patrulheiro tem uma função muito importante na polícia.

Entrevistador: Na sua opinião, qual é a perspectiva que as chefias tem sobre a patrulha?

Entrevistado: na minha opinião, a patrulha é um serviço que tem de ser feito. Se alguns acharem que é desprestigiante, anda a pé, apanha frio, apanha chuva, não mostra tanto serviço. O que é que começa a ver as chefias que o agente é bom? O agente é bom ou não? É o determinado tipo de ocorrências que ele apresenta resolvidas da forma como ele as resolve, o expediente que faz, se é bem feito ou se não é, as diligências que fez durante a ocorrência, isso tudo faz realçar o sentido policial do agente. Se ele tem sentido, se ele consegue orientar bem as coisas ou se não consegue, se consegue sobressair e destacar-se dos outros. Isso consegue-se mais no carro-patrulha ou mesmo à banca também, nem tanto, mas por vezes

também acontece a forma cordial como ele contacta com as pessoas, como resolve os problemas, a queixa, o texto, se redigiu bem ou se não redigiu, se seguiu todos os parâmetros ou não. Quando é para trabalhar na rua poderá ter alguma situação ou não mas, se andar sozinho, não vai a uma ocorrência. A central rádio não manda um homem só a uma ocorrência, é sempre um carro. O que é que ele vai andar aí a fazer? Vai andar aí a ver trânsito, a passar umas multitas se for o caso e a passar o tempo, que é mesmo assim, não é? Fazer a visibilidade que faz o patrulheiro. Daí que se calhar para as chefias vêem mais importância num homem, ou seja, esse patrulheiro só poderá ter a oportunidade dele quando tiver uma hipótese de saltar para o carro para tapar um buraco ou na banca, ou tiver a sorte de fazer algum serviço em que poderá realçar. Até lá será sempre aquele patrulheiro que anda ali na rua a fazer o seu giro normal e à tarde chega à esquadra e diz para o graduado serviço sem novidade e pendura o coldre lá no cabide e vai para casa. Passa muito essa ideia.

Entrevistador: Identifica-se profissionalmente com o contexto em que trabalha?

Entrevistado: Sim, identifico-me.

Entrevistador: Continua ligado a realidades anteriores, por exemplo as outras esquadras por onde passou?

Entrevistado: Continuo a falar da mesma forma com as pessoas que trabalham lá, com o chefe, com o subcomissário, com os outros agentes, mas sempre que possível contacto com eles para ver não só a realidade da esquadra, como ela está. Já passámos lá e gostamos de saber como é que a casa vai, se está a correr bem, se não está, mas também a nível de relações pessoais que se criaram com as pessoas onde estivemos. Também continua a haver sempre aquele contacto. Como é que estão as coisas, o desenrolar das coisas, acho que é um instinto natural. Muitas das vezes nós encontramos-nos em Lisboa um dia e nem é preciso perguntar, começa logo ali a desbobinar, o que é que se está a passar... é mesmo assim.

Entrevistador: Como é que percepciona a Justiça em Portugal?

Entrevistado: A justiça em Portugal? As situações que nós temos quando vamos a tribunal, mas também na comunicação social, sempre tendo em conta que poderá estar influenciado com as notícias, mas acho que o meu

sentimento é o sentimento de qualquer cidadão normal. Qual é o sentimento de uma pessoa que vê um individuo que cometeu três ou quatro crimes, por roubo, por assalto à mão armada ou violou alguém e por falta às vezes de uma testemunha ou do que for, não há julgamento ou não fica preventivo e vai para casa com uma apresentação a cada quinze dias na Polícia, ou é sujeito a um termo de identidade e residência... mas isso é o quê? É ele assinar um papel a dizer que aquela é a sua residência e ele fica obrigado a comunicar que se ele sair do país ou se mudar de residência? Isso é que faz na minha opinião com que a criminalidade tome as proporções que toma por causa de actualmente termos imigrantes que vêm para trabalhar e imigrantes que vêm para cometer crimes. Nós temos imigrantes que vêm para cá para cometer crimes! Aqui por exemplo já apanhei uma romena, começo a averiguar a situação familiar e ela diz-me que têm o marido em Espanha e eu digo: o que andas aqui a fazer? Porque não vais para Espanha? Ela foi apanhada a furtar num centro comercial e ela diz-me que se eu fizesse em Espanha o que estou a fazer agora, eu ia presa e aqui não vou. Ela está-me a dizer aquilo e ela sabe o que me está a dizer. Mesmo que ela fosse detida naquele dia, se houvesse uma queixa, que não houve porque as pessoas já sabem o que a casa gasta e não querem estar a apresentar queixas porque foi no horário do período da noite e no outro dia vão ter que ir a tribunal testemunhar e muitas vezes os lesados nem são ouvidos, aquilo baixa a inquérito e o que é que vai acontecer? Vão ter que andar montes de tempo e não apresentam queixa e ela sabe que mesmo que fosse presa naquele dia, no dia a seguir ia a julgamento e ia ser libertada. Era a primeira vez ou a segunda, iam-lhe dar umas apresentações e ela se quisesse ia embora para outro sítio. E é o que acontece. Segundo ela, não sei se em Espanha será assim ou não, também não tive interesse para ver, já basta preocupar-me com as leis do meu país. Se calhar seria se forma diferente.

Entrevistador: como é que se dá com o público?

Entrevistado: Dou-me bem com o público, excepto em algumas situações. Nós por vezes não conseguimos agradar a gregos e a troianos, há sempre aqueles que já tem aquela ideia da polícia pensada. Creio que se os mandarmos

para e se lhes dermos uma nota de cinquenta euros, eles vão começar a dizer mal de nós à mesma. Aquela ideia de que o polícia serve para multar e para prejudicar as pessoas e para maltratar e que somos uns arrogantes e uns arruaceiros que fazem de nós aquelas coisas malucas por assim dizer. E essas pessoas que têm essa ideia, torna-se muito difícil. Poderá haver uma ou outra que nós conseguimos fazê-la ver que as coisas não são dessa forma, que nós somos vinte e tal mil polícias e eu não posso responder por esses vinte e tal mil. Isto é como em todo o lado: há bons e maus profissionais. O que é que eu vou dizer à pessoa? Peço desculpa pelo meu colega, mas há certas situações que o poderão ter levado, tentar desculpar ali um bocado para não deixar a imagem da polícia um bocado denegrida. Não podemos estar a responder por todos.

Entrevistador: Qual é que acha que é a imagem que o público têm de si?

Entrevistado: Eu acho que têm uma boa imagem. Não é para me gabar, mas se não tivessem eu saía aí à rua e ninguém me cumprimentava, ninguém se me dirigia, ninguém perguntava por mim a outros colegas. E isso acontece. Se isso acontece, se calhar é porque têm uma boa imagem de mim. Nada obriga as pessoas que quando nós vamos aí na rua que venham ter comigo, um aperto de mão, então ò senhor X, como é que está, está tudo bem? Isso acontece com frequência. Já estou aqui há uns anos e já me conhecem. Conhecem-nos melhor a nós do que nós a eles.

Entrevistador: Acha que os programas especiais têm uma melhor imagem que a patrulha para a população ou acha que é indiferente?

Entrevistado: Eu acho que parte pela forma com que o agente aborda as situações, aborda o cidadão....Nós agora temos o PIPP, têm um nome todo pomposo e temos o curso que tirámos numa semana sobre ele, mas isto do policiamento de proximidade, isto já existia. O patrulheiro normal já fazia este tipo de contacto com a população. O patrulheiro quando saía à rua... eu quando vim para cá e era patrulheiro, vinha à rua e não andava ali surdo mudo, eu falava com as pessoas, as pessoas diziam-me quais os problemas, nós víamos se estava um velhote acamado ou não, se tínhamos que fazer alguma ligação. Obviamente que os programas especiais estão direccionados para aquela vertente, não é? E têm-se obtidos resultados. Por exemplo, se um elemento está no PIPP, na

vertente do idoso ou do comércio seguro ou na escola segura, obviamente tem que estar direccionado para aquilo e tem que se aperceber da realidade, na qual um patrulheiro normal não tinha aquela direcção. Fazia um bocadinho disto e um bocadinho daquilo. Mas ia tendo sempre aquele contacto. Não ia tão directamente àquele ponto X ou Y mas numa forma abrangente, ia passando por tudo.

Entrevistador: O que faz falta à patrulha?

Entrevistado: Acho que o que faz falta à patrulha é haver por parte das chefias, transmitir ao patrulheiro que ele anda na rua, que ele é uma mais valia, que não está a ser castigado. Este pessoal mais novo tem aquela mentalidade, já vi agentes com dois anos de patrulha a discutirem um com o outro porque um tinha estado de patrulha três dias em patrulha e outro esteve só um. Para eles é desprestigiante e é mais prestigiante andar no carro. Devia haver alguém por parte dos superiores que devia mostrar que não é bem assim. Tão importante é uma função como é outra. Deviam ser compensados por isso. Acho que uma palavra bem dita na altura certa faz milagres. Mas quem está a gerir uma esquadra não se apercebe porque tem trinta ou quarenta homens para gerir. Se houver uma rodagem, não digo metê-lo no carro patrulha mas metê-lo mais perto ou para o giro que seja mais fácil, só isso já é uma mais valia para o Agente pensar que não o estão a prejudicar. Desde que haja igualdade e um exercício lógico que está tudo igual para todos, torna-se uma mais valia para o serviço.

Entrevistador: Como é o seu dia de trabalho na esquadra?

Entrevistado: Contactar com o Chefe graduado ou com o Subcomissário se tiver na esquadra, ver se existe algo de importante. Se nada houver, é começar a passar pelas escolas. Há dias em que é diferente porque, por exemplo, temos acções de sensibilização agendadas.

Entrevistador: Que ocorrências é que puderam acontecer?

Entrevistado: Variadas ocorrências. Roubos de telemóveis, desaparecimentos, agressões, miúdos que ficam na escola até tarde porque ninguém os foram buscar.

Entrevistador: Este serviço é do seu agrado?

Entrevistado: É.

Entrevistador: Digamos que há serviços mais fáceis e mais agradáveis que outros?

Entrevistado: Gosto de fazer tudo mas depende do dia, da vontade de cada um.

Entrevistador: Um desses serviços mais chatos poderá ser um serviço de rua as vezes é um pouco aborrecido, concorda?

Entrevistado: Isso é como tudo, o radar por vários serviços faz com que não se torne aborrecido.

Entrevistador: O que é que lhe parece ser mais importante na patrulha os saberes técnico-práticos ou o bom senso policial?

Entrevistado: O bom senso policial.

Entrevistador: Quais são as competências necessárias para um patrulheiro desempenhar a sua função?

Entrevistado: Tem de ser uma pessoa educada, ponderada, saber que está cá para resolver problemas, ter uma postura digna da instituição que representa.

Entrevistador: Já teve oportunidade para sair da patrulha, porque permaneceu nela?

Entrevistado: Sim, porque quero sempre evoluir e a condição financeira também tem influência.

Entrevistador: Imagine que tinha agora a oportunidade de sair da polícia e ir para outra profissão, aceitava?

Entrevistado: Depende da profissão, teria de ser uma profissão com funções semelhantes às da polícia, que me desse boas garantias a nível de remuneratório, de horário, de localização geográfica era uma questão a ponderar.

Entrevistador: Encontra sentido para o desempenho das suas tarefas?

Entrevistado: concordo com as tarefas que desempenho.

Entrevistador: O que é que entende por patrulha?

Entrevistado: Patrulha é aquela primeira informação que recolhemos, é a primeira pessoa que está na rua, é o contacto directo com a população.

Entrevistador: Acha que é valorada no interior da esquadra?

Entrevistado: Acho que sim, desde que a pessoa tenha passado por lá dá valor, quem não passou não dá valor.

Entrevistador: Pensa noutros métodos de policiamento?

Entrevistado: Pensar, pensamos, mas por vezes não sabemos se colocarmos em prática seria viável ou não.

Entrevistador: Sente que tem alguma autonomia ou acha que é obrigado a proceder sempre da mesma maneira?

Entrevistado: Sinto autonomia, cada caso é um caso, desde que as coisas sejam feitas com o enquadramento legal e de forma ponderada.

Entrevistador: Os polícias deveriam ser mais preventivos ou repressivos?

Entrevistado: Preventivos. A prevenção é sempre boa, evitar os problemas é sempre melhor.

Entrevistador: Os seus colegas partilham das mesmas ideias?

Entrevistado: Depende, cada um tem a sua maneira de pensar.

Entrevistador: O que é ser polícia?

Entrevistado: Ser polícia passa por desempenhar uma função com a qual temos que nos sentir bem connosco próprio, tem de haver aquele à-vontade com a profissão, temos que dar um bocado de nós à instituição para resolver as situações. Ter um sentimento de responsabilidade.

Entrevistador: Concorda com a afirmação de que os polícias patrulheiros em grande parte se limitam a assegurar a ordem local? O que tem a dizer sobre isso?

Entrevistado: Não só local, o patrulheiro dentro do seu giro, tem total mobilidade para ver o que está bem e o que está mal de modo a ver o que pode melhorar.

Entrevistador: As funções da patrulha serão só visibilidade. Será mesmo preciso reinventar o papel da patrulha?

Entrevistado: Reinventar não digo mas sim direcciona-la melhor, nos dias de hoje já está provado que um homem sozinho vale por um e dois valem por dois, ou seja dois elementos é uma mais-valia, há um apoio, uma pessoa sozinha sente-se perdida enquanto que com dois elementos há mais motivação para fazer o serviço.

Entrevistador: Qual a relação patrulheiro – esquadra? Acha que é uma relação de complementaridade, isto é, sem a esquadra o patrulheiro não se orienta e a esquadra sem o patrulheiro não funciona?

Entrevistado: Estão interligados, são importantes as duas, o patrulheiro precisa da esquadra para ter as informações, e a esquadra precisa do patrulheiro para fazer o serviço de rua.

Entrevistador: Como interpreta os símbolos da PSP?

Entrevistado: São o essencial, transmitem uma identificação.

Entrevistador: A que valores acha que os patrulheiros deveriam dar mais importância?

Entrevistado: Os valores são iguais para todos, responsabilidade, educação profissionalismo.

Entrevistador: Quais são as principais características de um bom ou de uma boa patrulheiro(a)?

Entrevistado: É um patrulheiro que nas suas horas de trabalho olha tudo a sua volta, está ali não para passar seis horas mas sim para fazer algo de útil, o que tiver que fazer ele faz.

Entrevistador: Considera que deveriam ou não existir mais colegas femininas a trabalhar na patrulha?

Entrevistado: Considero que há o número suficiente, há determinado serviços que é necessário haver mulheres para se atingir os objectivos.

Entrevistador: Como prevê o futuro da patrulha?

Entrevistado: O futuro da patrulha é de mudança, com novos programas.

Entrevistador: E das esquadras “genéricas”?

Entrevistado: As esquadras genéricas vão ter de se manter abertas e melhorar pois são esquadras essenciais, estas esquadras combatem a criminalidade.

Entrevistador: Qual o seu desejo para o futuro?

Entrevistado: O meu desejo é ter saúde e força de vontade para andar aqui, a nível profissional que sejamos acompanhados da melhor forma pelas chefias, sermos ajudados, ouvidos e acima de tudo termos mais apoio.

ENTREVISTADO 11

Entrevistador: Gostaria de lhe agradecer pelo facto de ter acedido responder a esta entrevista. Desde já garanto-lhe a total confidencialidade das suas respostas e o anonimato desta entrevista. Em nenhum documento escrito surgirá a referência ao nome do Entrevistado, ao nome da esquadra, como dado possível de identificá-lo. Gostaria ainda de lhe dizer que é de fundamental importância todo o tipo de informação que me vier a transmitir, durante a entrevista, tendo em conta que o trabalho de investigação que irei realizar, no campo das identidades profissionais dos patrulheiros, depende essencialmente de todos os dados que eu vier a obter desta e de outras entrevistas. Gostaria que se sentisse completamente à vontade para responder com a máxima sinceridade àquilo que eu lhe vier a questionar no decorrer desta mesma entrevista. Posto isto, comecemos:

Entrevistador: Como se tornou polícia?

Entrevistado: Não era um sonho que tinha, mas era uma coisa que acreditava e que gostava, fiz o curso na EPP e foi aqui nesta esquadra que me senti polícia

Entrevistador: O que fazia antes de concorrer?

Entrevistado: Era militar.

Entrevistador: Quando acabou o curso foi para...

Entrevistado: Vim para a divisão aonde estou a trabalhar agora.

Entrevistador: Porquê esta esquadra?

Entrevistado: Desempenhava funções anteriormente na parte militar perto daqui, tinha colegas meus que foram colocados aqui e que falaram bem disto. Esta esquadra é muito trabalhosa, o que obriga a colocar todos os conhecimentos que aprendemos na escola em prática.

Entrevistador: Quando concorreu, o que esperava da PSP do ponto da PSP a nível operacional?

Entrevistado: Eu quando concorri não tinha bem ideia do que a polícia fazia em si. A ideia que tinha da polícia era errada com o que sei agora. Nunca tinha tido contacto com a polícia antes de vir para cá.

Entrevistador: O que aprendeu na EPP tem aplicabilidade na Rua?

Entrevistado: Têm, no entanto há disciplinas na EPP que estão um bocadinho ultrapassadas, ensinam muitas matérias mas devia ensinar mais a ser polícia. Aprendi a base lá e cá coloco em prática e enquadro nas situações, quando se sai para a rua escolhemos o caminho que queremos seguir.

Entrevistador: Quando chegou a esta esquadra o que pensava da PSP a nível operacional?

Entrevistado: Tinha uma imagem positiva.

Entrevistador: Como foram os seus primeiros dias?

Entrevistado: Não foi fácil, apresentei-me aqui e passados dois dias estava a assumir um carro patrulha, foi “tens aqui um rádio, um carro e um roteiro, esta é a tua área de serviço”. Não houve tempo para andar no carro patrulha com elementos mais velhos. Não ensinam a fazer muitas coisas com as quais nos deparamos todos os dias, como fazer um cadáver, uma recuperação de uma viatura, uma violência doméstica etc.

Entrevistador: Como se sentiu quando chegou à esquadra?

Entrevistado: Senti-me desconfortável, nunca tinha andado fardado nem sabia o poder que a palavra polícia tinha, e as responsabilidades que tinha. Só ao longo do tempo é que comesças a ganhar confiança e estabilidade emocional.

Entrevistador: Quando chegou à esquadra, como foi recebido pelos colegas mais velhos?

Entrevistado: Fui muito bem recebido por todos.

Entrevistador: Já foi militar, que diferenças sentiu?

Entrevistado: A formação é completamente diferente, a postura que as pessoas têm de ter, e o trabalho também é diferente.

Entrevistador: Quando chegou à EPP e vestiu a farda pela primeira vez, como se sentiu?

Entrevistado: Senti-me bem, realizado, uma sensação confortável.

Entrevistador: Quando chegou à esquadra e vestiu a farda pela primeira vez?

Entrevistado: Senti-me estranho, porque não estava habituado a que na rua me tratassem por Sr. Polícia.

Entrevistador: Qual é a sua situação actual na esquadra?

Entrevistado: É boa, estou num carro patrulha, num grupo operacional, estou na função de patrulha

Entrevistador: Faz o que gostaria de fazer?

Entrevistado: Sim, de momento faço, tudo o que eu poderia fazer dentro das limitações da instituição, sinto-me 100 por cento realizado.

Entrevistador: O que é que o mantém nestas funções?

Entrevistado: É a diversidade de serviços, a elasticidade de tarefas, faço serviços difíceis e trabalhosos.

Entrevistador: Vai-se querer manter nesta esquadra?

Entrevistado: Sim, porque o estatuto que consegui ganhar aqui nesta área problemática, foi com muito trabalho.

Entrevistador: O que é que pensa da actividade policial desta esquadra?

Entrevistado: É muito boa, desempenha funções policiais com resultados positivos.

Entrevistador: Considera que ser polícia é uma profissão para a vida ou uma ocupação?

Entrevistado: É uma profissão para a vida, nas seis horas de serviço a farda pesa, é uma profissão em que se aprende e ama a ser polícia. É uma profissão muito difícil mas também muito gratificante.

Entrevistador: O que é preciso para gerir a vida familiar sendo polícia?

Entrevistado: Acima de tudo é preciso distinguir as coisas. Não é fácil, porque quando se pensa em constituir família, casar, são muitos jantares a que faltas, muitas noites que não podes passar com a família porque estás de serviço, por vezes tens de estar ausente em situações importantes na vida familiar.

Entrevistador: Está a trabalhar em Lisboa, qual a sua origem?

Entrevistado: Sou de Trás-os-montes.

Entrevistador: Veio para Lisboa por opção?

Entrevistado: Sim, na altura o que eu pretendia estava em Lisboa, como a minha terra de origem era um meio pequeno com algumas limitações, vim para Lisboa.

Entrevistador: O que pensa a sua família de ser patrulheiro?

Entrevistado: Têm orgulho de mim e sabe que quem anda aqui é porque gosta disto, mas também têm medo, quem anda na rua corre riscos.

Entrevistador: O sentimento de responsabilidade em relação à família contribui ou obstáculo a um maior sentido profissional?

Entrevistado: Não creio que seja um obstáculo.

Entrevistador: Dá mais importância à família? Só pensa no trabalho?

Entrevistado: Dou imensa importância à família, dou muita importância ao trabalho, mas a família é o mais importante, é o equilíbrio de qualquer homem, se temos um problema recorremos à nossa família.

Entrevistador: Considera que tem tempo livre?

Entrevistado: Tenho.

Entrevistador: Como é que dispõe dele?

Entrevistado: Fazendo imensas actividades, lazer e descanso.

Entrevistador: O que considera ser o melhor ou o pior da vida policial?

Entrevistado: O melhor é quando o serviço que tu consegues fazer te dê resultados, por exemplo uma pessoa cometeu um roubo, tu consegues apanhar essa pessoa e ela é punida, o pior é quando tu não consegues apanhar essa pessoa, quando o teu trabalho é muito e não vês resultados.

Entrevistador: Ser polícia é um estilo de vida?

Entrevistado: Acima de tudo tem de ser, tem de ser um estilo de vida porque te vai alterar a tua maneira de ser e de estar.

Entrevistador: O que acha da sua função social?

Entrevistado: Importantíssima, de mim depende a segurança de todos.

Entrevistador: Como é que vê os colegas?

Entrevistado: Os meus colegas vejo-os como amigos, como pessoas que estão ao meu lado e que muitos deles dariam a vida em função de outros.

Entrevistador: Acha que a relação com os seus colegas e o próprio ambiente de trabalho são mais importantes, por exemplo, que o tipo de trabalho que tem de fazer nesta esquadra?

Entrevistado: Sim é mais importante, se tiveres uma boa relação com os colegas e com quem te está a chefiar tens meio serviço feito, se tiveres algum serviço em que tenhas dúvidas, perguntas, os colegas estão ali para te ajudar e assim fazes todos os serviços da melhor maneira.

Entrevistador: Como é que se dá com os seus superiores?

Entrevistado: Optimamente.

Entrevistador: Acha que a organização apoia o trabalho da patrulha?

Entrevistado: Infelizmente não sinto isso no nível de comandantes directos mas sinto isso a nível das grandes chefias, por exemplo às vezes faço o dobro de horas para combater um crime que está a decorrer aqui e não vejo o reforço de efectivos nem o reforço de meios.

Entrevistador: Identifica-se profissionalmente com a esquadra?

Entrevistado: Identifico-me, porque sempre fui uma pessoa de valores altos, ao vir para a polícia não mudei e isso reflecte-se no serviço.

Entrevistador: Como é que se dá com o público? Que imagem acha que tem de si?

Entrevistado: Bem, sempre fui um bom comunicador. A imagem que eu penso que eles têm de mim aqui onde trabalho, pessoas de idade tem uma imagem óptima, mas outros que causam problemas já não têm boa imagem.

Entrevistador: Como se vê no conjunto de todas as relações sociais que estabelece?

Entrevistado: Com algumas pessoas noto que têm alguma admiração, admiração pelo que nós fazemos, mas outras não.

Entrevistador: Como é que sente e pensa a imagem que o público tem da instituição?

Entrevistado: A imagem está a mudar positivamente nos últimos anos, começa pelos oficiais que nos estão a comandar, são pessoas mais competentes, mais humanas e estão mais no terreno.

Entrevistador: O que é que faz falta à patrulha?

Entrevistado: Meios físicos e humanos.

Entrevistador: O que é preciso para melhorar o serviço da patrulha?

Entrevistado: Ser mais recompensado, darem um subsídio por fazer patrulha e fazer turnos, recompensar quem mais trabalha.

Entrevistador: Como é o seu dia de trabalho numa esquadra?

Entrevistado: Depende dos dias mas de maneira geral são dias muito ocupados e bons.

Entrevistador: O serviço é de seu agrado?

Entrevistado: Sim é.

Entrevistador: Digamos que há serviços mais fáceis ou mais agradáveis de fazer do que outros?

Entrevistado: A nível de patrulha os serviços são todos difíceis.

Entrevistador: O que é que o incentiva mais nesta profissão?

Entrevistado: É o dia-a-dia, o risco, a diversidade de serviços, de ocorrências.

Entrevistador: Acha que existe solidariedade no interior da esquadra e afastamento em relação ao exterior?

Entrevistado: Há solidariedade dentro da esquadra, existe entreajuda.

Entrevistador: O que lhe parece ser mais importante na patrulha os saberes teórico-práticos ou o bom senso policial?

Entrevistado: Os dois são muito importantes, devem ter os dois o mesmo peso.

Entrevistador: Quais as competências necessárias e essenciais para um patrulheiro desempenhar a sua função?

Entrevistado: Ser muito bom comunicador, saber ouvir, saber analisar todas as situações.

Entrevistador: Teve alguma vez oportunidade para sair da patrulha?

Entrevistado: Tive várias, mas dentro da patrulha é onde me sinto realizado.

Entrevistador: Imagine que tinha agora a possibilidade de sair da Polícia e ir trabalhar para outra profissão. Sairia?

Entrevistado: Neste momento não, não me estou a ver a fazer outra coisa.

Entrevistador: Pensa que é uma profissão perigosa?

Entrevistado: Sim é uma profissão com riscos.

Entrevistador: O que entende por patrulha?

Entrevistado: É o patrulhamento que se faz, a prevenção.

Entrevistador: Acha que é valorada no interior da esquadra?

Entrevistado: Não é valorizada, é valorizada no seio da esquadra onde todos fazem o mesmo, de resto não é valorizada.

Entrevistador: Pensa noutros métodos de policiamento?

Entrevistado: Cada um tem um método de patrulhamento, tens que gerir e ver qual o melhor método que funciona.

Entrevistador: Segue a lei?

Entrevistado: Sinto que sou obrigado a seguir a lei, o polícia trabalha baseado na lei, caso contrário sou prejudicado.

Entrevistador: Sente que tem alguma autonomia no desempenho da sua função?

Entrevistado: Sinto muita autonomia, trabalha-se de muitas maneiras sempre dentro da lei.

Entrevistador: Os polícias deveriam ser mais preventivos ou repressivos?

Entrevistado: Mais preventivos, se fores mais preventivo evitarás que errem e já não é preciso reprimir.

Entrevistador: Os seus colegas partilham dessa opinião?

Entrevistado: Sim, com quem eu trabalho, quase todos partilham essas opiniões.

Entrevistador: O que é ser polícia?

Entrevistado: É muita coisa, é sentir o quanto as pessoas precisam de ti, ser polícia é ir a uma ocorrência e sentires as coisas, acordar todos os dias e vir com vontade de trabalhar e fazer o melhor que posso, servires o cidadão.

Entrevistador: Acha que os policiais se limitam a assegurar a ordem no local?

Entrevistado: Não concordo, o serviço de patrulha é mais do que o serviço que é feito na rua, recolhemos informações que são registadas e analisadas.

Entrevistador: Qual a relação patrulheiro – esquadra? Acha que é uma relação de complementaridade, isto é, sem a esquadra o patrulheiro não se orienta e a esquadra sem o patrulheiro não funciona?

Entrevistado: Claro que sim, a esquadra precisa dos patrulheiros e a esquadra é o alicerce do patrulheiro a qual está ligado.

Entrevistador: Não haverá maneira de funcionarem separadas?

Entrevistado: Não.

Entrevistador: Como interpreta os símbolos da PSP?

Entrevistado: Deveriam ser mais visíveis, a caracterização dos carros devia ser mais impacto visual, mais enquadramento da farda, não fazer patrulhamento de calças vincadas e sapatos. Os símbolos em si interpreto bem, acho que têm sido melhorados.

Entrevistador: O que é para si característico da cultura profissional?

Entrevistado: Desde que estou na polícia o que é característico é muito trabalho.

Entrevistador: Quais são as principais características de um bom ou de uma boa patrulheiro(a)?

Entrevistado: O cuidado e a sensibilidade que tens de ter, tens de ouvir e ver tudo.

Entrevistador: E um patrulheiro rudimentar?

Entrevistado: É aquele que faz só por fazer, aquelas horas que vai entrar de serviço são uma eternidade, que vê e viras as costas, que vai para uma rua onde sabe que não há nada.

Entrevistador: Considera que deveriam ou não existir mais colegas femininas a trabalhar na patrulha?

Entrevistado: Não tenho qualquer problema em trabalhar com colegas femininas mas acho que não, porque a longo prazo as mulheres não ficam na patrulha vão para os serviços administrativos.

Entrevistador: Como prevê o futuro da patrulha? E das esquadras “genéricas”?

Entrevistado: Cada vez mais competentes e mais à frente.

Entrevistador: Qual o seu desejo para o futuro?

Entrevistado: Continuar no mínimo a fazer o trabalho que tenho feito até agora.

ENTREVISTADO 12

Entrevistador: Gostaria de lhe agradecer pelo facto de ter acedido responder a esta entrevista. Desde já garanto-lhe a total confidencialidade das suas respostas e o anonimato desta entrevista. Em nenhum documento escrito surgirá a referência ao nome do Entrevistado, ao nome da esquadra, como dado possível de identificá-lo. Gostaria ainda de lhe dizer que é de fundamental importância todo o tipo de informação que me vier a transmitir, durante a entrevista, tendo em conta que o trabalho de investigação que irei realizar, no campo das identidades profissionais dos patrulheiros, depende essencialmente de todos os dados que eu vier a obter desta e de outras entrevistas. Gostaria que se sentisse completamente à vontade para responder com a máxima sinceridade àquilo que eu lhe vier a questionar no decorrer desta mesma entrevista. Posto isto, comecemos:

Entrevistador: Como se tornou polícia?

Entrevistado: Foi um amigo meu que me deu a ideia. Tínhamos emprego. Também tinha essa ideia de vir para a polícia. Estive na Marinha. Depois tinha trabalho mas ganhava pouco e não era seguro.

Entrevistador: Então o objectivo principal foi:

Entrevistado: Segurança de trabalho, estabilidade profissional.

Entrevistador: O que fazia antes de concorrer?

Entrevistado: Trabalhava numa empresa de produtos alimentares.

Entrevistador: Quando acabou o curso foi para ...

Entrevistado: Em 1997 vim para aqui.

Entrevistador: Escolheu por iniciativa própria ou foi resultado do concurso?

Entrevistado: Escolhi por iniciativa própria.

Entrevistador: O que esperava da PSP do ponto de vista da actividade profissional?

Entrevistado: A nível de meios, instalações, pensava que era diferente. Na EPP pensava que era diferente... sinto-me desiludido. Houve uma mensagem errada. Tudo certinho. Tudo como deve ser. Na verdade não é assim, é ao sabor das marés. Desiludido, mas adaptei-me. Hoje, concorreria para a GNR.

Entrevistador: Como é que se sentiu quando chegou à esquadra?

Entrevistado: Havia estes dois andares e pensei que era bom, mas quando entrei, foi uma decepção. Os meus cães têm mais condições que aqueles ali... Nem duche para tomar.

Entrevistador: Refira-se aos primeiros dias passados na esquadra...

Entrevistado: Tive que me adaptar. Vi que havia vícios. Aprendi as coisas boas e más. Sei distingui-las.

Entrevistador: Como é que foi recebido pelos colegas mais velhos, com outra experiência na profissão?

Entrevistado: Bem recebido.

Entrevistador: Como se sentiu quando vestiu a farda? (na Escola)

Entrevistado: Sentia-me orgulhoso com a farda da Marinha e na Escola. Também senti orgulho da farda na esquadra. Gostava de vestir a farda. Na Escola era uma coisa, aqui é diferente. Uma pessoa vinha da EPP e aqui é lançada aos cidadãos. Tentava primar pela segurança. A ver se não fazia nada de errado, fazer tudo certinho.

Entrevistador: O que aprendeu na EPP tem aplicabilidade na realidade da patrulha?

Entrevistado: Tem. Tem sempre. A EPP deve ter mais estágios.

Entrevistador: Porquê esta esquadra?

Entrevistado: Porque estava mais perto de casa...

Entrevistador: O que é que faz nesta esquadra? Agrada-lha fazer o quê e de certo modo o mantém nestas funções?

Entrevistado: Estou na patrulha, mas sempre gostei da investigação criminal. Estive lá um mês, não gostei. O que me cativava mais na investigação criminal era a droga, furtos, inspecções.

Entrevistador: O que pensa da actividade policial da esquadra?

Entrevistado: Na investigação criminal, tratavam bem a gente. Na patrulha somos tratados como lixo. Muitas vezes são as pessoas que estão à frente e a instituição vai por arrastamento.

Entrevistador: Mudaria de esquadra?

Entrevistado: Não.

Entrevistador: Qual a principal razão porque não muda?

Entrevistado: É a casa. A patrulha é uma grande reciclagem.

Entrevistador: Em termos de trabalho que aqui desenvolve, não haverá, eventualmente, outras esquadras onde o trabalho lhe poderia agradar mais?

Entrevistador: Não, aqui já conheço os mitras todos. Conheço muita gente e as coisas resolvem-se.

Entrevistador: O que acharam os seus pais de você ser patrulheiro?

Entrevistado: Eles (pais) nunca opinaram sobre essa situação. Agora, com o descrédito que há na justiça e no nosso trabalho, falam comigo. Tenho dois filhos e estou casado há dezasseis anos. Toda a gente se divorcia. Para um polícia é uma grande vitória. Os divorciados têm a ver com a nossa profissão. Vai (para casa) chateado com isto, mais x horas de comboio, é difícil.

Entrevistador: Considera que ser polícia é uma profissão para a vida ou uma ocupação.

Entrevistado: É uma profissão para a vida. A gente habitua-se a isto e tive um acidente e durante sete meses estive de baixa. Vinha aqui visitar os amigos. Sentia necessidades de vir cá devido aos colegas e gosto pela profissão.

Entrevistador: O que é preciso para gerir a vida familiar sendo polícia?

Entrevistado: Não levar problemas para casa. Se chego a casa com mau humor porque aqui não correu bem, então...

Entrevistador: As pessoas que vivem consigo, o que pensam do facto de você ser patrulheiro?

Entrevistado: Não vêem nada de mal. A patrulha dentro da instituição, quando não há mais ninguém é pau para toda a obra e é a secção mas denegrida. Primeiro está a minha família e depois a Polícia.

Entrevistador: O sentimento de responsabilidade em relação à família contribui ou obsta a um maior serviço profissional?

Entrevistado: Não é obstáculo. Separa-se o trigo do joio.

Entrevistador: Dá mais importância à família ou só pensa no trabalho?

Entrevistado: Dou sempre importância à família.

Entrevistador: Quando tem tempo livre, dispõe dele, Como o ocupa?

Entrevistado: Algum. Faço caminhadas, acompanho os miúdos, vou buscar os filhos, faço jardinagem, manutenção, etc.

Entrevistador: O que considera ser o melhor ou o pior da vida policial?

Entrevistado: O melhor é um conhecimento elevado e compreender a nossa sociedade, as coisas boas e más. Olho para um grupo de indivíduos e vejo se há algo de suspeito. Mas, vou de férias e só vejo infracções. O ambiente de suspeição e análise é parte do espírito do polícia (cultural).

Entrevistador: Ser polícia é um estilo de vida?

Entrevistado: Não, para se ser polícia tem de se gostar da polícia.

Entrevistador: O que acha da sua função social?

Entrevistado: Importante. Há pessoas que vêm ter connosco até para pedir conselhos.

Entrevistador: Como é que vê os pares?

Entrevistado: É conforme os grupos. Bons, maus, mais ou menos. É o estilo de vida que eles têm.

Entrevistador: Pensa que a relação com os seus colegas e o próprio ambiente de trabalho são mais importantes, por exemplo, que o tipo de trabalho que tem de fazer nesta esquadra?

Entrevistado: Há uma conjugação desses factores todos. Tem que haver uma boa relação.

Entrevistador: O desempenho de algumas tarefas da patrulha, exige a colaboração dos colegas. Como é que vê essa participação? Gostaria que fosse diferente?

Entrevistado: Quando é preciso, estão lá. É uma boa relação com os meus superiores.

Entrevistador: A relação entre todos os elementos anteriormente referidos facilita a vivência colectiva no seio da esquadra?

Entrevistado: Sim, o bom ambiente é saudável, nada funciona sem bons ambientes. Quando há pessoas a remar ao contrário, estraga-se tudo.

Entrevistador: Sente que a organização apoia o trabalho da patrulha?

Entrevistado: Tem que apoiar. A patrulha é a base de tudo.

Entrevistador: Identifica-se, profissionalmente, com o contexto em que trabalha?

Continua ligado a realidades anteriores ou mescla vontades com a realidade actual?

Entrevistado: Identifico. Continuo ligado quando penso. Dou muita importância aos amigos fora da instituição. Na instituição também tenho. Dou-me bem com o público. Sou sociável e têm uma boa imagem de mim.

Entrevistador: Como percepciona a justiça em Portugal?

Entrevistado: É um bico-de-obra. Só temos que fazer o nosso serviço. A minha relação com a justiça tem sido boa. Sempre se faz justiça.

Entrevistador: Como se dá com o público? Qual a imagem que pensa que tem de si?

Entrevistado: Respeitável.

Entrevistador: Nessa adaptação com o público, há apoio profissional?

Entrevistado: Sou mesmo eu, não tenho nada a ver com a instituição.

Entrevistador: Como se vê no conjunto das relações sociais que estabelece?

Entrevistado: Gosto de ouvir e de falar....

Entrevistador: Como sente e pensa a imagem que a sociedade tem da Polícia?

Entrevistado: Há pessoas que pensam mal da polícia, mas depois quando são roubadas e a polícia aparece, mudam de ideias. Há polícias que dão uma imagem negativa da instituição. Imagem de má educação, maneiras de falar com as pessoas

Entrevistador: O que falta à patrulha? Como melhoraria esse trabalho?

Entrevistado: respeito por parte das chefias e meios materiais. Para se chefiar homens tem de se dar para se receber. Precisamos de mais elementos.

Entrevistador: Para si, qual será o verdadeiro trabalho de patrulha?

Entrevistado: Contacto com o público, visibilidade, prevenção.

Entrevistador: Como é o seu dia de trabalho numa esquadra?

Entrevistado: É um dia normal. Colher dados, contactar com o público...

Entrevistador: Com que tipo de pessoas contacta?

Entrevistado: Toda a gente, desde o advogado ao toxicodependente

Entrevistador: Que ocorrências poderão acontecer?

Entrevistado: Ofensas, furtos, ameaças à integridade física...

Entrevistador: O serviço é do seu agrado?

Entrevistado: Tem dias. Há os PIPP. Há equipas de apoio à vítima. A esquadra manda o carro patrulha à violência doméstica e deveria ir os PIPP. Acho que deveriam ser eles a ir para depois fazerem o relatório.

Entrevistador: Digamos que há serviços mais fáceis ou mais agradáveis de fazer do que outros?

Entrevistado: Há. Tudo o que meta trânsito não me agrada muito. Se for um ilícito, assalto, já gosto mais

Entrevistador: O serviço de rua, por vezes, é um serviço aborrecido?

Entrevistado: É, quando não se em nada a fazer ou o tempo está mal..

Entrevistador: Apesar de ter que fazer este tipo de serviços (mais aborrecidos), acha que vale a pena ser polícia, gosta de ser polícia?

Entrevistado: Gosto.

Entrevistador: O que o incentiva mais nesta profissão?

Entrevistado: É o vencimento ao fim do mês ser certo. Nós somos o fiel da balança. Se não existíssemos era o caos...

Entrevistador: Encontra na esquadra uma estratégia de ajustamento profissional, uma lógica de adesão?

Entrevistado: São.

Entrevistador: Acha que existe solidariedade no interior da esquadra e afastamento em relação ao exterior?

Entrevistado: Já ajudámos os colegas a recuperar as suas viaturas particulares que foram danificadas. Quando fui ajudar um colega. Ajudámos na concertação.

Entrevistador: O que lhe parece ser mais importante na patrulha? Os saberes técnico-práticos ou o bom senso policial?

Entrevistado: O bom senso policial. Há uma congregação de ambos.

Entrevistador: Quais as competências necessárias e essenciais para um patrulheiro desempenhar a sua função?

Entrevistado: Devidamente uniformizada, sociável e educada.

Entrevistador: Imagine que tinha agora a possibilidade de sair da Polícia e ir trabalhar para outra profissão. Sairia?

Entrevistado: Tinha que analisar qual era a profissão. Para sair daqui tinha de ir com segurança.

Entrevistador: Que tipo de problemas e/ou dificuldades são mais frequentes no decorrer da sua função? Como as resolve?

Entrevistado: Falta de meios materiais e humanos. Sinto que é uma profissão de risco. Nunca se sabe quando vamos a um local depois pensamos uma coisa e pode haver armas. Os indivíduos bandidos estão muito armados.

Entrevistador: O que entende por patrulha?

Entrevistado: São os primeiros a chegar, os que têm o contacto mais directos com o público

Entrevistador: Acha que é valorada no interior da esquadra?

Entrevistado: Muitas vezes não. Há velhos do Restelo é aquilo que está acima das mulheres da limpeza, mas é o mais baixo da polícia. Deveriam dar mais valor a isso. São os primeiros a dar a cara.

Entrevistador: Pensa noutros métodos de policiamento?

Entrevistado: Há. Nós íamos para uma operação à noite e levamos coletes reflectores e carro polícia. Não vamos a fazer repressão, mas prevenção...

Entrevistador: Sente que tem alguma autonomia ou acha que é obrigado a proceder sempre da mesma maneira?

Entrevistado: Sigo sempre a lei, sim. Somos juízes na rua. Conseguimos decidir.

Entrevistador: Pensa que as determinações superiores são todas para cumprir ou gostaria que houvesse mais imaginação na patrulha?

Entrevistado: Sim. Encontro sentido em algumas. Há paragens em certos locais que estamos ali não é nada.

Entrevistador: Os polícias deveriam ser mais preventivos ou repressivos?

Entrevistado: Preventivos. É na prevenção que está o ganho. Prefiro evitar o crime que ter depois lesões, pessoas lesadas, etc.

Entrevistador: Os seus colegas partilham dessa opinião? A Patrulha é valorizada e reconhecida no interior da esquadra? Quando conversa com os seus colegas acerca da patrulha, o que dizem?

Entrevistado: Não, são maneiras diferentes de encarar a patrulha. Falamos sobre tudo. Transito, família, patrulha, carro patrulha, proximidade. Há complementaridade. No largo da estação é visibilidade. É sempre... damos informações às pessoas e os do PIPP ficam em casa, dormem com a mulher toda a noite.

Entrevistador: O que é ser polícia?

-Entrevistado: É ser pessoa, é ser humano, é ser compreensivo, é ter estofo. É necessário ter uma boa compreensão, autodomínio e confiança.

Entrevistador: Concorda com a afirmação de que os polícias patrulheiros em grande parte se limitam a assegurar a ordem local? O que tem a dizer sobre isso?

Entrevistado: Muitas vezes. Nós é que temos de fazer a diferença toda.

Entrevistador: As funções que o patrulheiro desenvolve ao nível da esquadra estão revestidas de autonomia e responsabilidade, comente.

Entrevistado: Precisamos de autonomia para revistar os indivíduos, fazer visibilidade. A função da patrulha não é só visibilidade. Fazem de tudo.

Entrevistado: As funções da patrulha serão só visibilidade? Será mesmo preciso reinventar o papel da patrulha?

Entrevistado: Não. Não é preciso nada. A missão da patrulha é fazer visibilidade, prevenção, e resolver problemas das pessoas.

Entrevistador: Qual a relação patrulheiro – esquadra? Acha que é uma relação de complementaridade, isto é, sem a esquadra o patrulheiro não se orienta e a esquadra sem o patrulheiro não funciona?

Entrevistado: As duas em separado não podem ser. Há conjugação.

Entrevistador: Como interpreta os símbolos da PSP?

Entrevistado: A farda...

Entrevistador: Quando empregamos o termo “cultura policial”, o que lhe vem à cabeça?

Entrevistado: Tentamos actualizar as situações. Todos os anos deverá haver reciclagens, desde tiro, CPP, Serviço Policial Urbano..

Entrevistador: O que é para si característico da cultura profissional?

Entrevistado: Tudo o que está relacionado com a nossa actividade. Não podemos dar uma informação que esteja errada...

Entrevistador: Quais são as principais características de um bom ou de uma má patrulheiro (a)?

Entrevistado: Estar atento, educado, bem ataviado. Não deixar ficar mal a instituição. Há maneiras como falar com o público em geral. Actualizado.

Entrevistador: Considera que deveriam ou não existir mais colegas femininas a trabalhar na patrulha?

Entrevistado: Sim, neste momento tenho uma patrulheira no grupo e tem condições. Acho que sim. Porque as vítimas do sexo feminino são capazes de desabafar mais.

Entrevistador: Como prevê o futuro da patrulha? E das esquadras “genéricas”?

Entrevistado: Mais tecnologia. Concentrar os meios num local, perde-se informação.

Entrevistador: Qual o seu desejo para o futuro?

Entrevistado: Saúde, paz. Unificação das forças de segurança. Acabar com PSP e GNR. Não se perdia informação.

ENTREVISTADO 13

Entrevistador: Gostaria de lhe agradecer pelo facto de ter acedido responder a esta entrevista. Desde já garanto-lhe a total confidencialidade das suas respostas e o anonimato desta entrevista. Em nenhum documento escrito surgirá a referência ao nome do Entrevistado, ao nome da esquadra, como dado possível de identificá-lo. Gostaria ainda de lhe dizer que é de fundamental importância todo o tipo de informação que me vier a transmitir, durante a entrevista, tendo em conta que o trabalho de investigação que irei realizar, no campo das identidades profissionais dos patrulheiros, depende essencialmente de todos os dados que eu vier a obter desta e de outras entrevistas. Gostaria que se sentisse completamente à vontade para responder com a máxima sinceridade àquilo que eu lhe vier a questionar no decorrer desta mesma entrevista. Posto isto, comecemos:

Entrevistador: Como se tornou polícia?

Entrevistado: Aos 16 anos trabalhava num supermercado e tive uma colega que era polícia e achava a profissão fascinante e fui perguntando como é que era, fui gostando daquilo que ela ia-me dizendo e comecei a tomar gosto. Aos 21 anos concorri e entrei.

Entrevistador: Que motivos é que a levaram a ingressar na PSP?

Entrevistado: Foi o que ela me disse, que patrulhava e fazia rugas. Na altura devia ter ido para as brigadas, era o que eu gostava. Achei que fazia parte do meu ser.

Entrevistador: Então quando concorreu o que queria era a Investigação Criminal?

Entrevistado: Sim, era.

Entrevistador: E agora que está cá dentro?

Entrevistado: Não, os horários são diferentes e ao fim destes anos de serviço, já não se aplica a mim. Sou mulher e para constituir família fica muito complicado.

Entrevistador: Antes de concorrer trabalhava num supermercado?

Entrevistado: Sim, era.

Entrevistador: Acabou o curso na EPP há quanto tempo?

Entrevistado: Quase onze anos. E vim directamente para aqui. Foi por iniciativa minha, que eu moro aqui perto.

Entrevistador: Na altura o que é que esperava da Polícia ao nível operacional?

Entrevistado: Totalmente diferente daquilo que se passa na realidade. Pensamos que somos heróis, fazer e acontecer e não é nada disso. Pensamos mudar o mundo. É diferente da maneira de agir e daquilo que a gente pensa. Pensava que entrava aqui, por ali adentro, isto era tudo nosso e acabou. Na realidade não podemos fazer certas e determinadas coisas.

Entrevistador: Na altura tinha a ideia de que podia mudar o mundo?

Entrevistado: Sim, com vinte e um anos temos essa ideia.

Entrevistador: Como é que sentiu quando chegou a esta esquadra?

Entrevistado: Eu já conhecia elementos nesta esquadra. Quando aqui cheguei fui bem recebida. Também já trabalhei aqui ao lado num supermercado.

Entrevistador: E as condições da esquadra?

Entrevistado: Para as mulheres não existem condições. Existe um espaço pequeno com uma cama e com uns cacifos. Não há camarata ou sítio para tomar banho e uma casa de banho para senhoras polícias ou civis.

Entrevistador: Como é que foram os seus primeiros dias aqui na esquadra?

Entrevistado: Vínhamos mais cedo, até horas antes e ficávamos mais horas depois do serviço, se houvesse mais confusão. Antigamente existiam aqui bairros complicados e éramos unidos. Havia aqui união. Se houvesse uma ocorrência, avançávamos todos, de serviço ou não. Havia um ambiente familiar. Actualmente não, se chegarmos a horas, cinco a dez minutos antes melhor e sair à hora.

Entrevistador: Já não se sente essa união de outros tempos?

Entrevistado: Já não.

Entrevistador: Porque é que se terá quebrado essa união?

Entrevistado: Eu não sei. Mas penso que a idade para entrar na Polícia agora aos dezoito anos, a pessoa ainda não está formada, como devia estar. Antigamente, as pessoas já tinham uma idade, já nos compreendíamos, já sabíamos que era para agir, que era para sermos unidos. Agora os colegas mais novos, é chegar, andar e fazer o serviço deles de seis horas e ir embora. Havia os bairros e sabíamos que havia perigo e éramos mais unidos. Agora com os Agentes *vips*...

Entrevistador: Como o perigo era superior lá fora, acha que havia mais solidariedade entre os colegas?

Entrevistado: Havia. E na qualidade dos próprios colegas.

Entrevistador: Quais as principais diferenças?

Entrevistado: Acho que são muito novos. Não têm aquela experiência de vida e não sabem o que é a união.

Entrevistador: O que é sentia quando via os policiais entrarem no supermercado onde trabalhava?

Entrevistado: Havia muitos que achava arrogantes. Nem me dava com eles. Achava que tinham a mania. Falava com um colega já com alguma idade, pessoas mais velhas. Tinham outra mentalidade.

Entrevistador: Quando concorreu à EPP e lhe deram uma farda, o que é que sentiu?

Entrevistado: Foi a realização do meu sonho. Foram nove meses lá e quando saí, houve uma frase que a minha mãe me disse e que me marcou: “Sempre desejei que um filho meu usasse uma farda”. Ela nunca mo tinha dito. Para mim foi uma enorme alegria.

Entrevistador: E essa mesma farda quando chegou à esquadra?

Entrevistado: Fiquei feliz. Com o desenrolar dos anos, as coisas foram-se tornando diferentes. A pessoa vem muito motivada, com muita vontade de fazer, mas depois vê que as coisas não são bem como a gente quer. E depois, torna-se desmotivante. A gente queria agir de uma maneira, mas a lei não o permite. Não estou desmotivada, porque andei onze anos a concorrer para o programa onde estou e por ser sindicalista, nunca o consegui. Eu sempre tive direito a alguns dias de sindicato como dirigente e quando se falava em abrir um concurso para o programa das escolas, do comércio, dos idosos, eu concorria e nunca entrava. A resposta era que eu era do sindicato, o que é que eu queria. Houve ali uma fase da minha vida em que eu desanimei por completo. Dizia, quero lá saber, fazia as minhas seis horitas e ia-me embora, como todos os outros. Não me vou preocupar, minimamente.

Entrevistador: Mas continua a ser dirigente sindical?

Entrevistado: Continuo. Agora houve necessidade de meter elementos nas escolas e precisavam de um elemento feminino, como eu era a única na esquadra... Houve um Comandante da esquadra que me disse

directamente, que por ser sindicalista não ia para nada. Agora houve outro que me disse, que para ele não havia problema por eu ser do sindicato e eu disse que me podia meter de manhã ou tarde, que eu ia às reuniões depois.

Entrevistador: Neste momento está a desempenhar funções de proximidade?

Entrevistado: Estou.

Entrevistador: O que é para si ser sindicalista?

Entrevistado: Somos muito mal vistos.

Entrevistador: Qual a sua ideia de ser sindicalista e vista pelos outros?

Entrevistado: Ser sindicalista é lutar pelos nossos direitos enquanto polícias. Por exemplo, com o subsídio de fardamento fazem e acontece, se não houver uma união, um sindicato, alguém que nos possa representar, não chegamos a lado nenhum. Critico haver muitos sindicatos. Devia haver uma união maior. Há alguns colegas que nos vêem como sindicalistas que só querem gozar os dias, mas há outros que sabem que nos deslocamos. Eu conheço a sede do meu sindicato, vou a manifestações e a reuniões. Nos meus dias de folga vou ao sindicato, ver se é preciso alguma coisa, fazer revistas, informar os meus colegas do que é que se passa, etc.

Entrevistador: Quando chegou a esta esquadra, o seu primeiro turno foi sozinha ou acompanhada?

Entrevistado: Acompanhada por colegas mais velhos.

Entrevistador: Conhecia a zona?

Entrevistado: Conhecia-a bem, sou residente aqui.

Entrevistador: O que aprendeu na EPP sente que tem aplicabilidade na patrulha?

Entrevistado: Algumas coisas têm, outras não. A maneira da gente lidar com as pessoas, sei lá. O Trânsito sim, é autuar.

Entrevistador: Neste momento faz o que gostaria de fazer?

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: Porque é que se mantém nesta esquadra?

Entrevistado: Porque estou perto de casa. Uns vêm, outros vão, eu vou ficando. Não sou capaz de arriscar ir para outra esquadra. Já estou habituada à zona. Só se for para concorrer para outra coisa. Já sei a maneira de trabalhar dos colegas mais velhos do Norte.

Entrevistador: Mora mais ou menos a quantos quilómetros?

Entrevistado: A dois ou três.

Entrevistador: O que já fez nesta esquadra, que lhe agrada fazer e a faz querer manter estas funções?

Entrevistado: Actualmente, é conviver com os alunos. Falo e estou com eles. Tenho um espírito jovem e sei lidar com eles. Conheço a zona, sou nascida e criada aqui e o ambiente de antigamente era óptimo. Falava com as pessoas. Eu considero a maior parte dos comerciantes como minha família. Já são muitos anos e eles ajudam-me.

Entrevistador: Acha que é bom ficar muitos anos numa zona ou devia haver rotatividade?

Entrevistado: Do meu ponto de vista e do que eu gosto, é ficar na mesma zona. Para a maior parte dos colegas é conhecer novas áreas e novas maneiras de trabalhar. Cada esquadra funciona de maneira diferente, ao nível de expediente, de serviço, da Divisão, etc. Se for para evoluir, acho que sim.

Entrevistador: Acha que ficar sempre na mesma esquadra leva a uma estagnação na evolução e à criação de maus hábitos?

Entrevistado: Não. Depende da mentalidade das pessoas. Maus hábitos, não creio.

Entrevistador: E se neste momento tivesse a possibilidade de mudar de esquadra?

Entrevistado: Não mudava. Se eu quisesse estar em na minha zona, estava.

Entrevistador: Em termos de trabalho que aqui desenvolve, não haverá outra esquadra que lhe agradasse mais?

Entrevistado: Na altura pensei na esquadra ao lado da minha zona, porque aqui não conseguia ir para a Escola Segura. Mas a área não era a que mais me agradava. Conheço bem aquela zona, mas aquela área não me diz nada. Sempre vivi cá.

Entrevistador: Na altura quando concorreu, qual era opinião dos seus pais?

Entrevistado: Os meus pais ainda são vivos. Eu não falava com o meu pai, apesar de viver com ele. A minha mãe achou maravilhoso.

Entrevistador: Viu no concurso à PSP uma oportunidade de fugir ao seu pai?

Entrevistado: Nada disso. Não falava com ele porque tivemos umas zangas. Sempre me dei bem com eles. No final do curso convidei-o para assistir à cerimónia.

Entrevistador: Considera que ser polícia é uma profissão para a vida ou uma ocupação?

Entrevistado: Uma profissão para a vida. Porque quem entra já não sai e é o gosto pela farda, o gosto por poder ajudar as pessoas, por muitos meios ou poucos que tenhamos. É aquilo que gosto de fazer. Não me via noutra profissão. Há alturas em que desanimarmos e vamos abaixo, as coisas nem sempre correm como a gente quer, mas vamos para casa sabendo que a missão foi cumprida.

Entrevistador: Não acha que nessas alturas de maior desânimo devia haver a tal rotatividade?

Entrevistado: Não por que em todo o lado é a mesma coisa. O meu desânimo é com a Instituição em si, porque prometem certas e determinadas coisas, por exemplo, eu já devia ser Agente Principal há seis ou sete anos. Para mim, sair daqui e continuar com o mesmo problema em mãos, é a mesma coisa. Vai sempre atrás de mim.

Entrevistador: É casada? Tem filhos?

Entrevistado: Não a ambas.

Entrevistador: Planeia ser e ter?

Entrevistado: Não a ambas.

Entrevistador: O que é que é preciso fazer para gerir a vida familiar sendo polícia?

Entrevistado: Os meus pais vivem comigo. Os horários, por exemplo, se estivesse nas brigadas eram muito complicados.

Entrevistador: Nas funções que exerce, sente conflito ao nível familiar?

Entrevistado: Com estes novos horários, estou 100% feliz. A minha mãe até me diz para irmos passear. À noite, estou em casa e não há aquela preocupação da minha mãe. Não há tanta pressão.

Entrevistador: Nas funções que exerce neste momento, se não lhe fossem dados os fins-de-semana e tivesse de trabalhar de noite, aceitaria as mesmas funções?

Entrevistado: Não.

Entrevistador: Então a escolha da função foi pelo gosto e pelos horários?

Entrevistado: Foi também pelos horários. Foram onze anos de patrulha, foram cansativos.

Entrevistador: Considera que a patrulha trouxe mais conflitos à vida familiar?

Entrevistado: Não, desgasta.

Entrevistador: As pessoas que vivem consigo, o que é que pensam por pertencer à patrulha e fazer turnos?

Entrevistado: Na altura não gostavam que trabalhasse à noite. Sábado e Domingo nunca foram muito importantes, mas as noites deixavam a minha mãe preocupada.

Entrevistador: O sentimento de responsabilidade para com a família, contribui ou é um obstáculo a um maior sentido profissional?

Entrevistado: Não, é indiferente.

Entrevistador: Pensa mais na família ou no trabalho?

Entrevistado: Na família em primeiro lugar, o trabalho é muito importante para mim, é o que eu gosto de fazer, mas sem a minha família eu não sou nada. Profissão, eu posso ter outra.

Entrevistador: Sente que tem tempo livre?

Entrevistado: Actualmente tenho.

Entrevistador: O que é que gosta de fazer?

Entrevistado: Passear no jardim e dizer que sou uma pessoa normal, que tenho um horário dito normal. No Sábado fui para Belém e disse, olha tanta gente dito normal.

Entrevistador: Acha que este tipo de horário devia alastrar-se também à patrulha?

Entrevistado: Quem é que trabalha de noite?! Há sempre alguém que tem de ser.

Entrevistador: O que é que considera ser o melhor e pior da vida policial?

Entrevistado: O melhor é quando as coisas correm bem e chegamos a casa. O pior é quando correm mal.

Entrevistador: Considera que ser polícia é um estilo de vida?

Entrevistado: Não acho. Ser polícia é uma profissão e ter gosto pelo aquilo que faz. Não é qualquer um que tem estômago para vir para a Polícia. Há muita gente que diz, isso é do Estado, é um emprego seguro. Isso não é assim. Quantos colegas fizeram o curso e chegaram aqui e não se deram bem.

Entrevistador: O que é que acha da sua função social?

Entrevistado: Sou importante para a sociedade. Apesar de dizerem, precisamos de um polícia e nunca está presente, mas é à Polícia que recorrem.

Entrevistador: Sente que sem a Polícia o cidadão não regularia bem?

Entrevistado: Quem é que resolveria certas e determinadas ocorrências?!

Entrevistador: Como é que vê os seus colegas?

Entrevistado: Ao nível de serviço já foram melhores nesta esquadra. O mesmo podem dizer de mim. E com quem podia contar. Sei com quem posso contar e há

muitos de quem não gosto, podem ser bons profissionais mas há mentalidades retrógradas, dizem que as mulheres não valem nada.

Entrevistador: Do pessoal mais novo ou mais velho?

Entrevistado: Mais novo. Tenho confiança no pessoal mais velho.

Entrevistador: E acha que isso vem da cultura familiar ou da EPP?

Entrevistado: Familiar talvez ou da própria pessoa. O homem tem aquela profissão, é o macho e é o que sabe. Tenho confiança nas pessoas mais velhas da esquadra.

Entrevistador: Pensa quer a relação com os seus colegas e o tipo de trabalho é mais importante que o próprio trabalho da esquadra?

Entrevistado: O ambiente de trabalho com os colegas, tem de ser. Somos nós que temos de andar lá fora e saber com quem é que contamos.

Entrevistador: E tem mais importância que o próprio tipo de trabalho?

Entrevistado: Acho que sim. É muito importante saber com quem lidamos. Depois a seguir, se nos dermos bem uns com os outros, é mais fácil.

Entrevistador: Como é que vê a colaboração com os seus colegas?

Entrevistado: Da maior parte deles, sempre disponíveis. É assim que isto funciona e tem de funcionar. Outros é deixa andar, vai lá tu, de colegas mais novos.

Entrevistador: Como é a sua relação com os superiores?

Entrevistado: Boa. Não tenho razão de queixa. Eu gosto deste Comandante e do anterior, penso que por não ter experiência em comandar, havia ali coisas que para mim não funcionavam, não tem experiência em pisar paralelo. Dou-me bem com todos. Os Comandantes mudam.

Entrevistador: O que é que considera por “pisar paralelo”?

Entrevistado: Patrulhar, ir às ocorrências e saber o que se passa na rua.

Entrevistador: E sente grande diferença ao nível do comando por isso?

Entrevistado: Claro, ver o expediente é muito bonito, faz falta pisar o terreno, saber lidar com a população, o que é uma ocorrência de violência doméstica... Acho que qualquer elemento deve andar na patrulha uns anos, deve saber a realidade da vida, pisar o paralelo. Ter experiência de vida, saber compreender as pessoas.

Entrevistador: Sente que a Instituição apoia o trabalho da patrulha?

Entrevistado: Não. Não vou adiantar mais.

Entrevistador: Identifica-se profissionalmente com o contexto em que trabalha?

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: Como é que se dá com o público?

Entrevistado: Muito bem, aqui na zona se precisar do apoio de alguém muito bem. Sou muito extrovertida, gosto de brincadeiras, sou feliz.

Entrevistador: Qual é que acha que é a imagem que têm de si?

Entrevistado: O público acho que boa, não têm razões de queixa. Penso que dizem bem de mim.

Entrevistador: Nessa adaptação com o público sente que há apoio profissional?

Entrevistado: Às vezes sou criticada porque falo demasiado com as pessoas. Eu gosto de parar e falar bom dia ou boa tarde, e já são muitos anos aqui e se não falarmos, quando precisarmos de ajuda, não há.

Entrevistador: De todas as relações sociais que estabelece como é que se vê no meio delas?

Entrevistado: Sinto que as pessoas olham para mim e podem contar comigo. Não me vêem só como polícia.

Entrevistador: Como é que a população vê a Polícia?

Entrevistado: Depende, a população vê com respeito.

Entrevistador: Como vê a justiça em Portugal?

Entrevistado: Mal, houve situações em que fui a Tribunal e os arguidos dizem-me: até amanhã Sr,^a Agente e eu fique lá à espera para ser ouvida. É desmotivante e sentia-me revoltada. Hoje perdoa-se, amanhã perdoa-se, não há pena de multa, vão n vezes a Tribunal e vêem embora.

Entrevistador: Nem com horas de trabalho comunitárias?

Entrevistado: Nada.

Entrevistador: A desmotivação é causada dentro ou fora da Instituição?

Entrevistado: Tem a ver com a Justiça, não tem a ver com a Instituição.

Entrevistador: Reformulo a pergunta: a desmotivação que os Agentes sentem é causada dentro ou fora da Instituição?

Entrevistado: Dentro.

Entrevistador: Na sua opinião o que é que faz falta à patrulha?

Entrevistado: Não fazer tantas noites ao frio. Quando aqui cheguei só havia um carro patrulha, os outros patrulheiros tivessem fome, frio ou chuva, andavam a pé nos bairros. Falta de meios.

Entrevistador: Como é que melhorava a patrulha?

Entrevistado: Dando mais meios. No turno da noite à chuva, dois elementos a pé encostam-se a um canto, não fazem nada. Se houver uma viatura, se calhar percorriam a rua. Um elemento sozinho não faz nada, dois elementos de patrulha percorrem mais ruas. Um elemento sozinho está desmotivado, não faz nada.

Entrevistador: Para si qual é o verdadeiro trabalho da patrulha?

Entrevistado: O contacto com a população. Para verem que estamos ali.

Entrevistador: Como é o seu dia de trabalho na esquadra?

Entrevistado: Entro de serviço, pego no carro, vou até às escolas, fazer a sua abertura, convivo com os alunos, resolvo as ocorrências dentro da escola e saio de serviço.

Entrevistador: E quando estava na patrulha?

Entrevistado: Gostava muito de ir para a zona sul, falo com toda a gente, ajuda a passar o tempo. Se houvesse uma ocorrência resolvia naquela zona.

Entrevistador: Neste momento com que tipo de pessoas contacta?

Entrevistado: Com professores, pais de alunos e alunos.

Entrevistador: E na patrulha?

Entrevistado: Com toda a gente. Em particular os comerciantes.

Entrevistador: Neste momento que tipo de ocorrência pode acontecer?

Entrevistado: As brincadeiras e as agressões entre os estudantes. Na patrulha ia a tudo. Era “pau para todo o serviço”. Neste momento, agrada-me muito o serviço.

Entrevistador: Há serviços mais fáceis ou agradáveis que outros?

Entrevistado: Sim, secretaria talvez. Para mim não, porque gosto de andar na rua, têm um horário de luxo das nove às dezassete horas ou das oito às dezasseis horas e não trabalham nos feriados ou fim-de-semana.

Entrevistador: O serviço de rua por vezes é aborrecido?

Entrevistado: Depende de com quem estamos a fazer o serviço. Eu nunca achei aborrecido. Eu preciso de conviver com o público, não consigo estar fechada num gabinete.

Entrevistador: O que é a incentiva mais nesta profissão?

Entrevistado: O gosto por aquilo que faço.

Entrevistador: Encontra nesta esquadra uma estratégia de ajustamento profissional?

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: Sente que os elementos são bem recebidos?

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: Os alunos da nova escola serão bem recebidos?

Entrevistado: Serão. O problema é se chegam cá e vierem donos e senhores. Mas isso é com quem estará cá para os receber. Se são assim, a culpa é nossa porque damos liberdade a mais. Hoje em dia não há respeito pelos mais antigos. Perguntam porquê e dizem que não querem ir.

Entrevistador: Acha que existe solidariedade no interior da esquadra e afastamento em relação ao exterior?

Entrevistado: Solidariedade sim e não há distanciamento. São as pessoas que nos dão as informações.

Entrevistador: Agora acha que há mais abertura para o exterior?

Entrevistado: Pouco.

Entrevistador: O que é mais importante na patrulha, os saberes técnico-prático ou o bom senso?

Entrevistado: É o conjunto, não há mais importante um que o outro. Tem de ser comunicativo. Tem que saber estar, ouvir e agir.

Entrevistador: Alguma vez teve oportunidade para sair da patrulha?

Entrevistado: Não.

Entrevistador: Se lhe desse oportunidade para sair da Polícia aceitaria?

Entrevistado: Não, já faço parte da mobília.

Entrevistador: Que dificuldades são mais recorrentes na sua função?

Entrevistado: A falta de meios. O que faço agora é totalmente diferente de quando andava na patrulha. Faltam coletes à prova de bala, que não existem, etc.

Entrevistador: Se alvejar alguém, você pode ser automaticamente desarmada. O que acha dessa medida?

Entrevistado: Dão-me uma arma nova, quinze munições e dispara para ali. A arma desmonta-se assim e pronto. E depois estou um ano sem dar tiro. Sei como funciona minimamente. Mas que confiança tenho eu com a arma?! Devíamos ter muitas mais sessões de tiro. Eu vi colegas com cinquenta e tal anos a tremer ao pegar na arma. Na rua não posso contar com aquele colega. Era melhor se formassem melhor os Agentes. Dar tiro de três em três ou de quatro em quatro meses.

Entrevistador: Sente que esta é uma profissão perigosa?

Entrevistado: Nalgumas situações é, por exemplo, em assaltos e agressões.

Entrevistador: A função de carro patrulha não pertence à patrulha?

Entrevistado: Pertence, mas é só para alguns. Eu também sou patrulha, mas pertenço a um programa diferente.

Entrevistador: Acha que a patrulha é valorizada na interior da esquadra?

Entrevistado: Sim, tem de ser. É apoiada pelo Comandante.

Entrevistador: Pensa noutros métodos de policiamento?

Entrevistado: Não.

Entrevistador: Segue sempre a lei?

Entrevistado: Não. O que está escrito é uma coisa, o que se pratica é outra. Por exemplo, na venda ambulante, a lei diz que se deve aprender o carrinho e a roupa, eu aprendo a roupa, não me interessa o carrinho. Aí, não estou a cumprir o que a lei me diz.

Entrevistador: Sente que tem alguma autonomia ou é obrigada a proceder sempre da mesma forma?

Entrevistado: Tenho, sempre tive.

Entrevistador: Pensa que as determinações superiores são sempre para cumprir ou gostaria que houvesse mais imaginação?

Entrevistado: Se fossemos a cumprir todas as determinações superiores. Há coisas que não têm nexos nenhuns, mas coisas mínimas.

Entrevistador: Acha que os polícias deveriam ser mais repressivos ou preventivos?

Entrevistado: Preventivos. É melhor prevenir antes que as coisas aconteçam.

Entrevistador: No trânsito autua sempre?

Entrevistado: Não autuo, primeiro informo o cidadão. Mas esse o apanhar novamente, autuo. Depende do contacto com a pessoa, se for arrogante, autuo logo.

Entrevistador: Sente os seus colegas partilharem das suas opiniões?

Entrevistado: Há muitos que não. O meu colega autua sempre.

Entrevistador: Em conversa com os seus colegas sobre a patrulha, sobre o que falam?

Entrevistado: Actualmente não falamos muito. Antigamente falávamos sobre algumas situações. Aqui, quanto mais cedo nos formos embora, melhor.

Entrevistador: Sente que isso também se passa noutras profissões?

Entrevistado: Talvez, não sei. Há muita falta de comunicação.

Entrevistador: O que é ser polícia?

Entrevistado: Aquilo que sou. É fazer cumprir minimamente a lei.

Entrevistador: Concorda com a afirmação que os patrulheiros se limitam a assegurar a ordem no local?

Entrevistado: Não. São “pau para toda a obra”.

Entrevistador: Acha que a patrulha é valorizada?

Entrevistado: Acho que deviam valorizar o patrulheiro. Saber compreendê-lo. Se o Comandante precisa de nós e nos souber cativar, tem tudo de nós. Se precisar de homens para uma operação, há muitos que vão, porque se precisarem de um excesso ele dá.

Entrevistador: Como é que prevê o futuro da patrulha?

Entrevistado: Vai continuar conforme está. Não vai haver grandes evoluções.

Entrevistador: E das esquadras genéricas?

Entrevistado: Talvez.

Entrevistador: Qual é o seu desejo para o futuro?

Entrevistado: Gostava de já ter sido promovida a nível profissional. Gostava de continuar no serviço onde estou. Estou feliz.

ENTREVISTADO 14

Entrevistador: Gostaria de lhe agradecer pelo facto de ter acedido responder a esta entrevista. Desde já garanto-lhe a total confidencialidade das suas respostas e o anonimato desta entrevista. Em nenhum documento escrito surgirá a referência ao nome do Entrevistado, ao nome da esquadra, como dado possível de identificá-lo. Gostaria ainda de lhe dizer que é de fundamental importância todo o tipo de informação que me vier a transmitir, durante a entrevista, tendo em conta que o trabalho de investigação que irei realizar, no campo das identidades profissionais dos patrulheiros, depende essencialmente de todos os dados que eu vier a obter desta e de outras entrevistas. Gostaria que se sentisse completamente à vontade para responder com a máxima sinceridade àquilo que eu lhe vier a questionar no decorrer desta mesma entrevista. Posto isto, comecemos:

Entrevistador: Como se tornou polícia?

Entrevistado: Foi uma forma de me poder realizar.

Entrevistador: Então o objectivo principal foi:

Entrevistado: Perspectivas de futuro e perspectivas de carreira.

Entrevistador: O que fazia antes de concorrer?

Entrevistado: Era empregado fabril.. Cozinhas e casas de banho.

Entrevistador: Quando acabou o curso foi para ...

Entrevistado: Aqui. Desde Maio de 2004.

Entrevistador: Escolheu por iniciativa própria ou foi resultado do concurso?

Entrevistado: Foi por indicação de alguém que já trabalhava na Divisão.

Entrevistador: O que esperava da PSP do ponto de vista da actividade profissional?

Entrevistado: Em termos de operacionalidade tinha uma noção diferente. Aqui é diferente, adaptação a uma cidade diferente. Deixamos a família e é difícil a adaptação...

Entrevistador: Como é que se sentiu quando chegou à esquadra?

Entrevistado: Foi complicado pela mudança tão repentina na minha vida. Não fazia ideia disto. Na EPP é diferente. Só saber identificar um cidadão na rua, de resto não aprendi nada. Fui adquirindo ao longo dos anos. É diferente.

Entrevistador: Refira-se aos primeiros dias passados na esquadra...

Entrevistado: Nervosismo, medo de não ser capaz de resolver as ocorrências com os colegas.

Entrevistador: Como é que foi recebido pelos colegas mais velhos, com outra experiência na profissão?

Entrevistado: Em geral bem. Não houve nada de mal...

Entrevistador: Como se sentiu quando vestiu a farda? (na Escola)

Entrevistado: Responsabilidade. Era algo de responsabilidade. Diferente do meu dia a dia. Vivemos um pouco as dificuldades das pessoas.

Entrevistador: Como reagiu à pressão da farda?

Entrevistado: Ao sair da EPP, foi um orgulho. A EPP era um teste para mim. Era meu objectivo acabar. Quando saí era um orgulho enorme. Com respeito à arma, quando se toca na arma, nunca senti grande medo, é mais um acto de responsabilidade.

Entrevistador: O primeiro turno foi sozinho ou acompanhado?

Entrevistado: Foi acompanhado por colegas mais velhos.

Entrevistador: O que aprendeu na EPP tem aplicabilidade na realidade da patrulha?

Entrevistado: Adquiri com o tempo e com os colegas mais velhos. Da EPP não trouxe nada.

Entrevistador: Porquê esta esquadra?

Entrevistado: Foi a primeira por onde trabalhei. Quando vim para cá (2 meses) mudei-me para aqui ao lado e depois fui para outra esquadra da Divisão. Foi lá que aprendi a ser polícia.

Entrevistador: O que é que faz nesta esquadra? Agrada-lha fazer o quê e de certo modo o mantém nestas funções.

Entrevistado: Faço de graduado de serviço. Já fiz arvorado. Faço o que gosto de fazer. É um incentivo. Exige mais da gente ser graduado de serviço. Os colegas recorrem a mim e se não sei tenho de me informar.

Entrevistador: Mudaria de esquadra, porquê?

Entrevistado: Não. Vou manter-me nesta esquadra por motivo de colegas.

Entrevistador: E essa a principal razão porque não muda?

Entrevistado: Sim, são os colegas.

Entrevistador: Em termos de trabalho que aqui desenvolve, não haverá, eventualmente, outras esquadras onde o trabalho lhe poderia agradar mais?

Entrevistador: Não, se sair desta esquadra é para ocupar mais a nível profissional. Gostaria de ir para a investigação criminal.

Entrevistador: Solicitar ao entrevistado que explicita o seu percurso pessoal antes do concurso...

Entrevistado: Boa relação com os meus pais. Foi um choque para a minha mãe. Quando concorri apoiaram-me. As relações com os amigos, convivemos menos...

Entrevistador: Considera que ser polícia é uma profissão para a vida ou uma ocupação?

Entrevistado: Se toda a gente que tem uma profissão e pensa que é uma ocupação não vale a pena. É uma profissão para a vida mas não é só deixar passar o tempo. Sou sindicalista e sempre que posso estou presente e para ver o que se faz em prol da instituição, para melhorar a imagem da instituição.

Entrevistador: O que é preciso para gerir a vida familiar sendo polícia?

Entrevistado: Tolerância e compreensão. É muito complicado porque trabalhamos por turnos.

Entrevistador: As pessoas que vivem consigo, o que pensam do facto de você ser patrulheiro?

Entrevistado: A minha vida não transporta a minha vida pessoal para a profissional. Não costumam fazer concurso.

Entrevistador: O sentimento de responsabilidade em relação à família contribui ou obsta a um maior serviço profissional?

Entrevistado: A família não tira o sentido profissional e vice-versa. A nossa personalidade é diferente do que a do cidadão comum. Temos de saber distinguir. Temos de ter cuidado para não transportar para a família os problemas da profissão.

Entrevistador: Dá mais importância à família ou só pensa no trabalho?

Entrevistado: Nós precisamos de família porque é ajuda. A profissão é diferente.

Entrevistador: Quando tem tempo livre, dispõe dele, Como o ocupa?

Entrevistado: A fazer desporto. Ver os meus pais. É isso.

Entrevistador: O que considera ser o melhor ou o pior da vida policial?

Entrevistado: O pior são os horários. Fazer noites. Os horários são muito complicados. Dormir de dia não é o mesmo que dormir de noite. O melhor é ser polícia, adoro ser polícia.

Entrevistador: O que acha da sua função social?

Entrevistado: A Polícia existe para defender o justo.

Entrevistador: Como é que vê os pares?

Entrevistado: A maior parte deles são bons profissionais, mas desmotivados. Se fossem motivados seriam melhores. Alguns vivem longe da família e vivem preocupados para fazerem trocas e turnos. A instituição não está a passar um bom momento. Para melhorar eram as transferências serem mais rápidas e resolver o impasse em termos de carreiras e o novo estatuto não está a ser aplicado, não sabemos onde estamos...

Entrevistador: Pensa que a relação com os seus colegas e o próprio ambiente de trabalho são mais importantes, por exemplo, que o tipo de trabalho que tem de fazer nesta esquadra?

Entrevistado: A relação é fundamental para fazer melhorar o trabalho.

Entrevistador: O desempenho de algumas tarefas da patrulha, exige a colaboração dos colegas. Como é que vê essa participação? Gostaria que fosse diferente?

Entrevistado: Boa. O relacionamento com os superiores é uma relação, isto é, cada um devia estar cada um em seu lugar. A hierarquia devia ser mais forte. Gostava que houvesse mais hierarquia. Há pouca diferença entre agentes e chefes.

Entrevistador: Sente que a organização apoia o trabalho da patrulha?

Entrevistado: Não. Desvaloriza-se o trabalho da patrulha e é o mais importante. Não é contabilizado os roubos que evitou. Se não trouxe trabalho para a esquadra... Há muito trabalho que não é contabilizado.

Entrevistador: Identifica-se, profissionalmente, com o contexto em que trabalha? Continua ligado a realidades anteriores ou mescla vontades com a realidade actual?

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: Como percepciona a justiça em Portugal? Dê exemplos concretos.

Entrevistado: Lenta e por vezes muito burocrática e tem de ficar mais do lado da polícia. Tem que haver mais responsabilidade. Não se pode tolerar certos crimes.

Entrevistador: Como se dá com o público? Qual a imagem que pensa que tem de si?

Entrevistado: Dou-me bem, tento adaptar-me. Nem todos temos a mesma personalidade. Alguns têm uma imagem má de mim. Quando estou na minha profissão não me importo com o que pensam, não ando preocupado em agradar a ninguém.

Entrevistador: Como se vê no conjunto das relações sociais que estabelece?

Entrevistado: Sinto-me bem com a vida que tenho.

Entrevistador: Como sente e pensa a imagem que a sociedade tem da Polícia?

Entrevistado: A população só se lembra da Polícia... Esquece-se que a Polícia está cá todos os dias. O polícia agrediu, mas ninguém sabe porque é que agrediu. A população tem de saber que tem uma Polícia activa...

Entrevistador: O que falta à patrulha? Como melhoraria esse trabalho?

Entrevistado: Motivação porque a patrulha é o lugar mais ingrato na PSP. Ninguém lhe dá valor. Todos temos um lugar garantido na patrulha. Quem progride sai da patrulha. Hoje vou andar a pé... a rotina... hoje seis horas... amanhã seis horas. Como melhorar? Rotatividade... mais novos para a patrulha, mas isto é complicado.

Entrevistador: Para si, qual será o verdadeiro trabalho de patrulha?

Entrevistado: Visibilidade. Falar com a população. Estar presente. Presente no local, falar com os comerciantes, cidadão, velhos. Transmitir o sentimento de presença, sentimento de segurança.

Entrevistador: Como é o seu dia de trabalho numa esquadra?

Entrevistado: Se for calmo, entro de serviço, colegas, trânsito, informações, intervenções. Recebo as queixas que aparecem.

Entrevistador: Com que tipo de pessoas contacta?

Entrevistado: Como graduado de serviço é diferente. Pessoas que vêm a apresentar queixa.

Entrevistador: Que ocorrências poderão acontecer?

Entrevistado: Furtos a residências, viaturas, agressões e violência doméstica.

Entrevistador: O serviço é do seu agrado?

Entrevistado: É, se for arvorado... fico descontente. A minha função é patrulheiro.

Entrevistador: Digamos que há serviços mais fáceis ou mais agradáveis de fazer do que outros?

Entrevistado: Sim, as detenções são mais complexas...ser patrulheiro é mais fácil que arvorado.

Entrevistador: O serviço de rua, por vezes, é um serviço aborrecido?

Entrevistado: Gosto.

Entrevistador: O que o incentiva mais nesta profissão?

Entrevistado: Gostaria de concorrer. Poder chegar mais além. Saber mais qualquer coisa. Podemos ajudar, a missão é ajudar....

Entrevistador: Encontra na esquadra uma estratégia de ajustamento profissional, uma lógica de adesão?

Entrevistado: Sim, não há gente mal recebida.

Entrevistador: Acha que existe solidariedade no interior da esquadra e afastamento em relação ao exterior?

Entrevistado: Solidariedade entre o efectivo é fundamental. Tem que haver muita solidariedade. Aqui existe isso. Se cada um trabalhar por si, então vai ter dificuldades.

Entrevistador: O que lhe parece ser mais importante na patrulha? Os saberes técnico-práticos ou o bom senso policial?

Entrevistado: Visibilidade. Os dois são importantes. É assim: o bom senso não pode sobrepor-se ao que temos que fazer.

Entrevistador: Quais as competências necessárias e essenciais para um patrulheiro desempenhar a sua função?

Entrevistado: Estar atento, perspicaz. Se surgir alguma situação saber avaliá-la e resolvê-la da melhor maneira.

Entrevistador: Teve alguma vez oportunidade para sair da patrulha?

Entrevistado: Não.

Entrevistador: Imagine que tinha agora a possibilidade de sair da Polícia e ir trabalhar para outra profissão. Sairia?

Entrevistado: Quando vim para a Polícia, era o que eu queria. Não estou a ver nada lá fora.

Entrevistador: Que tipo de problemas e/ou dificuldades são mais frequentes no decorrer da sua função? Como as resolve?

Entrevistado: Reclamações. Situações no imediato, argumentar como psicólogos, uma multa... As pessoas vêm apresentar queixas e não sabem os procedimentos. Por exemplo com os crimes particulares...

Entrevistador: O que mais lhe agrada e satisfaz na sua função profissional?

Entrevistado: Ser polícia é uma profissão perigosa, mas não sabemos onde está o perigo.

Entrevistado: Encontra sentido para o desempenho das suas tarefas?

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: O que entende por patrulha?

Entrevistado: É o elemento policial que anda a pé e é visibilidade.

Entrevistador: Acha que é valorada no interior da esquadra?

Entrevistado: Em termos de esquadra sim. Mais acima não. A nível de Divisão vai diminuindo o grau de valor.

Entrevistador: Pensa noutros métodos de policiamento?

Entrevistado: Não, o que dispomos é fazer o melhor.

Entrevistador: Sente que tem alguma autonomia ou acha que é obrigado a proceder sempre da mesma maneira?

Entrevistado: Sigo sempre a lei, mas o bom senso também é importante...

Entrevistador: Pensa que as determinações superiores são todas para cumprir ou gostaria que houvesse mais imaginação na patrulha? Dê exemplos.

Entrevistado: Andar na rua tenho a minha autonomia. Como é que resolvemos a ocorrência? Há situações que há que cumprir o que está determinado.

Entrevistador: Os polícias deveriam ser mais preventivos ou repressivos (mandato policial)

Entrevistado: Devemos e temos a obrigação de cumprir. Devemos cumprir as determinações... Os polícia devem ser mais preventivos (rodoviária) ou em termos de criminalidade devemos ser mais interventivos.

Entrevistador: Os seus colegas partilham dessa opinião? A Patrulha é valorizada e reconhecida no interior da esquadra? Quando conversa com os seus colegas acerca da patrulha, o que dizem?

Entrevistado: Cada cabeça sua sentença. Das dificuldades. Conversamos do que passamos.

Entrevistador: O que é ser polícia?

-Entrevistado: Alguém que existe para ajudar os outros e para ajudar a sociedade a viver.

Entrevistador: Concorda com a afirmação de que os polícias patrulheiros em grande parte se limitam a assegurar a ordem local? O que tem a dizer sobre isso?

Entrevistado: Concordo. Em meios de movimentação, estão redefinidos.

Entrevistador: As funções que o patrulheiro desenvolve ao nível da esquadra estão revestidas de autonomia e responsabilidade, comente.

Entrevistado: Precisamos de autonomia para revistar os indivíduos, fazer visibilidade. A função da patrulha não é só visibilidade. Fazem de tudo.

Entrevistador: As funções que o patrulheiro desenvolve ao nível da esquadra estão revestidas de autonomia e responsabilidade, comente:

Entrevistado: Sim, autonomia e responsabilidade. Sim, tem que ter autonomia porque está na rua sozinho.

Entrevistador: Qual a relação patrulheiro – esquadra? Acha que é uma relação de complementaridade, isto é, sem a esquadra o patrulheiro não se orienta e a esquadra sem o patrulheiro não funciona?

Entrevistado: Estão interligadas. Estão de mãos dadas... não podem funcionar separados.

Entrevistador: Como interpreta os símbolos da PSP?

Entrevistado: Uniforme, crachá, arma... É a forma da organização da Polícia. É a representação da Polícia.

Entrevistador: Quando empregamos o termo “cultura policial”, o que lhe vem à cabeça?

Entrevistado: O modo de vida. O modo de cumprimento, de falar, de andar...

Entrevistador: O que é para si característico da cultura profissional?

Entrevistado: O nosso modo de actuação, o nosso modo de estar.

Entrevistador: A que valores acha que os Patrulheiros deveriam dar mais importância (convicções pessoais, familiares, profissionais, de carácter mais geral...)?

Entrevistado: A tradição. Não me recordo...

Entrevistador: Quais são as principais características de um bom ou de uma má patrulheiro (a)?

Entrevistado: Bom senso, sensibilidade, contactar com a situação. Estar atento, perspicaz, bom observador, essencialmente.

Entrevistador: Considera que deveriam ou não existir mais colegas femininas a trabalhar na patrulha?

Entrevistado: Chegam as que existem. Actualmente existem duas na esquadra. Nalguns programas enquadram-se melhor: Escola Segura....

Entrevistador: Como prevê o futuro da patrulha? E das esquadras “genéricas”?

Entrevistado: Importantes. A patrulha é mentalidade e tem de mudar a nível da instituição, mais incentivada. As esquadras não podem acabar.

Entrevistador: Qual o seu desejo para o futuro?

Entrevistado: Que a instituição reveja o modo como está organizada...